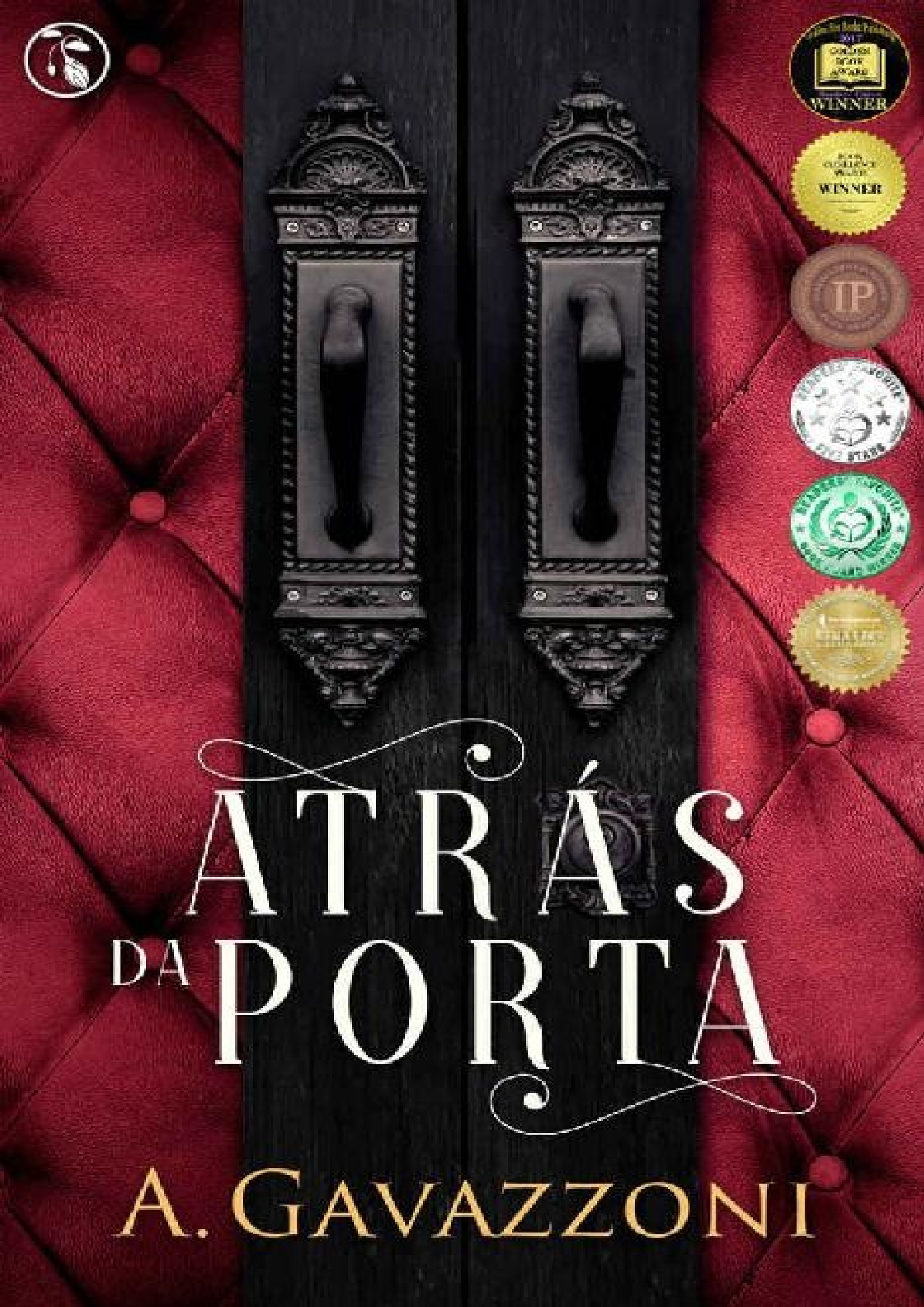

WINNER
WINNER
ATRÁS
DA
PORTA
A. GAVAZZONI

Copyright @Adriana Gavazzoni, 2017
Título Original: Behind The Door
ISBN 9781979590472
Todos os direitos reservados.
Revisão: Clara Arreguy
Capa: Kelly Martin
Edição: Jill N. Noble-Shearer

2017
Todos os direitos reservados à Adriana Gavazzoni
adriana@adrianagavazzoni.com
www.agavazzoni.com

Agradecimentos

Para a minha editora, Jill N. Noble-Shearer, que sempre me socorre, todo meu carinho.

Para meu marido Maurício Oliveira, por seu amor, apoio constante e pela amizade divertida e cheia de risos.

Ao meu pai Olmar Gavazzoni, que me ensinou o amor pelos livros e pelo conhecimento.

À minha mãe Nilse Gavazzoni, um exemplo de mulher forte e guerreira.

À minha irmã Daniele Gavazzoni, “ que fazer deste imenso vazio?”, companheira de aventuras e risos.

A minha melhor amiga Andreza Caramori, seu carinho e suporte fazem toda a diferença na minha vida.

A minha mãe do coração e amiga de todas as horas Rachel Tosta, seu apoio é fundamental, sempre.

Ao querido amigo Alisson Matos, poeta e sonhador, entregue o vídeo game!

Aos meus bebês, filhas que a vida me trouxe, Juliana Oliveira e Evelyn Thollot, é uma delícia conviver com vocês.

Às minhas sobrinhas Luma, Rafaella, Nathalia e Grabriella, continuidade da nossa família, ainda muito jovens para lerem meus livros e sempre pedindo

“quando você vai escrever um para nós?” Um dia…um dia…

A minha amiga Vanusa Vicelli. Obrigada pelo apoio e pelas risadas escancaradas, amizade que os anos e a distancia só fortalecem.

A amiga Márcia Porto, pelo carinho, por acreditar e por, apesar da distancia, ter sempre um lugar para mim no seu imenso coração.

A Marileusa dos Santos, suas palavras tem o dom de acalmar meu coração.

E a todos meus amigos queridos, incapaz de relacionar todos aqui, vocês moram no meu coração.

Capitulo Um



Simone conheceu Carl numa viagem a Nova York.

Aos quarenta e dois anos, ela acreditava que sabia tudo sobre a vida, que era bem resolvida, boa profissional, e que, dentro das escolhas que fizera, levava uma vida, senão feliz, ao menos interessante. Carl mudou tudo.

Mulher razoavelmente bonita e muito inteligente, dona de olhos castanhos luminosos e cabelos castanhos médios, Simone considerava seus melhores traços o sorriso generoso e os lábios voluptuosos, sempre brilhantes pelo uso de um brilho sem cor.

Simone era psiquiatra, doutora em parafilias, distúrbios psíquicos do comportamento sexual. Pelo consultório da médica passavam dezenas de pessoas com problemas sexuais de toda ordem, homens e mulheres.

Carl apareceu no meio de uma palestra que ela proferia na Conferência da Sociedade de Terapia e Pesquisa Sexual da Academia de Ciências de Nova York.

Simone estava no palco, olhando para a plateia. Atrás das confortáveis poltronas de couro vermelhas, as paredes envidraçadas do quadragésimo andar permitiam uma vista perfeita do pôr do sol de Manhattan.

Pontual, Simone costumava chegar antecipadamente aos compromissos e aguardar os outros. Talvez fosse uma de suas perturbações psicológicas não resolvidas, um amor neurótico pelo relógio – Carl chegou atrasado, buscando um lugar, chamando atenção.

– Loewenstein, em sua contribuição psicanalítica à teoria do masoquismo, diz que o fenômeno é desafiador porque contradiz a característica básica do ser humano, que é evitar a dor e o desprazer, saindo dos padrões de normalidade – explicava Simone. No entanto, não conseguiu concluir o pensamento, porque, além de atrasado, ainda em pé, o sujeito decidiu participar: – Mas doutora, o que é prazer e o que é desprazer? E o que é normal? Quem estabeleceu isso?

Ela precisou responder, interrompendo a palestra. Era inevitável.

– Existem pesquisas que avaliam o comportamento padrão, aquele seguido pela maioria da população de determinado país, região ou cultura.

Esse padrão é considerado normal, os desvios a ele são ditos anormais. Em geral, há uma coincidência para um grupo em torno do que é bom, prazeroso, e do que não é. Então, com base nessas estatísticas, se podem avaliar prazer e desprazer.

O ilustre atrasado não ficou feliz com a resposta: – Desculpe-me, doutora, mas continuo sem entender.

Ela deu um suspiro um pouco impaciente, vendo que o homem não se acomodaria sem uma resposta, e resolveu desanimá-lo: – Seu nome, por favor?

– Carl.

– Carl, eu tenho um limite de tempo para minha exposição, você se importaria em fazer seus questionamentos ao final? Haverá ampla oportunidade para isso. Senão, não conseguirei concluir. Há um assento lá na última fileira – ela apontou.

– Obrigado, me desculpe a interrupção.

Enfim, o homem foi buscar um lugar para se sentar e deixou Simone retomar o raciocínio.

A palestra durou ainda uns quinze minutos; ele não fez mais perguntas, mas se aproximou no intervalo para o café.

Carl era um homem atraente, de pele clara, não bonito no sentido clássico da palavra, porém charmoso e magnético, rosto quadrado, angular, bastante masculino para ser chamado de bonito. Os olhos dele eram castanho-claros, cabelos castanhos com uns poucos fios brancos perdidos aqui e ali, alto; à primeira vista, não era possível dizer se embaixo do terno era magro ou com definição muscular, mas esbelto, com certeza.

– Muito bem, Carl, qual é a sua dúvida?

Ele aparentava timidez, era possível afirmar pelo sorriso doce, que só as pessoas tímidas trazem quando querem ser aceitas, e foi este o erro dela: acreditar na segurança que os tímidos passam aos não tímidos de que são pessoas suaves, tranquilas, agradáveis, que não representam risco.

– A pergunta que fiz antes se destinava a entender o que é sexualidade normal e o que não é.

Havia grande interesse na forma como ele perguntava. Ele olhava diretamente nos olhos dela, aguardando resposta e reação.

– Penso que entendo aonde você quer chegar: quem estabeleceu a normalidade? Quem tem autoridade para fazer isso? Você não tem formação

médica, certo? Aparentemente não está acostumado com padrões para diagnósticos, estou errada?

Ele deu um sorrisinho de “bingo” e continuou: – A doutora é bastante competente em seus diagnósticos; sou advogado, realmente, não tenho a menor noção de padrões para diagnóstico.

Enfim ele conseguiu surpreendê-la. “Advogado?” Poderia esperar, num workshop de sexologia, um psicólogo, um terapeuta, um homossexual tentando se compreender, mas um advogado?

– E o que traz um advogado a um workshop de parafilias sexuais?

– Estou aqui porque preciso fazer uma defesa num caso envolvendo “jogos sexuais” que levaram à morte de uma mulher. Preciso entender o assunto melhor para fazer uma boa defesa.

“Certo”, pensou Simone, “um advogado perdido entre médicos, que maravilha, era só o que faltava! Perdido é o termo, porque o assunto era todo voltado a estatísticas médicas, um pouco difícil para um leigo”.

– De que jogos sexuais estamos falando?

Simone fez um sinal de aspas com os dedos ao falar a expressão “jogos sexuais”, para mostrar que não considerava brincadeira nenhum jogo sexual capaz de matar.

– Jogos sadomasoquistas – ele respondeu e ficou olhando-a, sério.

– E você quer tentar entender o que é normal nesse tipo de jogo?

– Preciso entender, mas sua resposta agora há pouco não me ajudou, porque se embasa em pesquisas. Temos que convir que a maioria das pessoas mente em pesquisas. Então, como saber se determinado comportamento é aquele ou não, se há mentira, e daí a maioria seria a minoria.

– O que quer dizer exatamente com “as pessoas mentem em uma pesquisa”? – ela perguntou, interessada no ponto de vista do advogado.

– Elas mentem. A maioria das pessoas é burra e medrosa e também mentirosa para responder a verdade num questionário, ainda mais sobre um tema tabu como sexo!

Ele não tinha linguagem corporal expressiva, não demonstrava o que pensava sobre o assunto, parecia treinado para não demonstrar fisicamente o que sentia. Simone não conseguira, até o momento, fazer uma leitura precisa dele.

– Mas temos que partir do princípio de que as respostas são verdadeiras, senão não conseguiremos jamais chegar a um padrão.

Simone fez um gesto batendo suavemente a mão esquerda de lado sobre a direita, em sinal de corte, limite.

– Em termos de sexualidade, é fácil identificar sadismo e masoquismo, porque usamos um padrão que demonstra que apenas catorze por cento da população já teve experiência nesse sentido, e isso não é um número exato. Logo, estamos com oitenta e seis por cento, aproximadamente, de pessoas com outro comportamento.

– Elas têm outro comportamento ou estão mentindo.

Ele era insistente e agora estava evidente que precisava de uma resposta que se encaixasse na sua tese de defesa, e as que ela fornecia não o satisfaziam.

– Pode ser. O que é normal para você?

Melhor devolver a pergunta, ela pensou, assim poderia entender o que realmente o satisfaria como resposta, daí se veria livre do sujeito.

– Normal é sentir prazer e fazer tudo o que puder em busca desse prazer, o resto é preconceito, bobagem ou falta de coragem! – falou em tom inflamado, demonstrando enfim que por trás da fachada advogado (“não estou nem aí”) havia um ser capaz de paixões.

– Pessoas matam em nome dessa busca do prazer, você deve saber melhor que ninguém, pois está fazendo a defesa de uma.

– Sim, o caso que estou defendendo é basicamente este: a morte pelo prazer, alguém que coloca seu prazer acima de tudo, arriscando morrer, e isso não é errado, mau ou bom, é a vontade da pessoa de obter aquele prazer, assumindo as consequências.

Ele foi enfático nas palavras, como quem realmente acredita no que está dizendo.

– É, mas considerando que você está aqui, perdido no meio de médicos e psicólogos, parece que sua tese está sem sustentação para convencer o juiz.

Ele deu um sorriso meio de lado, como que concordando, passou a mão pelo cabelo, já meio impaciente, aparentemente frustrado.

– Não apenas o juiz. Preciso convencê-lo e a mais sete pessoas, todo um tribunal do júri. O crime será julgado como doloso, vão dizer que havia intenção de matar. Quando o *agent provocateur* for a julgamento, será essa a visão, porque sexo atemoriza as pessoas, sexo não convencional aterroriza, sexo é facilmente condenável.

– Você consegue colocar a cabeça no travesseiro depois de defender

alguém que matou? Eu jamais consegui entender advogados, sempre defendendo um lado, e não necessariamente a verdade; minha vida inteira foi dedicada à busca da verdade.

– Sim, entendo você, mas sei que ele não tinha intenção de matar, apenas queria dar prazer, foi um acidente e…

Aparentemente ele acreditava nisso.

– Parece que os advogados sempre dizem isso, mas lhe dou razão no terror que as parafilias geram na média da população.

Simone olhou o relógio e viu que já estava com um atraso de dois minutos para a retomada da palestra, algo incômodo para ela.

– Temos que voltar.

Ela começou a se mover para retornar à sala.

– Doutora Bennet, você poderia me ajudar com meu caso?

Ele pôs a mão sobre o braço dela, que, apesar de estar vestida com um tailleur, sentiu um arrepio pelo corpo.

– Meu nome é Simone, e juro que não sei como ajudá-lo – balançou a cabeça em sinal de negativo.

– Simone, podemos voltar a conversar quando terminar aqui?

– Sim, certamente.

E lá se foi para o espaço a vontade que ela tinha de ir para o hotel tomar um banho, comer e dormir depois de sua fala.

As demais palestras foram interessantes para um sexólogo. Provavelmente não tenham sido de grande ajuda para um advogado, mas ele se manteve em silêncio, prestando atenção. Na saída, aguardava-a em pé junto à porta, mãos no bolso.

– Carl, você resistiu até o final!

Ela falou com surpresa e inexplicável prazer em vê-lo ali.

– Bravamente! Como vocês conseguem complicar as coisas! É impossível compreender alguns termos.

– Então, exatamente como vocês advogados quando escrevem!

Ele teve que assentir: – Mas nossa letra é melhor.

E novamente brindou-a com um sorriso lindo, de dentes perfeitos.

– Como posso ser útil? Você acabou de me conhecer, não sabe sequer o

que faço, nem se tenho capacidade ou conhecimento para ajudá-lo e, pelo pouco que ouvi, o caso do seu cliente é complicado.

– Não sou psiquiatra, mas advogado há vinte anos e, na minha área, nós também passamos a conhecer as pessoas. Você pode me ajudar, sei que pode, pois sexualidade é sua área. Gostei do seu livro, apesar de não ter entendido metade; senti que você parece não tratar com preconceito o assunto.

Ela não pôde esconder o prazer na menção ao livro. Tanto trabalho para escrever, tantas horas de pesquisa, a sensação de reconhecimento era sempre muito bem-vinda!

– Não posso ter preconceito na minha profissão e fico feliz de encontrar alguém, fora do mundo acadêmico, que tenha tido coragem de ler meu livro.

– Foi difícil, é um trabalho bem técnico, mas me possibilitou ver que você não faz julgamentos preconceituosos sobre o que escreve, e não permite ver a sua personalidade.

“Minha personalidade?”, pensou ela. “Se quisesse alguém analisando minha personalidade escreveria um drama, não uma tese.”

– É um trabalho científico, fruto da minha tese, não um romance. Voltando ao seu caso, se sabe algo sobre minha carreira, sabe também que não moro em Nova York, e sim em Woodbridge, e trabalho em New Haven. Ficarei aqui apenas três dias, dos quais só um será livre. Não entendo como poderei ajudar.

– Eu gostaria de contratar seus serviços para me ajudar na defesa. Meu escritório pagará por suas horas de consultoria. Preciso da opinião de um especialista, preciso de ajuda, irei até Connecticut se for preciso, ou você poderá vir aqui se possível, afinal não é longe.

Ele a mirou com um olhar tímido e doce, e ela, que não resistia a um pedido de ajuda, assentiu com a cabeça, sem saber muito bem como colaborar com o homem.

– Posso tentar, se tiver mais elementos para analisar sua proposta.

– Vamos jantar para conversar sobre o caso? Eu lhe conto o que aconteceu, você forma uma ideia e pensa se pode me ajudar e como.

Simone era prudente de forma geral, ainda mais trabalhando diariamente com pessoas com sérios desvios de conduta. Prudência tinha que ser seu nome, mas esqueceu disso e, na verdade, seu interesse profissional era mínimo naquele momento; estava cansada, com fome, no entanto a curiosidade sobre Carl a movia, e também a atração que sentia por aquele ser elegante e de opiniões fortes.

*****

Não resistiu a analisar o carro dele, uma Mercedes preta *sedan* – a escolha de um carro diz muito sobre uma pessoa.

Simone apontou para o veículo estacionado.

– Seu carro é tradicional e seguro para quem faz a apologia do não convencional. Bem, o mundo está cheio dos "faça o que eu digo"…

– É um carro bonito e rápido, gosto de ter controle sobre uma máquina possante, e para os clientes inspira seriedade. O carro não sou eu, é apenas um carro – ele ficou nitidamente desconfortável com o comentário.

– Fique calmo, não foi uma crítica, foi uma observação.

– Estou calmo, mas é meio desconfortável alguém me analisando, me sinto um rato de laboratório…

Ele gentilmente abriu a porta para ela, ajudou-a a se sentar, tocando-a acidentalmente com mãos quentes, fazendo a atração crescer.

– Vício profissional… me desculpe.

– Tudo bem. Estou faminto, e você?

Advogados, capacidade de sair de qualquer conversa rapidamente…

– Morrendo de fome.

Na verdade, a fome passara; ela estava morrendo de vontade de usar o espelho do para-sol para ver como estava – estaria apresentável?, os cabelos em ordem?

– O que você acha de um bom risoto, gosta?

– Gosto muito, para mim faz parte da minha lista de *confort food*.

Ele fez um gesto de concordar com a cabeça. Ficou em silêncio boa parte dos quinze minutos que levaram para chegar a um restaurante agradável, de iluminação indireta, no *Meatpacking District*.

Ele cumprimentou o garçom – aparentemente era habitué do local. Sentaram a uma mesa agradável, perto de uma parede envidraçada com água escorrendo lentamente, relaxante, e só então ele voltou a falar.

– Você entende algo de vinhos, Simone? – ele perguntou, sem tirar os olhos do cardápio, que parecia apreciar como se estudasse um caso.

– Sim, sei que são feitos de uva.

Ela riu de seu próprio comentário infeliz, pois, apesar de apreciar a

bebida, não era uma grande conhecedora do assunto.

– Mas gosta?

– Gosto, mas nem tudo de que gosto eu entendo.

Já era tarde, ela decidiu parar de analisar a personalidade de Carl. O menu estava sedutor, e a fome havia retornado redobrada. Ela queria todos os pratos, estava difícil chegar a uma escolha. Ele, no entanto, escolheu rápido o prato e aguardou a decisão da convidada para definir o vinho, sem lhe perguntar a opinião; talvez estivesse com medo de mais uma tirada desastrosa dela nesse campo.

– Você é médica há muito tempo?

– Treze anos em janeiro do ano que vem.

Ela se sentiu uma senhora falando isso. Havia chegado aos quarenta e dois anos, idade difícil para qualquer mulher, e confessá-la, então, era ato de coragem.

– E decidiu se dedicar à área sexual por alguma razão especial?

– Durante a faculdade eu não gostava muito da área, queria ser psiquiatra, mas não tinha inclinação para sexóloga. Dois anos depois de formada, com uma boa carteira de clientes, comecei a entender que a maioria dos problemas passa pela sexualidade.

Parou para saborear o vinho, que lhe pareceu muito bom, dentro de sua compreensão limitada.

– Fale-me sobre a sua causa.

– Caso complicado. Um casal de namorados, acostumado a fazer brincadeiras sexuais de todos os tipos. Uma noite, em meio a uma brincadeira, ela morre.

Ele descreveu de forma tão superficial que poderia ter dito: eles saíram para comprar pão.

– Qual foi o jogo que ocasionou a morte?

– Ela tinha uma fantasia que repetia sempre: gostava que apertassem o pescoço dela durante o ato sexual. Naquele dia, ele apertou demais.

– E ele apertou demais por quê? Você sabe? Descontrole ou intenção?

– Ela pedia para apertar mais, e quanto mais ele apertava, mais ela pedia para apertar. Ele apertou, apertou e apertou mais, e ela morreu.

Parecia que ele estava vendo a cena, o olhar perdido enquanto descrevia o

ocorrido.

– E você tem certeza de que a história é essa? Que não foi um estupro seguido de assassinato?

– Tenho certeza absoluta! – falou indignado. – Ele não queria matá-la, queria apenas lhe dar prazer.

Bom advogado, apaixonado pelo caso, pensou ela.

– Mas matou. Chama-se “hipoxifilia” esse ato sexual de apertar o pescoço para dar e sentir prazer; muitos acidentes e mortes ocorrem dessa forma.

– Não é incomum? – ele perguntou, entre curioso e aliviado.

– Não, existem inclusive pessoas famosas que morreram assim. O grande problema é que é bastante difícil saber se quem provocou a morte queria ou não que ela ocorresse. Às vezes não é um crime acidental, é apenas uma asfixia disfarçada, um estupro ocultado. É preciso ter certeza.

– Esse não é o caso.

Aparentemente, ele tinha certeza.

– Você parece estar muito certo disso. O assassino é convincente em seu relato?

– Não gosto do termo assassino, há uma condenação implícita nele. Eu o conheço faz muito tempo, ele nunca mataria ninguém intencionalmente.

– Eu não diria isso, todos somos capazes de matar, dependendo das circunstâncias e dos freios que temos – ou da falta deles. Você não tem noção do número de pessoas que passaram pelo meu consultório que já mataram ou estiveram perto de matar e são pessoas absolutamente pacificas, aparentemente normais e razoavelmente equilibradas.

– De perto ninguém é normal.

– De perto não se sabe bem o que é normal, afora as estatísticas de comportamento padrão.

– É melhor não chegar muito perto de você, doutora, ou minha anormalidade vai aparecer – ele riu, como se fosse uma boa piada.

– Eu preciso saber em que posso ajudá-lo para saber se preciso chegar perto.

Ela gostaria muito de chegar mais perto dele; ele a intrigava cada vez mais.

– Simone, tenho que inocentar uma pessoa, ele é um amigo íntimo e

sócio. Preciso saber se a morte não foi premeditada, não foi intencional. Para provar a inocência dele, preciso estar convencido, tecnicamente convencido. Para isso, preciso de um estudo psicológico da… como é mesmo o nome? Hipoxofilia…

E levou a mão à garganta num gesto leve de apertar… Que reações esse homem estava provocando nela? Um levar de mão à própria garganta a fez ter vontade de que o toque fosse nela.

– Hipoxifilia – ela confirmou –, mas estudar apenas a hipoxifilia vai ajudá-lo a inocentar alguém?

– Vai sim, preciso saber o que leva alguém a sentir prazer com isso, o que vai dentro da cabeça de uma pessoa para ela pedir tal intensidade, e que desvio de comportamento é esse. Preciso entender o que leva o parceiro a atender a esse desejo… Eu quero saber o que o motivou.

Essas últimas palavras foram ditas com ênfase, não havia dúvida de que ele precisava de respostas.

– Penso que temos de ser mais objetivos.

– Temos de ser? Então a doutora está aceitando ajudar…

Carl pareceu aliviado com a ideia de obter apoio.

– O caso parece interessante, mas é preciso conhecer bem a história para entender se foi hipoxifilia ou pura e simples morte por asfixia. Necessito de detalhes para ajudar a construir sua tese.

– Simone, você terá todos os detalhes que quiser. Ele escreveu minuciosamente a história deles, com riqueza de detalhes.

– Ele fez o quê? Descreveu a morte?

– Exatamente isso. Melhor do que descrever a morte, ele escreveu a história do relacionamento deles, como se fosse um romance.

– Eles têm nome ou é segredo de profissão?

– Mark e Lara.

– Esses são os nomes reais?

Ela já estava pensando em fuçar no Google em busca de um assassinato por hipoxifilia para ver o que havia sobre essa história.

– Não há mentiras no texto. Você vai ler e vai me dizer se é real, tenho certeza. Apenas gostaria que inicialmente se ativesse ao texto, que não procurasse fontes extras até finalizá-lo, para não haver contaminação, preciso de uma opinião imparcial.

Como se tivesse lido os pensamentos de Simone, Carl acabara de jogar uma pá de cal na ideia dela de pesquisar na internet. Mas ele tinha razão, refletiu ela, seria melhor ler o texto e depois ir em busca de outras fontes. Como regra, o livro sempre era melhor que o filme.

– Como faríamos isso? Você vai me emprestar o que ele escreveu?

– Vamos fazer o seguinte, eu vou emprestar o primeiro capítulo. Você lerá e me dirá se pode me ajudar. Daí faremos um contrato regulando honorários e confidencialidade e você terá acesso ao resto da história.

O advogado voltou à vida: contrato, honorários e confidencialidade!

– Parece bom para mim.

Então ele abriu a pasta que havia acomodado numa das cadeiras da mesa, retirou um envelope amarelo e o entregou a Simone. Pelo volume, deveria haver no máximo umas dez folhas lá dentro.

– Sugiro que agora você coma, pois ainda não tocou no seu risoto, e risoto só é bom quente – fez um gesto apontando o prato intocado.

– Está maravilhoso. Adoro risoto – disse ela ao provar o prato, fechando os olhos em sinal do prazer que o sabor da comida lhe provocara.

– Também gosto muito, faço alguns muito bons.

“Além de interessante, o homem ainda cozinhava!” Ela sentiu vontade de levá-lo para casa e de criá-lo em cativeiro.

O jantar transcorreu bem. Carl mostrou-se interessante e culto. Ela calculou, mais devido ao tempo de formado que ele informara do que pela aparência, que ele deveria ter mais ou menos a idade dela. Descobriu logo que não estava tão longe: ele tinha quarenta e três.

– Tenho muita curiosidade em saber como uma mulher bonita como você decide passar a vida mergulhada na mente humana.

– Obrigada pelo bonita.

Simone nunca pensara em si como uma mulher bonita, sempre se acreditara como mais interessante do que bonita. Era normal, tinha cabelos e olhos castanho-claros, fazia ginástica regularmente e estava em boa forma, sem nada de espetacular.

– A mente humana é o lugar mais fascinante que existe.

“E sua cama deve ser o segundo lugar”, pensou ela, já bem alegre pelo vinho.

– Eu prefiro Paris.

E riu. O vinho torna engraçados até os advogados mais sérios.

– Concordo, é um lugar bonito e pouco complicado, mas a viagem ao pensamento humano é mais intensa e rica.

– Você é casada, Simone?

“É o vinho falando de novo”, pensou ela.

– Não existe marido que suporte uma vida como a minha. Sou *workaholic*.

– Mas já foi casada.

Ele estava de fato interessado na vida dela ou era apenas boa educação?

– Sim, fui, faz muito tempo, e tenho uma filha. Tenho certeza de que essa era sua próxima pergunta.

– Era sim. Clássico, não?

– Normal. E você? Gravata, pasta preta, filhos e esposa esperando em casa?

Em seu pensamento, torcia para que ele dissesse não.

– A gravata ficou no carro, como você notou, a pasta preta está aqui. Sou um clássico.

– E a mulher e os filhos, em casa?

Ele fez um gesto de nem pensar com a mão.

– Sem mulher em casa, sem filhos, pelo tempo que passo fora teriam que me procurar nos classificados cada vez que quisessem falar comigo. Tenho uma planta, viva!

“Definitivamente, ele tem senso de humor”, pensou. “Um humor um pouco áspero, mas está lá, é só mantê-lo alcoolizado.”

– Isso vai além da minha capacidade. Consigo matar qualquer planta. Eu sempre esqueço de dar água – ela fez uma pausa e acrescentou: – Carl, o jantar está ótimo, não quero ser deselegante, mas amanhã a primeira palestra é às nove horas. Por acaso, é a minha, e ainda preciso revisar meus papéis.

– Quando você terá tempo para ler o primeiro capítulo?

Ele tinha, obviamente, pressa de obter respostas.

– Prometo fazê-lo amanhã à noite. Você me deixa seu número e telefone para você no sábado com uma resposta, pode ser?

– Estou ansioso, mas pode ser. Vou lhe deixar meu cartão.

E lhe estendeu um cartão, o que para ela pareceu algo frio, profissional. “Acorde, Simone”, pensou. “É exatamente isso que ele quer com você, uma relação profissional.”

– Você precisa me dar o celular, aqui só tem os números do escritório e depois de amanhã é sábado.

– Estarei o dia todo no escritório, pode me ligar.

– Falando em *workaholic*… Só não entendo a samambaia viva.

– É um cacto, Simone. Parece comigo: espinhento, resistente e não muito bonito.

– Cuidado, Carl. O interior de um cacto é aquoso, suave.

– Se você diz…

No trajeto até o hotel de Simone, Carl permaneceu em silêncio, parecendo imerso em pensamentos ou em outra dimensão. Quando chegaram, ele desejou boa-noite e partiu.

Capitulo Dois



O homem intrigava Simone cada vez mais, mas estava claro que o que ele queria era ajuda profissional, pois não fizera nenhum movimento em outro sentido… “Mas disse que me acha bonita”, pensou e sorriu contente a psiquiatra.

Mulheres que como ela são vistas como cérebros têm necessidade de ser apreciadas por outras qualidades. Inteligente ela tinha certeza de ser, sem falsa modéstia. Era bom saber que a achavam bonita.

Simone entrou no quarto de hotel exausta. Olhou em volta. Simplesmente adorava hotéis, a impessoalidade, descobrir o que há de novo atrás de uma porta fechada. A imagem de organização imaculada. Atirou-se na cama e ali ficou por uns minutos de olhos fechados, completamente vestida. Estava cansada, mas os pensamentos fervilhavam em sua mente. Respirou fundo e decidiu tomar um banho. Iria dormir em seguida.

Não conseguiu dormir depois do banho. Sentia-se relaxada. Entrou embaixo das cobertas, o clima estava fresco, fazia uns doze graus, mas seu quarto se mantinha agradável. O envelope amarelo que havia jogado sobre a mesa ao entrar a atraía. “Vou dar só uma olhada”, pensou.

Abriu o envelope, removeu o texto impresso. Iria ler só a primeira página, mas uma simples olhada a fez mudar de ideia.

O texto estava escrito como se fosse um livro, com direito a dedicatória:

“Para Lara,

minha vida, meu mundo, meu amor, a vida sem você não tem cor, não tem alegria, não tem riso, não tem poesia, sinto sua falta, dia e noite.”

Difícil dormir depois de uma declaração de amor assim. Nunca alguém lhe dissera ou escrevera nada parecido, e ela queria saber como era essa alma romântica. Só uma página…

O Diário de Mark

Lara

Chegar aos quarenta anos é um momento complicado para qualquer pessoa, homem ou mulher, não importa. Você sente como se metade da sua vida tivesse ido embora e você não sabe muito bem para onde. Eu não pensava muito nisso, estava apenas vivendo, mas a vida traz surpresas que nos obrigam a refletir…

Tive ao longo de quarenta anos minha dose de alegrias, de sucesso e de amores, ou pensava que tivera amores. Tive também as porções de desilusão que me tornaram bastante cético com relação a sentimentos. Estava preparado para viver só.

Vivi dois casamentos, um quando muito jovem, que não sei explicar até hoje por que ocorreu, outro já mais maduro, mas que foi mais fonte de tédio do que de boas lembranças. Não tive filhos. Não tenho talento para paternidade e não havia paciência para ceder aos caprichos da minha primeira ex-mulher nessa área. Minha sorte foi que, por ser uma mulher inteligente, ela acatou minha decisão. Meu primeiro casamento terminou por isto: minha primeira esposa queria filhos, eu não. Cada um seguiu seu caminho.

No meu segundo casamento nenhum de nós queria filhos. Ele terminou pelo dia a dia; era desgastante o convívio. Concluí que o casamento é a tumba do amor: amarre o nó e tudo morre. Eu me conformei com isso.

Tinha certeza de que não amaria mais, de que essa armadilha chamada amor não me prenderia de novo. Houve alguns casos passageiros, um pouco de diversão aqui e ali. Comprei um apartamento para essa decisão de vida: grande, espaçoso, mas apenas para mim, nada de *closets* para senhoras e seus milhares de sapatos e bolsas, nada de espaços para acalentar sonhos de um bercinho por ali. Funcionalidade, praticidade e isolamento, assim era meu lar. Eu tinha um cão, toda a companhia de que precisava.

Minha vida estava planejada, minha carreira se consolidando, meus clientes gostavam do meu trabalho.

Terminado o doutorado, um dos meus prazeres era dar aulas – *hobby*, eu diria, porque é uma atividade extenuante, mal remunerada, mas prazerosa ao extremo. Lecionar é um palco para atores frustrados. Sou reservado. Contudo, quando estou atuando, ou melhor, lecionando, e quando estou advogando, me transformo, meus melhores traços vêm à tona e me realizo dentro da personalidade que assumo nesses papéis.

No momento em que consegui dizer para mim: “só espero da vida que

prossiga dessa forma", a vida me mostrou que ela faz seu próprio rumo, que não somos seus autores, e sim espectadores.

Conheci a Lara na casa de um amigo e ex-cunhado, Peter Hay. Gay assumido e solteiro convicto, ele adorava dar festas alegres para "pessoas interessantes", segundo ele, nem sempre tão interessantes quanto ele pensava. Eu sempre tentava me esquivar, mas nesse dia, sem qualquer outro plano, de férias na universidade e com o escritório sob controle, resolvi aproveitar para ver o que a noite de sexta-feira oferecia.

Estava tomando um uísque quando uma mulher começou a andar em minha direção. "Linda", pensei. Ela era maravilhosa, alta, quase tanto quanto eu, cabelos loiros e olhos cor da água do mar do Caribe. Sensual, seios rígidos, sem sutiã, pernas torneadas. Com o perdão da expressão, gostosa! Até hoje me lembro do diálogo inicial, palavra por palavra: – Oi, eu sou a Lara.

– Mark.

– Você está só por falta de opção ou por antipatia?

Impossível não rir com tal abordagem.

– Os dois.

– Você tem jeito antipático, mesmo, mas é muito bonito para não ter opção.

– Alguém já lhe disse que você é franca demais?

– Já, mas vou lhe dizer que não adianta nada me alertar. Quando tenho vontade, falo. A vantagem que teremos no nosso relacionamento é que eu sou honesta. Quantas pessoas podem lhe garantir isso?

– Nosso relacionamento? Olha, eu sei que você é linda e que mulheres lindas creem que podem fazer tudo o que quiserem e o mundo vai sorrir para elas, mas para mim você parece meio maluca e pessoas malucas me dão medo.

– Ah, sei, você gosta de gente chatinha e normal.

E ela desenhou um quadrado no ar com o indicador.

– Não, só normal está bom.

Por sorte, nesse momento, Peter se aproximou para me tirar da situação insanamente surreal.

– Mark, vejo que já conheceu a Lara. Lara, esse é o Mark, meu advogado, que me tira das enrascadas tributárias da vida. Mark, essa é a Lara, minha arquiteta maravilhosa, responsável pela minha casa. Que bom, queria que

vocês dois se conhecessem. Aliás, não sei como não se conheceram antes, pois são meus amigos do peito. Acho que têm muito em comum.

Ele parou para respirar e nos abraçou efusivamente, como sempre fazia com todas as pessoas, mais para causar embaraço do que para mostrar afeição.

Só me faltava ouvir isso! Passei a vida construindo uma imagem de advogado sério, compenetrado, e chega alguém e me diz que tenho algo em comum com uma mulher louca! Tenho que analisar a imagem que ando projetando ao mundo. Pelo jeito, a tal Lara pensou o mesmo, porque riu.

– Querido Peter, acho que você está enganado sobre as semelhanças. Já me apresentei ao seu amigo, gostei dele, mas ele está assustado.

– Assustado e presente… Acho estranho quando falam de mim como se eu estivesse em outro lugar – lembrei aos dois.

– Mark, o Peter resolveu que hoje você seria o meu "encontro às escuras" da vez.

– Da vez?

Peter pareceu um pouco surpreso com a afirmação de Lara, mas não negou.

– É, eu vivo tentando casar a Lara, que é minha amiga desde sempre, mas já vi que está para nascer o homem que vai colocar uma aliança naquele dedinho ali.

Gostei de saber que a deusa era solteira.

– Peter – ela ronronou. – Eu já disse a você: me caso com você hoje.

– Certo, e vai passar o resto da sua vida como disfarce de gay que não sai do armário?

– Muito no armário que você é! Mas ao menos estaria casada com um grande amigo, que é mais do que a maioria dos casais que conheço consegue em trinta anos juntos.

Os dois conversando eram a prova viva de que eu havia bebido muito, porque nunca vira assuntos tão desconexos. Será que eu tinha caído em um filme de Woody Allen? Maldito uísque!

– Voltando a nós dois, Mark.

– Não existe nós dois…

– Ah, ainda não, é verdade, mas já vai existir – colocou a mão no meu braço e foi dizendo: – Peter, querido, nós estamos indo, ok? Beijos e beijos,

festa linda.

Lara deu uma beijoca na boca do Peter e fez menção de sair.

– Como assim estamos indo? Ok, estamos indo… onde?

Se ela quisesse ir para a Coreia do Norte eu estava indo, ela era espetacular!

– Peter, esse uísque é falsificado?

– Mark, espontaneidade uma vez na vida! Deixa que a Lara leva você.

– Tem certeza de que ela não é uma psicopata?

– Não, nenhuma, mas arrisca para ver, amanhã descobriremos seu corpo em algum lugar e, se você der sorte, com um sorriso feliz no rosto. Vai, meu amigo, faz tempo que você só é chato, vai viver um pouco.

E assim Lara entrou na minha vida e tudo mudou.

Capitulo Três



Simone estava muito agitada para dormir, mas sentia-se feliz por decifrar, talvez, o primeiro enigma. Carl é criminalista; Mark, tributarista; ambos advogados. Provavelmente Mark era colega de escritório do Carl, sócio ou colega de faculdade. Definitivamente havia envolvimento emocional entre eles. A defesa não era só uma questão profissional, mas também emocional.

Tentou ver um pouco de TV, mas nada de vir o sono. Isso era desesperador, pois dali a pouco ela teria que levantar para trabalhar e estaria um trapo.

Depois de muito rolar na cama, Simone enfim conseguiu pegar no sono e dormiu até o despertador tocar. Levantou-se, se arrumou o melhor que podia, passou uma maquiagem leve na tentativa de apagar os resultados da noite mal dormida, vestiu um *tailleur* preto, meias finas, salto alto, seu uniforme de profissional séria, e foi para o workshop sentindo-se cansada, mas feliz. Amava sua profissão e também falar sobre sua especialidade.

*****

Ao pegar o microfone para começar a palestra do dia, qual não foi sua surpresa ao ver novamente Carl sentado na plateia… Interessante para quem iria vê-la apenas no dia seguinte…

– Bom dia a todos, espero que tenham tido um bom descanso.

O coro de bom-dia foi animado, o que a ajudou a ter um pouco mais de forças depois da noite mal dormida.

– Ainda sobre o tema do sadomasoquismo, hoje quero retornar com vocês a uma de suas maiores fontes: Freud.

– Sempre Freud – disse alguém da plateia.

– Sim, sempre Freud, porque ele é a fonte. Os demais se inspiraram nele, o copiaram, contradisseram ou seguiram seus passos, mas nunca houve ninguém que conseguisse se livrar dele. E a razão é simples: em muitos aspectos, ele estava certo.

– Para Freud tudo era sexo, eu acho que ele era um pervertido! – disse uma mocinha sentada na primeira fila, jovem demais para estar em um workshop com profissionais graduados, jovem demais para entender algo de

sexo, teoria ou prática. Portanto, opinião suspeita.

– Considerando que perversão para a psiquiatria é qualquer ato que não envolva o sexo tradicional pênis-vagina, você pode estar certa. Mas nosso ponto não era a vida sexual de Freud e sim sua contribuição para o estudo das parafilias e perversões. Posso começar ou alguém mais gostaria de se manifestar?

A sala ficou em silêncio e Simone chegou ao final da apresentação sem outros percalços. Quando procurou Carl, ele havia desaparecido. O que estaria fazendo hoje ali? Testando os conhecimentos da profissional que queria contratar? Tentando aprender para sua tese ou apenas dando vazão à curiosidade? Curiosidade maior era a dela…

O dia foi exaustivo, os temas polêmicos, muitas discussões. Encerrados os trabalhos, Simone voltou direto para o hotel, encheu a banheira e se preparou para um longo banho. Decidiu aproveitar para relaxar, abriu uma garrafinha de uísque que encontrou no frigobar, colocou gelo num copo e não resistiu à tentação de pegar o manuscrito para recomeçar a ler.

O Diário de Mark

Quem é essa garota?

– Muito bem, senhorita fora da casinha, onde nós vamos?

Eu já havia parado de resistir fazia algum tempo.

– Dançar! – disse ela no melhor sorriso que podia dar.

Penso agora que ela sabia o efeito do seu sorriso sobre as pessoas, pois sempre que queria algo abria um sorrisão e se tornava uma criança travessa, à espera de ter seus desejos atendidos.

– Eu não sei dançar, Lara.

De fato, o Peter entendeu nossas personalidades como ninguém, pensei. Tínhamos “tudo” em comum…

– Não há problema, eu lhe ensino, e se você realmente for horrível, fica me olhando!

E lançou novamente seu lindo sorriso.

– Lara, você não me parece mesmo muito certa…

– E o que é certo para você?

– Temos alguns códigos de comportamento e leis neste país para dizer o que é certo e errado.

– Chato! Estou falando para você, não para o advogado que se esconde aí dentro.

Lara pôs o dedo no meu peito. Me deu vontade de morder aquele dedinho cor-de-rosa com a unha pintada de vermelho, fiquei imaginando aquelas unhas deslizando sobre meu peito e me perdi na imagem.

– Quatro, três, dois, um… Ei, Terra para *Major* Tom – ela falou, meio cantando, e fiquei sem entender se era comigo.

– Oi? Não entendi…

– É que você estava em outro planeta… Vamos ou não vamos dançar?

Uma expressão contrariada e o pezinho batendo no chão indicavam que estava impaciente.

– Ok, vamos nos arrastar numa pista de dança por aí, menina. Mas avisei que não sou bom nisso. Você conhece um bom lugar?

– Vários, adoro dançar. Acho que tem um perfeito para arrancar você da gravata e trazê-lo para a Terra. Chama-se Atrás da Porta, conhece?

– Não, não sei o que tem atrás ou na frente da porta, não tenho hábito de casas noturnas. Sou diurno, levanto cedo, mas vamos lá então ver como as criaturas da noite se comportam.

Esse sacrifício tinha que garantir a menina na minha cama esta noite, se eu ainda tivesse forças depois de ir para a tal porta.

– Veio de carro? Ou vamos no meu?

– Não, não gosto de beber e dirigir.

– Meu Deus, você só pode ter saído de algum livro de boas maneiras ou de outra era! Qual é o seu signo? Vamos no meu carro – acrescentou, já se dirigindo para um estacionamento próximo à casa.

– O meu o quê?

– Signo do zodíaco, tipo que dia você nasceu?

– Acho que é capricórnio, nasci no dia 5 de janeiro, por quê?

– Sou astróloga amadora e o signo explica muito. Tadinho, você é um típico capricorniano!

Abriu o carro e, ao contrário do que eu esperava, ou seja, em vez de um carro delicado, ela tinha uma camionete, dessas bem grandes, e cheia de papéis e rolinhos de papel por todo lado, que foi tirando e jogando no banco traseiro, sem falar nas centenas de garrafas plásticas de água vazias por toda parte.

– Desculpa a bagunça, carro de obra… – ela não me pareceu muito constrangida, apesar do pedido de desculpas.

– Ao menos você se hidrata… Ok, me explique o "tadinho, é um típico capricorniano".

– Vocês de capricórnio são complicados, fechados, cheios dos traumas, reclusos, sérios e tradicionais. Ah, e grandes trabalhadores também.

Enquanto ela dirigia, eu a observava: linda! Podia me chamar do que quisesse, mas naquela noite eu ia ter aquela mulher.

– Puxa, isso me parece meio ofensivo!

– Não, não é, somos apenas isto mesmo: vítimas das energias astrais, não é sua culpa.

– Ah, assim me sinto melhor! Sou um chato, mas não é minha culpa.

– Querido, eu não chamei você de chato – ainda. Até o fim da noite… pode ser… – e riu novamente – E você? Tem signo?

Dessa vez ela riu com gosto: – Todo mundo tem. Eu sou geminiana.

– Já sei: louca, desatinada, com tendências psicóticas e excesso de sinceridade.

– Quase acertou. O excesso de sinceridade, no entanto, vem da lua em sagitário.

– Ah, e ainda tem a lua…

– Está bem, assunto chato. Me fale de você, cabritinho!

E me deu uma cutucada com a unha na costela.

– Cabritinho?!

– É, capricórnio é representado por um cabrito…

Ela me explicou um pouco mais sobre astrologia e continuou com os mais diversos assuntos. Emendava um tema em outro e nenhum era finalizado. Fazia anos que eu não falava tanto e sobre assuntos tão diversos. Ela não era apenas linda, era também inteligente, mas cada vez mais eu tinha uma certeza: a mulher tinha algum problema sério de sanidade… O que foi

confirmado pouco tempo depois, ao chegarmos ao Atrás da Porta. O local parecia uma casa, sem indicação de ser um clube noturno, salvo pela entrada de pessoas e o acúmulo de carros estacionados em frente.

Ao chegarmos, nos “cadastraram”, pediram nossa identidade, cobraram um valor de entrada e nos deram cartões, como se fossem de crédito, para consumo. Pediram para deixarmos nossos pertences num armário com chave e nos entregaram as chaves. Foram bem claros quanto a deixar tudo, especialmente celulares.

Para piorar minha sensação de “estou entrando numa roubada”, fomos revistados corporalmente na porta.

– Ei, isso é ilegal.

– Calma, senhor, é procedimento normal aqui, para sua segurança.

Uma mulher vestida de espartilho ou algo assim e calça jeans colada revistou Lara, que virou para mim e sorriu.

– Venha, Mark, essa música é ótima para dançar.

Ela entrou e foi me arrastando pela mão. Não estava exatamente dançando, mas deslizava e parecia em transe, olhos fechados, se mexendo ao ritmo da música. Era como entrar num filme em que a mocinha linda sabe todos os passos: me senti o espectador de desse filme, querendo tocar a estrela que pulava ao ritmo de *Fireworks*… Ah, e também cantava…

– Quer beber algo, Lara?

– Um uísque seria maravilhoso, obrigada.

A menina agora já estava toda descabelada e, se fosse possível, mais bonita conforme a noite avançava – ou eu estava muito bêbado, apesar de ter tomado apenas umas doses de uísque na casa de Peter?

– Ok, vou buscar.

– Obrigada, Mark – ela piscou. Alguém ainda pisca hoje em dia?

O bar estava lotado e demorei um pouco. Quando voltei, Lara estava dançando sensualmente com um homem. Incrível, acabara de conhecê-la e senti uma pontada de ciúme, vontade de ir lá dizer: “Esta garota é minha, tire a mão!”.

Eu definitivamente devia estar bêbado, ciúme nunca foi um sentimento para mim.

– Mark! Vem cá conhecer meu amigo. Este é o Leo. Leo, este é o Mark, meu novo amigo!

– Oi, Markô, que prazer.

Outro gay – ela realmente conhecia alguns.

– Tudo bem? Uísque?

– Não, obrigado!. Você vai para trás da porta hoje?

– Não sei… o que você acha? Meu amigo enfartaria? – e apontou para mim.

– Melhor enfartar agora do que daqui a um mês – ponderou o sujeito.

– Ok, sobre o que vocês estão falando?

Simone – dias atuais

O telefone tocou e Simone saiu toda molhada da banheira para atender.

– Alô?

– Oi, Simone, aqui é o Carl.

– Oi, Carl, estava lendo o manuscrito agora.

– Era isso que eu queria saber, se você avançou na leitura.

A voz dele soava ansiosa.

– Não muito, dois capítulos até agora, mas é muito interessante, prende muito a atenção.

– Sim, é bem detalhado. Penso que a ideia era transmitir todas as sensações vividas por eles .

– Até agora ele conseguiu, mal consigo parar de ler. Pena que comecei faz pouco, não tive tempo durante o dia.

– Você já comeu? Quer sair para jantar?

– Obrigada, Carl mas gostaria de avançar um pouco mais no texto, já que nos reuniremos amanhã. Vou pedir algo do serviço de quarto.

Estava morrendo de vontade de sair com ele, mas tinha que tomar uma decisão até o dia seguinte e para isso precisava avançar na leitura.

– O que você mais gosta de comer?

– Como praticamente de tudo, mas não se preocupe, amanhã, se você quiser, podemos almoçar juntos.

– Ok, combinado. Desculpe ligar a essa hora.

– Não é tarde, fique sossegado.

– Tenha uma boa noite, Simone.

– Você também, Carl, durma bem.

Simone telefonou ao serviço de quarto e pediu uma tigela de sopa, abriu um vinho que encontrou no frigobar e que tinha gosto de óleo diesel, abandonou a taça. Retornou então à banheira e continuou a ler. Queria muito ter uma resposta embasada em razões profissionais no dia seguinte, e não apenas nos olhos castanhos do advogado.

O Diário de Mark

Atrás da Porta

– Afinal, o que é esse atrás da porta que pode me fazer enfartar?

Tinha um pressentimento de que não iria gostar da resposta.

– Você sabe o que é este lugar aqui, Carl? – perguntou-me Lara, meio gritando e disputando com o volume da música.

– Aparentemente, uma boate!

Era o que parecia, uma pista de dança, bar, gente dançando, bebidas, pouca iluminação. Tinha a impressão de não estar em um templo budista.

– Isso aqui é uma casa de suingue.

– Sério?

Nunca estivera em uma casa de suingue antes. Tinha uma ideia preconcebida de casais sem coragem para terminar relacionamentos desgastados, tentando mascarar a necessidade de ser infiéis.

– Atrás daquela porta é o clube – e apontou para uma porta fechada. Aqui é só para dançar. Quer ir lá dar uma olhada?

– O que acontece lá?

– Você realmente nunca esteve em uma casa de suingue?

Ela parecia surpresa como se tivesse descoberto que eu nunca fui ao McDonald’s.

– Nunca. Sempre achei que era um lugar de gente feia e velha.

– Não! Nada a ver! Tem gente de todos os tipos e funciona assim: você pode tocar, mas, se receber um não, para na hora. Você poderá ser tocado, basta se afastar e pronto, a menos que queira tocar também, ninguém o força a nada.

– E?

– E tudo acontece naturalmente; se estiver a fim de ficar com alguém, pode ficar. Em público ou num espaço reservado. E ainda pode ficar num lugar para os outros verem…

– O que significa ficar?

– Transar, Mark, sexo – ela disse sem emoção, como se fosse algo que acontecesse diariamente com as pessoas.

– Interessante…

Ah, como eu a queria… E não me importava que fosse na casa de suingue…

– Vem comigo, vou lhe mostrar!

Para variar, foi me arrastando pela mão para detrás da porta. Eu já estava excitado só com a explicação, mas receava encontrar alguém conhecido. Que loucura!

Entramos porta adentro, onde o ambiente era ainda mais escuro, com pouquíssimas luzes espalhadas, que não iluminavam nada. Havia música, sons de gemidos e pessoas passando, olhando, como se estivessem escolhendo um produto, considerando suas vantagens com cautela, um verdadeiro mercado de carnes… Uma mulher passou a mão no meu peito e continuou andando…

– Vou lhe mostrar as salas.

A primeira em que entramos tinha uma cama redonda, com alguns casais se tocando. Sentada por ali, uma mulher sem blusa era acariciada por um homem, que ao mesmo tempo beijava outra mulher – não há como não ficar excitado com uma cena dessas.

– Aqui é…

– O sofá comunitário. Todos podem usar – quer sentar um pouquinho ali junto com as pessoas?

– Não, agora não, quero ver mais.

Agora estava curioso. Continuamos.

– Aqui ficam as cabines privadas. Você pode fechar a porta – ela me mostrou.

Aparentemente, pelos gemidos que eu escutava, havia pessoas “usando a privacidade” em algumas cabines.

– Aqui ficam os aquários – apontou umas salinhas com um vidro na lateral. Me aproximei e vi um casal fazendo sexo. É indescritível a adrenalina que percorria meu corpo. Eu me sentia excitado como nunca havia me sentido antes. Meu coração batia rápido, meu pau doía, estava ficando maluco com tudo aquilo e com minha guia turística. Mais um pouco eu iria atacar a menina ali no chão!

– Ei, uma mulher apertou minha bunda!

Que sensação louca, ser acariciado assim por uma estranha.

– Calma, é assim mesmo. Relaxa, se não gostar é só continuar andando; se quiser, toque de volta. Aqui é espontaneidade e saber ouvir não.

– Eu posso tocar qualquer pessoa?

Eu me sentia um menino numa loja de doces com uma nota de cem na mão.

– Pode sim, não quer dizer que vai conseguir algo.

Nessa hora levantei a mão e fiz o que estava com vontade de fazer a noite inteira: passei-a pelo seio esquerdo de Lara e esperei sua reação. Ela fechou os olhos e gemeu. “Ganhei na Mega Sena!”

– Eu posso devolver… – e me enlaçou pelo pescoço e começou a me beijar com uma boca macia e gostosa, e eu passei a tocá-la por todo o corpo. Me sentia drogado, tamanha a adrenalina que corria nas veias. Perdi a noção de tempo e lugar, com pessoas gemendo em volta e um casal fazendo sexo a dois metros de nós.

Levantei a saia dela enquanto nos tocávamos e nos beijávamos, coloquei a mão entre as pernas dela, a calcinha devia ter uns cinco centímetros de pano e ela estava toda molhada, quente.

– Mark… – e começou a me tocar, segurou meu sexo com a mão e começou a massagear. Pedi a todos os santos que não me deixassem ter uma ejaculação precoce, pensei nos meus prazos, nos clientes complicados, mas estava difícil.

Ela me empurrou um pouco de lado e fiquei sem saber o que estava acontecendo com ela.

– Lara, desculpe por me deixar levar no meio do corredor.

– Nada de mais, só queria lhe dar isso.

Ela me estendeu um preservativo que, juro, não sei de onde tirou. Coloquei-o rapidamente, encostei Lara contra a parede, apoiando o traseiro dela, e a penetrei o mais fundo que pude. Ela estava muito excitada também, toda molhada, e se movia rapidamente, me apertando. Passou as pernas em volta da minha cintura, apoiada na parede, e começou a gozar gemendo alto. Impossível me segurar por muito tempo. Não consegui evitar mais e tive o orgasmo mais fantástico da minha vida.

Um casal nos observava. Me senti no zoológico.

– Foi bom, né? – ela disse toda lânguida, respirando no meu pescoço.

– Bom?! Nunca senti nada assim antes em toda a minha vida.

Ela riu.

– Sei como se sentiu. Parece uma droga que corre nas veias. Vem aqui.

Ela abriu a porta de um dos lugares íntimos. Havia um sofá, um porta-toalhas de papel, uma lâmpada vermelha e nada mais. Entramos e ela trancou a porta.

– Vamos terminar direito o que começamos no corredor.

Ela começou a tirar a roupa e eu a imitei. Ela tirou uma camisinha do sutiã e jogou o sutiã no chão. Era linda! Em segundos eu também estava nu e babando pelo corpo nu dela. Lara me empurrou para sentar no sofá, tomou meu membro na boca e começou a sugar com força, uma verdadeira profissional!

– Você é louca! – eu disse.

– Você não imagina o quanto.

Lara foi se acomodando e se encaixando e começou a me cavalgar, a princípio devagarzinho, depois em galope, e daí num ritmo alucinado, desesperada por gozar. Apesar do desconforto do sofá duro e gelado, perdi a noção do tempo e deixei o desejo liderar naquele local apertado. Transamos muito. Sons de sexo, visões e gemidos à nossa volta.

Quando terminamos, exaustos, nos vestimos em silêncio, drenados, exaustos. Eu não sabia o que dizer.

– Vamos embora? – disse ela com carinha de sono e cansaço. “Enfim”, pensei. Achei que a mulher não iria se cansar nunca.

– Vamos sim. Quer comer alguma coisa?

– Quero sim, estou faminta.

– Eu também.

– Dirige pra mim?

Me lembrei das doses de uísque que havia bebido, mas dá para pensar em prudência depois do que acabara de acontecer?

– Claro!

– Há uma barraquinha de cachorro-quente *Coney Island* pertinho daqui que é ótima!

Eu pensando que a mulher iria querer um bom restaurante, um vinho tinto, e ela me sugere um cachorro-quente… Será que havia mais algum coelho para sair daquela cartola?

– Certeza de que é isso que você quer?

– Certeza. Muito bom.

Fomos ao *Coney Island* e vi a mulher sofisticada virar uma menina. Ela devorou dois cachorros-quentes cheios de maionese, mostarda, cebola, *sauerkraut*, *chili* e alguma outra porcaria que me parecia queijo ralado. Não falamos nada por um tempo. Ela parecia mesmo precisar do lanche ou do silêncio, que quebrou primeiro: – Gostou da experiência?

Tinha mostarda no lábio superior dela – Qual delas?

– Todas – disse com a boca cheia de cachorro-quente.

– Ainda estou um pouco atordoado com tudo, com o Atrás da Porta. Foi a experiência mais intensa que já tive, a maior adrenalina que já senti, mas ainda é novo, não consigo concluir. Você vai sempre lá?

– Lá e em outros lugares assim. Gosto da adrenalina. Segundo minha terapeuta, sou meio viciada nela, daí às vezes faço isso, vou a esses lugares.

– E o mundo compreende bem?

Porque eu não tinha nem condições de começar a entender, amanhã pensaria nisso.

– Pela sua cara, não – e riu meio sem graça.

– Ainda não parei para uma análise completa, estou mergulhado na sensação. A nossa transa foi louca, fazia muito tempo que eu não sentia isso! – falei mais para bancar o macho, porque… nunca havia sentido algo tão forte sexualmente!

– Terminou? Gostou do cachorro-quente?

Engraçado, ela me fez a pergunta no mesmo tom com que me perguntou

se eu havia gostado da experiência anterior… banalmente.

– Muito bom, não sou muito fã de lanches, mas gostei.

– Eu sei, você é terno e gravata, cabritinho, vida certinha, sexo certinho, comida certinha e mulheres certinhas. Já entendi… estou fora do "cardápio", sou muito *nouvelle cuisine* pra você.

– Não, eu ia convidá-la para sair amanhã… quero dizer… hoje à noite. São três da manhã! – qual fora a última vez que eu havia ido dormir tão tarde? Sei lá, acho que aos dezesseis anos.

– Uau, sério? Precisamos ver onde fica sua lua, porque agora você conseguiu me chocar.

A cara da menina era de grande surpresa.

– Enfim!

– Ok, vou lhe dar meu número, daí você me liga… à tarde… se ainda estiver com essa vontade depois que passar o efeito da adrenalina. E vou te deixar em casa agora, tenho que dormir, amanhã vou sair com um advogado bonitão e não posso estar um trapo.

E lá foi ela assobiando para o carro, eu atrás para variar, sendo puxado pela mão. "Em que vespeiro estou me metendo", pensei.

No caminho, ninguém falou nada. Ela pôs uma música alta e ficou cantando. Definitivamente era uma artista: dançava, cantava no ritmo da música com boa voz, e na cama, ou melhor, na parede e no sofá, era uma estrela.

– Chegamos.

– Ok, obrigado pela carona – ela me deu uma beijoca no rosto, fiquei com vontade de mais e não soube o que fazer.

– Até mais.

– Até.

E partiu. Me dei conta então de que havia esquecido de pegar o número do telefone dela.

Capitulo Quatro



Para variar, o texto fez Simone perder o sono. Ficou excitadíssima com a história que estava lendo, começou a se acariciar e acabou se masturbando, fantasiando certo advogado de terno elegante e olhos castanhos.

Não adiantou muito, estava inquieta com a história, começando a entender o que levara à morte de Lara.

Vício em adrenalina – a moça avisou logo no início que tinha uma patologia, e essa pode ter várias causas, mas normalmente vem de algum distúrbio. Faz com que seu portador precise sempre de emoções fortes, inusitadas, de perigo, e o pior, são pessoas com pouco senso de perigo real. Pessoas assim não querem a morte, mas não a temem.

Talvez Carl tivesse razão. O caso não fora de assassinato, mas um acidente, como acontece com pessoas com esse tipo de problema. Em qual patologia será que Lara se encaixava?

E havia Mark, um homem aparentemente correto, bem estruturado, com os pés no chão, atraído pela chama, como muitos assim se deixam atrair por psicopatas… Pensar isso era precipitado, talvez não fosse psicopatia o que tinha Lara; difícil diagnosticar com poucas páginas, mas mente de psiquiatra não consegue ler sem cair nessa tentação. Talvez o relato nem fosse real.

Simone decidiu dar um descanso ao manuscrito. Estava cansada e iria continuar no dia seguinte. Pensou em tomar um vinho, no entanto álcool nesse horário perturbaria seu sono. Pegou uma garrafa de água mineral, abriu, serviu um copo, e então buscou um medicamento que tinha para dormir e o engoliu rapidamente. Bebeu a água e foi para a cama, adormecendo em poucos minutos. Sem sonhos naquela noite.

*****

Simone ainda dormia quando o telefone tocou às onze da manhã.

– Bom dia, Simone.

A voz enérgica de Carl a deixou um pouco atordoada.

– Bom dia, Carl, tudo bem?

Sentou-se na cama para diminuir a voz de sono e não deixar tão perceptível que ele a acordara. Ela sempre tivera culpas católicas por dormir até tarde.

– Tudo bem. Pronta para almoçar?

– Claro!

Na verdade, gostaria de um café com torradas.

– O que você gosta de comer? Comida japonesa, italiana, carne?

– Comida japonesa é uma boa opção.

“Sim, com café com leite para acompanhar”, pensou.

– Passo para buscá-la, ok?

– Ok, obrigada.

Simone saltou da cama, tomou um banho rápido e pensou: “Hoje não vou ser a doutora Simone. Deixarei o terno na mala, vou ficar sexy e, como dizia uma grande amiga minha, por favor, não aprecie meu cérebro, que inteligente eu sei que sou. Aprecie a minha bunda!”

Fez uma maquiagem leve, do tipo “sou bonita naturalmente”, vestiu um jeans justo e uma camisa branca com as mangas dobradas até a altura dos cotovelos, um cinto marrom bonito, salto alto e pronto: estava confiante e ainda sobrava meia hora para ler mais um pouco.

O Diário de Mark

Vous revoir

Que noite infernal! Dormi e acordei diversas vezes, sonhando com pessoas gemendo, luzes vermelhas que iam e vinham e música alta. Acordei cedo, calcei um tênis e fui correr para tentar tirar o resto do álcool do corpo e ordenar as ideias.

Um pensamento martelava na minha cabeça: eu precisava ver novamente aquela mulher! Esse pensamento brigava com o outro, que dizia: ela é tudo o que você não gosta em uma mulher, imprevisível, liberal demais, meio louca, uma criatura da noite… entre outras qualidades.

Mas o canto da sereia venceu a briga. Iria vê-la mais uma vez. Ok, Mark, última vez… me ordenei.

Cheguei em casa suado, mas revigorado, tomei um banho, peguei o celular e lembrei: ela não me deu o número. E agora? Peter! Tudo, menos o Peter! Ia ter que dizer a razão, explicar, e ele era um fofoqueiro profissional… Bem, enfrentar o Peter ou não ver a Lara?

– Alô, Peter?

– Oi – disse uma voz de sono. – Quem tem a audácia nessa hora da madrugada?

– Sou eu, Mark, e são dez horas, já é tarde.

– Já é tarde? Só se for para me dizer para fugir que há uma ordem de prisão contra mim. É madrugada, e é sábado!

– Desculpe. Fique tranquilo, sem ordens de prisão, seus impostos estão sob controle.

– Me alegro, mas já que meus impostos estão sob controle, onde é o incêndio? Hum, não precisa me dizer, amigo, dentro das calças, não é? Efeito pós-Lara – e começou a rir.

– Efeito pós-Lara?

– Sim, eu sei o efeito que ela causa nas pessoas. Quando eu for um gay adulto, quero ser como ela, irresistível.

– Você é um gay adulto. E não é nada disso. Ontem conversamos e ela me falou que é arquiteta e preciso realmente do telefone dela para umas mudanças no escritório.

Imediatamente pensei que não foi minha melhor desculpa…

– Ok, então posso voltar a dormir, porque não vai ligar para a mulher num sábado para falar de trabalho. Segunda lhe dou o telefone dela.

Bicha sacana! Que vontade de matá-lo!

– Não, se puder me dar hoje, agradeço. Que daí já marco com ela para segunda, é meio urgente.

– É… o escritório desabou e tem uma emergência arquitetônica lá… Seja humilde, queridinho, ajoelhe e diga: “Peter, seu gay lindo e sexy, me dá o telefone da Lara maravilhosa que quero comê-la hoje… Ah, comer com ela hoje.

– Peter, seu gayzinho filho da puta, me dá o telefone da Lara, porque senão aquela conta simbólica que lhe cobro por ser meu ex-cunhado vai virar um fatura verdadeira!

– Ai, essa doeu! Pessoa do mal! Mate ao menos a minha curiosidade, como foi ontem?

– Conversamos bastante, gostei dela, jantamos, e esqueci de pedir o telefone dela.

– Só? E quer que eu acredite que você já vai querer sair com ela de novo porque conversaram… Deve ser uma conversa muito boa, mesmo. Mas não convenceu, acho que pode subir a fatura e não vou dar o número, lá, lá, lá, lá.

– Peter, foi só isso mesmo, sou um cavalheiro e não iria atacar a mulher no primeiro encontro.

– Você eu sei que não… já a Lara…

Não gostei do que ele falou, parecia que o mundo conhecia os “hábitos” da mulher.

– A Lara o quê?

– Eu achei que ela fosse atacar você, porque desde que ela o viu na festa ficou louquinha, queria ser apresentada, e quando hesitei, ela foi lá e se apresentou. Achei que ela iria comê-lo lá mesmo.

– Verdade? Achei que você a tinha mandado para cima de mim.

– Não! Falei um pouco em você e ela nem deu bola, mas quando o viu… começou a babar.

– Legal, agora me dá o fone e pode voltar a dormir.

– Não ganho nem um beijinho por isso?

– Meu Deus! Nunca! Mas hoje, se eu tiver sorte, a Lara vai ganhar um.

– Mark, agora sério. Você e minha irmã não deram certo, não sei a razão, acho que eram muito jovens e parecidos. Mas você deveria relaxar de vez em quando. Tudo o que faz é trabalhar e levar a vida a sério. Talvez a loucura da Lara seja o que você precisa agora, vai ser uma boa distração.

– Tenho certeza de que ela não é o que eu preciso. Muito louca, mas sexy de matar, não é?

– Não é meu tipo, mas sexy ela é, sim, e também uma ótima pessoa. Não julgue a Lara pelas aparências, certo? Tem uma supermulher embaixo daquelas curvas. Eu não acho que ela seja do tipo para ter relacionamento sério, mas divirta-se, homem!

– Você a conhece bem?

– Sim, ficamos amigos faz muito tempo, depois ela virou minha arquiteta. Além de tudo, é muito profissional.

– Você não vale nada, Peter, sempre fazendo amigos e ganhando bons descontos.

– É a minha beleza que faz isso.

– Sim, com certeza. Vou ficar atento ao que me disse.

– Gosto de você, ex-cunhado, mas também da Lara. Acho que ela pode tirá-lo dessa vidinha que leva e pôr uma pitada de pimenta na sua vida. Não estou falando de casamento, mas de diversão. Ela é a pessoa certa para isso.

– Ok Peter, vamos ver… o número do telefone?

– Está bem, anote aí e não me ligue mais até poder me dar notícias picantes.

Fiquei uns quinze minutos com o telefone na mão pensando se deveria ligar ou não. O que teria a ganhar se começasse a me relacionar com uma pessoa assim? Sexo! De excelente qualidade, e eu não precisava me casar com ela, só transar com ela… Coragem, homem!

– Alô – disse uma voz infantil.

– Alô, aqui é o Mark, eu gostaria de falar com Lara, esse é o celular dela?

Ela disse que não era casada, mas esqueci de perguntar se tinha filhos…

– É sim, aqui é a Roberta.

Que bom, a criança se apresentou.

– Olá, Roberta, posso falar com a Lara?

– Pode!

– Tia – berrou. – Um homem no telefone quer falar com você!

Maravilha! Ela era apenas a tia da menina, que certamente teria futuro como soprano. Ai, meus tímpanos!

– Que homem? Que telefone? Roberta, você estava novamente brincando com meu celular? Vou falar com sua mãe, porque com você não adianta!

– Mas tia, o telefone tocou e você estava longe. Não lembro o nome dele, toma aqui.

– Alô, quem fala?

– Bom dia, Lara, aqui é o Mark.

E o que mais dizer? “Nós nos conhecemos ontem na casa do Peter e depois transamos feito loucos…”

Ela começou a rir e disse: – Ah, então esse é o seu nome…

Neste momento, duas crianças começaram a gritar ao fundo.

– Desculpe, Mark, minhas sobrinhas estão impossíveis hoje. É meu sábado de cuidar delas.

Quem será que deixava crianças na mão de uma maluca dessas? Bem, sem conhecer os pais é impossível saber o grau de sanidade. Interessante… a mulher tinha família, sobrinhas, um irmão ou uma irmã em algum lugar.

– Você vai cuidar delas o sábado todo?

Pensei: “Diz que não, diz que não”. Eu já estava excitado só de falar com a mulher! Pronto, voltei à adolescência, quando até a voz de uma mulher me deixava de pau duro.

– Não, vou jantar com você, você me convidou ontem e, além do mais… o Peter me ligou faz uns dez minutos.

Ela riu com gosto.

A bicha desgraçada já tinha começado a fofocar! Que vontade de estrangular o sujeito.

– E as crianças?

– Quer para você?

Ela riu de novo. Como é que alguém que foi dormir de madrugada escuta gritos de crianças e conseguia rir feliz assim logo cedo?

– Não levo jeito com crianças, elas não gostam de mim.

– Elas gostam de todo mundo. Você precisa comprá-las. Elas são as

criaturas mais venais que existem. Dê um chocolate e gostarão de você, uma caixa e juram amor eterno. Simples assim.

Sempre que eu pensava que a mulher não iria mais conseguir me chocar, ela conseguia.

– E você, o que preciso fazer para você gostar de mim?

Porra! Que coisa mais estúpida para dizer. Eu sou um homem prudente, capaz de escolher palavras, que estupidez foi essa agora?

– Me levar para jantar hoje para ver se você é um chato mesmo ou se consegue me provar o contrário… Talvez eu goste de você…

Simone – dias atuais

Carl chegou no horário previsto. “Ponto para ele”, pensou Simone. Pontualidade, ela apreciava isso em qualquer pessoa, mas quando acompanhada de um homem bonito, de jeans, camisa azul-clara e sapatos esportivos, era erótico.

– Doutora Simone – ele já a aguardava com a porta do passageiro aberta. Ela pensou em acrescentar na lista de requisitos para ser erótico: educado…

– Doutor Carl – retribuiu a formalidade, sem saber se era ou não apenas uma brincadeira.

– Avançou na leitura?

Pensando bem, refletiu ela, talvez o educado fosse retirado da lista. Onde estava o bom-dia? Como vai? Dormiu bem? Ficou decepcionada. Havia investido na produção do visual, para novamente estarem interessados no seu cérebro.

– Sim, terminei o texto que você me deu. Estou com muita vontade de ler mais.

– Isso é um sim?

“Sim pode me levar para a cama, para a cadeira, pode me levar para onde quiser”, pensou, mas não era esse sim que ele queria.

– Sim, vamos discutir os termos, mas vou trabalhar para você. A história me interessou bastante. É no mínimo intrigante.

Ao chegarem ao restaurante, moderno, impessoal, bem iluminado, com

alguns poucos motivos japoneses pelas paredes, escolheram uma mesa normal, perto de uma janela, para decepção de Simone, que adoraria ter se sentado numa das mesas baixas com almofadas que havia num dos lados da sala principal. O clima era comercial, definitivamente não era um encontro.

– Ok, tenho um projeto de contrato para você aqui e gostaria que desse uma olhada para delimitarmos responsabilidades.

Abriu a pasta e lhe entregou mais um envelope amarelo. Ah, os advogados e seus contratos! Para eles não existe palavra? Acordo?!

– Farei isso.

Nisso se aproximou da mesa sorrindo um homem bonito, de cabelos castanhos, olhos verdes, pele bronzeada pelo sol ou talvez por algum tipo de bronzeamento de boa qualidade. Era alto e muito bem vestido.

– Carl (exagerou no r), que saudades de você, meu amigo! Que bom vê-lo em bela companhia! – e estendeu a mão para Simone cordialmente, sorrindo.

– Sou o Peter, o amigo mais bonito e charmoso do Carl.

– Olá, Peter. Peter, esta é a doutora Simone Bennet. Simone, este é um grande amigo, Peter Hay.

– Boa tarde, Peter, prazer em conhecê-lo. Gostaria de se sentar conosco?

Nesse momento, chegou um outro homem, ainda mais bonito que Peter, loiro, de intensos olhos azuis, e beijou-o na boca, de leve.

– O prazer é todo meu, Simone, mas, como pode ver, meu lindo acompanhante chegou, quase tão lindo quanto eu, mas já notamos a diferença, não é?

– Sim, a diferença é que eu sou educado e ele é meio selvagem. Boa tarde a todos, sou o Charles.

As apresentações e piadinhas de Peter continuaram. Simone já não ouvia mais, o coração acelerado pela emoção de conhecer um dos personagens do livro, da narrativa na qual estava trabalhando. “Este deve ser Peter, o amigo gay de Mark. Se for assim, a história pode ser real.” Ela ainda tinha dúvidas. Acreditava que talvez fosse apenas um relato criado pelo assassino para se defender. Mas agora, com Peter na frente dela, não sabia o que pensar.

Os rapazes se despediram e eles voltaram a ficar a sós. Escolheram a comida e um *chardonnay*, e só então voltaram a falar.

– Esse é “o” Peter? O Peter do texto?

Falou mais excitada do que deveria, para quem pretendia cobrar bons

honorários.

Carl aparentou não notar.

– Sim, aquele é o Peter.

Carl passou a mão pelos cabelos, num gesto que ela já havia interpretado. Era o significado de que estava impaciente.

– Os personagens são reais…

– Sim, todo mundo ali existe ou existiu.

– Eu posso conversar com todos que já foram ou serão mencionados?

A curiosidade dela crescia a cada minuto.

– Penso que com um deles não será possível. Com os outros, se necessário…

Ela se sentiu um tanto idiota. Que pergunta estúpida, um dos personagens estava morto.

Ele manteve o tom profissional durante todo o almoço. Resolveram detalhes sobre como trabalhariam, valores, viagens, enfim, tudo acertado – menos o que a ela interessava: saber mais sobre o homem.

No fim do almoço, ele lhe deu mais um envelope, desta vez marrom, provavelmente com mais umas vinte páginas. Ele não iria lhe entregar o texto todo até ela assinar o maldito contrato…

Para o desapontamento dela, ele sugeriu levá-la ao hotel para continuar a análise do texto. Definitivamente o único interesse dele era na mente dela.

Quando chegou ao hotel, ela encontrou o quarto imaculado, como gostava, limpo e organizado. Ligou o ar-condicionado, tirou os sapatos, vestiu um moletom e uma camiseta, encheu um copo com suco de laranja enlatado do frigobar. Então sentou no sofá para ler o texto, pensando em tomar um banho mais tarde.

O Diário de Mark

Conversas amenas e pimenta

Combinamos de nos encontrar no restaurante – ideia dela – e depois eu a levaria para casa, algo a ver com praticidade, segundo ela.

Ela escolheu um restaurante tailandês que fica numa casa antiga no Soho. Ao entrar, o ambiente extremamente acolhedor logo seduz: pouca iluminação, mesas baixas, motivos orientais de algum país asiático que não consegui identificar. Os garçons, quase todos orientais, faziam o melhor possível para deixar os clientes confortáveis.

Fomos encaminhados a uma mesa quase da altura do chão, onde nos sentamos em almofadas. Escolhemos os pratos. Sempre parecendo um tufão, ela sentou-se, se acomodou e sugeriu pratos do cardápio, tudo ao mesmo tempo. Mexia com as mãos o tempo todo para explicar – mãos delicadas, mas firmes –, com muito uso do indicador.

– Mark, o que você quer para sua vida?

"E de onde veio essa pergunta filosófica, agora? Que forma inesperada de quebrar o gelo de um quase primeiro encontro!"

– Em quantas palavras?

– Rapidamente.

– Dinheiro, saúde, conhecimento, paz, viajar por aí – eu quero ser feliz.

Pronto, achei minha resposta bonita, mostrei ambição, preocupação com qualidade de vida, cultura, pensei que ela iria gostar.

– Hum… só isso?

Eu uso todo o repertório do meu manual de sedução e escuto um "hum"? "Hum" quer dizer bom? Ruim? Não era o que eu esperava.

– O que quer dizer "hum"? – perguntei.

– "Hum" é "hum", eu esperava uma resposta assim de você. Você vende essa ideia mesmo, bem capricórnio, exceto pelas viagens… Isso deve ser a lua num signo mais aventureiro.

– O que você quer dizer com "bem capricórnio"?

A moça esquecera que estava falando com um leigo total no assunto.

– Capricórnio é ambicioso, sábio, longevo, é o signo que vive mais intensamente no zodíaco! – explicou, com uma seriedade que parecia eu explicando aos meus alunos algo como um fato gerador de tributos.

– Capricórnio é também gostoso, animado e boa companhia? – de repente

eu parecia um adolescente, precisando que ela visse alguma graça em mim.

– Depende da sabedoria que ele adquiriu…

A espertinha era vaga e ia me deixar pendurado com a resposta, mas retomou: – Agora, se você está perguntando se você é gostoso, gostei de transar com você ontem. Acho que podemos fazer melhor, foi uma primeira vez e sei que tem bem mais aí.

E apontou o dedinho para mim que, naturalmente, engasguei com o uísque.

– Obrigado… – sentime o perfeito pateta agradecendo o elogio.

– Não foi um elogio. Eu disse que pode melhorar. Não acredito em sexo bom na primeira transa… Não existe isso, ninguém sabe bem do que o outro gosta.

– E por que então o Atrás da Porta?

– Por isso… Na primeira vez fica todo mundo sem saber onde pôr a mão.

Abanou então as duas mãozinhas na minha frente.

– Ali a adrenalina é louca, o tesão é maluco, e a transa flui melhor. Quando você teve uma primeira transa daquele jeito?

Pensei em responder “toda vez que transo”, mas algo no olhar dela me desnudava.

– Ok, entendi, poucas vezes. Mas você não tem medo do que as pessoas possam pensar sobre você?

Ela fez um ar de “não estou nem aí para o que pensam de mim”, deu um suspiro e disse: – O que vão pensar? Que eu gosto de sexo? Melhor que saibam logo, não é? Me cansei de gente que se faz de rogada, fica prometendo e não entrega. Então, é bom que saibam logo onde estão pisando. Não consegue engolir? Não põe na boca.

– É uma filosofia interessante, a sua. Meio assustadora. Um monte de gente deve sair correndo.

– Sim, sai, a maioria. Os homens têm mania de se achar grandes amantes, mas não resistem a um *test drive*. Eles têm medo, têm pressa, não sabem o que querem, mas alguns ficam – o seu caso, por exemplo. Está aqui, jantando para ser polido e louco por mais.

E riu, enquanto eu fiquei vermelho e não consegui nem articular uma desculpa.

– Está óbvio? – enfim consegui dizer.

– Que você quer mais? Sim, fácil de ver, mas pode ficar tranquilo, eu também quero.

Para minha sorte, os pratos chegaram. Eu me sentia um moleque pego roubando bala no supermercado. Envergonhado, fiquei preocupado que o garçom tivesse ouvido, mas me lembrei que ele mal falava inglês.

– Você é bem direta, não?

– Sou, meu amigo. Já vi tanta coisa nesta minha curta vida, já me deformei para agradar, já fui marionete treinada e, no final, não era para mim… Daí, um dia, resolvi parar.

Quando ela falou isso, vi uma dor escondida nos seus olhos, incompatível com uma mulher tão bonita e tão jovem. Quem a teria magoado para que decidisse proceder dessa forma?

– Sei como é… Como fazer apneia. O que é gostoso no começo dos relacionamentos não dura porque não é real. Você decidiu ser real desde sempre.

– Apneia?

Enfim disse algo que a surpreendeu!

– Sim, gosto de mergulhar, e quando o mergulho às vezes é sem tanques, segurando a respiração, se chama apneia e tem um limite para aguentar… Penso que em início de relacionamento as pessoas fazem apneia. Daí, quando não conseguem mais segurar o ar… voltam a ser quem são e os relacionamentos terminam.

– Adorei essa descrição.

Agora eu queria gritar de alegria: acertei o alvo!

– Ei, você mergulha? Sou louca para aprender, é bom?

Parecia que tinha uns cinco anos a menina, interessada em novidades, e mudou completamente de assunto.

– Mergulhar para mim é a maior sensação de liberdade que existe.

Lembrei da sensação boa de estar embaixo d’água, do silêncio, daquela imensidão azul. O sentimento de que o mundo parou me deu alegria, acho que sorri.

– Isso faz você feliz, não é?

– Faz sim, é uma das coisas que gosto realmente de fazer.

– Como é?

Que maravilha! Eu iria ensinar algo para a moça, me senti macho de novo.

– Quando você mergulha, tem sempre um companheiro, porque não é seguro mergulhar só. Apesar disso, logo que vai para debaixo d'água, parece que está só, flutuando numa imensa piscina, onde os olhos não alcançam a borda. Os sons são poucos, só as bolhas de ar do seu próprio tanque que sobem. Algumas vezes alguém bate o tanque em algum lado, mas, no geral, é um imenso silêncio. Você não vê paredes, se sente livre. Talvez seja como um astronauta no espaço, mas com o toque molhado da água que aconchega.

– Nossa, você deve ter um peixes em algum lugar.

Lá estava ela novamente com o horóscopo.

– Você guia muito sua vida por horóscopo?

– Há uma enorme diferença entre horóscopo e astrologia… Não consulto horóscopo nunca. Estudo astrologia, uma ciência, que era ensinada nas escolas na França, sabia?

– Sério? E eu achei que era coisa de jornal para preencher espaço.

– Também – e riu. – Mas, feita com seriedade, é ciência pura, matemática.

E começou a me explicar alguns princípios. Fiquei interessado no assunto, me pareceu que realmente o que ela dizia poderia ter algum fundamento cientifico… algum…

– Quero lhe devolver a pergunta, Lara: o que a faz feliz?

Ela fez um gesto ao redor, mostrando o ambiente, e disse: – Isso me faz feliz: um bom vinho, um bom jantar, boa companhia, uma surpresa, experimentar algo novo, sexo bom… Não preciso de muita coisa.

– E o que pretende para a sua vida? – a pressionei.

– A curto prazo: paz!

– Paz? Tipo paz mundial?

Candidata a Miss América, a moça?

– Não! Paz em minha vida.

– Defina essa paz para mim, por favor.

– Comandar minha vida no meu ritmo, não ter que prestar contas dos meus movimentos, respeitar minhas necessidades.

Fácil entender por que era solteira. Essa descrição é a antítese do casamento, dos que eu tive, ao menos. Novamente senti que havia dor atrás das suas palavras. Alguma coisa havia levado essa mulher a pensar assim,

algo dolorido.

– Por isso é solteira?

Ela não respondeu diretamente à pergunta.

– Sinceramente, acho que casamento e convívio são o túmulo do amor, mas hoje você falou algo interessante: nunca tinha pensando que talvez o túmulo do amor seja a tal apneia que quase todos fazem.

Eu me sentia orgulhoso de que ela tivesse entendido algo da vida por meio da minha explicação.

– Você nunca fez apneia por ninguém?

– Sim, claro, umas vezes. Comecei minha vida fazendo apneia, bancando bichinho de estimação, daí vi que o melhor era mostrar logo quem sou para não enlouquecer com as expectativas dos outros. Mas aí também descobri que as pessoas não querem quem você é. Enxergam, observam e ficam com o pensamento: vou mudá-la!

– Exatamente isso!

Lembrei-me de minhas ex-mulheres e de suas exigências de mudanças pelo relacionamento. A frase “precisamos discutir a relação” me dava arrepios só de pensar.

– E entendi que ninguém muda por ninguém. Só mudamos quando é importante para nós mesmos. Então, não adianta comprar banana e querer comer maçã. Banana é banana, ou você aceita ou vai para outra frutaria.

O jantar transcorreu bem, a companhia dela era agradável, falávamos de tudo, de viagens, de vida, de profissão. Fui me surpreendendo com a profundidade que ela tinha, apesar da aparência, pela compreensão de vida. Dei um silencioso crédito para o Peter por ter me aconselhado a não julgar esse livro pela capa. Quando vi, já haviam transcorrido três horas em que me descontraí, ri muito e me senti feliz, como fazia tempo não me sentia.

Saímos do restaurante alegres pelas bebidas, mas também pela companhia. Eu iria levá-la para casa e estava contente com isso. Saber onde encontrar essa mulher me parecia uma informação preciosa. E eu iria dirigir, mesmo após ter bebido – isso era uma novidade!

Abri a porta para ela, ajudei-a a se acomodar e fui além, penso que devido ao álcool, porque não tenho hábitos tão diretos. Fui ajudá-la a prender o cinto de segurança e a beijei. Aquela mulher me atraía de uma forma incrível! Quando o beijo terminou e fui me acomodar atrás do volante, minhas pernas estavam moles e o resto, duro.

Pus o carro em movimento, saí do estacionamento e ficamos calados por umas três quadras. Então ela começou a acariciar o meu pescoço com as unhas longas e passou a mão por debaixo do cinto em direção ao meu zíper.

– Lara… vamos a algum lugar?

– Já estamos em um, relaxa…

Ela desabotoou minha calça, deslizou o zíper e agarrou meu membro, que estava duro já fazia algum tempo.

– Quero fazer algo com você…

Ela então desabotoou o próprio cinto de segurança e me tomou na boca quente; quase me deixou louco.

– Vou parar no acostamento!

Comecei a diminuir a velocidade. Ela retirou a boca e disse para eu apenas reduzir, mas não parar. Louca!

Continuou me chupando, acariciando, parou um pouco, desprendeu meu cinto, colocou uma camisinha retirada não sei de onde – sinceramente, acho que ela tirava camisinhas da orelha em outra encarnação –, ergueu a saia, estava sem calcinha e começou a se acomodar sobre mim, passando as pernas e se encaixando de forma a ficar de costas para o volante.

– Não se atreva a parar esse carro, Mark, relaxa, sinta a adrenalina, apenas não feche os olhos.

Sentir a adrenalina ou relaxar? Estava com a adrenalina correndo pelo meu corpo. Não fechar os olhos? Quase impossível. Seja o que Deus ou o diabo quiserem.

Ela se movia lentamente, e eu tentava prestar atenção na estrada. Já estava com a velocidade bem reduzida. Sentia tudo e ainda permanecia de olhos abertos. Ela começou a intensificar o movimento e gozou. Sorte, porque meio minuto depois eu fui atrás. Nessa hora, fechei os olhos e freei… o carro… Não tinha como frear mais nada, gozei até me sentir vazio. O cheiro dela no meu nariz, o cheiro de sexo no carro.

– Bom um pouco de pimenta na vida às vezes, não? – disse a menina após recuperarmos o fôlego. Me deu um beijo, desencaixou, tirou a camisinha, deu um nó, colocou no porta-luvas e se acomodou no assento na velocidade de um segundo.

– Bom… Louco, você me deixa louco.

Eu tinha perdido toda minha capacidade de discurso, minha eloquência de advogado tinha ido para a lua com passagem só de ida. Eu estava entregue,

tonto.

– Você é gostoso, me deu vontade. Você é tão sério que me dá vontade permanente de tirá-lo do rumo, de fazê-lo sair da casinha.

– Você é fora da casinha! E se sofrêssemos um acidente? – levei a mão à cabeça em sinal de insanidade.

– Primeiro, temos um advogado presente para nos tirar de encrenca; segundo, já ouviu falar em acidentes fatais a vinte quilômetros por hora? – ela me despertava sensações indescritíveis: tesão, em primeiro lugar; tesão, também em segundo; e, em terceiro, apreensão, medo, vontade de torcer o pescoço, tudo junto.

– Me leva para casa agora, bonitinho? Estamos no caminho contrário…

Eu nem me lembrara de perguntar para que lado ela morava.

Capítulo Cinco



Simone analisou a relação de Mark e Lara, certamente inusitada. Aparentemente ele entrou na relação movido pelo desejo. Ainda não era possível entender o que Lara queria, parecia que ambos estavam jogando o mesmo jogo, o da mútua atração. Simone podia perceber o interesse crescente de Mark, mas quanto a Lara, havia certa indiferença no comportamento dela. Mark era atraído, e Lara parecia estar no controle.

Impossível não imaginar o que viria na sequência: sexo quente e espontâneo. O lado psiquiatra de Simone não podia deixar de tentar encaixar os sintomas: tudo a levava a crer que se tratava de uma relação patológica, em que um dos integrantes é altamente sedutor, destemido, inovador, e o outro, a vítima, pessoa sensível e correta, apesar de suscetível aos excessos do outro. Até onde era esse o caso? Ela teria de se aprofundar mais no texto e na relação dos dois.

Sua mente fervilhava. Parecia-lhe fácil entender a razão pela qual Carl acreditava na inocência de Mark. Ela também acreditaria lendo o texto, mas até onde aquilo era a verdade? Parecia muito exato, muito profundo, mas alguns escritores são assim, pensou. Conseguem imaginar a ponto de fazer o leitor ter certeza da veracidade da história – mas e se for só imaginação? Um teatro destinado ao veredito da absolvição? A consciência de Simone estava intranquila, pois estava em suas mãos o suporte de que a defesa precisava para absolver um… inocente ou culpado?

Chega de Lara! Decidiu que leria o contrato que Carl lhe entregara. Devia ter umas quinze páginas. “Será que ele já pensara em se candidatar a redator de lista telefônica? Por que os advogados escrevem tanto? Será que é para justificar seus honorários ou para exercitar uma veia frustrada de escritor?” – refletiu. Esse contrato não era diferente – cláusulas infinitas. “Por que ele queria uma cláusula de confidencialidade?” Ela era psiquiatra, tinha o dever de manter seu trabalho confidencial, não precisava colocar isso no papel. Se violasse esse dever, perderia sua licença. Mas tudo bem, se Carl queria isso em um contrato, iria dar-lhe isso.

O contrato a cansou. Precisava falar com seu sócio, Edward, antes de assiná-lo. Edward fora seu colega na faculdade de medicina, ficaram amigos desde o início e sempre desenvolveram trabalhos lado a lado. Depois vieram

os plantões intermináveis em vários hospitais, por fim decidiram, após a formatura, abrir um consultório juntos, pois ambos optaram pela psiquiatria. A sociedade deles era muito bem-sucedida. Sempre se ajudavam e dependiam um do outro.

Auxiliaram-se mutuamente e suportaram um ao outro nas dificuldades do início. Revezavam-se para se ajudar quando um precisava estudar, mas nunca faziam nada profissionalmente sem consultar o outro. Não poderia assinar um contrato comprometendo-se a ficar fora da clínica sem ao menos ouvir o que ele pensava.

Simone pegou o celular e ligou para Edward: – Alô, boa tarde, Edward.

– Oi, Simmie, tudo bem? Por onde anda?

– Ainda em Nova York. Estou bem, desculpe-me por ligar sábado à tarde, mas recebi uma proposta inusitada para ajudar um escritório de advocacia na defesa de um cliente.

– Mudou de profissão? Vai me abandonar?

– Hahaha, sem graça. Eles estão com um caso complicado de morte por hipoxifilia e querem minha ajuda no aspecto psicológico. O que você acha? Devo aceitar? Vou ter que fazer algumas viagens, não muitas, mas vou tentar concentrá-las em finais de semana quando for necessário.

– Se acha que isso vai ser bom para você, sabe que pode contar comigo para o que for. Somos parceiros. E a pesquisa, desistiu? – perguntou em tom preocupado.

– Não, claro que não, é minha prioridade. Estou levando em conta a pesquisa o tempo todo. Como estamos indo?

Simone vinha desenvolvendo pesquisas para seu novo livro, que abordaria fantasias sexuais de casais.

Edward sugeriu que fizessem uma pesquisa de campo por meio da internet. Eles abriram uma conta falsa de e-mail e se inscreveram num site de relacionamentos, anunciando ser um casal que desejava encontrar um namorado. Dezenas de e-mails foram recebidos. Eles decidiram selecionar alguns e, como um casal, encontrar pessoas para entender quem se apresenta nesse tipo de encontro, ou que tipo de pessoas tem essas fantasias. Edward e Simone também queriam separar os participantes em potencial que de fato desejavam realizar a fantasia daqueles que meramente fantasiavam.

– Temos diversos “pretendentes”, mas estou aguardando você para respondermos. As propostas são irrecusáveis – ele riu.

– Alguma que valha a pena?

– Sim, há uma ou duas, no meio de umas duzentas, com as quais podemos marcar um encontro. Estou me divertindo com os pretendentes. Quanto mais conheço os seres humanos, mais concluo que não existe normalidade, bom senso ou equilíbrio. A pesquisa está sendo boa também para mim.

– Obrigada, Edward, por tudo, sempre. Você sabe que eu te amo?

Eles sempre se diziam isso e era uma grande verdade; talvez o maior amor que se possa ter na vida é pelos amigos – o mais desprendido, o menos egoísta, e os dois sempre seriam os melhores amigos. Essa era uma das poucas certezas que Simone tinha na vida.

– De nada, minha senhora. Divirta-se e relaxe um pouco.

– Vou tentar. E você? Nenhum romance na agenda?

– Bem que eu queria! Vou pegar o Noah para irmos ao cinema e provavelmente terei que enfrentar mais uma sessão de tortura com a Beth.

Noah era o filho que Edward tivera com sua ex-mulher, Beth, ou melhor, que Beth tivera com ele, uma vez que ela engravidou de propósito, como fazem tantas mulheres tolas quando se deparam com a iminência do término de um relacionamento fracassado. Pensam que provocam o adiamento do fim inevitável. O divórcio fora um inferno para Edward, cheio de chantagens e gritos infindáveis, mas agora já haviam se passado alguns anos do epicentro da tempestade e os tempos estavam mais calmos. Beth, no entanto, de classe social muito inferior à de Edward, não tinha pudores em fazer cenas desagradáveis a cada mudança de estação mental pela qual passava com frequência.

– A Beth nunca muda. Você não se cansa do teatro dela?

– Cansar? Eu poderia matá-la com minhas próprias mãos se não fosse terminar meus dias na cadeia.

– Resista, Bruce, resista.

Simone citou o desenho animado “Procurando Nemo”, a que haviam assistido alguns anos atrás com seus respectivos filhos, Noah e Tamara, no qual um tubarão frequenta um grupo de ajuda para não mais comer carne. E ambos riram.

– Resistirei, minha amiga. Volte logo, estou com saudades.

– Também estou, volto na segunda.

– Um beijo, vejo você segunda.

– Beijos, meu amigo.

Simone desligou o telefone ainda sorrindo.

Ok, pensou. Sem empecilhos para o contrato, pegou a caneta na bolsa e assinou-o. Pronto, refletiu, a sorte está lançada.

Ela ainda não sabia se a história de Mark era verdadeira ou falsa. Sua curiosidade só aumentava, só não era maior do que a vontade que tinha de conhecer Carl melhor. Ela não sabia se ele despertara nela apenas o lado "mulher atraída por homem bonito" ou o lado psiquiatra, querendo desvendar uma personalidade.

"A quem você está tentando enganar", disse a si mesma. Queria agarrar o homem e fazer com ele o que Lara havia feito com Mark. Ela e Lara empatavam em fantasias, em se mexer para realizá-las, Lara estava ganhando por um a zero.

Simone concluiu que era hora de ir visitar seu próprio psiquiatra, uma vez que começara a fazer disputas mentais com uma mulher morta. Ela até sabia o que o bom e velho Dr. Edgar lhe diria: "Ponha suas fantasias em prática ou pratique algo sem fantasiar, mas pratique. Você está muito envolvida em seu trabalho e faminta por afeto".

Um a zero para o Dr. Edgar também, mas Simone precisava voltar ao trabalho… de leitura do texto.

Pediu ao serviço de quarto para lhe enviar um café com leite e um sanduíche de *pastrami*. Quando o pedido chegou, comeu rapidamente, sentou-se no sofá, pôs os pés sobre a mesa de centro, colocou os óculos de leitura no nariz e começou a ler.

O Diário de Mark

Receita médica

Deixei Lara em casa, num prédio moderno e iluminado, feito de aço e vidro. Ela não me convidou para entrar. Não sei se eu gostaria disso, ainda estava um pouco abalado com tudo o que acontecera nos últimos dias e querendo me afastar. Algo em mim gritava: perigo.

– Obrigada pela carona, Mark.

Ela me deu um beijo no rosto e saiu do carro. Que inferno! A mulher transou comigo igual a uma louca, me beijou no rosto e saiu do carro! Quase lhe perguntei se iria me ligar. Acho que estou invertendo os papéis. Eu sou o

homem dessa relação, não uma menina insegura e carente!

– De nada, Lara, durma bem.

– Você também!

Ela não disse mais nada, virou-se e entrou. Fui para casa com uma sensação estranha. Precisava falar com alguém. Fiquei revendo mentalmente meus amigos. Falar com Augie? Ia me mandar continuar comendo a moça e ainda ia pedir o telefone dela, acrescentando que ela seria muita coisa para um homem só dar conta. Então compreendi que só tinha uma pessoa capaz de me dar uma opinião "feminina" para eu entender o que estava ocorrendo.

Peguei meu telefone, sincronizei o *hands-free* do carro, encontrei o número do Peter e telefonei para ele. Peter provavelmente mantém o telefone pendurado no pescoço, porque atendeu imediatamente.

– Alô! – respondeu, como se estivesse dormindo – de novo? Eu começava a pensar que ele estava sempre hibernando ou que minha inconveniência era patológica.

– Alô, Peter, acordei você de novo?

– Não, estava aqui deitado, assistindo ao *Poderoso Chefão*, como um inútil, sem programa, sem amigo, sem amor, sem nada para fazer.

"Bicha trágica", pensei.

– Então, eu queria falar com você sobre algo.

– Sabe que horas são? São duas da manhã! As crianças devem estar dormindo a essa hora.

– Desculpe, Peter, achei que fosse horário de você ainda estar na rua. Está sempre por aí, voando, até o sol nascer.

– Estou falando de você. Você dorme cedo. O que está fazendo acordado a essa hora, e ainda por cima carente de amigos? Descobriu finalmente que é gay?

– Não vi a hora, me perdi no horário, estava fazendo umas coisas e não vi que era tão tarde.

– Fazendo coisas com quem? E, pelo jeito, boas… para quem dorme às onze estar acordado de madrugada… Posso adivinhar? Começa com La, termina com ra? – e riu.

– Sim, era ela. Quero falar com você, mas não por telefone. Prefiro ao vivo e a cores. Podemos fazer alguma coisa amanhã?

– Não dá, amanhã é domingo, vou para a *stock cars*! Já estou em

Charlotte.

– *Stock cars*? Você não gosta disso!

– Eu odeio! Aquele ruído horrível, aqueles carros correndo… mas o médico me recomendou um homem bonito, de preferência rico, que ame esportes, então pensei: onde aviar a receita? Na *stock cars* está cheio de homens assim! Pronto, vou seguir as recomendações médicas.

– Peter, os fãs de *stock cars* são homens. O que o "médico" lhe recomendou não foi bem isso.

– Ah, é o que você pensa. Gay que é gay se mistura na multidão e sempre de olhos abertos. Vinte por cento da população mundial é gay, cem por cento por aqui são homens… Então, vinte por cento dos fãs de *stock cars* podem ser gays! Vou ter sorte e segunda estarei disponível. Que tal almoçarmos?

– De onde você tirou esses vinte por cento?

– Conhecimento empírico, é só olhar por aí.

– Certo… vinte por cento? Bastante, hein? Ok, podemos jantar. Almoço não consigo, estou com um advogado novo, recém-formado. Tenho que dar uma supervisionada, ele é bem esperto, mas sabe como é…

– É bonito?

– Sei lá se é bonito, Peter, acho que sim, a mulherada do escritório começou a usar mais perfume depois que ele entrou.

– Então eu vou ao escritório. Quem sabe avio por lá minha receita. Esse parece ser o que o médico recomendou!

– Não, você não pode aparecer no escritório. Além do mais ele é um advogado iniciante e quebrado, não atende aos seus requisitos. Vamos jantar e você pode escolher o lugar, mas por favor escolha um não muito gay, porque eu e você e uma vela na mesa, isso vai acabar com a minha imagem.

– Acabar com sua imagem? Eu sou lindo, todos os homens dizem isso, e as mulheres vivem tentando me recuperar para a sociedade. Vão dizer que você tem um enorme bom gosto!

– Você é sem noção, mesmo. Até segunda, Peter.

– Espere aí! Eu vou ficar até segunda sem saber o que houve entre vocês? Vou ligar pra Lara…

– Por favor, Peter!

– Por favor sim ou por favor não?

“Bicha dos infernos!”, pensei.

– Por favor não!

– Vou considerar esse pedido se você me contar tudo antes que eu volte a assistir ao *Poderoso Chefão* aqui. Você já me fez perder um bom pedaço do filme!

– Eu não entendo por que alguém tão gay como você é tão viciado no *Poderoso Chefão*. Isso é muito macho para o seu gosto.

Pelo que eu sabia, ele já havia visto umas trinta vezes toda a trilogia.

– Eu sou apaixonado pelo Corleone Jr. Quando vejo o filme, imagino um homem daqueles na minha vida.

– Peter, às vezes você me impressiona com o quão gay é! Não consegue ser um pouco mais homem, não? E o Corleone Jr. é Michael.

– Eu também amo você, boa noite.

– Boa noite, meu irmão.

Dei graças a Deus mentalmente por ele ter esquecido do tema Lara. Peter era irritante, mas na verdade, apesar de adorar implicar com ele por ser gay, meu ex-cunhado era o mais próximo que eu tinha de um irmão ou… irmã.

Capítulo Seis 

No domingo de manhã Simone acordou descansada. Depois de uma excelente noite de sono, ficou na cama um tempo, então se levantou, tirou a camisola azul-clara que estava usando, foi para o banheiro e tomou uma ducha. Depois de completar sua higiene matinal, encomendou o café da manhã. Estava faminta.

Pediu quase tudo o que viu no menu. Ela adorava ter tempo para um farto café da manhã nos domingos. Comeu calmamente, saboreando o fato de ser domingo, sem pressões, sem agendas, mas então se lembrou de que precisava ligar para Carl e informá-lo do contrato.

– Carl, bom dia. O contrato está assinado, você quer vir buscar?

Subitamente se sentiu mal-educada, nem perguntou como ele estava. Talvez o comportamento dele estivesse afetando o dela.

– Bom dia, Simone, estou feliz por ter decidido me ajudar. Quero lhe entregar mais uma parte da história.

"E quer me ver antes de viajar, certo?" – ela pensou.

– Que hora você parte?

– Eu quero ir para New Haven cedo, por volta das seis da tarde. O tráfego é inacreditável aos domingos. Que hora você virá?

– Estarei aí às quatro. Gostaria de levá-la para tomar um café, assim poderemos conversar um pouco mais.

– Obrigada, Carl, parece boa ideia.

Simone sorriu para si mesma, desligou o telefone e decidiu vestir-se. Escolheu um jeans e uma camisa branca, seu uniforme "casual", mas deixou para se maquiar depois. Tinha bastante tempo para fazer isso mais tarde.

Com o tempo que restava, resolveu começar a ler alguns dos e-mails que recebera em sua pesquisa. Colocou o MacBook, sobre uma mesinha perto da janela, sentou-se, conectou-se à internet e abriu a falsa conta de e-mail que ela e Edward criaram, a clairpaul@himail.com.

Eles haviam se inscrito em alguns sites de relacionamentos. Um se chamava livelife.com e o outro myidealcase.net. Postaram um anúncio destinado a homens: "Olá, somos um casal, ela trinta e cinco, eu trinta e seis

(não era verdade, tanto ela como Edward tinham quarenta e dois anos, mas acreditaram ser mais “vendáveis” essas idades) e queremos um namorado! Claire adora ter sexo com outros homens e eu gosto muito de assistir e às vezes de participar. Não podemos nos expor. Discrição é fundamental, segurança também. Não queremos nenhum tipo de relacionamento financeiro. Escreva para nós, mande uma foto e poderemos marcar um encontro. Beijos, Claire e Paul.”

Simone começou a ler as mensagens e a responder às mais promissoras, com cópia oculta para Edward: Lusicouslover escreveu: “Olá!!! Vcs já fizeram isso antes? moram onde?”

Impressionante, o sujeito é convidado para ser amante de um casal e a preocupação dele é com o endereço? Só podia ser assaltante, pensou! Descartou de pronto.

Loverboy escreveu: “Olá, princesa, bom dia, tudo bem? Gostaria muito de te conhecer melhor, sou um homem bem cheiroso, bonito e bem dotado, adoro sexo seguro e gostoso, moro sozinho, me liga, bjss”.

Esse provocou-lhe vontade de rir; no afã de sexo gratuito, esqueceu-se do “marido” e quer encontrar somente a “princesa”; e a linguagem…

Paul escreveu: “Que bom, temos o mesmo nome, seguem fotos”.

Ao abrir as imagens, Simone chocou-se. Grotesco! Havia apenas fotos do membro do sujeito em vários estados de ereção ou na ausência de, e apenas isso, sem rosto, sem nada. Sem espelho, diria ela; o pênis dele era torto e lá estava ele expondo-o *online*. Sua veia de psiquiatra lhe dizia que esse era demente.

Marriedman escreveu: “Olá. Então… eu sou casado […] tenho trinta e dois anos… e realmente teria que ser algo bem discreto. Estou sem fotos de corpo inteiro… estou mandando uma foto comum. O que realmente vocês estão procurando? Onde moram? O que pretendem desse ‘namoro’, qual a profissão de vocês? Eu trabalho para o governo, discrição para mim é fundamental”.

Segundo os padrões que Simone e Edward adotaram, esse receberia uma resposta: “Olá, *marriedman*, que bom que discrição é importante para você; para nós também. Queremos realmente um namorado, alguém para sexo a três, sem pudores. Gostamos de tudo entre quatro paredes. Moramos… depois falamos esses detalhes. Somos da área jurídica”.

Dependendo do que esse respondesse, poderiam pensar na fase dois da pesquisa: conversas pela internet, por meio de *chat*, sem imagem. A fase três consistiria num encontro entre o potencial candidato e Edward; e a fase

quatro, num segundo encontro, incluindo Simone. Depois haveria o descarte.

Alwaysdiscreet escreveu: “Boa noite Paul tudo bem eu tambem nao gosto de espor, sou legal e cigiloso nao sou como outro home sou diferente, educado gosto muito de sexo e de amizade também ja tivi varia tipo de relaçao, tudo seguro vc pode ficar traquilo”.

O sujeito havia anexado uma foto nu, de corpo inteiro! Ela ficou admirada da coragem. Certas pessoas realmente não tinham a menor inibição. Ficou analisando o texto e concluiu que o sujeito era no máximo um exibicionista e um assassino da gramática, mas definitivamente corajoso. Decidiu responder em honra ao mérito: “Caro Discreto, você tem um nome? Que tipos de experiência já teve? Qual a sua idade? Pode me explicar em que é diferente dos outros homens? Quando você diz que viveu vários tipos de relações, o que quer dizer com isso? O que envolviam essas relações? Afeto, só sexo?”

Popipopi escreveu: “Oi, Claire e Paul, espero que gostem das fotos, mas não sou tão fotogênico assim, rsrsrsr. Como viram sou moreno 1,83m de altura tenho vinte e oito anos de idade moro só gosto de ir à academia não para malhar mas para correr fazer *speed* entre outros exercícios aeróbicos pois gosto de manter meu VIGOR SEXUAL. Imagino que pelo título vocês já estejam há algum tempo procurando uma pessoa condizente com o que os satisfaz. Não sou uma pessoa que gosta de falar de mim mesmo prefiro usar a modéstia para me descrever. Sou adepto das aventuras contudo não são frequentes. Conheci por intermédio de uma namorada que tive que era viciada em aventuras sexuais no início confesso que foi estranho mas criei gosto e praticávamos sempre que oportuno. Como vocês prezo a discrição tenho um trabalho importante ao qual a imagem que apresento é um fator crucial. Não me entendam mal pois gosto dessas aventuras só não me sinto confortável para deixar os familiares e amigos do ambiente corporativo saberem”.

Com foto e sem vírgulas, bastante interessante esse. Já teve experiências com uma parceira “viciada”. Simone decidiu responder: – Olá… você tem um nome? Poderíamos marcar um encontro em um local público? Eu, você e o Paul? Gostamos do seu perfil, discrição para nós também é fundamental, e saber que você tem experiência é muito bom. Amadores são horríveis em qualquer área. Rsssss. Nesta ainda é pior. Quando estiver disponível, podemos marcar um local para nos encontrarmos, ok? Qual é a sua profissão?

Havia um correspondente com o qual já trocara algumas mensagens, estava na hora progredir para a fase dois com ele. Conversaria por *chat* na internet.

Allyoucaneat escreveu: “Olá para meu casal favorito, o que vocês acham de marcarmos algum tipo de encontro para nos conhecermos melhor? Penso

que já trocamos todas as informações de que necessitávamos por e-mail, gostaria de dar início a um aprofundamento da nossa relação ou estaremos velhos e carecas antes de realizarmos nossas fantasias”.

O tempo passou bem rápido, no final Simone se divertiu bastante com as mensagens. Ela gostava desse tipo de pesquisa. Marcou um encontro com *All you can eat* em um *chat* no sábado seguinte à tarde. Ela estaria em casa e seria mais tranquilo.

Após responder os e-mails, Simone fez a mala e se preparou para viajar. Carl chegou às quatro horas, conforme marcado. O cabelo escuro dele estava úmido, como se tivesse acabado de tomar banho. Ele usava jeans e camisa polo negra, ambos justos o suficiente para que ela pudesse admirar o corpo musculoso dele…

Foram até um pequeno café perto do hotel. Simone entregou a Carl o contrato assinado, eles discutiram alguns aspectos práticos do trabalho e definiram datas – nada pessoal, apenas trabalho.

Carl estava obviamente com pressa. Deu umas desculpas e partiu meia hora após ter chegado. Simone voltou ao hotel, fez o *checkout* e partiu para casa.

Capítulo Sete



Após retornar de Nova York, Simone teve uma semana superocupada, pacientes indo e vindo, aulas, pesquisa para o novo livro… Mal notou os dias passarem e, de repente, já era sexta-feira.

Aquela sexta-feira úmida e cinzenta anunciava o final de verão. Tudo o que Simone mais desejava era ir para casa, encher a banheira e tomar uma taça de vinho, mas estava ainda no consultório e havia mais um paciente para atender. Como era paciente novo, tomaria bastante do seu tempo e já aguardava na sala de espera.

Simone normalmente fazia uma pausa de dez minutos entre cada consulta. Estava recostada na cadeira, atrás da escrivaninha de carvalho, observando o chuvisco pela janela do consultório.

O consultório era aconchegante. Os móveis escuros davam uma sensação de solidez e seriedade. Os quadros nas paredes e o tapete persa colorido em tons de vermelho que enfeitava o chão emprestavam um ar europeu à sala. Estantes cheias de livros visíveis através de portas de vidro ficavam contra as paredes em tons pastel.

O ambiente parecia pertencer a outra época, com o computador e o intercomunicador deslocados. A inspiração havia sido Bonaparte, após uma visita de Simone ao escritório dele no castelo de Mal Maison, de Josefina, na França, durante seu programa de intercâmbio. Ela pensou então que um dia decoraria seu consultório daquela forma, e foi o que fez.

Cada novo paciente representava um desafio para Simone. Conseguir mergulhar na alma de um ser era sempre complexo. Os pacientes muitas vezes sabotavam sua própria terapia, não revelavam tudo que deveriam, ou contavam versões fantasiosas dos fatos. Poucos eram os que apresentavam os problemas claramente ou que sabiam exatamente o que queriam da terapia. Alguns eram encaminhados por amigos, parentes, cônjuges, que desejavam ver neles mudanças – mudanças que o próprio paciente não tinha o mínimo desejo de realizar.

O intercomunicador soou. Era Mona, secretária que Simone partilhava com Edward, avisando que o horário do paciente chegara. Simone deu um suspiro e se encaminhou à poltrona de couro. Em seu consultório os clientes ficavam sentados num clássico sofá de veludo verde-escuro confortável, onde

podiam pôr os pés, deitar-se ou simplesmente ficar sentados. Simone sentava-se em frente a eles, observando-lhes as reações e tomando notas.

O paciente que entrou era um tipo comum: com mais ou menos 1,75m de altura, aparentava entre trinta e cinco e quarenta anos, usava óculos e tinha os cabelos cor de areia molhada e os olhos castanho-claros cercados por pequenas rugas. Usava jeans e camisa de boas marcas, provavelmente seu casaco ficara na sala de espera.

– Boa tarde, Dra. Bennet.

Estendeu a mão em cumprimento. As mãos estavam quentes, sinal de que não havia qualquer nervosismo para essa primeira consulta.

– Boa tarde, Alvin. Vejo que veio recomendado por um dos meus colegas, Dr. Schuster – disse, olhando para a ficha dele.

– Sim, muito bem recomendado por sinal. O Dr. Schuster a tem em alta conta, Dra. Bennet.

– E o que o traz a mim, Alvin? Me conte um pouco sobre você.

– O Dr. Schuster acredita que meu caso está dentro da sua especialidade, que meus problemas são de natureza sexual.

“Direto ao ponto”, pensou ela.

– Se não se importar, primeiramente eu gostaria de saber um pouco sobre você, o que faz… fale um pouco sobre sua vida.

– Eu possuo uma empresa de informática. Gosto de computadores, tenho bons clientes, não tenho problemas de ordem econômica.

Isso era certo, uma vez que os honorários cobrados por Simone eram extremamente altos – a melhor forma que encontrara para selecionar pacientes. E ainda assim tinha uma agenda de no mínimo oito horas de consultório por dia.

– Sou casado há cinco anos, tenho apenas um filho, com quem me dou bem, e meu relacionamento com minha esposa é bom.

– Vejo que quer delimitar bem sua terapia: não tem problemas com filhos nem com trabalho ou esposa. Podemos voltar então ao ponto em que iniciamos: o que o traz aqui?

– Penso que sou viciado em sexo. Penso em sexo o dia inteiro. Fantasio, gosto de ver minha mulher fazendo sexo com outros homens, gosto de fazer sexo com estranhas, de participar de orgias, gosto de situações de risco.

O homem foi vomitando seus problemas sem pausa para respirar. O

estranho é que falava de suas fantasias e daquilo que considerava problemas sem qualquer emoção, como se não estivesse falando de si, mas de uma pessoa distante.

– Isso o incomoda? Essas aventuras e fantasias?

– Não, a mim não. Não são um limitador na minha vida, mas eu gostaria de entender, porque vejo que às vezes minha esposa sofre com isso. E também porque algumas vezes acabo entrando em situações de alto risco, e o controle da situação me ajudaria a evitá-las ou minimizá-las.

– Defina situações arriscadas, por favor.

– Sexo com estranhos, homens e mulheres, às vezes sem proteção, às vezes com várias pessoas na mesma noite.

Fez uma pausa e olhou para Simone, aparentemente em busca de uma reação. Simone jamais piscava. Pode-se dizer que era uma excelente jogadora de pôquer, quando se tratava de esconder o que ia por sua mente.

– Certamente é bastante arriscado. Existem doenças graves, você sabe bem disso, e também pessoas com graves perturbações psicológicas por aí que podem ser perigosas.

– Só que é mais forte que eu. Às vezes me prometo parar, juro que não farei mais, mas de repente é como se algo se apossasse do meu corpo e eu não pudesse dominar minhas emoções.

Novamente ele falava de emoções fortes, de um descontrole total sobre sua libido e seus atos, e não havia o menor traço de emoção na voz ou nos gestos. Ele parecia estar recitando a lista telefônica.

– Você conseguiria dar um nome para esse algo que se apossa do seu corpo?

Era bom esclarecer, pensou ela, se o sujeito tinha alguma crença religiosa ou mística que o fizesse acreditar que entidades invadiam seu corpo e determinavam seus atos, ou se era caso de uma personalidade esquizofrênica.

– Adrenalina, acho posso chamar assim. É forte, começo a tremer e fica impossível não satisfazer meus desejos. Seu escritório é impecável, doutora, de muito bom gosto!

A princípio, Simone não entendeu sua fala, e a mudança de assunto a surpreendeu. De um relato sexual à decoração de interiores, o que mais havia ali além da relatada compulsão sexual? Um toque de déficit de atenção? A mente de psiquiatra dela fervilhava, tentando encaixar o paciente num padrão psicológico.

– Obrigada – disse, sem aparentar desconcerto pela alteração no rumo da conversa. – Vamos continuar… Gostaria que me relatasse uma dessas experiências para eu ter noção do que estamos falando.

– Certo. Sábado passado, por exemplo, eu estava em casa. Mais cedo havíamos saído para jantar os três, eu, minha mulher, Stella, e meu filho. Quando voltamos, meu filho foi dormir e eu e minha esposa fomos ver um filme. Ela logo sentiu sono e decidiu também se deitar. Depois de um tempo, cenas de sexo com estranhos começaram a encher minha cabeça. A adrenalina me invadiu, peguei meu carro e fui parar numa casa de suingue da cidade, a única que permite a entrada de homens desacompanhados. Entrei e fui direto para a parte reservada. Lá encontrei de pronto um grupo de três homens fazendo sexo com uma mesma mulher.

– Você se juntou ao grupo?

– Fiquei um tempo apenas assistindo. Você não tem ideia do quanto me excitou ver aquela mulher com todos aqueles homens sobre ela. Ela gemia alto, era embriagador ver o estado de excitação em que se encontrava, o suor no corpo dela enquanto um homem a beijava, o outro a penetrava e um terceiro a tocava. Ela parou de beijar o sujeito, olhou para mim e fez sinal para eu me aproximar.

– Você se juntou a eles?

– Sim, tirei minhas calças tão rápido que depois foi difícil encontrá-las. Era um espaço meio público, uma espécie de cama onde se podia ficar, mas num espaço aberto. As pessoas ficavam por ali, apreciando ou tomando parte da cena. Ela se afastou do sujeito com quem transava e sinalizou para eu deitar no sofá; apenas com a mão, não disse uma palavra. Eu me deitei, ela veio por cima, eu comecei a beijá-la, ela montou em mim e começou a cavalgar. Eu não conseguia ver mais nada, só sentia a adrenalina, o corpo dela contra o meu… Um homem começou a sugar um de seus seios, o outro lhe beijava o pescoço, e nisso outro homem que estava ali se posicionou atrás dela. Ela fez uma pequena pausa nos movimentos, inclinou-se um pouco para trás para acomodá-lo, ele a penetrou por trás e nós dois fizemos sexo simultaneamente, de forma selvagem, com aquela desconhecida toda suada. Gozamos os três meio que em sintonia.

Simone manteve sua expressão impassível de jogadora, mas o relato de Alvin havia sido bem realista e a excitou. Ela imaginou um conhecido advogado no lugar do paciente, o corpo dela reagiu estranhamente e ela não gostou nada da reação. Ela realmente estava precisando transar, pensou.

– Como você se sentiu depois?

– Fiquei com medo, porque havia feito sexo sem proteção.

– Sem proteção? Você quer dizer sem preservativo?

– Sim, eu me deixei levar. Nunca havia acontecido, mas a adrenalina me invadiu e não consegui pensar de forma coerente. Agora estou com medo de repetir isso.

– E de ter contraído uma doença, acredito. Você terá que fazer testes, mas os resultados para doenças mais graves podem se apresentar em até seis meses. Sugiro que converse com sua mulher nesse meio tempo, para evitar um contágio.

– Acredito que terei que fazer isso.

O paciente a deixava desconfortável. Algum alerta interno lhe dizia que havia algo a mais para colocar na história dele, especialmente porque ele não demonstrava emoções enquanto falava. A última afirmativa não a convenceu de que ele falaria com a esposa.

– Me parece que você tem suas emoções sob controle. Você me relata fatos graves e, no entanto, não vejo que isso o afete. Fala de desejo, de perda de controle e de medo de consequências, mas nenhum desses sentimentos chega ao seu rosto ou corpo.

Ele pareceu surpreso com a observação: – Talvez seja da minha personalidade. Sou muito reservado, penso que o Dr. Schuster tinha razão quando dizia que ter uma mãe alemã extremamente repressora não me ajudou muito do ponto de vista emocional. Segundo ele, a insistência dela para que escondesse minhas emoções foi eficiente. Mas acredite, doutora: as emoções estão aqui.

Ele pareceu triste, como se recordasse algum sofrimento passado. Pode ser; talvez uma personalidade reprimida. “Muito cedo para qualquer diagnóstico”, analisou Simone.

– Compreendo até que ponto você pode se deixar dominar por essa “adrenalina”. As questões de segurança e saúde não são de minha responsabilidade, mas não posso deixar de alertá-lo para elas. Mas por que veio até mim? Você gostaria de ter controle sobre seus impulsos ou de entendê-los?

– Primeiramente quero entender, preciso entender se sou normal, anormal, se preciso de tratamento. Depois quero ter mais controle, para não me colocar em situações tão arriscadas, como disse no começo de nossa conversa. Mas entender é o fundamental.

– Até porque o risco não é só seu, passa a ser de sua parceira, também.

– É… isso também.

Nessa hora Simone se lembrou de Carl e de sua necessidade de entender, e refletiu por um microssegundo que talvez sua missão fosse exatamente esta: fazer as pessoas entenderem as razões de seu comportamento, não tentar mudá-las. Somente a vontade faz mudanças. Ficou com um sentimento de frustração.

– Vou tentar ajudá-lo, Alvin. Eu gostaria de vê-lo ao menos uma vez por semana, por enquanto. Posteriormente poderemos espaçar seu tempo, mas penso ser mais produtivo no começo uma sessão semanal.

– Eu gostaria de duas vezes por semana, se possível, doutora. Quero resolver isso rápido.

– Isso depende mais de você e de sua determinação, Alvin, do que do número de sessões. Vamos iniciar com uma sessão semanal, até porque, conforme pode notar, sua sessão é a última de sexta-feira, ou seja, estou sem horários. Minha secretária já partiu a essa hora, assim teremos que nos adaptar neste momento.

– Está bem, doutora, como achar melhor. Conto com sua discrição, naturalmente. Meu caso não é o que se pode considerar publicável.

– Com certeza, tenho dever profissional de sigilo.

“O que é isso?”, pensou ela, “em menos de uma semana de novo questionavam sua seriedade profissional?”

– Quero dizer, não gostaria que meu caso fosse colocado em um de seus livros… – e novamente em menos de uma semana mais alguém mencionava seus livros.

– Você leu meu livro?

– Não, doutora, não é minha área, mas o Dr. Schuster me falou sobre ele, e acredita que a senhora esteja escrevendo outro.

Simone pensou que nunca havia mencionado o projeto do novo livro para Samuel Schuster – será que Edward havia feito isso? Fez uma nota mental para telefonar para Samuel ou perguntar a Edward.

– Você tem minha palavra. Ademais, não menciono nomes no meu livro, apenas falo sobre casos e estatísticas comportamentais. Seu segredo está bem guardado comigo.

– Desculpe-me parecer impertinente com esse pedido, doutora, mas é como diz o velho ditado: segredos só se mantêm se todos estiverem mortos – disse e riu.

Estranho. Comportamento estranho. Definitivamente ela não gostara do sujeito. Atenderia-o mais uma ou duas vezes para formar uma opinião sobre esse sentimento de não gostar e, se fosse o caso, o encaminharia a outro profissional.

– Compreendo.

Simone acompanhou o paciente até a porta e caminhou para o estacionamento.

O consultório de Simone e Edward ocupava uma linda casa antiga que eles haviam comprado e restaurado anos atrás. Era em estilo Tudor, com uma porta de carvalho. Em frente à casa, Mona havia plantado um jardim adorável, que dera aparência aconchegante ao local, e a grama perto do pequeno estacionamento estava muito bem cuidada.

Simone entrou no carro e foi diretamente para casa, em *Elderslie Lane*, *Woodbridge*, *Connecticut*. Era uma casa espaçosa e confortável. Com tijolos vermelhos também no estilo Tudor, janelas brancas e cortinas transparentes que deixavam entrever o gramado bastante verde para essa época do ano.

No interior, a decoração era europeia, bem ao gosto de Simone, quase uma extensão de seu consultório, ou vice-versa, graças às pinturas, aos tapetes persas, ao mobiliário escuro e aos estofados de veludo. O conjunto dava um ar de conforto, segurança e excelente gosto.

Lâmpadas de mesa se espalhavam pela casa. Quando ela apagava as lâmpadas de teto e ligava as de mesa, a atmosfera ficava mais aconchegante e íntima. Diversos porta-retratos ficavam sobre mesinhas ou no piano de cauda da sala, que ela tocava apenas em momentos em que estivesse muito feliz ou muito triste. Todas essas pequenas coisas davam a Simone um sentido de lar.

Entrou na casa pela porta da frente e foi direto para seu quarto, onde uma cama de dossel ocupava o centro da peça e duas cadeiras Louis Philippe, com estofamento floral, ficavam num canto, com um tapete branco macio na frente delas. A decoração do quarto era completamente oposta à sua imagem prática e profissional, um reflexo de sua alma romântica profundamente escondida.

Tirou a roupa e foi para o banheiro, uma área muito limpa de mármore branco imaculado, onde uma banheira antiga de porcelana, de pés em formato de patas, ocupava um lugar de honra. Encheu a banheira com água quente e jogou um pouco de óleo para banho.

Após tomar um longo banho quente, Simone vestiu um roupão confortável e foi para a cozinha, o único local moderno da casa, toda branca em aço, com eletrodomésticos ultramodernos. Serviu-se de uma taça de um Pinot Noir californiano; olhou na geladeira e ficou imensamente grata à sua

faxineira Lola por ter deixado preparada uma sopa. Não era o melhor dos menus para sexta-feira, mas exatamente do que precisava.

Simone aqueceu a sopa no micro-ondas, despejou-a num prato elegante – não era porque se encontrava sozinha que comeria em prato de plástico – e sentou-se para jantar.

Após comer, andou um pouco pela casa, arrumando porta-retratos, quadros e almofadas que a faxineira insistia em não posicionar no mesmo local cada vez que limpava. Simone acreditava que algumas vezes Lola movia os quadros apenas para mostrar que havia feito seu serviço. A desordem irritava Simone.

Pensou em fazer ginástica, mas decidiu que faria isso somente no sábado de manhã. Certamente seus músculos aguentariam um dia de folga. Sentia-se exausta e ainda precisava adiantar mais um pouco do trabalho para Carl.

Foi até sua poltrona favorita, de veludo vinho, macia e confortável, e se sentou, colocando os pés sobre um otomano. Ficou lá apenas descansando por um momento, saboreando o vinho e escutando os pingos de chuva contra as janelas. Então pegou o manuscrito e começou a ler.

O Diário de Mark

Conte-me os segredos dela…

Na segunda-feira, muito ocupados, Peter e eu não conseguimos nos encontrar. Mas na terça marcarmos uma *happy hour*. Eu estava ansioso para conversar com ele.

– Peter, como você está?

Ele, obviamente, se jogou em mim para um abraço de urso e ainda me estalou um beijo na bochecha, para meu constrangimento e alegria dele em ter conseguido.

– Ótimo! – gritou. – E você?

– Bem. O que quer tomar?

Eu já estava acomodado, tomando um uísque. O *Terroir* Tribeca, um *wine bar*, com menu despretensioso, estava lotado. Após a entrada triunfal do meu querido amigo, todos os olhares estavam voltados para nós.

– Vou tomar um vinho, detesto uísque, muito macho para o meu gosto.

Estou cansado, passei a noite resolvendo problemas de fornecedores. Esses chineses poderiam colaborar um pouco mais com nossos horários, iniciar uma compra à uma da manhã não é minha diversão predileta.

– Está importando o quê, desta vez?

Eu teria de saber, pois o problema tributário gerado pela importação seria todo meu. Às vezes o comportamento de Peter era o de uma criança descuidada. Ele ia até a China e comprava montanhas de mercadorias, e só então resolvia me perguntar sobre impostos e a parte legal. Talvez a personalidade destemida dele fosse o segredo do seu sucesso. Eu não conseguiria agir assim, talvez por conhecer a lei e suas consequências, ou por minha natureza mais prudente.

– Roupas para adolescentes. Os documentos já estão no seu e-mail para você analisar. Preciso de sua opinião para ontem.

Nessa hora, era possível acreditar que Peter fosse um homem de negócios.

– Você e todos os meus clientes sempre estão com pressa, mas na hora que mando um associado os atender, querem o meu sangue.

– Bem… eu compreendo, mas quero você e só você cuidando de mim – e riu… – Vamos lá, meu amigo, você me chamou aqui para falarmos da Lara. Me diga ao menos o que está acontecendo para você querer mais informações.

– Você é bem direto, Peter… já tentou a sutileza alguma vez na vida?

Peter fez um ar de quem buscava na memória quando isso acontecera…

– Sim… lembro que uma vez que tentei… Não deu certo, abandonei a ideia. Então, agora me conta.

– Já saímos umas duas vezes e estou interessado, mas às vezes ela não me parece muito normal. Então, melhor buscar referências com um especialista.

– Realmente, ninguém nesse mundo namorou mais que eu. Já enumero meus amores com algarismos romanos por razões estéticas, e para não ficar sem letras no alfabeto…

– Peter…

– Bem, não sei o que exatamente você quer com a Lara, e eu a conheço como amigo. Ela é uma excelente amiga, mas, você sabe, nem sempre um bom amigo é bom romance.

– Você a conhece há muito tempo?

– Faz muitos anos…

– Conte-me tudo sobre a Lara.

– Eu sou a pessoa errada para isso. Contate o terapeuta dela. Eu só sei o que ela deixa ver. É muito reservada com as emoções. Não sei nem um décimo. Entenda, choro no ombro dela frequentemente, mas ela nunca chorou no meu.

– Conte o que sabe.

– Ela é irmã mais velha de Sean, meu primeiro namorado. Quando conheci a Lara, ela estava na universidade, quase se formando. Ia e vinha e basicamente naquela época nos encontrávamos todos na casa que a avó dela tinha nos Hamptons. Eram verões muito bons. Meu romance com o Sean durou uns três anos. Depois, como ficamos amigos, ia algumas vezes nos verões; no processo, herdei a Lara. De vez em quando ainda vou lá, mas a casa agora pertence a Lara, e Sean está morando do outro lado do mundo.

– China?

– Não! Texas!

Impossível não rir, Peter era o típico nova-iorquino que considerava o resto do país como outro lado do mundo.

– A Lara sempre foi do jeito que você vê: linda, loura, simpática, agitada, falante, amigável e… misteriosa… Impossível saber o que vai dentro dela. É a melhor amiga, ouve todo mundo, dá conselhos. O que ela faz nunca é segredo, chega a ser estranho como a vida dela é pública: com quem está saindo, onde vai. Mas raras vezes a ouvi expressar algum sentimento. Não é de compartilhar um segredo, do tipo “gosto de tal pessoa”, ou de dizer por aí se está triste ou deprimida.

– Você acha que ela é superficial a ponto de não ter sentimentos mais profundos?

– Não, ao contrário: acho que tem sentimentos profundos, vi isso umas poucas vezes. Apenas não é capaz de verbalizá-los. Parece que não confia nas pessoas, como se temesse ser traída a qualquer momento.

– Muitos namorados?

Meu pensamento era: “Diga que não!”

– Muitos relacionamentos curtos. Namorado mesmo, de pegar na mão e apresentar, nunca vi. Mas já vou alertá-lo, e estou falando de quinze anos mais ou menos que a conheço: parece que ninguém dura…

“Eu duraria”, pensei. E depois não entendi nem por que queria durar na vida de alguém que acabara de conhecer.

– Volúvel?

– Descomprometida, acho que ela não quer casar, ter filhos, essas coisas da vidinha e do ciclo da vida.

– Ciclo da vida?

– É a velha história: conhecer, se apaixonar, reproduzir, decidir ficar junto no tédio, até que o divórcio ou a morte os salve, amém… Ah, e ficar com a bunda gorda no processo.

Eu nem podia contrariá-lo, porque era exatamente o que relacionamentos são. Eu compartilhava do pensamento dele sobre o casamento, já estivera lá, e Peter sabia disso.

– Você realmente nunca a viu com um namorado?

– Não. Sempre a vejo puxando alguém pela mão, mas nunca vi isso se repetir por muito tempo. Ei, meu amigo, espere aí, você está com aquela cara de desafio, de "vou fazer diferente", então lá vai meu melhor conselho gay de hoje: não planeje, por uma única vez na sua vida: saia da agenda, deixe a vida levar você, não force, não arquitete, só deixe fluir.

– Conselho ouvido, Peter. E como foi a *stock cars*? Aviou a receita?

– Está brincando? Parecia uma reunião dos rejeitados do segundo grau. Fazia a Família Adams parecer normal!

– Que exagero, Peter!

– Pura verdade! Perdi meu tempo. Mas já estou pensando em uma estratégia nova: acho que vou virar patrono do balé da Cidade de Nova York! Definitivamente por lá existem alguns gays, e vou ser o benfeitor das artes… Glamour e sexo… e ainda bondade, e os corpos, ai, meu Deus!

Nossa conversa durou ainda umas duas horas. Às vezes Peter resolvia desincorporar o gay e ser um homem de negócios por algum tempo, mas de qualquer forma era sempre divertido estar com ele.

Fui para casa pensando em como me aproximar de Lara novamente. Na cozinha, me servi de uísque e fiquei um tempo pensando. Eu deveria ligar diretamente para ela? Convidá-la para jantar? Qual a melhor forma de fazer isso? Ensaiei telefonar para ela algumas vezes, peguei o celular e procurei seu número, pus o dedo no botão para chamar, mas desisti. Já havia bebido um pouco, e álcool nunca era bom conselheiro. Decidi deixar para o dia seguinte. Quase podia ouvir a voz de Peter expressando a "aprovação" para minha decisão prudente: "É preciso coragem, meu amigo".

Peter que vá para o inferno. Fui para meu quarto dormir seguro…

Capítulo Oito



Simone estava sentada no sofá de sua casa, manuscrito no colo, quando o telefone tocou, arrancando-a da leitura. Era sua filha que estava num intercâmbio na França, o mesmo que Simone fizera vinte anos antes. Queria um pouco de atenção. Após uma breve conversa, Simone pensou em retornar à leitura, quando o telefone tocou novamente. “Tammy de novo”, pensou. No entanto, ao atender, ouviu apenas a respiração de alguém do outro lado da linha.

– Alô…

Nada. A respiração continuava, e uma música suave se ouvia ao fundo.

– Alô, com quem gostaria de falar?

Somente a música e a respiração. Alguém sem nada de bom para fazer em uma sexta-feira à noite, pensou e desligou.

Mais três vezes naquela noite fizeram o mesmo: o telefone tocava, ela atendia e… nada. Finalmente Simone perdeu a paciência e pôs o aparelho no silencioso. “Devo ter algum admirador secreto”, imaginou.

Olhou para o relógio de mogno do século XVIII que ficava num canto da sala. Dez e quinze da noite. A sexta-feira estava quase terminada, ela suspirou. Mais uma semana se passara em que fizesse nada além de trabalhar. Nada mais. Certa tristeza a invadiu e Simone se sentiu só. Seria bom ter um admirador, um de verdade. Ela deveria sair e procurar pessoas de carne e osso.

Alternativas? Ligar para algum amigo ou amiga e sair para algum bar para buscar o homem dos sonhos? Agradeceu mentalmente, não era seu estilo. O que fazer para se livrar do súbito sentimento de depressão? Ler mais um pouco? Ver um filme? Ou sentar num canto e ficar sentindo pena de si mesma? Essa definitivamente era a pior das ideias, e anos-luz do que aprendera na vida. Leria mais um pouco. A cabeça cheia de ideias era tudo de que precisava.

Onde é a festa?

Duas semanas haviam se passado desde que eu vira Lara. Havia tentado ligar para o celular dela, mas sempre estava fora de área. Até fiz um ridículo plantão na porta de seu prédio, dentro do carro, esperando que ela chegasse. Estava começando a me preocupar com meus sentimentos obsessivos por aquela mulher.

Peter também não sabia informar o paradeiro dela. Ele me disse que Lara era assim, às vezes sumia e se internava na casa que tinha nos Hamptons, às vezes pegava um avião e ia até Paris, onde ele acreditava que tinha algum apartamento, devido às viagens frequentes.

Naquele final de tarde ela me telefonou. Era uma sexta feira, eu estava pronto para dar a primeira aula do semestre, após um longo período de férias de verão. Era bom retornar à sala de aula, ao mundo dos jovens e sonhadores.

– Alô, Mark – falou com voz melodiosa.

– Alô, Lara.

– Reconheceu minha voz?

– Não, seu número.

Não ia dar à sumida o gostinho de saber que sua voz já me era familiar.

– O que você está fazendo?

– Me preparando para sair do escritório e ir até a universidade. Vou dar uma aula hoje.

– Ai, que desânimo! Aula? Quero levar você a uma festa. Cancela a aula, vai.

Certamente responsabilidade também não era um dos fortes da moça. Admito que foi grande a tentação de fazer o que ela propunha, mas meu senso de dever era maior.

– A que horas é a festa?

– Acho que começa às dez, mas podemos chegar um pouco depois, já que não nos contrataram para servir o bufê.

– Engraçadinha… – Ótimo, pensei, horário perfeito para mim, já fiz meu charme de intelectual responsável, agora era só marcar.

– Minha aula termina por volta das nove e meia, depois estarei livre.

– Ok, cabritinho. Vou buscá-lo onde quiser, daí você não precisa se sentir culpado por dirigir alcoolizado. Vou conseguir um motorista para nós.

O cabritinho era novamente a referência ao meu signo, ou seja, estava me chamando de chato por tabela, pelo que entendi da primeira explicação sobre o signo.

– Ok. Farei o seguinte: saio da universidade e vou em casa, você pode me pegar lá.

– Posso sim, se me der o endereço.

– Eu moro em TriBeCa – e passei o endereço.

– Advogado de sucesso! Ótimo, passo lá.

– Eu tento!

– Vejo você daqui a pouco, meu advogado favorito.

– Até daqui a pouco, Lara.

Depois que terminei a aula, fui diretamente para casa, onde tomei um banho rápido, passei um perfume, vesti um terno cinza, camisa branca e gravata cinza-escuro. Chequei pela segunda vez meu cabelo, minha gravata e meu terno… e, quando olhei para mim no espelho pela última vez, pensei: tudo o que precisa checar agora é seu batom… Está se comportando como uma virgem nervosa indo ao primeiro encontro. Pare com isso, homem! Fui então andar pela sala, esperando Lara.

Lara chegou no horário combinado, me telefonou para aguardá-la na portaria. Veio num Lincoln preto com motorista. O carro tinha janelas tão escuras que, por minha mente de advogado, atravessou a ideia de que o proprietário deveria estar infringindo todas as leis de trânsito de Nova York, mas talvez fosse apenas o efeito da noite e da luz fraca em frente ao meu edifício… Então ela abriu a porta e me convidou para entrar e esqueci qualquer pensamento sobre leis.

Lara estava linda e radiante, com um vestido azul parecendo uma camisa, de tecido macio e brilhante, cheio de botões na frente.

– Olá, rapaz de terno.

Ela me beijou, um beijo de quem queria mais do que ir a uma festa. Uma das coisas que me perturbavam em Lara era essa mania de nunca me deixar tomar a iniciativa. Eu me sentia meio castrado.

– Olá, menina bonita, você está deslumbrante.

Era sincero, ela estava fantástica, os olhos com algum tipo de maquiagem

negra que os deixava mais bonitos e misteriosos, como se tivesse saído de um filme de Bollywood, a Hollywood indiana – olhos sedutores.

– Senti saudades! – disse toda animada.

– Eu também. Por onde andou? Liguei para você.

Tentei soar casual, não queria parecer desesperado; – Por aí…

E fez um gesto com as mãos mostrando em volta.

– Por aí, por aqui?

– Não, fui até a França – explicou, sem dar muita importância ao fato de que em poucos dias saíra e retornara ao continente.

– Venha aqui.

Tomei a iniciativa e beijei-a. Era bom sentir o corpo e o cheiro dela, mas eu sentia algo mais, alegria por estar perto dela novamente.

Quando o carro partiu, abracei-a e ela ficou quieta nos meus braços por algum tempo. A sensação quente me deu enorme prazer. Então o idílio terminou. Ela pegou minha mão, levantou o vestido e a levou até seu sexo: estava sem calcinha.

– Aqui também estou com saudades de você – ela sussurrou.

Tocar no sexo úmido e quente dela sobrecarregou minha excitação já existente.

– Você é louquinha – eu disse, olhando para o motorista, mas ele só prestava atenção no caminho.

– Eu quero você aqui… agora – ela respondeu.

E lá se vai minha ideia de uma cama macia, com Lara nua em cima dela.

– Agora?

– Sim!

Virou-se para mim, abriu meu zíper e começou a me acariciar. Baixou a cabeça, me pegou com a boca e começou a me chupar. A língua dela fazia movimentos circulares na ponta. Fechei os olhos, com um único pensamento: deixe acontecer.

– Você pode ser louca, mas é uma louca muito gostosa – eu falava em tom baixo. Não queria chamar a atenção do motorista, mas quando olhei ele continuava atento ao caminho.

Lara buscou algo na pequena bolsa prateada que carregava e retirou uma

camisinha. Colocou-a rapidamente em mim, puxou o vestido para cima e, me olhando, se encaixou no meu pau, duro igual a uma rocha.

– Ele vai nos expulsar do carro… – falei no ouvido dela.

– Não se preocupe, ele é muito profissional. Eu sempre uso os seus serviços. Vai apenas rodar por aí nos olhando pelo retrovisor. Você não gosta disso? Não gosta de alguém olhando para você?

Com os braços em volta do meu pescoço, ela começou a mover os quadris. Esqueci do motorista, esqueci que estávamos no meio da cidade, esqueci dos carros ao nosso lado, me entreguei ao prazer. Perdi a noção de tempo e espaço… Ela tinha esse poder sobre mim. Ela diminuía o ritmo quando sentia que meu gozo estava próximo, mordia meu pescoço de leve, me beijava, daí voltava a acelerar. Fez isso diversas vezes, até que eu estivesse pronto para explodir, e então ela não diminuiu mais o ritmo. Gemia forte e se movia rápido.

– Vou gozar gostoso, Mark, vem comigo.

Naquela altura, eu não precisava de convite. Gozei tão gostoso que por instantes acho que saí de órbita. Quando abri os olhos, vi que o motorista me olhava pelo retrovisor com um olhar malicioso, e fiquei sem graça.

Lara estava se arrumando. Ajeitou o vestido, que parecia à prova de amassados, retocou a maquiagem – acho que apenas o batom vermelho estava borrado. Para mim, ela nunca estivera tão perfeita: bom início de festa!

– Sabe, Lara, algum dia gostaria de levar você para uma cama e fazer isso em uma posição mais confortável.

Ela riu com gosto, como se fosse uma piada.

– Cabritinho tradicionalista… vai dizer que não é boa a sensação do diferente?

– Não estou dizendo isso. Adoro. Só que este é nosso terceiro encontro e sempre transamos em lugares não convencionais. Diferente seria transar numa cama… Eu gostaria de mais tempo, mais privacidade.

– Cabritinho ganancioso! Não esqueça do velho ditado: cuidado com o que deseja…

Resolvi não argumentar, mas algo me incomodava nesse comportamento e eu ainda não sabia dizer o que era.

Chegamos à festa. Pelo que percebi, o motorista deu voltas, como se estivesse instruído a não chegar tão cedo ou não parar de dirigir – instruções de Lara, com certeza.

A festa era numa cobertura fantástica, quase em frente ao Metropolitan Museum, ricamente decorada, mármore branco e preto, lustres de cristal pendentes por todos os lados e imensas janelas que davam para o Met. À direita se via o parque.

Lara definitivamente conhecia pessoas bem ricas, pensei. Não que eu viesse da pobreza, longe disso, meu pai é um advogado bem-sucedido, que me propiciou uma bela vida. Entretanto, desde que me formei, tomei meu destino nas mãos. Fui trabalhar em outro escritório e estabeleci minha própria carreira. Nunca quis ser o filho de alguém. A vida para quem opta por esse caminho não é fácil, mas cada conquista tem o sabor de uma taça de champanhe gelada numa noite de calor.

Lara entrou e logo localizou o dono da festa, um homem da minha idade, aproximadamente, e nos apresentou: – Freddy, este é o Mark, um amigo meu. Mark, este é Freddy, também meu amigo e dono da festa.

Senti ciúmes, esta era a palavra exata. “O Mark é meu amigo como o Freddy é meu amigo” para mim significava: transo com ele também no banco da praça, nos sofás brancos deste apartamento, em cima da mesa de vinte lugares… Minha imaginação voou.

– Olá, Freddy, obrigado por me receber.

– Seja bem-vindo, Mark, amigo da Lara é amigo meu! Divirtam-se e mais uma vez obrigado por tudo, Lara.

Ele se desculpou e foi cumprimentar outro casal que chegava.

O cumprimento me intrigou.

A festa estava interessante. Parecia uma fauna. Uma mescla de pessoas incríveis: banqueiros de Wall Street, estrangeiros, gays, políticos – só faltava, a qualquer momento, entrar um padre para completar o ecletismo total. Lara circulava comigo e falava com todos, não havia dúvidas de que tinha conhecidos… E também parecia ter trabalhado para muita gente ali, todos a elogiavam como arquiteta. Deram-lhe os parabéns pela reforma naquela cobertura. A festa, na verdade, era de inauguração.

– Foi você que decorou? – perguntei.

– Sim. Nada do que está aqui é do meu gosto, mas do gosto de Freddy. Após o divórcio, ele me explicou que havia cansado de frescuras de mulher e queria algo bem masculino, bem preto no branco. Foi o que fiz.

– Está muito bonito.

– Para mim parece um hospital. Para fazer bem meu trabalho, preciso entender os desejos do cliente, e não os meus. Fazer o quê?

Nisso se aproximou de nós uma senhora muito bonita e bem vestida. Aparentava ter uns cinquenta anos mais ou menos.

– Lara?

– O que está fazendo aqui?

A pergunta foi feita de forma rude. Foi a primeira vez que vi Lara sendo ríspida.

– Vim com o senador. Ele é amigo do Frederick. Gostaria de lhe falar.

– O que houve? Os urubus começaram a sobrevoar Nova York? Terminou a carniça em Washington? Eu não tenho nada para falar com você.

– Lara, por favor, me dê uma chance para conversarmos.

– Desculpe-me, Mark, vou falar com o Freddy.

Lara disse isso e saiu rapidamente em direção ao anfitrião. E eu fiquei sem entender nada.

– Senhor, por favor, desculpe minha filha. Às vezes parece que não recebeu educação. Eu sou Sabine Stevenson Eberle, mãe de Lara.

Mãe da Lara? E ela a tratava assim? Meu Deus, eu, que sempre quis ter uma mãe, fiquei chocado.

– Um prazer conhecê-la, senhora Stevenson. Eu sou Mark, amigo de sua filha.

– Que bom conhecer um amigo da minha filha! O que você faz, Mark?

– Sou advogado.

– É de um escritório conhecido?

A mulher fora maltratada pela filha, acabara de me conhecer e estava pedindo meu currículo, que diabos!

Eu ia responder quando Lara voltou apressada, pegou-me pelo braço e me arrastou – um costume horrível que ela tinha era de arrastar as pessoas quando lhe convinha – para a saída.

– Nós já vamos, Mark, já me despedi do Freddy.

Ela ignorou a mãe.

– O que houve, Lara? Era sua mãe aquela senhora…

– Tempo verbal correto: era minha mãe… Faz muitos anos que não a considero como tal, mas não quero falar sobre isso.

Eu não conhecia Lara o suficiente para insistir no assunto, mas sem dúvida aquela foi a festa mais rápida da minha vida. Durou exatamente meia dose de uísque.

Em algum momento, enquanto falava com o anfitrião, ela devia ter chamado o motorista, que estava em frente ao edifício nos esperando. Lara ficou calada, dei meu endereço ao motorista e fomos para meu apartamento.

Moro na Laight Street, próximo ao St. John's Park. Gosto do meu apartamento, um dos símbolos do que consegui com meus próprios esforços: amplo, bem decorado – talvez, pensando nos critérios de Lara, bem masculino, mas certamente mais caloroso do que o luxo branco que havíamos acabado de deixar.

Comprara o apartamento de outro advogado depois do divórcio dele. A decoração era conservadora, com muita madeira, muito azul-marinho. Eu adorava.

Meu cão estava me esperando, como sempre fazia. Era um *golden retriever* de cinco anos, um fiel companheiro.

– Olá, Tommy.

Ele me deu a pata como eu havia ensinado. Fiquei orgulhoso do meu menino, muito educado.

Lara o acariciou e ele encostou a cabeça nela. Aparentemente ela gostava de cães, e ele de mulheres bonitas…

– Ele é lindo!

– Sim, muito companheiro, também.

Conduzi Lara para o sofá. Queria abraçá-la, acalmá-la, pois aparentemente ela estava muito abalada.

– Quer beber alguma coisa?

– O que você tem?

– Olha, acho que só não tenho soda cáustica e absinto, o resto… Uísque, vinho, champanhe…

– Eu gostaria de um uísque. Quando não estou legal me reconforta. É emocional, para mim.

– Sério?

– Sim, quando eu era bem pequena meu pai costumava tomar. Eu ficava sentada no colo dele achando bonito o copo, a bebida dourada, e quando o gelo derretia e já não havia mais que água com sabor de uísque no copo, ele

me dava um golinho. Penso que me transporto para aqueles tempos cada vez que tomo um.

Preparei rapidamente um uísque e fiquei feliz por ela partilhar o primeiro sentimento real comigo.

– Gelo? Soda? Água?

– Só gelo, por favor. Umas três pedras.

– Quer falar?

– Não, quero que me abrace.

Ah, enfim um pouco de intimidade que não fosse sexual. Abracei-a. Pensei que ela fosse chorar, mas não. Ficou um longo tempo nos meus braços, acariciando a cabeça de Tommy, que havia se colocado ao lado dela. Por fim ela suspirou, se afastou, tomou um gole do uísque, suspirou novamente.

– Aquela cama existe por aqui?

– Existe sim, quer deitar?

Eu não via a mínima perspectiva de sexo naquele cenário. Mas não me perturbei…

– Gostaria sim, gostaria que deitasse comigo. Não quero ficar só.

– Claro, vou preparar o banheiro para você usar.

– Ok.

Deixei Lara sentada na minha cama e fui ao banheiro, onde dei o melhor de mim para arrumar algumas coisas femininas, como algodão, loção corporal, removedor de maquiagem, que eu nem sabia que tinha, e uma caixa de Kleenex. Coloquei tudo sobre a bancada da pia.

Quando voltei ao quarto, encontrei Lara na mesma posição sobre a cama, parecendo perdida em pensamentos.

– Oi, menina, o banheiro está pronto para você.

– Obrigada, Mark, ela disse, saindo do transe. Desceu da cama e foi ao banheiro. Quando saiu, vi que havia removido a maquiagem. Os cílios não estavam mais negros, e ela parecia jovem e vulnerável.

– Coloquei uma camiseta minha para você em cima da cama, se quiser usar.

– Eu durmo nua, obrigada.

Pensei: “Moça, será que dá para parar de estragar minhas boas

intenções?”.

– Está bem.

Ela entrou embaixo das cobertas, eu me deitei também nu ao lado dela. Quem sabe mais tarde eu ainda conseguiria transar com ela? Ela voltaria a ser ela mesma depois de um tempo. Ela se aninhou no meu pescoço e pensei que seria difícil dormir com aquela mulher colada em mim. No entanto, dormi rápido e profundamente.

Quando acordei fiz um agradecimento mental por ser sábado. Procurei Lara, mas ela havia partido… o que não me surpreendeu… Lara me parecia uma mulher de idas e vindas, chegadas e partidas. Apesar disso, fiquei decepcionado de não encontrá-la. Ao menos havia conseguido parcialmente meu intento: ela estivera na minha cama, mas sem sexo…

Encontrei um recado dela sobre a mesa: “Obrigada por tudo. Beijos. Lara”. E nada mais.

Capítulo Nove



O sábado de Simone começou tranquilo. Primeiro ela fez seus exercícios matinais, depois foi ao supermercado reabastecer a geladeira, e então ao cabeleireiro fazer as unhas, que procurava manter sempre em tons claros, por achar mais profissional; almoçou em um shopping e voltou para casa.

No momento em que entrou em casa, sentiu que algo estava errado. Olhou da cozinha para a porta dos fundos e viu que a janela está escancarada. As cortinas flutuavam, chuva e vento entrando pela janela. Tudo estava trancado quando ela partira, e era dia de folga da faxineira. Provavelmente deixara a janela entreaberta e uma rajada a abrira. A vizinhança era segura.

Simone entrou, deixou a bolsa sobre a ilha da cozinha e foi fechar a janela. Tudo parecia estar em ordem, mas ela ficou com a nítida sensação de que alguém estivera ali. Nada estava fora do lugar, mas nada estava na posição exata. Simone era perfeccionista, conhecia cada detalhe de sua casa e o lugar de cada objeto.

Alguém estivera ali! Os porta-retratos em cima do piano haviam sido mexidos, voltados em direção diferente daquela em que os posicionara. Disso tinha certeza, porque na noite anterior os havia arrumado virados para a sala, e agora estavam em vários sentidos, alguns para a janela, outros centralizados, e outros ainda voltados para o interior da sala.

Vasculhou o restante da casa e não encontrou mais nada de estranho. Estava ficando velha e esquecida, provavelmente não havia sido na noite anterior que arrumara os porta-retratos; quem entraria na casa de outra pessoa apenas para ver fotos?

Ainda assim o sentimento de que houvera uma presença na casa permanecia, e Simone decidiu verificar todas as portas e janelas apenas para se tranquilizar. Se fosse um pouco mais infantil, talvez tivesse buscado embaixo da cama, mas contentou-se com o visível. Era pouco provável que alguém tivesse entrado em sua casa sem levar nada, concluiu.

Não era a primeira vez que isso acontecia. Duas vezes, recentemente, Simone chegou em casa e achou que alguém estivera lá. Eram pequenos detalhes, nada fora roubado, nada faltava. Talvez devesse perguntar a Lola se ela movera algo durante a limpeza, provavelmente fora isso que ocorrera e ela estivera tão ocupada que não notara. Era bem o estilo de Lola limpar e deixar

as coisas fora de lugar. Esse tipo de coisa a deixava nervosa.

Para acalmar os nervos, Simone decidiu meditar durante uma hora. Ela adorava esvaziar a mente e fazia isso ao menos duas vezes por semana. Havia até criado um lugar especial para isso em casa. Uma área de meditação. Um quarto calmo, com luz indireta, almofadas confortáveis e um colchonete no chão. Uma hora meditando relaxava a mente dela e a ajudava a controlar as emoções.

Terminada a sessão, ela tentou decidir o que faria, mas o dia fresco, chuvoso e preguiçoso era uma excelente desculpa para não sair, sem remorso por não aproveitar o final de semana. Não que gostasse de sair ao sol. Ela preferia ficar dentro de casa e ler, estudar ou pintar, apesar daqueles que diziam que estava desperdiçando a vida e que deveria encontrar um homem.

Simone adorava sua privacidade e possuía enorme força psicológica para resistir às pressões sociais, o que incomodava as pessoas. Elas não entendiam o conceito de que “sem companhia é melhor do que em má companhia”. De vez em quando, concordava em sair em algum encontro às cegas que seus amigos arranjavam, tentando fazê-la encontrar “o homem certo”, e que inevitavelmente davam em nada. Há muito tempo decidira que homem certo não existe e que qualquer ilusão sobre o assunto já desaparecera por completo.

Ela concluíra que o que procurava para sua vida, no que dizia respeito a romance, não estava disponível no mercado. Talvez fosse muito exigente, mas havia estudado muito, tinha adquirido imensa bagagem cultural. Portanto, não ia se conformar em ficar com alguém só por ficar. Nada do “não sou feliz mas tenho marido”.

Imersa em seus pensamentos, Simone subitamente se lembrou de que havia agendando um encontro *online* com um dos candidatos da sua pesquisa.

Olhou o relógio e viu que já estava atrasada para o encontro virtual com allyoucaneat@loftmail.com, que dizia chamar-se Victor, certamente nome falso, como o seu e o de Edward. Ligou o computador, entrou no *chat* e viu que ele já estava esperando. Começou a escrever.

– Olá, Victor, desculpe-me o atraso! É a Claire.

– Olá, Claire, pensei que era um abandono… trinta e cinco minutos é muito mais que atraso!

Ele pareceu aborrecido, mas como não é possível saber o tom quando se escreve…

– Eu havia me esquecido, eu e Paul saímos e só agora conseguimos voltar.

– Paul está com você?

– Sim, está aqui. Dê um oi para ele. Fique tranquilo, ele está nos acompanhando e saúda você também.

– Ok, pessoal, nós já trocamos e-mails, penso que estamos nos conhecendo melhor. Vocês já sabem que não sou nenhum louco, que tenho uma imagem a preservar. Quero saber o que vocês pretendem disso aqui. Vamos avançar? Ou vocês querem apenas se divertir conversando com pessoas?

– Não, queremos realmente alguém que participe de brincadeiras conosco.

– Eu acho que vocês não têm muita experiência na área, não?

– Não muita, já fizemos algumas brincadeiras, mas queríamos alguém em quem pudéssemos confiar.

– Querem um namorado permanente, é isso?

– Sim, exatamente. E você tem experiência… disse nos e-mails anteriores que sim, mas que tipo de experiência?

– Tive várias experiências breves, mas me relacionei com um casal por alguns anos. Eu os conheci durante uma viagem. Acabamos tendo uma boa química e, coincidentemente, morávamos na mesma cidade. Então, após a viagem, a situação continuou.

– Mas em que consistia seu papel na relação?

– Eu não tinha um “papel” na relação, nós entravamos em contato, marcávamos um encontro, inicialmente em pequenos hotéis, mais tarde na casa deles, para relacionamentos sexuais.

– Você fazia sexo com os dois?

– Não, sou “hétero”, não quero nada de homossexualismo. Acho péssimo! Se é isso que estão querendo, estou fora!

– Calma, não, somos “hétero” também, é só curiosidade. Apenas queria que me descrevesse um pouco o que faziam, para ver se estamos no alvo.

Para progredir em sua pesquisa, Simone necessitava saber mais: como as pessoas se comportavam e o que sentiam.

– O marido tinha a fantasia de vê-la fazendo sexo com outros homens, às vezes só nos assistia, às vezes participava, mas sempre nós dois com ela, nunca só nós dois!

– Não me entenda mal, Victor, mas eu não fiz muito isso, nem o Paul. Então não temos certeza de como será nossa reação depois. O Paul também

tem essa fantasia, mas eu tenho medo de que depois ele fique com ciúme e isso estrague a relação boa que temos. Como ficava o marido desse casal?

– Olha, depois que eu saía de cena, não sei, mas em cena era tudo ótimo. Acabamos ficando amigos, algumas vezes ele e eu saímos até para tomar uma cerveja e conversar sobre a vida…

– Então você acha que ele não ficava com ciúme?

– Ela me disse, nas poucas vezes em que ficamos a sós, porque eu sempre fui ético e nunca tentei um encontro a sós com ela, que ele tinha muito ciúme dela. Que não compreendia a fantasia dele, porque ele era neurótico, mas que de mim não tinha ciúme. Ao contrário, depois que saíamos juntos, ele usava o episódio como fantasia a sós com ela.

– Pode ser que passemos por isso então, ciúme…

– Não sei dizer ao certo, Claire.

Simone resolveu mudar um pouco de tática, pois precisava de mais informações, e colocou “Paul” na conversa.

– Victor, agora é o Paul que vai falar um pouco com você, ok?

– Ok, olá, Paul.

– Olá, Victor, fiquei um pouco preocupado com essa história de ciúme, porque é bem como me sinto. Sinto muito ciúme da Claire normalmente, mas tenho essa fantasia louca.

– É… acho que é assim mesmo que funciona, Paul. Tive outras relações mais curtas, mas sempre era assim: ciúme, desejo, mas tudo controlável. Acho que vocês têm que estar seguros do que querem antes de começar realmente.

– Certo, também acho, mas estamos gostando dessa aproximação, sem pressões.

– Sim, compreendo. E compreendam vocês que aqui desse lado também tem alguém preocupado com o desconhecido do outro lado. Quero segurança. Eu tenho família, não quero magoar ninguém, quero apenas alguns momentos de prazer.

– Ah, você também é casado?

– Sim, sou. Eu já havia escrito isso para vocês, preciso de sigilo absoluto.

– Sim, eu gostaria de saber também de você, Victor, como se sentia na relação? Em nenhum momento se apaixonou pela parceira ou sentiu vontade de tê-la para você?

– Claro, acho que isso acontece, mas daí você tem que terminar. Existe

uma vida fora da cama, e nessa vida eu tenho uma pessoa que amo e não iria arriscar tudo por uma paixão com um tipo de mulher que não quero para mim.

– Opa! Agora sou eu, Victor, a Claire. Você não gostaria de uma mulher como eu para sua vida, mas gosta para quê, então?

– Claire, não se ofenda… eu aprecio muito seu tipo de mulher para isso… para uma aventura… para um pouco de emoção na vida… mas para meu dia a dia eu não daria conta, é muito arriscado esse jogo que fazem… Eu ficaria sempre na dúvida se minha mulher não estaria indo além das fantasias, praticando-as sem mim.

– Compreendi, e não me ofendi. Mas nas suas experiências anteriores você viu esse tipo de desconfiança nos maridos? Estou preocupada com o Paul.

– Sim, Claire, eu vi em quase todos, e vi ciúme de outros homens, como já falei, não de mim, mas do mundo. É um pouco incompreensível para mim, porque se o homem tem ciúme e quer compartilhar a mulher com outro, isso deve provocar sofrimento. Mas eu não sou psicólogo, sou apenas alguém que usufrui da fantasia dos outros.

Simone conseguiu categorizar o que ele dizia facilmente, dor, prazer, masoquismo puro, entregar o outro para sentir dor e dessa dor ter prazer, e depois do prazer mais dor, círculo vicioso exato do masoquismo. Faria essas anotações depois da conversa.

– Victor, o Paul pede para dizer que gostaria de encontrar você, e daí, se ele concluir que é você quem procuramos, eu irei ao próximo encontro.

– Esta semana estarei fora, volto na próxima e entro em contato. Penso que um encontro entre nós seria fundamental. Se não houver química, não adianta prosseguirmos infinitamente nessa história.

– De acordo, Victor, tenha um bom fim de semana e uma ótima semana. Paul lhe deseja o mesmo.

– Para vocês o mesmo. Por favor, no nosso próximo encontro virtual, tentem marcar em um dia de semana, ficou complicado encontrar esse tempo sem minha esposa, certo?

– Perfeito, compreendido.

Após encerrarem a conversa, Simone fez as anotações correspondentes ao diálogo, mas estava quase certa de que um dos motores desse tipo de fantasia era realmente o masoquismo. Decidiu que postaria também um anúncio de alguém querendo ser acompanhante para um casal, para ver o outro lado. Não tinha pressa, era meticulosa, queria precisão.

Quando olhou pela janela, a chuva fina já havia parado e a noite começava a cair, o dia havia terminado, era fim de sábado. Estava começando a sentir necessidade de um pouco de companhia em sua vida – quem sabe alguém para jantar? Quem? Deixou o assunto arquivado. Decidiu comer alguma coisa e depois ler um pouco.

Trabalho, trabalho, trabalho, pensou. Talvez a vida se resumisse a isso, talvez ela só fosse talhada para trabalhar, e amar fosse para outras pessoas, com olhos mais fechados e menos lucidez. Ninguém resistia à sua análise clínica por mais de quinze minutos. Na primeira hora de conversa, Simone já havia traçado o perfil psicológico da maioria das pessoas, e suas intenções. Ficava difícil se apaixonar dessa forma.

Apaixonar-se requeria pequena dose de cegueira e alta dose de fé. Simone não era cega e tinha pouca fé no “amor verdadeiro”. O pensamento não a deixou infeliz, somente resignada ao fato de que talvez passasse o resto da vida só… Talvez o máximo que conseguisse de felicidade fosse o trabalho e os poucos amigos próximos que tinha.

Com aquele pensamento em mente, abriu o manuscrito de Mark e em alguns minutos já estava perdida no texto novamente.

O Diário de Mark

Exclusividade

Após a noite que Lara passara na minha cama, ela sumiu por uns dez dias, telefonei uma, duas vezes. Ela gostava de jogar, eu não. Sou simples e direto: se uma mulher me quiser, ótimo. Se não… existem muitos peixes no oceano.

Me senti melhor com essa decisão, mas a vontade de vê-la era imensa. Pensava nela constantemente e não conseguia tirar da cabeça nossa transa. Então a encontrei numa *delicatessen* no SoHo. Ela estava indo para um restaurante abraçada a um homem que se grudava nela em atitude bem possessiva. Ver os dois doeu, o ciúme enfiou sua faca em mim. O homem estava beijando o pescoço dela quando ela me viu.

– Mark, querido, você por aqui! Este é meu amigo Tony. Tony, este é meu amigo Mark.

Ficou fácil então entender que éramos todos "amigos" de Lara – amigos com bônus, aparentemente. Não sei o que eu estava pensando. Nós, homens, conseguimos ser assim. Eu mesmo já tive várias "amigas", mas não queria ser um dos amigos de Lara. Meu lado machista do ano aflorou.

– Viajou de novo, Lara?

– Não, estava por aqui.

E o "amigo" ajudou a esclarecer: – Nem sempre ela faz o número do desaparecimento… mas faz um bocado! Com certeza se enfiou em algum lugar misterioso…

Ah, então não era somente eu o frustrado. Ótimo! Fiquei ao menos consolado em saber que o outro "amigo" recebia o mesmo tratamento que eu.

– Tenho que ir, boa noite para vocês dois.

– Boa noite, Mark, ligo para você.

E me deu um beijo no rosto.

– Boa noite, Mark, um prazer conhecê-lo.

– O mesmo, Tony.

"Que você morra atropelado por um trem expresso, seu merdinha", pensei.

E assim se foi pela janela minha ilusão de ter algum tipo de relacionamento diferente com a Lara. Entendi que aquela mulher significava bons momentos de aventura, mas que ela nunca me prometera nada. *Au*

contraire, me alertara sobre ser “ganancioso” quando falei em mais tempo juntos. Erro meu. Eu fui o estúpido e estava me sentindo o completo idiota. Queria chutar minha própria bunda. Não me reconhecia no papel patético em que me havia colocado.

Fiquei em frente ao restaurante alguns minutos, tentando decidir o que fazer na sequência… Considerei a hipótese de um assassinato, mas no final decidi ligar para Peter para ver se ele toparia um drinque. Eram quase oito da noite e seria bom conversar com alguém. Se eu fosse para casa sozinho me sentiria infeliz.

– Oi, Pete, e aí, vamos tomar alguma coisa?

– Oi, Mark, tudo bem comigo, obrigado.

– Me desculpe, estou meio estranho hoje.

– Tudo certo.

– E aí, topa beber algo?

– Claro, vamos aonde?

– Aonde você quer ir? – eu lhe perguntei.

– Onde você está agora?

– No SoHo.

– Ok, me encontra no Boqueria, daí já comemos algo, que eu não jantei ainda.

– Boqueria, sei que já fui lá, mas não me lembro onde é…

– Spring Street, não sei o número.

– Eu encontro.

Boqueria é um restaurante pequeno. Do lado de fora parece um armazém, mas dentro tem uma atmosfera agradável de bodega espanhola, com presuntos pendurados no teto. Pedi uma mesa discreta próxima à parede e esperei Peter.

Quando ele chegou, me abraçou, mas dessa vez acho que sentiu meu humor de “navio afundando” e não foi tão efusivo nos cumprimentos. Pedi um uísque duplo e Peter, uma taça de vinho tinto.

– O que dói, meu amigo? Sua cara é de quem perdeu algum processo sério, está com dor de dente ou com hemorroidas.

– Pete, pelo amor de Deus, você consegue ser sério?

– Para quê? A vida já é séria o suficiente, não vou colaborar sendo mais

um deprimido por aí. Me conta.

– Lara.

– Ai, não, você se apaixonou pela Lara? Eu avisei… meu amigo, eu a adoro, mas não dá para ancorar ali, é canoa furada.

– Agora é tarde, não tiro a desgraçada da mulher da cabeça, e ainda por cima a vi com outro cara hoje na porta de um restaurante, cheia de amores.

– Essa é a Lara.

– O que você quer dizer com “essa é Lara”?

– Você não escutou nada do que falei outro dia, não é? Lara não é para pegar na mão. Nunca a vejo de mãos dadas por aí com ninguém por muito tempo, e você achou que podia fazer diferente… meu amigo… Não sei o que dizer, talvez você realmente consiga, é charmoso, bem-sucedido, bonitão – aliás, você seria um ótimo gay.

– Pete, vou começar a considerar o mundo gay. Não entendo as mulheres!

– Ok, eu lhe dou um *tour* gratuito se quiser… Parece que você não entende essa mulher e por isso está aí todo caidinho, apaixonado pelo mistério… Saia dessa, meu amigo! Encare a realidade, entenda o que ela tem para oferecer e pense se quer ou não.

– Eu quero exclusividade, a quero para mim! – disse enfaticamente, apontando para o meu peito.

– Você está obcecado, só isso. Ai, meu Deus! Como o ser humano é masoquista, não consegue receber um não como resposta! Quanto mais rejeitado, mais se apaixona!

– Não é nada disso, Peter… ou talvez seja, sei lá… Gosto da loucura dela, gosto do cheiro dela, da imprevisibilidade!

– Essa imprevisibilidade está fodendo você! – Peter apontou o dedo para a própria cabeça e disse: – Pense racionalmente: se a quer, decifre-a, use a cabeça, ou ela devora você! – e como Peter é Peter… ele formou garras com as mãos e rugiu para mim como um leão. Se eu não estivesse tão deprimido, teria rido.

– Como?

– Hum? – Peter pareceu surpreso com minha pergunta e continuou: – Essa parte eu não sei. De verdade, não tenho a mínima ideia. Sou bom de falar, mas sou o gay mais masoca de toda Nova York. Basta que me rejeitem que me apaixono. Algumas vezes até acho que sou apaixonado por você, de tanto que me rejeita!

E pôs a mão sobre o coração, bancando a prima-dona.

– Peter, vá se foder, você é um caso clássico de debilidade mental! E eu achando que estava falando com sabedoria…

– Sim, a sabedoria de quem só apanha. A experiência nos torna sábios… ou ao menos nos faz parecer sábios.

– Alguma ideia brilhante?

– Vou pensar; posso fazer uma festa lá em casa e convido vocês dois… Tipo casal armado… e peço a ela para levar um gay lindo que conheça, daí já me ajeito também.

Os olhos dele brilharam como se ele já estivesse na festa.

Olhei feio para ele – Você é bem egoísta, sabia? Me deixe pensar.

Peter continuou:

– Eu gosto de vocês dois. Seria bom juntá-los, meio água e óleo, diria eu… Mas os opostos sempre se atraem. Claro que depois se repelem em igual intensidade, mas até lá, sei lá se estaremos vivos! Quando foi a última vez em que vocês saíram?

– Dez dias atrás. Ela me convidou para uma festa, foi superestranho, transamos no carro com um motorista nos assistindo. A mulher é insana, acho que não gosta de superfícies, só de obstáculos.

– Superfícies significam camas… camas significam envolvimentos… envolvimentos significam relacionamento… Em outras palavras, meu amigo: ela não quer se relacionar, quer transar! Transa, pelo amor de Deus, e pronto! Você é o homem aqui!

Ele apontou o dedo para mim e pude ver as unhas pintadas com algum tipo de esmalte transparente… o quão estranho ele conseguia ser?

– Ok, deixa eu terminar. Daí fomos a uma festa de alguém, algum “amiguinho” de quem ela decorou o apartamento. Encontramos lá uma senhora chamada Sabine, que disse ser a mãe da Lara, que tratou a mãe como se fosse lixo tóxico e me arrastou para fora da festa.

– Sabine? A mãe de Lara? Homem, aquilo é uma lata de vermes! – ele parecia surpreso.

– Por quê?

– Não conheço a história… ninguém fala naquela família… mas a mãe os abandonou por causa de um senador ou algo assim. Sei que os pais eram separados fazia tempo quando eu frequentava a família, e a mãe era assunto

proibido.

Peter falava em tom baixo, como se estivesse me contando um segredo obscuro.

– Proibido?

– Bem, o que quero dizer é que ninguém falava sobre ela. Quem criou a meninada foram o pai da Lara e a avó, Emma, que era mais louca que a Lara.

– Mais louca que a Lara? O que ela fazia? *Strip-tease* na praça?

– Olha, não tenho certeza de que não tenha feito isso. Ela era irreverente, tinha zero respeito por convenções, pilotava uma moto e nos divertia muito, porque era como se tivéssemos uma amiga adolescente com experiência. Então os conselhos eram fantásticos, reais. A adorávamos!

Peter sorria enquanto falava sobre Emma. Aparentemente tinha grande respeito pela senhora.

– Morreu?

– Sim, uns quatro anos atrás. Foi duro para todos nós. Eu fiquei mal, a Lara ficou devastada. Foi uma das raras vezes em que vi os sentimentos dela na superfície: desespero de perder a avó.

– Uau, Peter, obrigado por me contar isso. Você sabe, depois que encontrei a mãe dela, Lara não quis falar no assunto. Eu a levei para minha casa e a coloquei na cama, ela me pediu para não deixá-la sozinha… Achei que talvez estivéssemos começando a nos entender, mas ela escapou de manhã cedo e não responde o telefone desde então.

– Vou sondar para você… Vou tentar sutilmente falar com ela e ver o que anda acontecendo, sem deixá-la saber que tenho acompanhado o *affaire*… Para mim vocês só se viram na minha festa, certo?

– Mas isso é uma estratégia bem gay, Pete, não vai dar.

– Você tem ideia melhor? – novamente o dedinho pintado apontado para mim…

– Vou falar com ela, obrigado de qualquer forma, meu amigo, me ouvir já valeu.

– Para isso servem os amigos…

Cantou a frase em inglês em voz alta e com direito a prolongamento da última palavra… Todos em volta olharam… Era Peter sendo Peter…

Saí meio alcoolizado e cheio de coragem, peguei o telefone, ensaiei umas dez vezes o que iria falar e fui para casa dormir.

O Diário de Mark

Quem é o chefe?

No dia seguinte ao encontro com Peter, eu estava no escritório, ocupado, sentado na sala de reunião, cercado por livros e papéis, estudando um processo complicado, quando meu telefone tocou. Pensei em ignorar, mas vi que era Lara.

– Oi, cabritinho – a voz dela tinha um tom rouco de quem acabara de sair da cama.

– Oi, Lara.

Prometi para mim mesmo que iria parar com os joguinhos de não sei quem é você e não sei o que quero.

– Vamos jantar? – ela perguntou.

– Vamos.

Simples assim pode ser a vida: um telefona, outro atende, um diz o que quer e o outro aceita. Mas toda vez que eu ligava ela não atendia a merda do telefone!

– Algum lugar especial onde você queira ir, cabritinho?

– Você pode escolher.

– Há um indiano ótimo que se chama Amma, conhece?

– Não, onde fica?

– Na East 51st, nos encontramos lá?

– Não, eu gostaria de buscar você, pode ser?

Ela ficou em silêncio alguns segundos, como que pensando na resposta.

– Pode… que hora?

– Às oito está bom para você?

– Bom, vou fazer a reserva. O lugar é pequeno e bem lotado.

– Boa ideia, até a noite, Lara.

Eu não estava com vontade de esticar a conversa.

– Até, Mark.

Progresso! Lembrei que eu sou o advogado aqui, eu dou as ordens, eu sou o perito em palavras, para o inferno com cabritinho isso, cabritinho aquilo… Se for algo parecido com um cabrito, então eu seria um daqueles filhos da puta bem grandes e fortes que ficam nas montanhas. Líder da chibarrada. Me senti macho, com atitude. Mas o sentimento durou só cinco minutos… Até que eu visse a pilha de papéis que tinha que analisar antes do jantar. Coloquei meu machismo de lado e voltei ao trabalho.

Às oito horas estacionei em frente ao prédio de Lara, e ela já estava esperando por mim. Incrivelmente, ela não estava "vestida para matar": usava uma calça jeans colada! Pensando bem… talvez um pouco "vestida para matar": bota de saltos altos, blusa até o pescoço, pouca maquiagem, cabelos soltos, cheirosa. Me saudou com um selinho.

Abri a porta do carro para ela, ajudei-a a se instalar, me acomodei ao volante e rumamos para o restaurante.

Somente a Lara para descobrir um lugar como o Amma, minúsculo, umas dez mesas no máximo. Decoração simples e aconchegante, as paredes tinham um tom de salmão, e a mobília era barata mas bonita. Imediatamente entendi a roupa mais despojada de Lara… Meu terno ficou um pouco fora de lugar… mas sou advogado, faz parte de mim. De qualquer forma, tirei a gravata e afrouxei o colarinho.

Sempre gostei de comida indiana. Começamos a escolher o que comer, eu sugeri meus pratos favoritos: Cochin Crab Cakes, *naan*, arroz com menta e *butter chicken*. Eu estava no comando. Escolhi um vinho Gewürztraminer para acompanhar, perfeito para comidas apimentadas.

Após decidirmos o cardápio, começamos a conversar.

– Você não é muito de atender ao telefone…

– Quando não sei o que falar… prefiro não atender.

– O que acha que eu queria falar com você que preferiu não atender? Ou de modo geral você não sabe o que me falar?

– Eu não queria falar sobre a noite da festa, e também não sei o que lhe dizer.

Me surpreendeu, porque ela falava o tempo todo. Talvez Peter estivesse certo, sentimentos a perturbavam, então ela estava sentindo algo? Sim, sentir algo podia ser repugnância, também – nojo é um sentimento…

– Isso significa que você gostaria que eu parasse de importunar você?

– Não… isso significa que eu não tenho respostas para as perguntas que sei que você vai me fazer.

“Ah… vidente… sabia que eu tinha perguntas”, pensei com ironia.

– E quais perguntas eu tenho?

– Por que não uma cama? Por que ela não atende ao telefone? Por que some? Por que não podemos passar mais tempo juntos? Por que fugiu da minha cama? Por que foi má com a mãe?

Que interessante… Consciente, a moça, do próprio comportamento.

– E quais seriam as respostas?

– Não tenho nenhuma. Eu só vivo, Mark, não planejo. Você, ao contrário, me parece que só planeja… mas sei lá, nós mal nos conhecemos.

– E você não quer conhecer mais…

– Quero… não quero… não tenho resposta para isso também… Você me desconcerta… Você tem uma doçura que me perturba… Estou acostumada com a alcateia… Uns pulando no pescoço dos outros… Você é gentil… é doce… educado… Eu não sei o que fazer com você.

– Mas sabe o que fazer com o cara com quem estava ontem…

Achei que ela ia alegar que era só um amigo, ou melhor, apenas bons amigos…

– Sim, com ele eu sei. Queremos o mesmo… diversão e pronto… Você quer mais, eu sinto isso em você.

– Me dê mais, então!

Pronto, lá se foi todo o meu orgulho pelo ralo. Eu queria mais, mesmo, e não queria mais esses jogos estúpidos.

– Não posso, não consigo, não está em mim. Mas gosto de estar com você, volto sempre em busca de mais. Mas não sei lidar com a proximidade.

– Aprenda! Você é uma mulher inteligente.

– Eu sou – e riu triste. – Mas sou racional demais! Não me entenda mal, não sou fria, mas é tudo que consigo dar conta. Quando fico emocional, as coisas fogem do controle.

– E você gosta do controle…

– Eu preciso dele para minha sanidade. Eu tenho trinta e cinco anos, Mark… e não foram anos de rosas…

– Nunca vou machucar você…

As palavras dela eram de quem devia ter sido muito machucada em algum momento, então tentei mostrar que eu não seria mais um a fazê-la sofrer.

– Nunca é tempo demais. E ninguém machuca porque quer, salvo se for um doente, e você não me parece nada doente.

– Me deixa chegar mais perto de você…

– Se respeitar os meus espaços… minhas fugas, que são meus encontros comigo mesma. Você acha que isso é possível?

– Vou tentar… atenda ao menos ao telefone e diga: hoje não, hoje sim, e eu prometo respeitar sua vontade.

– Está bem, trato feito! Ela sorriu.

– E mais uma coisa… por favor, não me chame mais de cabritinho, que é irritante!

O jantar foi perfeito, a pimenta era forte, sensual, deixava a boca latejando, mas os pratos estavam saborosos e bem preparados, do início ao fim. Tudo ótimo, a companhia fantástica de Lara, que, após o diálogo pesado inicial, se mostrou leve e divertida. Ela era extremamente engraçada e me fazia rir com suas observações, às vezes cômicas, às vezes mordazes.

Paguei a conta e a convidei para ir até meu apartamento. Ela aceitou, tinha entendido que eu era o chefe – quase bati no peito como Tarzan.

Fui o chefe até chegarmos na minha casa. Lara foi ao toalete, saiu de lá nua, usando apenas as botas de cano, linda, gostosa… Está bem, ela era a chefe. Eu de joelhos novamente, ou melhor, ela – com a boca uma fornalha apimentada, começou a me chupar, a sensação de calor da pimenta que provocava ardência era indescritível! Eu me segurei nos ombros dela enquanto ela me devorava, totalmente no comando novamente.

Quando recuperei o fôlego, levantei-a e coloquei-a em cima da mesa de jantar da sala e foi minha vez de saboreá-la lentamente. Comecei sugando os seios fartos e pela primeira vez observei um pequeno corte no canto inferior deles… silicone… sem problemas, eram lindos.

Fui descendo até chegar ao sexo, que tinha cheiro de desejo e molhado. Acariciei lentamente com a língua as partes externas e fui intensificando o movimento, até começar a sugar o clitóris. Ela gemia forte, num verdadeiro escândalo, e eu me sentia orgulhoso da proeza de fazer aquele mulherão gemer daquela forma.

Assim que ela gozou, não tive dúvidas e penetrei-a forte, em cima da

mesa. Ela passou as pernas em volta da minha cintura, ainda de botas, e fizemos sexo intensamente até chegarmos a um clímax vulcânico.

– Foi muito bom – ela falou e me deu um sorriso doce e sereno.

– Sim, foi.

– Mas, para quem queria ir para a cama, essa mesa fria me pareceu algo diferente…

– Você não me dá tempo! Aparece nua no meio da sala e quer que eu pense em cama? A única coisa que consigo pensar é como me enfiar no meio das suas pernas o mais rápido possível. Mas vamos para a cama?

Fiquei com medo que ela dissesse não, recolhesse as roupas e saísse da minha vida por mais dez dias.

– Vamos, sim.

Na cama fizemos sexo novamente por mais algum tempo, até a exaustão. Acho que no final já estávamos fazendo para ficarmos saciados um do outro, e não por tesão, até que dormimos, exaustos.

*

Na manhã seguinte ela estava ao meu lado, os cabelos espalhados pelo travesseiro branco, o rosto enterrado nas cobertas. Sorri, me senti no comando novamente. Eu era o chefe.

Capítulo Dez



Simone tinha os olhos ardendo quando ouviu a campainha. Foi abrir a porta e era Edward, garrafa de vinho numa mão, um guarda-chuvas e uma sacola equilibrados na outra.

– Como você não atendeu ao telefone, resolvi aparecer, porque tinha certeza que estaria trabalhando em pleno sábado. Chega, mulher, vamos tomar um vinho e eu vou cozinhar algo para você.

– Edward, você caiu do céu! Pus o telefone no silencioso porque algum lunático não parava de ligar e desligar, mas estava trabalhando no texto do cliente de Nova York, sim. Que bom que apareceu!

Para qualquer pessoa seria falta de educação aparecer na casa do outro sem ser convidado, mas para Simone e Edward não. Tinham esse tipo de liberdade, da qual faziam uso restrito, e que sempre significava que quem apareceu precisava de colo.

Jamais um aparecia na casa do outro quando sabia que o outro estava em algum tipo de relacionamento amoroso, mas, no momento, não era o caso.

– Vamos para a cozinha, Ed. O que vai fazer de bom hoje?

Edward gostava de cozinhar, comidas simples, mas sempre ótimas. Não era para impressionar ninguém, não era um *chef*. Cozinhava por carinho com os amigos.

– O que você acha de uma massa com molho Alfredo?

Foi mostrando os ingredientes que havia trazido, tirando-os da sacola, e começou a abrir os armários em busca dos utensílios. Era familiarizado com a casa, estivera ali inúmeras vezes.

Simone abriu o vinho e buscou duas taças grandes, pegou um saca-rolhas, abriu a garrafa, serviu o vinho, estendeu uma taça para Edward e colocou a outra sobre a ilha de mármore branco, para saborear enquanto Edward cozinhava.

– Pronto, meu amigo, agora que começou a mexer nas panelas, conte-me: o que houve?

– Noah…

E deu um suspiro cansado. Ele começou a preparar a comida, movendo-se rapidamente. Pôs água numa panela e a panela no *cook top*, pegou uma tábua e uma faca para cortar os ingredientes.

– O que houve agora? A Beth envenenando novamente?

– Não… peguei-o fumando maconha. Ele foi lá para casa ontem… eu tinha um jogo de tênis com um amigo, estendemos um pouco a coisa, fomos tomar umas cervejas, o Noah ficou em casa. Sempre leva um amigo. Dessa vez era uma amigo novo, que eu nunca tinha visto… Quando cheguei, meu apartamento parecia um defumador.

Ele parou de cortar, foi até a geladeira e pegou a manteiga.

– Meu Deus, mas não está cedo para esse tipo de experiência? Ele só tem doze anos!

– Já nem sei mais… adolescente não é o meu forte…

Edward pegou uma frigideira, jogou manteiga dentro e começou a derretê-la. Depois, juntou o alho, virou-o, adicionou o vinho que havia trazido e creme.

– E o que você fez?

– Ejetei o amigo, peguei o Noah pelo colarinho e levei para a casa da Beth. E daí, minha amiga… você já imagina o desfecho: acusações mútuas, gritaria…

Edward terminou o molho, deixou-o ao lado e checou a pasta para ver se estava pronta.

– Não seria a Beth se não houvesse gritaria…

Tinha dias que Simone não entendia como Edward suportava chegar perto da ex-mulher – um verdadeiro vinagre, intragável, mas ele era calmo e sempre tentava agir com equilíbrio. Só que hoje não parecia nada bem.

– Simmie, pode pôr a mesa, por favor?

– Claro. O que você pensa em fazer?

Ela pegou dois jogos americanos, dois pratos, garfos, facas e os guardanapos brancos de linho e arrumou tudo rápido. Não era muito boa em atividades domésticas, mas ao menos sabia arrumar uma mesa.

– Não sei, estou procurando uma psiquiatra para me ajudar. Ele riu da própria piada.

– Eu penso que é preciso submetê-lo a algum tipo de exame, para saber a profundidade, quanto já consumiu.

– Ele jurou que foi a primeira vez, que só estava experimentando, mas sei lá, ele não é mais aquele menino que confiava em mim e me contava tudo…

– Bem-vindo à adolescência, Ed, eu sempre pensei que os filhos deveriam hibernar aos doze e acordar aos vinte e um anos. O mundo seria mais pacífico! Mas os próximos anos serão árduos, se ele começou assim aos doze.

– E se eu pegasse a guarda dele, Simmie, o que acha? Ele precisa de uma influência masculina em bases mais permanentes?

Edward estava preocupado. Conversaram mais um tempo sobre Noah e enfim começaram a relaxar. Simone aconselhou Edward a procurar um colega deles, especialista em adolescentes, e Edward concordou. Ele parecia aliviado por ter algo produtivo para fazer. A comida ficou pronta. Estava ótima, tudo o que um sábado à noite chuvoso pedia.

Simone começou a conversar sobre a pesquisa e deram bastante risada juntos lendo alguns e-mails.

– Sabe, Simmie, essa nossa ideia é meio maluca, mas ao menos rende boas risadas.

– É bem maluca, mesmo. Hoje você falou com um sujeito e quase marcou um encontro, vai ter que marcar dentro em breve. Esse sujeito quero analisar, já consegui extrair bastante material de um simples diálogo. Corrobora em tudo o que me dizem meus pacientes. Sempre tem um certo masoquismo envolvido nesse tipo de fantasia.

– Eu falei com um sujeito? – ele riu. – Simmie, você é doida. Precisamos ser cuidadosos com essa pesquisa.

Os dois começaram a rir. Sem dúvida também pelo efeito do vinho consumido – estavam na segunda garrafa. “Que sentimento maravilhoso é o da cumplicidade da amizade”, pensou Simone, “muitas vezes melhor que um relacionamento amoroso complicado”.

– Você está com molho na boca, Ed – disse Simone, e passou o dedo no lábio inferior de Edward para retirar um pouco do molho que estava ali. Nesse momento, ele segurou a mão de Simone e beijou-a carinhosamente.

Simone ficou surpresa com a sensação que o toque dos lábios de Edward causou em sua pele. Um arrepio lhe percorreu o corpo e ela atribuiu a culpa ao vinho, à solidão e ao término dela, proporcionado pela adorável presença do amigo. Fez um carinho no rosto de Edward e disse: – Obrigada por ter aparecido e me tirado de um sábado infernal.

Simone olhou para Edward e viu que ele também havia ficado abalado com o carinho repentino – ah, o vinho… Melhor ficarem atentos, porque não

seria bom para ninguém darem vazão a qualquer tipo de sentimento diferente da amizade.

– Acho que vou indo, Simmie. Já estou cansado e o vinho está me deixando bem alegre.

– Ei, você não vai sair por aí dirigindo nesse estado. Dorme aqui.

– Certeza?

– Certeza. Você já conhece bem meu quarto de hóspedes, pode rumar para lá. Está prontinho como sempre, com escovas de dente extras dentro do armário.

– Eu te amo, Simmie!

Havia emoção nas palavras dele, mais do que o normal.

– Eu também amo você, meu amigo querido. Vamos dormir, porque já estamos parecendo dois sonâmbulos.

Simone foi para seu quarto, Edward para o de hóspedes. Estava exausta, feliz e com uma sensação maravilhosa de ter alguém querido perto dela.

No dia seguinte, acordou tarde. Edward já havia partido, deixando uma bandeja com o café da manhã que havia preparado e que agora já estava frio, e uma nota de agradecimento pela noite maravilhosa.

Simone vestiu uma roupa de ginástica e saiu para correr. A chuva havia parado e o tempo estava fresco.

Ao retornar, tomou um banho rápido, vestiu uma roupa confortável e foi para a cozinha preparar um chá. Levou a caneca até o sofá, colocou-a sobre a mesinha lateral e se acomodou para retomar a leitura. Hoje dedicaria o dia a terminar o texto de Carl, ou ao menos tentaria adiantar a leitura.

O Diário de Mark

Rotina

Depois da nossa conversa, meu relacionamento com Lara assumiu uma espécie de rotina: ela ia e vinha, eu respeitava os espaços dela e ela não desaparecia mais, apenas me dizia que não podia ou não queria sair.

Para mim não estava sendo fácil entender, no entanto eu pensava que, com o tempo, ela confiaria em mim e talvez as coisas mudassem. O fato é que eu estava completamente apaixonado, como nunca estivera na vida, talvez obcecado, como insistia em dizer o Peter. A paixão nos idiotiza. Eu me sentia um tolo, sem saber muito bem como lidar com meus sentimentos.

Apesar de minhas esperanças de que Lara mudasse, tentava levar minha vida como se Lara não existisse… De qualquer forma, às vezes ela me parecia uma miragem.

Tentei sair com uma amiga com quem às vezes me divertia, Samara, mulher interessante e linda. Fomos para a cama. Eu precisava me livrar da obsessão por Lara, mas só piorou, porque a comparação foi inevitável e Lara ganhou com muitos pontos de vantagem. E ainda acabei por assustar a mulher, porque me peguei sendo selvagem como era o gosto de Lara, e Samara não era da mesma opinião. Ela gostava de fazer amor, e Lara, de trepar.

Lara era um mistério. Havia uma mistura de medo e desconfiança no comportamento dela. Era nítido que tinha pavor de relacionamentos. Eu ainda não havia decifrado o enigma da pirâmide, mas estava tentando.

Sexo com ela era sempre explosivo, fantástico. Transávamos nos lugares mais insólitos e às vezes na minha cama, daí ela se aninhava nos meus braços até de manhã cedo e, como sempre… sumia por uma semana. Eu tentava ouvir Peter e apenas viver, ou a própria Lara, que dizia para não planejar, mas aquele não era eu, definitivamente.

Liguei para ela uma noite e perguntei se gostaria de ir para Atrás da Porta. Eu queria novamente aquela experiência inebriante. Ela aceitou de pronto e fomos para lá.

Lara vestia um impermeável; quando chegamos ao local, retirou-o e por baixo tinha um vestido de matar, meu Deus! Todo decotado e cheio de fendas na cintura e nas costas, não sei como ela equilibrava aquilo, mas fiquei louco só de olhar para ela.

O procedimento foi igual ao da primeira vez: revistas em busca de telefones e pequenos dispositivos que pudessem filmar. Entramos, dançamos

um pouco, bebi algumas taças de uísque, minha cabeça começou a ficar leve, daí puxei Lara pela mão e fomos para atrás da porta.

Aquele dia estava mais calmo por lá, com menos pessoas, e era possível ver melhor o ambiente, suas luzes bruxuleantes, seus veludos vermelhos. Era um local altamente eletrizante, não apenas pelos gemidos, mas porque fora desenhado para despertar a libido.

Caminhamos de mãos dadas por um labirinto mal iluminado. Aproximou-se de mim uma ruiva estonteante, me acariciou o peito; nisso Lara pegou e colocou a mão por dentro da blusa da mulher e lhe acariciou o seio. Pensei: hoje a noite é minha! Minha fantasia entregue numa bandeja. Acho que encontrei o gênio da lâmpada!

Lara puxou a mulher para si e começou a beijá-la na boca. As duas se beijaram na minha frente e eu me senti como um adolescente, quase gozando apenas de olhar a cena erótica. Daí Lara fez algo inesperado. Empurrou a mulher e disse: “Caia fora, vaca, este é meu!”

Ciao ciao, bambina, ciao, ciao, dolce ilusione. Nem tive tempo de saborear o gosto da Lara com ciúmes, tamanha minha frustração. Em minha mente, eu já estava vendo aquelas mulheres maravilhosas nuas e nós três transando.

Lara virou para a parede, ficando de costas para mim, e disse: – Entra em mim rápido, agora!

Não precisou pedir duas vezes. Peguei um preservativo que levara no bolso, vesti-o e penetrei-a fundo, sentindo o traseiro dela me pressionando. Estoquei tão rápido e tão forte que achei que a estava machucando, mas não me importava. A adrenalina era violenta, o tesão, intenso demais. Passei o braço ao redor do pescoço dela para me apoiar, ela gemeu e pediu: – Aperta!

Apertei o pescoço dela e ela gritou: – Mais forte!

Apertei de leve e ela pediu para intensificar. Comecei a apertar sentindo o gostoso da fantasia de dominar completamente uma mulher, deixando-a sob meu jugo, empalada e presa pelo pescoço. Estava no domínio total e o prazer que senti foi duplo: era um prazer de sexo e poder ao mesmo tempo. Gozamos até ficarmos de pernas moles.

Depois de normalizar minha respiração e me livrar do preservativo, me lembrei de que havia apertado bastante o pescoço de Lara e me preocupei.

– Machuquei você?

– Não, Mark, foi a melhor trepada nossa. Fico louca quando você aperta meu pescoço.

Quando olhei, havia algumas pessoas nos assistindo. Fiquei dividido entre a vergonha e a sensação de poder de ter feito aquela mulher gozar violentamente para a plateia. Gostei da segunda sensação e me esqueci rápido da primeira.

– Você ficou louco quando beijei aquela mulher…

– Fiquei, foi uma cena bem quente, queria ver novamente.

– Ok, vem cá.

Lara me levou pela mão até onde estava a ruiva sendo acariciada por um homem, mas nitidamente repelindo-o com a mão. Lara a trouxe para perto de nós, agarrou minha mão e pôs no próprio seio. Enquanto isso, começou a beijar a ruiva. Pediu para eu sentar em um banco e colocar novo preservativo, montou em mim, começou a cavalgar, enquanto posicionava a ruiva de forma a beijá-la, deixando-a acariciar seus seios.

– Beije-o – disse para a ruiva.

A mulher obedeceu rapidamente, quase engolindo minha língua. Lava líquida me envolvia, meu pau enfiado em uma mulher e eu beijando outra. Aguentei pouco. Quando ouvi Lara gozar, não aguentei e gozei junto, não tinha como segurar.

– Ei, vocês dois, e eu? – reclamou a ruiva.

– Você já ganhou o que merecia hoje, menina – disse Lara. – Agora vai circular e arranjar seu homem, que este me pertence.

– Vaca! – disse a ruiva entre dentes.

– Piranha e ok, estamos empatadas! – falou Lara, dando uma apertadinha no bico do seio da menina, que a essa hora estava completamente exposto.

Uau, duas gatas trocando farpas por minha causa! Sou o galo do pedaço!

– Ok, Mark, você é gostoso, tenho que admitir, e pelo jeito não sou só eu que acho – Lara não pareceu muito feliz em admitir.

Tive que rir, me senti um presente de Deus para as mulheres. Lara admitiu que gostava de transar comigo, sentiu ciúmes, e sem falar no sexo explosivo que acabáramos de fazer. Estava bom, acho que iria me contentar com isso. Talvez não precisasse mesmo de um relacionamento.

Transamos ainda uma vez em um espaço reservado e depois saímos. Lara disse que queria dormir na casa dela e me perguntou se eu estava a fim de ir para lá. Mais um progresso! Primeira vez que eu iria para a cama dela!

Quando chegamos ao prédio de Lara, era quase uma hora da manhã e a

mãe dela estava sentada no sofá do chique hall de entrada do edifício de Lara, meio dormindo.

– Que diabos você está fazendo aqui a essa hora? – Lara perguntou.

– Lara, precisamos conversar seriamente – a mãe dela afirmou.

– Sabine, desaparece! Não tenho nada para falar com você já faz uns vinte anos. O que quer agora e a essa hora? – Lara estava tensa, com o dedo apontando para a porta.

– Falar com você – disse a mãe dela, e olhou para mim. – A sós.

– Escuta aqui: eu tenho zero para falar com você. Não vou perder cinco minutos da minha vida para ouvir a merda que você tem a dizer, e se não tirar esse seu rabo barato daqui agora, vou chamar a segurança.

– Lara, me escute! – implorou a mulher.

Lara apenas virou as costas e dirigiu-se ao porteiro, pendido-lhe para chamar um segurança para acompanhar "aquela senhora" para fora do prédio. Acrescentou ainda que "aquela senhora" estava absolutamente proibida de ser recebida.

– Mas, senhorita Lara, ela disse que era sua mãe – o porteiro parecia confuso com a reação de Lara.

– Eu não tenho mãe, aquela senhora é *persona non grata*, um lixo! Sabine, saia já daqui, agora! – Lara mantinha o dedo apontado para a porta e tremia de raiva.

– Lara, calma, vamos subir – conduzi-a para o conjunto de elevadores. – Qual é o seu andar?

– Quinto.

Olhei por sobre o ombro e a mãe havia partido.

– O que houve, Lara? É a segunda vez que você encontra sua mãe e fica nesse estado. O que acontece? Desculpe, não quero me meter, mas você está transtornada.

Ela não respondeu, apenas tremia. Entrou no elevador e subimos. Ela retirou a chave da bolsa e não conseguia sequer enfiá-la na fechadura, de tanto que tremia. Precisei retirá-la da mão dela e abrir a porta.

Uma atmosfera agradável e brilhante nos recebeu. Pinturas nas paredes, almofadas coloridas por toda parte, parecia que eu havia entrado num delicioso harém. Era um apartamento que gritava Lara por todos os cantos. Divertido, sexy, surpreendente. Fiquei analisando o ambiente enquanto ela

sumiu de vista por alguns momentos. Que deliciosa surpresa um apartamento tão aconchegante! Esperava um ninho de sensualidade e erotismo, mas se parecia muito mais com um lar!

O Diário de Mark

Problemas com mamãe

– Não sei o que lhe falar, Lara. Não entendi nada daquilo lá embaixo… Sei lá o que sua mãe fez, mas você escorraçou a mulher… Eu não tenho mãe…

– Você tem sorte, então…

Era difícil ver Lara tão furiosa, rude e extremamente cruel. Ela só ficava descontrolada no sexo. No geral, era afável e mantinha as emoções sob controle. Minha insistência em entender o tratamento frio dispensado à própria mãe parecia enervá-la.

– Eu gostaria de saber. Se me contar, quem sabe eu possa entender. Porque juro que não entendo! A forma como você tratou sua mãe foi horrível.

Eu perdi minha mãe aos dois anos de idade, passei a vida querendo uma, não entendia alguém que tinha e a tratava tão mal, será que por causa do tal divórcio que Peter comentara?

– Ok, você pediu, vamos lá: você insiste em ir além dos limites, insiste em ver o lado negro da lua, tomara que tenha estômago forte!

O que será que viria para ser assim tão forte? Minha imaginação não conseguia pensar em nada que envolvesse aquela senhora bonita e elegante que pudesse ser grave a ponto de provocar na filha um comportamento de ódio.

– Quando eu era pequena, meu pai tinha uma construtora grande e era auxiliado por um político importante, um senador de Washington, onde nasci. O nome dele não vem ao caso. Muito da fortuna que meu pai fez se deveu às conexões do senador. Eu estava acostumada com o político e sua família indo à nossa casa e nós à casa deles. Éramos todos amigos e o senador, como um tio para mim.

Fez uma pausa, foi até a geladeira, pegou gelo, preparou um copo com uísque e tomou um gole. Nem se lembrou de me oferecer. Sua mão tremia.

– O senador tinha um filho vinte anos mais velho que eu. Conhecia-o desde sempre. Ele estudava na Inglaterra e eu raramente o via, e quando o via não trocávamos muitas palavras. Eu era uma menina e ele, um homem. Quando tinha doze anos, ele voltou a morar definitivamente nos Estados Unidos. Era um homem elegante, bem vestido, conhecia o mundo, e começou a se interessar por mim. Quando ia à nossa casa, me levava pequenos presentes que meninas adoram: um batom, um prendedor de cabelo, um CD, um gibi, pequenas porcarias. Ele foi o primeiro adulto que prestou atenção em mim.

Senti um mau presságio com o começo da história. Havia algo ruim ali. Seria melhor pedir para parar?

– Ele também me levava para passear, tomar sorvete nos dias quentes. Tinha um carro conversível, baixava a capota e punha minhas músicas favoritas. Era bem antenado para um "velho", eu pensava, pois ele tinha trinta e dois anos. Me contava coisas sobre o mundo, sobre os locais onde havia morado. Era sofisticado e eu me sentia adulta quando estava com ele. Essa atenção durou todo o verão. Eu tinha acabado de fazer doze anos e me sentia uma mulher. Não queria mais ser criança, e a atenção dele provava que eu já era adulta.

– Você se apaixonou por ele? – senti um ciúme insano daquele homem.

– Me apaixonar? Não sei, talvez naqueles passeios… Acho que me apaixonei pela atenção que ele me dava…pela admiração nos olhos dele, que eu não sabia interpretar, mas sabia que era para mim…

– Uma pequena Narciso se afogando em busca da própria imagem – eu disse.

– Exatamente! Vaidade de menina… Além disso, eu era uma criança carente. Um dia saímos para tomar sorvete, eu com um vestidinho de verão bem leve e colorido, entrei no carro e ele me levou para um lugar tranquilo, um parque meio deserto. Ficamos ali dentro do carro falando de música, até que ele se aproximou e me beijou. Meu primeiro beijo. Senti um calor que nunca havia sentido antes, um desejo que não sabia interpretar. Ele pôs a língua na minha boca e levei um susto, não sabia que um beijo era assim… Imediatamente ele colocou a mão na minha perna e foi acariciando, subindo, e eu sentindo um misto de desejo, curiosidade e medo daquilo. Algo em mim dizia que era errado, que deveria pará-lo, mas ele exercia enorme autoridade sobre mim.

– Filho da puta doente! Você era uma criança! – meu estômago doía, achei que iria passar mal diante da imagem que se formara em minha mente.

– Era e estava bem confusa com a mistura de sentimentos. Ele pôs a mão no meu sexo e estranhamente ele ficou úmido. Isso nunca havia acontecido. Eu pedi desculpas, falei que não sabia por que estava assim, e ele disse que era porque eu o queria. Senti muita vergonha, tentei tirar a mão dele e ele não deixou. Introduziu um dedo em mim, doeu um pouco, mas ele começou a me acariciar, um dedo dentro de mim e outro no meu clitóris. Fiquei muito excitada, acho que gozei, porque a sensação que tive foi maravilhosa.

– Ele estuprou você?

– Não, naquele dia só me tocou. Quando parou de me tocar, me disse que eu era linda, uma linda mulher, e que ele me amava, mas que os adultos não iriam compreender. Então era melhor não falar nada. Me beijou e me levou para casa em silêncio. Só voltamos a falar para dizer adeus.

Ela tomou mais um gole de uísque e continuou: – Quando cheguei em casa, me sentia suja, achava que havia feito algo feio. Fui correndo tomar banho. Encontrei minha mãe, disse que precisava conversar com ela. Ela estava pronta para sair para um jantar e perguntou se era importante, porque tinha pressa. Eu disse que sim, que o filho do senador havia me tocado na perna e colocado um dedo em mim. Ela me deu um tapa no rosto e me mandou nunca mais inventar histórias sobre alguém como ele. Disse que ele era filho da pessoa que mais ajudou meu pai e nossa família, que eu era uma mentirosinha horrível, e foi embora.

– Sua própria mãe lhe disse isso? Aquela senhora fina com quem falei? Eu não acredito!

– Nem eu acreditei, mas a história continua, se quiser ouvir.

– Se quiser continuar…

Meu estômago virava pensando na garota indefesa que Lara fora e no abuso sofrido. Isso explicava muito sobre ela, aquela dor estranha no fundo dos olhos.

– Comecei a evitá-lo… Quando sabia que ele iria em casa, inventava uma história e saía, ia brincar na casa de alguma amiga, fazer um trabalho de escola. Ou simplesmente me escondia, não queria mais vê-lo. Um dia não teve jeito. Ele chegou de surpresa, meus pais não estavam, era um domingo, os empregados de folga. Meus pais haviam ido à casa dos pais dele levando meus irmãos. Eu não quis ir. Minha mãe pareceu entender minhas razões para não acompanhá-los. Fiquei só aquela tarde, mas feliz de não ter que encontrá-lo. Pensei: que bom, minha mãe enfim está acreditando em mim.

Fez uma expressão amarga e triste e continuou.

– Ele chegou… Tinha uma chave. Com certeza minha doce mãezinha foi quem lhe deu. Abriu a porta, eu não tive sequer tempo de reagir, pois estava vendo TV. Ele me pegou de surpresa; disse que eu era uma menina má, que estava fugindo dele e que não deveria fazer isso. Me abraçou, disse que sentia saudades, que eu era a bonequinha dele. Começou a me beijar e novamente senti aquelas sensações estranhas de desejo, medo, vergonha. Ele rasgou minha roupa.

– Lembro-me até hoje que eu usava uma calcinha de algodão com ursinhos estampados. Ele me levou até o quarto e tirou a própria roupa. Começou a acariciar meu corpo e a me chupar, algo que eu nem imaginava ser possível. Fiquei com muito medo, mas muito excitada. Então ele me penetrou com força. Doeu muito, mas ele pôs a mão na minha boca para eu não gritar e ficou bombeando até que gozou e eu comecei a chorar. Estava machucada e com medo. Tudo doía, e havia um pouco de sangue na colcha.

– Lara, pode me dar um uísque, estou precisando – p recisei interrompê-la, pois me sentia nauseado com a história.

– Claro, tome o meu, vou preparar outro – me estendeu o copo e preparou um para si. Ela parecia ter começado a se acalmar.

– Ele me disse para ficar tranquila, que na primeira vez dói, mas que seria diferente dali para a frente. Que eu iria gostar, mas que não deveria contar aos meus pais o que tinha acontecido, porque não iriam compreender. Me levou ao banheiro, me lavou. Havia sêmen em minhas pernas. Naquela época eu não sabia explicar o que era, sabia que era pegajoso. Eu não sabia explicar muita coisa do que havia ocorrido.

– Ele usou um preservativo? Se preocupou com você?

– Estava preocupado, claro, com ele! – ela riu amargamente. – Ele me fez tomar um remédio. Hoje em dia, quando penso, acho que era uma pílula do dia seguinte, algo assim, e eu nem menstruava ainda! Ele estava para lançar a própria candidatura. Tudo o que não precisava era do escândalo de ter engravidado uma criança! E aguenta esta: naquele mesmo dia ele resolveu que tinha que ser bom para mim, daí recomeçou a sessão, e dessa vez foi realmente bom, prazeroso, mas o sentimento de vergonha continuava lá, piorado, porque eu gostava da sensação do sexo.

– E seus pais?

– Convenientemente, só chegaram mais tarde. Até chegarem, nós já havíamos feito sexo umas três ou quatro vezes. Ou melhor, ele fizera sexo comigo. Eu sentia muita dor, mas sabia o que era um orgasmo. Tomei uns cinco banhos antes que meus pais chegassem, precisava me livrar de sensação

de sujeira que sentia.

– Eles não viram a colcha manchada, nada?

– Nada. Ele levou as roupas rasgadas e a colcha ensanguentada com ele, encontrou outra e arrumou a cama antes de sair. Quando meus pais chegaram, eu estava inchada de tanto chorar, me sentia completamente culpada. Ele dizia que a culpa fora minha, porque eu o provocava, e eu ficava pensando como havia feito isso. Ele me chamou de putinha sem vergonha e outras coisas sujas diversas vezes enquanto me penetrava, e eu nem sabia o significado daquilo. Quando fui procurar saber o que era, me senti ainda mais suja e envergonhada.

– Minha mãe perguntou o que eu tinha. Pedi para ela ir ao meu quarto e contei tudo o que tinha ocorrido. Meu choque aumentou, porque ela disse que ele era como um filho para ela e meu pai e que, se ele queria transar comigo, eu deveria ser grata! Disse que se eu tinha vestidos lindos, brinquedos caros, uma bela casa, e frequentava o melhor colégio da cidade, era graças ao pai dele. Que o mínimo que eu deveria era fazer o filho dele feliz e que, se me comportasse bem, ela tinha certeza que mais tarde ele acabaria casando comigo.

– Meu Deus! Sua mãe deveria ser presa!

– Calma, tem mais! Eu gritei, disse que ela era louca. Eu podia ser uma criança mas sabia que aquilo era errado. Disse que iria contar tudo ao meu pai e ela riu, uma risada sádica que até hoje consigo ouvir se fechar os olhos, e me disse que tinha um presente para mim. Ela iria me contar uma história: que não adiantava contar nada ao meu pai porque ele sequer era meu pai! Disse que havia engravidado do ginecologista e que meu pai me criara, que eu era apenas uma criança cujo verdadeiro pai não quis. Assim, me perguntou, será que eu deveria aborrecê-lo com uma história dessas? Eu queria prejudicar sua carreira? Se ele soubesse que não era meu pai, ainda iria me amar?

– Você não é filha do seu pai ou ela inventou isso?

– Você acha que eu tive coragem de perguntar para meu pai naquela hora? Passei anos até saber a verdade. Eu me tornei uma menina triste, me sentia sempre suja, culpada, tinha medo que meus colegas descobrissem que eu era uma putinha. Comecei a me isolar, me sentia abandonada por minha mãe, foi o pior período da minha vida.

– E ele continuou abusando de você?

– Por mais três anos, com a ajuda da minha mãe, que inventava viagens de escola para ele me levar aonde quisesse. Depois que perdeu as eleições, ele decidiu ir para a França passar seis meses. Eu já havia estado na França com

minha avó aos oito anos e amara. Minha mãezinha querida inventou um intercâmbio para mim. Disse que seria ótimo para uma menina como eu aprender francês e me mandou com ele, para diverti-lo na viagem! Não sei que história contou ao meu pai.

– Você morou com ele na França por seis meses?

– Sim, eu tinha quase quinze anos e ele estava muito feliz em poder sair pelas ruas me arrastando pela mão. Eu já era bem alta naquela idade e podia passar por mais velha…

– E você, como se sentia?

– É difícil explicar, Mark. Depois de certo tempo, anormalidade virou normalidade. Eu já não sentia culpa. Fui tendo uma espécie de dependência emocional dele, estava em todos os lugares com ele, partilhávamos a cama, tínhamos um sexo espetacular – pelo menos para uma menina. Eu sentia muito prazer em cada transa, ele me ensinou coisas, me mostrou a cidade. Me apaixonei por Paris quando estive lá aos oito anos com minha avó e isso não mudou. Meu amor pela cidade cresceu. Adorava tudo em Paris, os restaurantes, a arte, as ruas.

– Ele saía com você assim, de mãos dadas por aí?

– Aqui não, mas na França sim. Poucas pessoas nos conheciam e ninguém suspeitava da minha idade.

– Você se acostumou à situação?

– Sim, acabei me acostumando em ser a Barbie dele. “Vista isso, fale aquilo, coma isso, me chupe assim, faça daquele jeito.” Eu era uma maldita marionete, não tinha vontade própria, não podia ter. Minha mãe havia garantido que eu só faria o que ele quisesse. Acho que ela pensava que iríamos nos casar e ela enfim faria parte da alta sociedade, e não apenas gravitaria em torno dela, como fazia.

– Quando terminou? Suponho que teve um fim.

– Teve sim. Voltamos de Paris e eu tive que retornar ao colégio, à vida normal, estudos, dar duro para recuperar os meses perdidos. As meninas morriam de inveja, porque eu era mais adulta, sofisticada, voltei cheia de “ares de Paris”. Falava de coisas que elas nunca haviam visto, contava sobre teatros, óperas, restaurantes, falava de *fois gras* e *confit de canard*, usava roupas sofisticadas e maquiagem, e me sentia um ET no meio delas. Eu era velha demais para minha idade e jovem demais para ter vivido tudo o que vivi.

Os olhos dela estavam úmidos, ela parecia lutar para segurar as lágrimas.

– Eu vivia sozinha, porque acabei sendo segregada por ser diferente, mas conheci um menino da minha idade, um menino legal, estudioso, que se aproximou de mim e começou a me ajudar a superar as dificuldades de seis meses fora de órbita. Ele me ajudava com os deveres, era bom, gentil, carinhoso, fácil de ficar ao lado. Nos apaixonamos. Pela primeira vez senti um amor de menina, leve, inocente, tudo o que eu não era mais.

– Que idade ele tinha? – no meio de uma história pesada dessas, eu com ciúmes de um menino.

– Ele tinha a mesma idade que eu, talvez um ou dois meses mais velho. Estávamos com quinze anos.

– E como se livrou do outro? – eu não ousava perguntar, ela não ousava falar o nome do outro.

– Ah, não me livrei assim. Ele tinha um apartamento onde nos encontrávamos, me chamava e eu tinha que ir correndo servi-lo… Um dia eu criei coragem e fui falar com ele… Naquelas alturas, eu tinha a chave do apartamento, porque sempre que ele comandava eu deveria ir para lá de banho tomado, com a roupa x ou y, pouco importava. Entrei, esperei e, quando ele chegou e me viu, veio todo sorridente me beijar. Mandou eu tirar a roupa, que ele queria brincar da nossa brincadeira favorita.

– Que “brincadeira” era essa?

– Em Paris ele havia começado a frequentar casas de suingue e de sadomasoquismo, como o Atrás da Porta, e eu junto… Ele começou a gostar de brincadeiras masoquistas, de me algemar, me colocar uma coleira enquanto praticávamos sexo anal.

– Quando eu penso que o sujeito já chegou ao limite da doença, ele se supera!

– Ah, sim, eu pensava o mesmo. Com o tempo acabei gostando, como se deu com o resto. Acho que sempre tive uma sexualidade forte, mesmo tendo começado como foi. Eu conseguia separar a prazer do sexo do restante dos sentimentos. Quando começava a fazer sexo com ele, bloqueava qualquer tipo de aversão que sentisse. Era como se meu corpo e meus sentimentos se separassem.

Eu pensei: “Mistério solucionado. Ela é assim até hoje: sentimentos não entram nas relações”.

– E então? – perguntei.

– Então eu lhe disse: hoje não! Aliás, nem hoje nem nunca mais. Não quero mais você, estou apaixonada por outra pessoa. Disse assim, meio

vomitando as palavras em cima dele. Ele me deu um tapa e me mandou calar a boca. Disse que eu era propriedade dele e que faria o que ele quisesse. Para parar com a palhaçada de apaixonadinha. Me atirou na cama e me forçou a fazer sexo anal de forma violenta. Como eu me debatia e me recusava, ele me machucou muito naquele dia, mas foi seu grande azar e minha sorte.

– Voltei para casa com um olho roxo horrível, mas a primeira pessoa com que me deparei foi meu pai, que estava na sala e perguntou o que havia acontecido. Eu estava tão destruída naquele dia que não conseguiria mentir. Contei tudo desde o começo, contei o que minha mãe tinha dito, contei de Paris, contei que pensava que não era sua filha, contei do dia que havia tido, tudo. Eu não conseguia mais aguentar todo aquele segredo.

– E o que ele fez?

– Ele desmontou! Começou a chorar convulsivamente, me pedia perdão, disse que jamais havia imaginado isso, que era um absurdo, que eu era filha dele sim e que minha mãe era uma maldita mentirosa.

– E o que aconteceu com a sua mãe?

– Quando ela chegou em casa, foi como se houvesse eclodido a terceira guerra mundial dentro do quarto deles. Não sei o que disseram, eles estavam acostumados a brigar a portas fechadas, mas ela saiu levando as malas e por anos não tive mais notícias suas. Foram os melhores anos da minha vida.

– O que aconteceu nesse tempo? – eu não podia evitar a curiosidade sobre a história toda.

– Tudo! Meu pai tinha negócios por aqui, nos mudamos, ele cortou todos os laços com o senador. Depois eu soube que ele espancou tanto o filho do senador que o mandou para o hospital, mas o escândalo foi abafado. Meu pai já tinha uma bela fortuna naquela época. Minha querida mãe não ousou pedir nem parte dela. Primeiro porque minha avó forçou Sabine a assinar um pacto pré-nupcial maravilhoso. Segundo porque meu pai ameaçou-a com um escândalo na imprensa, e ainda arruinar senador, com quem, terminamos por saber, minha mãe tinha um caso fazia muitos anos.

– E seus irmãos?

– Eles eram pequenos. Sean tinha oito anos e a Debbie, uns seis. Meu pai ficou com a nossa guarda. Sabine não ousou contestar ou não quis; filhos não eram a dela, só nos usava. Reconstruímos nossa vida. Minha avó Emma, que odiava a Sabine, foi morar conosco e foi a melhor mãe que alguém podia ter. Conseguimos superar muita coisa, e até somos uma família feliz, normal, diante das circunstancias. Nunca vou perdoar a Sabine. Para mim ela é uma cobra, uma cafetina de crianças, o pior e mais egoísta ser humano que já

conheci.

– Lara, me perdoe, eu não tinha o direito de fazer você recordar tudo isso. Não sei o que lhe dizer.

– Foi bom, é a primeira vez que falo nisso fora de consultório terapêutico e com outra pessoa sem ser meu pai e minha avó. Foi libertador! Agora parece que tudo ficou no passado. Obrigada por me ouvir.

Ela enfim começou a chorar convulsivamente. Aninhei-a contra o peito e ela ficou assim, chorando, até não ter mais lágrimas e adormecer no meu colo. Levei-a para o quarto, livrei-a das roupas e coloquei-a sob as cobertas. Me aconcheguei ao seu lado. Eu compreendia aquela mulher. Enfim. Só não sabia dizer se isso era bom.

Capítulo Onze



Simone estava acostumada às doenças emocionais. Lidar com elas era sua vida, mas histórias de abusos com crianças nunca iriam deixá-la impassível. Chegava a sentir dor física cada vez que ouvia narrativas como a de Lara.

Fugia a seu entendimento o que levava um adulto a abusar cruelmente de uma criança como o filho do senador fizera com aquela menina. Não era difícil entender a personalidade de Lara agora. Era a típica vítima de abuso. Sofrera uma espécie de síndrome de Estocolmo, em que a vítima passa a admirar seu algoz por não encontrar saída. Desenvolvera uma visão completamente errada sobre sexo e relacionamentos. Tinha profundo medo de ser controlada como fora outrora. Lara não era nenhuma deusa, era uma pobre boneca quebrada lutando para se manter em equilíbrio.

Que atrocidade! Quanta loucura havia neste mundo! Simone se sentia nauseada. Pensou em sua própria filha e não conseguiu entender que tipo de mãe oferecia a filha numa bandeja para servir à patologia de um pervertido. Estava chocada, precisava de ar. Parecia que as paredes iriam sufocá-la. Saiu de casa, foi até o jardim, tentou clarear a mente, mas as imagens de uma menininha indefesa que não encontrava apoio na pessoa que mais deveria estar ao seu lado não lhe saíam da mente.

Estava nítido também que Lara desenvolvera um gosto pelo masoquismo, tendo em vista as torturas sofridas na pré-adolescência: coleira, correntes, algemas, sexo anal, tudo isso pode ser muito bom e erótico para adultos com capacidade de escolha, para uma criança? Não era à toa que Carl estava tão convencido da inocência de Mark. Simone também seguia esse caminho. Ele provavelmente apenas satisfizera uma fantasia de Lara e tudo saíra do controle. Não havia a intenção de matar.

Simone nunca tratara pedófilos. Não poderia. Sempre os mandara para outros profissionais. Abuso infantil era um tema sensível para ela. Sempre sofrera por seus pacientes que foram vítimas dessa perversão. Decidiu ligar para Carl para dar suas opiniões iniciais. Pegou o telefone e discou o número dele.

– Olá, Simone, como está?

– Bem, e você?

– Bastante ansioso por noticias – ele replicou. – Já chegou a uma conclusão?

– Nenhuma conclusão ainda, mas tenho uma forte primeira impressão.

– Ah… – ele parecia desapontado. – E qual foi sua primeira impressão?

– Claramente Lara adquiriu um gosto pelo masoquismo como resultado dos horrores pelos quais passou na adolescência. Artigos e práticas que podem ser prazerosos e eróticos para adultos com liberdade de escolha não o são para uma criança. Isso perturbou o resto da vida dela.

– Então você chegou a esse ponto da história… Difícil de saber, não?

– Sim, muito.

– E sobre a morte dela?

– Não cheguei tão longe, mas nesse ponto posso lhe falar que é razoável assumir que a morte dela foi acidental. Ainda preciso terminar de ler e conversar com algumas pessoas. Mark, por exemplo. Mas, bem… É isso que penso até aqui.

Carl pareceu aliviado. Ele realmente acreditava que Mark era inocente. Simone ia na mesma direção de que a morte dela fora um acidente, sem intenção de matar.

– Será necessário terminar de ler o texto antes de dar um parecer definitivo, mas o último capítulo que li foi revelador.

– Você poderia escrever um relatório para mim, Simone? – Carl perguntou.

Simone prometeu que escreveria no dia seguinte, com as referências pertinentes à história, e lhe assegurou que o trabalho estaria terminado em mais uma semana ou duas. Simone já vinha trabalhando havia três semanas e o contrato era claro: quarenta e cinco dias. Mas ela entendia a pressa de Carl.

– Tchau, Simone, muito obrigado pela ajuda.

– De nada, Carl. Até logo.

Mesmo após desligar o telefone, Simone não conseguia tirar a história da cabeça.

Sentia pena de Lara, e de Mark, porque ele provavelmente não tivera noção do tamanho da complicação que Lara significava. Ela ajudaria Carl a absolver o pobre homem.

Capítulo Doze



Impactada após ler a história de Lara, Simone enviou um relatório para Carl, mas não havia conseguido tocar no manuscrito novamente. Estava bastante abalada. Telefonou para Carl e explicou isso. Ele disse que entendia e que, se ela precisasse de mais tempo para concluir o trabalho, ele aceitaria. Ela precisaria.

– Carl, obrigada pela compreensão. Esse trabalho está me consumindo muito mais tempo do que seria normal – justificou ela.

– Eu compreendo, Simone. O que aconteceu a Lara foi um verdadeiro inferno. Eu reagi da mesma forma.

– O manuscrito é pesado, você o leu todo?

– Várias vezes!

– Qual é nosso prazo final, Carl?

Ele hesitou antes de responder. Parecia estar pensando.

– O julgamento ainda não foi marcado… Eu tenho pressa porque minha defesa será construída com base no que você encontrar, Simone, mas posso aguardar um pouco mais.

– Prometo que vou me empenhar em terminar logo.

– Faremos assim. Se estiver bom para você, irei até aí no sábado. Podemos almoçar e conversar mais sobre o caso, o que acha?

– Para mim seria perfeito! – e pensou ela, ainda teria uma semana para avançar na leitura e apresentar algo mais sólido para Carl.

De nada adiantaram as boas intenções de Simone: a semana começou árdua. Além dos pacientes de Simone, ela ainda precisou encaixar alguns de Edward, que ele não poderia atender e sem jeito de adiar. Edward prestava serviços voluntários para a polícia local, ajudando a elucidar comportamentos criminosos. No domingo a polícia descobrira que mais um crime fora cometido e Edward fora chamado.

A paixão de Edward era decifrar mentes criminosas. Ele tinha dois livros publicados sobre o tema e fazia trabalhos voluntários como pesquisa para suas teses. Era respeitado por essa atividade, que ainda lhe rendia uma clientela

considerável. Ao contrário de Simone, Edward não tinha a mínima inclinação para o ensino, mas era um grande pesquisador.

No domingo ele havia recebido um telefonema urgente da polícia, o que significou para Simone o dobro de pacientes. Ela atenderia os que necessitavam de prescrição, e os demais seriam reagendados.

Duas mulheres haviam sido assassinadas na cidade nos últimos vinte dias, e a polícia suspeitava tratar-se de um assassino serial, mas os investigadores não estavam chegando a uma conclusão.

Uma terceira vítima havia sido encontrada no domingo. A polícia não conseguia descobrir o assassino. Eram crimes em que a vítima fora torturada, aparentemente durante certo tempo, porque as marcas pelo corpo nunca eram tão recentes quanto a morte, não havia sinal de estupro e o assassino apenas se masturbava sobre o corpo da vítima, ou assim calculava a polícia, porque não havia sinais de estupro, apenas de esperma sobre o corpo.

O esperma não era condizente com nenhum criminoso cadastrado, o que deixava a polícia sem solução imediata. A única saída era identificar um novo perfil criminoso. O problema é que os crimes tinham poucos elementos em comum: as vítimas eram sempre do sexo feminino, o esperma sempre do mesmo homem e, para a família de todas as vítimas, não havia sumiço das moças, porque elas se encontravam em viagem. Não havia relação entre cada vítima, que eram pessoas comuns, sem destaque na comunidade.

O assassino não deixava outros rastros. Nunca havia digitais, cabelos, pele sob as unhas das vítimas, sangue, nada mais que ajudasse a identificá-lo. Os corpos sempre eram jogados em parques e normalmente ele escolhia dias de chuva, quando as evidencias ficavam bastante comprometidas pela água. Chuva naquela época não era difícil, então a estação era propícia para ele.

Simone via Edward enlouquecido, tentando decifrar o quebra-cabeças desses casos, mas parecia que ele sempre se deparava com becos sem saída. Para que a psiquiatria pudesse ajudar a polícia, seria necessário chegar a um perfil de patologia, o que era difícil nos casos em que Edward estava trabalhando.

Havia um padrão de tortura: aparentemente todas as marcas mais antigas nos corpos das vítimas tinham entre cinco dias e uma semana. O sumiço das vítimas sempre coincidia com viagens que elas comunicavam à família. Assim, durante uma semana as famílias não procuravam desaparecidas, porque elas estavam viajando, logo, fora de risco. Provavelmente o assassino tinha uma semana ou alguns dias para torturá-las antes de as matar. Todas, sem exceção, enviavam mensagens de texto aos familiares dizendo que chegaram bem, e uma das vítimas havia telefonado para a família para

garantir que a viagem estava ótima.

A polícia tentava descobrir se as viagens que as vítimas faziam tinham alguma relação com o assassino, se ele as induzia a viajar, mas nenhuma coincidia. Uma vítima havia viajado em férias previamente planejadas, a segunda a trabalho, a terceira fora a uma entrevista de emprego. Não havia conexão.

Assassinos seguem padrões que terminam por levar até eles. Os deste eram os sinais de tortura, as viagens das vítimas, as mortes violentas, a ausência de estupro e o esperma sobre os corpos. Essa era a marca registrada dele, sua assinatura mórbida. Deixava as vítimas de bruços, de forma que o esperma, sempre na região dos seios e da barriga das vítimas, ficasse protegido da chuva, permitindo sua identificação.

A primeira mulher havia morrido estrangulada, a segunda asfixiada, a última, segundo Edward explicara para Simone por telefone, provavelmente havia sido jogada de uma escada, mas os peritos ainda estavam trabalhando no caso. Armas de fogo não foram usadas em nenhum dos três casos, e o sangue era mínimo, adequado aos tipos de morte – mas sempre havia sinais de tortura.

Edward voltou ao consultório na segunda-feira, quando Simone já estava quase de saída. Eram oito horas da noite e ela havia terminado a sessão com um dos pacientes de Edward. Edward estava cansado, com olheiras escuras sob o olhos.

– Eddie, você está um trapo, meu amigo! O que posso fazer por você?

– Além do que já fez hoje? Simone, nem sei como agradecer pelo suporte, não sei o que faria sem você.

Abraçou-a forte, buscando conforto.

– E aí, como foi? – perguntou Simone quando o abraço se desfez.

– O de sempre, mas desta vez ele inovou na morte. Fez a vítima engolir manteiga derretida em quantidade suficiente para sufocá-la quando a manteiga esfriasse. E foi assim que ela morreu. Sem falar nas queimaduras, porque a manteiga devia estar quente. Horrível! Imaginar o que aquela mulher passou nos últimos momentos da vida é aterrador! Ele então a jogou de algum lugar, provavelmente alguns lances de escada. E depois, claro, se masturbou diante da obra-prima.

A expressão de Edward era de nojo.

– Manteiga derretida? Que interessante, eu vejo uma série francesa que se chama *Caïn* na TV a cabo e foi exatamente essa a forma de morte do episódio

passado!

– Aquela série que você me falou sobre um policial aleijado? Que você estava adorando porque era politicamente incorreta?

– Essa! Interessante, porque a manteiga foi a arma do crime. Não havia masturbação, mas é o mesmo crime bizarro.

– Você tem gravado esse episódio, Simone? – ele parecia ter descoberto a lâmpada. Ficou feliz e animado, apesar do cansaço.

– Tenho sim, vou passar para um *pen drive* quando chegar em casa. Penso que tenho uns vinte episódios gravados, porque compro e guardo caso queira ver novamente. Se puder ajudar…

– Eu gostaria de assistir, porque eu nunca tinha visto uma morte por sufocamento com manteiga, e agora você me fala dessa coincidência. Você está indo para casa?

– Estou, e acho que você deveria ir também. Não tem nada para fazer aqui, meu amigo. Está tarde, você precisa descansar, amanhã lhe trago os episódios. Relaxe, tome um longo banho quente e preguiçoso!

– Sua receita para tudo…

– Sim, sempre funciona. Algo a ver com voltar ao calor do útero, diriam os psicólogos… tente…

– Vou tentar, mas nunca é fácil depois de ver um cadáver!

– Imagino! Essa atividade não é para mim.

– E no entanto você está ajudando um advogado a absolver um assassino… – ela sentiu certo tom de crítica na voz de Edward, mas acreditou que o cansaço e o estresse teriam deixado um pouco mais ríspida sua eterna gentileza.

– Já não estou tão convencida de que foi um assassinato. Estou inclinada a acreditar em acidente de natureza sexual, mas ainda não terminei a análise.

*

Dois dias depois, Edward e a polícia comemoravam. Simone havia entregue a Edward um *pen drive* contendo quase uma temporada completa de *Caïn* e finalmente os investigadores haviam conseguido descobrir um padrão no comportamento do assassino: ele copiava os episódios da série francesa; cada crime que havia ali ele reproduzia, mas graças a Deus a agenda dele não

era igual à da série, senão haveria uma morte por semana.

No final daquele dia, Simone encontrou Edward saindo do consultório, e estava curiosa por notícias, pois ele havia lhe telefonado para agradecer a pista que ela lhe dera.

– Algo concreto, Eddie?

– Ainda não, Simmie, mas há uma nova possibilidade. Somente assinantes de TV a cabo assistem a *Caïn*. Estamos tentando ver com as emissoras que fornecem a série a identificação de quem a compra. Sendo em francês, não deve haver muitas pessoas que se interessam. Então, se houver uma forma de identificar os assinantes da série, estaremos diante do possível assassino.

– Vou aparecer na lista dos suspeitos! Eu assisto sempre.

– Calma, Simone, desde quando mulheres deixam esperma em vítimas de assassinato? E essa morte ocorreu sábado, eu estava na sua casa, lembra? Você não matou ninguém – e riu.

– Só não gostaria da polícia me perguntando por que gosto de determinada série, não tenho tempo para isso.

– Isso não vai acontecer, todos no departamento sabem que foi você quem relacionou a morte à série, e nenhum assassino faria isso. Logo, ninguém virá perturbá-la. Mas me conte… Por que gosta tanto dessa série? Em minha opinião, é uma porcaria!

– Eu assistia àquela série médica *House*. Quando ela terminou, me senti "viúva", então, zapeando pela televisão, deparei com *Caïn* e tentei… É como se fosse um *House* francês, mas ainda mais politicamente incorreto.

– E você ama o politicamente incorreto, não é?

– Você sabe o que eu penso do "politicamente correto"…

Ela fez aspas com os dedos para demonstrar seu ponto de vista.

– Morte da criatividade. E *Caïn* é sexy. Acho que eu queria um homem assim para mim.

– Aleijado? – perguntou Edward com desdém.

– Não, bobo, sexy!

– E não há ninguém assim no horizonte?

– Bem… esse advogado que conheci em Nova York… quem sabe depois que eu terminar o trabalho… Nunca misturo negócios e prazer, sempre dá trabalho mal feito ou caso mal feito… ou os dois…

– Você está certa. Mas o que chamou sua atenção nele? Ele é politicamente incorreto?

– Não sei, ainda não formei opinião, na realidade o achei interessante e bonito.

– Um monte de caras se encaixam nessa descrição… O que o faz diferente?

– Também não parei para filosofar, talvez porque esteja precisando transar, meu amigo, urgente!

Pegou o casaco, deu um beijo no rosto de Edward e saiu.

Capítulo Treze



O paciente das dezesseis horas chegara: Philip, um homem de trinta e três anos, cabelos e olhos castanhos gentis. Os cílios dele eram longos como os de uma menina, o que o tornava bonito sem ser lindo. Simone estava tratando o masoquismo crônico dele fazia seis meses. Ele era educado e cortês. Apesar da gravidade do quadro, ela gostava de trabalhar com ele.

Philip sofria forte compulsão sexual. Ou fazia sexo diariamente ou se masturbava ao menos cinco ou seis vezes ao dia. Tinha sérias fantasias sadomasoquistas que estavam prejudicando seu casamento, e alegava amar a esposa. Simone o estava tratando com remédios e terapia. Eles haviam mudado medicamentos e ajustado as doses diversas vezes, até que o último começara a fazer efeito. Simone se sentia satisfeita com o resultado e Philip também.

Os primeiros medicamentos o deixavam sonolento e com dificuldade de ereção. Para um viciado em sexo, era difícil sair de um extremo ao outro. O remédio atual fazia com que a compulsão diminuísse, mas ele conseguia manter uma vida sexual normal com a esposa. Philip estava melhorando e Simone, otimista.

Philip tomava a mesma subdose há algum tempo e havia chegado ao ponto em que era necessário aumentá-la, mas se recusava, pois tinha medo de perder a ereção. Naquela sessão, Simone tentaria novamente convencê-lo.

– Philip, que bom vê-lo!

– Verdade, doutora, é sempre um prazer estar aqui. Trouxe uns *brownies* com gotas de chocolate que fiz pela manhã – e lhe estendeu uma embalagem.

– Muito obrigada, Philip, assim que terminarmos nossa sessão, será meu intervalo e vou apreciar o doce com um café. Como passou a semana?

– Faça um café bem forte, realça o sabor.

– Farei isso. E como você tem estado?

– Não estou dormindo o suficiente e… bem… minhas fantasias estão me atormentando novamente.

– O que quer dizer com não dormir o suficiente?

– Estou dormindo cerca de quatro horas por noite. Estou exausto!

– Compreendo. Falei que seu corpo se acostumou ao medicamento e é por isso que você voltou a ter problemas. Penso que precisa tomar uma dose maior.

– Mas e se eu ficar broxa de novo?

Ele estava assustado com a possibilidade. Sua voz continha uma nota de desespero e ele começou a bater o pé direito, em clara demonstração de que estava nervoso.

– Isso não vai acontecer. Já notamos que esse remédio não produz esse efeito em você. Remédios agem de forma diferente em cada paciente, Philip. Confie em mim, aumente a dose para meio comprimido, certo?

– Certo, doutora, confio em você. Preciso pôr minha cabeça em ordem.

– Bom. E o que houve no quesito fantasias esta semana?

– A de sempre… fiquei incitando minha mulher a fazer sexo com um ex-namorado dela.

Era a fantasia recorrente de Philip. Ele sempre fantasiava ver sua esposa fazendo sexo com outros homens. Sofria quando isso acontecia, mas ficava extremamente excitado.

– E ela fez?

– Sim, no começo ela não queria. Eles terminaram faz bastante tempo e ela não tem mais por que encontrá-lo. Mas acabou concordando e gostou. Filmamos todo o encontro. Me masturbei umas dez vezes vendo o vídeo. Acho que danifiquei meu pênis. Está doído, hoje não conseguirei bater nenhuma.

– Viu como estou correta sobre as doses, Philip? Você já estava bem, a masturbação e as fantasias sob controle, e agora voltou à estaca zero.

– Verdade, doutora.

– Por favor, me descreva os eventos e como você se sentiu.

– O de sempre… Ela foi encontrar o sujeito… Eu a ajudei a escolher a *lingerie*. Ela foi toda linda num conjunto de sutiã, calcinha, meias e cinta-liga e um salto bem alto. Acho que ela faria até um morto levantar. Ela filmou tudo com um gravador que usamos, em forma de chaveiro de carro.

– E você assistiu?

– Sim, estava numa reunião no escritório durante a festa deles.

Philip tinha uma empresa de contabilidade e diversos empregados.

– Eu sabia que ela estava lá, com o cara, me traindo, gozando para outro. A imagem mental que tive disso me fez levantar duas vezes no meio da reunião para me masturbar no banheiro… Acho que pensaram que eu estava com diarreia…

– Provavelmente.

Simone precisou segurar o riso.

– Quando cheguei em casa, assistimos ao filme juntos… Eu a vi seduzindo o sujeito de maneira diferente da que faz comigo, porque ele falava como era boa a forma como eles sempre fizeram… Lembranças… Ela chupou muito o pau dele, eles fizeram sessenta e nove. Ela com certeza chupou ele muito mais do que as rapidinhas que faz para mim, e ele a penetrou por trás antes de qualquer coisa, e ela adorou. Nós não fazemos isso. Fiquei muito excitado e com muito ciúme. Nós transamos, mas não foi o suficiente. Precisei "estapear o bicho" várias vezes vendo a cena.

A linguagem pitoresca dele sempre desafiava a determinação de Simone de manter uma expressão impassível.

– E depois?

– Depois fiquei com ódio da minha mulher. Queria matá-la e esquartejá-la, de tanta raiva. Fui dormir no quarto de hóspedes. Vi que ela ficou magoada, porque diz que não gosta quando eu a entrego para outros homens, se sente desamada. O pior é que eu a amo, doutora, morro de ciúmes dela, odeio quando olham para ela na rua!

– É dor e prazer, prazer e dor, Philip. O quadro de sempre. Já lhe falei, isso é masoquismo puro.

Simone fez uma pausa e levantou uma sobrancelha.

– Eu sei que você não vai gostar dessa ideia. No entanto, agora que estamos estabilizando você com medicamentos, teremos que voltar à sua infância, saber o que houve lá atrás, porque foi isso que o tornou como é hoje.

– Maldita mamãe?

– Nem sempre. Tem alguma recordação de ter sofrido abuso, Philip?

– Não, nenhuma, não acredito que seja o problema.

– Preciso que me conte um pouco sobre sua infância…

– Ok, se realmente é necessário.

– É muito necessário. O masoquismo tem diversas causas. Pode ser um

abuso, uma competição entre irmãos… Precisamos tentar chegar às raízes do seu.

– Acho que a última hipótese, doutora… Eu sou o mais novo de três irmãos… Minha mãe só tinha olhos para meu irmão mais velho, Christopher. Ele era o queridinho dela. Ela sempre dizia que o Chris seria rico e bem-sucedido, porque era o mais inteligente de nós três, e que nós não nos preocupássemos, porque ele iria nos ajudar, pois também era bom e generoso. Que piada! O retardado não conseguiu nem entrar na faculdade! Hoje sou o chefe do "menino de ouro", o maldito patrão dele!

Philip fez aspas no ar para enfatizar o "menino de ouro".

– Você se sentia amado?

– Pelo meu pai sim. Minha mãe louca me fazia sentir como mais um. Eu não era sequer o estepe, sabe? Porque ainda havia meu irmão do meio antes de mim. Eu era o nada.

– E por que ela teve três filhos, você sabe?

– Sim, eu sei. Ela queria muito ter a Michelle… a filha imaginária. Queria que o primeiro filho fosse homem, ficou orgulhosa de sua proeza, e começou a ansiar por concluir seu projeto de família perfeita, com um filho e uma filha…. Veio meu irmão… E eu fui a última tentativa fracassada. A primeira frase dela quando me viu, ela mesma fez questão de me informar, em público, no meio de uma refeição familiar e depois de ter tomado algumas que quando o médico me pegou e me deu um tapa na bunda, ela disse: "Merda, outro menino!".

– Você não está exagerando, Philip?

– Estou até sendo modesto, doutora… E para pôr sal na ferida, ainda disse que estava economizando anos de terapia para mim por me contar!

E Philip continuou seu relato de uma infância complicada, de ciúmes dos irmãos, clássico caso de masoquismo em que a criança quer uma mãe que sabe que nunca o amará como ama o outro irmão. A dor de partilhar a mãe que nunca o amaria como ele merecia e que acabara virando uma paranoia sexual de entregar a própria mulher, por medo de que ela nunca fosse realmente dele.

Ah, que bela e complexa era a essência humana!, pensou Simone. E que difícil a arte de criar filhos, uma mãe jamais deveria se comportar dessa forma. No entanto, durante os anos de psiquiatria de Simone, ela havia encontrado algumas que faziam coisas ainda piores.

Simone estava exausta no final do dia, e ainda teria que ir até a

universidade para conversar com o reitor. Iria pedir-lhe um afastamento de seis meses das aulas para poder concluir as pesquisas e se dedicar ao novo livro. Ele iria aceitar. Yale sempre apoiava seus pesquisadores e cada livro escrito era mais do que a vitória pessoal do autor, era um belo troféu para a universidade, uma mostra de que a pesquisa e a ciência funcionavam como o motor daquela instituição.

Estava saindo do escritório, a mão na maçaneta, quando Edward a chamou, assustando-a.

– Indo para casa?

Simone pulou e olhou em volta, o coração disparado.

– Nossa, Edward, você me assustou!

– Por que você tem sempre que se mover silenciosamente como uma gato? – ela indagou.

– E quando é diferente? Eu sempre faço isso! – ele riu.

– Não é engraçado! Tente andar como um ser humano normal, você consegue?

– E como anda um ser humano normal? – ele a provocou.

– Para começar, faça barulho! – ela respirou profundamente e soltou o ar.

– Não, ainda não estou indo para casa. Estou a caminho da universidade, e você? Disse Simone.

– Hoje vou para aquele banho que você recomenda, academia, jantar, paz e sossego, não necessariamente nessa ordem.

– Me faz um mega favor se tiver tempo?

– Claro, o que é?

– Precisamos avançar na pesquisa daqueles e-mails. Fale com o tal Victor que quer um encontro, dê uma lida antes no histórico da conversa para se localizar, pode ser?

– Claro, Simmie, deixe comigo.

– Amo você, Ed.

– Eu também te amo, Simmie. Muito!

*

Inicialmente o reitor não ficou muito feliz com o pedido de Simone de licença. No entanto, a perspectiva de novo volume na biblioteca da universidade conseguiu convencê-lo. Ele lhe concedeu três meses. Apesar de ser metade do que pedira, seria o suficiente para ela concluir a pesquisa. Mais tarde descobriria como terminar o livro.

Quando chegou em casa, pegou mais uma vez o manuscrito. Carl chegaria no sábado e ela gostaria de ler mais antes de falar com ele. O diagnóstico definitivo teria que esperar que ela terminasse de ler, mas já havia formado uma noção de como seria. No entanto, uma troca de ideias e impressões poderia render bons frutos.

Simone estava feliz com a vinda de Carl no sábado. Era bom sinal. Homens com noivas ou namoradas não marcavam encontros aos sábados.

O Diário de Mark

Vamos para a Disney?

E a vida seguia com Lara… E sem ela também. Nos momentos em que ela decidia se afastar, quando eu pensava que estava conseguindo chegar até ela, quebrar as barreiras, principalmente depois que ela me contara sua vida, os abusos que sofrera, a mãe dos infernos, me sentia mais próximo, mas ela se afastava e se fechava e dias depois reaparecia. Seu comportamento era confuso e me frustrava. Mas eu a amava. E aceitava as distâncias entre nós, até na esperança de que ficassem mais e mais curtas.

Uma noite, Lara, eu e Peter saímos juntos. Foi a primeira vez em que saímos em público. Apesar de Peter não poder ser considerado público, mas sim um amigo íntimo, eu me sentia feliz.

– Olá, crianças, que bom ver vocês. Sabem que até formam um casal bonitinho? Óbvio que mais bonito seria eu e o Mark de mãos dadas, mas nós sabemos que ele se recusa a sair do armário.

– Peter, sou capaz de chutá-lo e você ir parar em Cleveland!

Algumas vezes Peter me aborrecia com tanta bobagem. Parecia mais um carro de desfile do orgulho gay. Mas, apesar da maluquice, ele era verdadeiramente família.

– Formamos um lindo trio – disse Lara, dissipando qualquer ideia de casal.

– Sim, ainda mais sexy! – Peter concordou. – Apesar de que, Lara… querer ser você não faz com que eu queira ter você. Chega a me dar arrepios! É quase igual a pensar em comer bacalhau – ughhhh – e fez o famoso gestual exagerado de sempre.

– Obrigada, querido, por me comparar a peixe morto. Agora já me sinto preparada para a noite! Mas pense… se estiver realmente com fome, você consegue ignorar o cheiro…

– Prefiro morrer de inanição sexual antes de fazer isso. Eu nunca transei com uma mulher em toda a minha vida, irei para o túmulo sem experimentar uma!

– Mas como sabe que é ruim se nunca provou? Vamos lá, Pete, eu conheço voluntárias dispostas a recuperar você para a sociedade – e Lara riu com gosto.

– Missão impossível! – eu acrescentei.

– Isso, vão rindo desta *queen* que vos fala, mas ideias malucas à parte, Lara, concordo com você que somos um lindo trio. Mas vocês dois me queimam o filme, porque qual gay sério vai querer alguém que traz vocês na bagagem? Fala sério! Um trio é demais! Vou morrer sozinho e a culpa é de vocês! Vocês dois deveriam terminar! Mark e eu somos muito mais atraentes.

– Peter, você é um doente – disse Lara. – Sua sorte é que é engraçado. Mas acho que tem alguém querendo-o ali naquela mesa, apesar da nossa companhia. Dá uma olhada naquele cara – e virou-se na direção do homem de meia-idade que observava Peter.

– Meu Deus! O maldito Jonathan Harris exumado! Estamos definitivamente *Perdidos no Espaço*! Eu me achando o mister gay América e você tentando me arrumar um refugiado do cemitério! Grande amiga! Sabe o que você merecia? Uma boa surra de sapatos Louboutins!

Caímos os dois na gargalhada, olhando a cara indignada de Peter.

– Vocês se acham muito engraçados, não é?

– Desculpe, Peter, mas foi irresistível ser uma vez quem tira sarro de você, e não o contrário. E quem diabos é Jonathan Harris?

– Quem é Jonathan Harris? “Eu sou um doutor e não um explorador espacial.” “Preto sempre foi a minha cor.” Ah, vão procurar no Google, pelo amor de Deus.

– Tá certo. Deixa pra lá. Ei, sabia que nós três temos algo superespecial em comum?

– Além de sermos lindos? – brincou Lara.

– O que, Peter? – já fiquei imaginando a bomba que viria…

– Todos somos ex-cunhados! Mark era marido da minha irmã, eu era do namorado do seu irmão, Lara. Então isso nos faz parentes!

Ele estava já bem alcoolizado e nos abraçou e começou a distribuir beijos.

– Verdade, temos isso em comum!

– Ei, o que vocês dois vão fazer este fim de semana? – perguntou Lara do nada.

O que você quiser, pensei…

– Sem planos – eu respondi.

– Eu???? Acho que vou fazer uma maratona de *Poderoso Chefão*. Estou solteiro, me consolarei com Corleone Jr.

– Peter, mais uma vez? Acho que é a décima maratona só este ano. Você é insano – disse Lara.

– O que eu fiz para vocês me tratarem tão desrespeitosamente? – provocou Peter, imitando a voz de Don Corleone.

Lara levantou um dedo: – Eu tenho uma ideia! Vamos pegar um avião e ir para a Disney World! São duas horas de voo e estaremos lá com todas as montanhas-russas à nossa disposição!

Lara estava excitada como uma criança diante da própria ideia. Vi um lado dela que somente havia observado no dia em que a conheci: o sorriso que faz qualquer pessoa se dobrar à sua vontade, a traquinagem no olhar, a criança feliz que ainda morava dentro dela. Eu faria qualquer coisa para ver aquele lado dela mais vezes.

– Estou dentro – disse rápido. – E você, Peter?

– Michael ou Mickey? Mickey, claro! Vamos embora passar um fim de semana rindo. Se tudo der errado, termino nos braços de um Pateta.

*

E assim fomos para a Disney os três. Foi um dos melhores fins de semana da minha vida. No parque, Lara se tornou uma criança de coração leve. Ria de tudo, queria ir em todos os brinquedos, e descobri: era alucinada por montanha-russa. Saía de uma e entrava em outra. Por sorte, era época de

poucas filas, mas foi muito engraçado ouvi-la gritando histericamente na Splash Mountain, para aterrissar toda encharcada e risonha, feliz como se não existisse passado nem futuro.

Penso que, se eu ainda não estivesse apaixonado por Lara, me apaixonei para sempre naquele momento em que ela se converteu numa menina diante dos meus olhos. Era preciso vê-la com duas orelhas na cabeça, tirando fotos abraçada a Minnie Mouse, para ter uma ideia de sua meninice.

Peter também foi uma companhia fantástica. Fazia palhaçadas e ria de tudo. E sumiu providencialmente ao cair do dia, alegando que iria se encarregar de um "corpo escultural" que havia parado diante dele na fila do Small World, ao qual ele foi só, porque eu e Lara nos recusamos a ir. Estávamos cansados e com fome.

O sexo naquele fim de semana foi atípico: suave e calmo, pois estávamos exaustos do dia de brincadeiras. Mas eu me sentia leve, feliz, estava apaixonado e sentia Lara mais próxima do que nunca. Uns dias para lembrar para sempre. Me esqueci da vida normal e que era um advogado respeitável.

*

Quando voltamos para Nova York, eu esperava que ela fosse para minha casa ou me convidasse para a dela, mas ela me deu um beijo de leve na boca e pediu: – Me deixa em casa?

– Deixo, sim. Falei na minha política de deixá-la livre, contudo fiquei magoado. Tentei não deixar transparecer. Um fim de semana perfeito e, de repente, nada mais. Tão perto e tão distante ao mesmo tempo.

Mas havia apreendido que não se pergunta o porquê para Lara, apenas se respeita sua decisão. E ela acabou me ensinando com o tempo que eu também tinha esse direito, de não dar explicações e viver mais de acordo com o que eu queria e menos com as expectativas do mundo. Ela me ensinou a ser mais leve, menos certinho e mais levado pela correnteza.

Eu também estava me dando direito de não ir a eventos que nada me diziam, de viver a vida como me encantava. A lição de Lara não deixava de ter um lado bom: o lado de ser livre.

Ela amava ser livre. Era assim que eu definia Lara: liberdade era tudo para ela, e ela faria qualquer coisa para não ser engaiolada. Aprendi a deixar a porta aberta… meu passarinho ia e vinha como queria, mas estava sempre voltando… e por ora isso bastava. Talvez a ideia de casamento fosse errada.

Talvez um relacionamento saudável não fosse um eterno “bom dia, boa noite”, mas sim um “olá, há quanto tempo… senti saudades”.

O Diário de Mark

Ah, não! Mamãe novamente!

Lara me telefonou e perguntou se podia ir até meu apartamento. Ela era neurótica por não ter espaços invadidos e não invadi-los. Ligava sempre e exigia o mesmo.

Chegou nervosa, tensa. Abracei-a, ela se soltou rapidamente e foi até a janela. Abriu-a como se precisasse respirar e ficou lá um tempinho olhando para fora. Eu já estava acostumado a não fazer mil perguntas e dei o tempo de que precisava, até que ela se virou e me olhou. Só então perguntei: – O que houve, Lara?

– Pode preparar um uísque para mim? Preciso de um antes de começar a lhe contar mais uma tragédia. Acho que vou nomeá-lo fiel depositário das tragédias de Lara…

– Dia ruim?

– Vida ruim!

Preparei o uísque como ela gostava, estendi-lhe o copo e disse: – Quer falar?

– Sim… Debbie me ligou…

– Quem é Debbie?

– Minha irmã.

– Ah, sim, você me disse o nome um dia, mas não me lembrava, desculpe.

– Ok. A Sabine ligou para ela e a Debbie, tadinha, que é toda frágil, resolveu ouvi-la depois que a cretina a convenceu de que era importante.

– E o que sua mãe queria?

– Tentar emocionar a Debbie. E conseguiu! Disse que vai morrer de câncer!

– É verdade?

– Com a Sabine, nunca dá para saber, mas acho que não teríamos essa

sorte!

– E você disse isso para sua irmã?

– Disse… claro que ela ficou chateada. Falou que não entende… que nunca ninguém conversou com ela sobre nossa mãe, que a Sabine pediu para conhecer as netas, que tem arrependimentos.

– A sua irmã não sabe da sua história?

– Exatamente. Optamos por não contar. A Debbie sempre foi tranquila, não é questionadora. Contamos que a vaca da Sabine nos abandonou pelo senador. Ela ficou arrasada, mas aceitou. Era pequena, na época, e minha mãe… bem, nunca se interessou muito por crianças… Só que agora vem a vadia com essa historinha de merda de que vai morrer e eu não sei o que fazer!

Quando Lara estava irritada, seu vocabulário era vulgar. Eu só imaginava onde teria aprendido tais palavras.

– Quer conselho?

Eu tinha aprendido, depois de ouvir a história de Lara, que era melhor perguntar antes de abrir a boca.

– Quero! Porque estou preocupada. Aquela insana vai se aproximar da Debbie, que tem duas menininhas, e eu não sei se do jeito que me rifou na praça não vai rifar as meninas… Além do mais, não quero aquele saquinho de merda novamente na nossa vida! Entenda, Mark, cada vez que sou obrigada a olhar para aquela mulher me lembro de tudo!

Fiz um sinal para ela sentar ao meu lado, antes que furasse meu tapete de tanto caminhar de um lado para outro. Ela se sentou segurando o copo com as duas mãos.

– Fale com sua irmã. Conte toda a história, com detalhes. Ela tem o direito de saber por que você se comporta assim. Senão não faz sentido para ela. Você é uma boa pessoa, jamais viraria as costas para uma doente terminal. Ela precisa entender…

O tempo que passei com Lara me mostrou que ela tinha compaixão pelos necessitados, animais doentes e amigos em dificuldade. Não havia nada frio ou rude nela, seu sofrimento vinha de uma extrema sensibilidade.

– Por que acha que eu deveria fazer isso?

– Porque, se não fizer, sua irmã nunca vai entender. Se deixar assim, sua mãe vai voltar com tudo, vai até virar a avó do ano, se você duvidar.

– Deus! Quando acho que enterrei essa história, tenho que revivê-la mais

e mais. Você tem razão, o que está dizendo faz sentido.

Lara pôs as mãos no rosto em sinal de cansaço.

– Não sei se tenho forças.

– Só você pode decidir isso, Lara. Se conseguir, penso que é o melhor a fazer. Você poderia tentar ouvir a opinião do seu terapeuta…

– Já falei com ele e é igual à sua.

– E o seu irmão, sabe de tudo? Penso que você precisa falar com ele também.

– Ele também não sabe… Havia uma boa diferença de idade entre nós, o Sean tinha somente oito anos quando meus pais se separaram. Não havia como esclarecer as coisas. Era um assunto complicado e eu e meu pai não queríamos falar sobre ele. Penso que no fundo os dois desconfiam que exista algo mais, porque havia muita mágoa e eu e meu pai não falávamos sobre o assunto – ponderou Lara.

– Pode ser, Lara. Veja, com o tempo e sem as devidas explicações, o que seus irmãos podem ter é apenas vontade de rever a mãe. Eles não tem motivos reais para odiá-la. Seu pai ainda é vivo?

– Não. Morreu recentemente.

– Então é isto: a morte dele deixou um vazio, um espaço para a entrada da mamãe arrependida… Além do mais, teoricamente, o problema era entre sua mãe e seu pai… Não foram os filhos que se divorciaram… Para eles, ela não era má, era?

– Ausente, apenas… Via-os por alguns momentos, quando estavam limpos e arrumadinhos. Segundo dizia, era melhor qualidade de tempo do que quantidade… ou seja, tudo que você conseguir fazer com seus filhos em quinze minutos por dia, faça!

– Quinze minutos?

– Sim, algumas vezes. Às vezes ela nem nos via, mas fins de semana eram um sonho: todos arrumados para a foto da família perfeita!

– Ok, então não há grandes laços afetivos entre eles… Mas, pelo que diz, há fortes laços entre vocês três. Como você era com eles?

– Eu era a máscara da irmã feliz, descolada, inteligente. Eles sempre me admiraram. Nunca deixei que notassem o lado negro que eu carrego. Apreendi rápido a pôr máscaras, Mark…

– Lembrar de tudo que você passou ainda dói muito?

– Acho que vai doer para sempre, Mark. É como se houvesse uma fenda dentro de mim. Tento me esquecer e sempre aparece algo para me atormentar.

– Como é essa dor, quer falar um pouco?

– É uma enorme sensação de solidão… Não do tipo que você sente quando perdeu alguém próximo ou um pedaço de si… Não é fácil explicar… Parece que sou sempre incompleta… Busco e tento completar esse vazio e não consigo. E cada vez que tento ser feliz, vêm do nada as Sabines, as imagens… E essa fome dentro de mim, que nunca sacio…

– Fome?

– Fome do pedaço de mim que perdi… Meu melhor lado… Minha inocência… Mas vou conseguir atropelar essa mulher…

Era incrível como Lara não conseguia mergulhar muito tempo na dor… A dor estava ali, nítida, palpável, quase na superfície… Mas quando ia ficar profunda, ela colocava a tal "máscara" que mencionara há pouco e a criança perdida desaparecia, dando lugar a uma mulher forte e determinada.

– Vou ligar para os dois e propor um encontro da verdade… Você tem razão, vai ser melhor. Talvez eu expulse de vez meus demônios.

Ela pegou a bolsa que jogara sobre uma poltrona e foi rumando para a porta.

– Fica para jantar! Frito um ovo como ninguém.

– Não, hoje não, apesar de ser tentador o ovo… – ela piscou um olho. – Vou para casa clarear minha mente e pensar melhor em tudo isso, mas acho que você tem razão, Mark, só me falta a coragem.

Lara sumiu mais uns dias e depois retornou me contando que conseguiu falar com os irmãos. Pediu ao irmão que viesse urgente do Texas e fez uma reunião com ele e a irmã. Segundo ela, foi um momento difícil e dolorido para todos. "Quase uma ópera bufa", disse.

A sinceridade do seu relato fez com que os irmãos decidissem manter a mãe a distância. A família deles se uniu novamente para não permitir a aproximação de Sabine com sua súbita onda de "amor materno". No final Lara havia saído vitoriosa, mas estava emocionalmente exausta. Precisava se refugiar em Paris, por isso me telefonou e pensei imediatamente: "Lá se vai a mulher por mais algumas semanas". Antes que meu pensamento tétrico se instalasse, porém, ela me deu a boa notícia. Queria minha companhia!

Fiz o que jamais faria antes: posterguei prazos, clientes, audiências, pedi uma breve licença para me ausentar da universidade, fiz as malas e fui para Paris. Espontaneidade uma vez na vida!

Capítulo Catorze



Simone não se sentia cansada. O texto que estava lendo era absorvente. Se fosse um romance, seria um *best-seller*, daqueles impossíveis de largar. Enquanto lia, se esquecia da vida, de comer e de descansar. Era quase meia-noite e estava sentada, enrodilhada sobre sua poltrona favorita, com uma taça de vinho na mão e o estômago roncando.

Estava enfim pensando no que havia para comer. Foi até a cozinha e abriu a geladeira para encontrar uma salada sem graça de macarrão com azeitonas que Lola havia deixado. Vasculhou os armários e encontrou um pacote de pipoca, colocou-o no micro-ondas, encheu a taça novamente e voltou a ler. Um pouquinho mais, ela pensou. Só mais algumas páginas.

O Diário de Mark

Paris

Lara adorava Paris. Dizia que, apesar de tudo que havia vivido com o filho do senador naquela cidade, amou Paris desde a primeira vez em que desembarcou no aeroporto, aos oito anos, com a avó.

Para Lara, Paris era um refúgio mágico e toda vez que precisava encontrar seu equilíbrio, fugia para lá, para o pequeno apartamento que herdara da avó.

Eu havia estado apenas uma vez na cidade, por poucos dias e a trabalho, representando um cliente numa audiência de arbitragem na Câmara Internacional de Comércio. Não tivera muito tempo para passear.

Minha imagem de Paris era de uma cidade antiga, cheia de pessoas mal-humoradas pela rua, e pato cru para comer. Realmente eu não entendia muito bem o conceito da cidade. Logo, *mes souvenirs* não coincidiam com os de Lara.

Fui para Paris com Lara somente porque sabia que uma semana com ela seria uma semana no paraíso. Teria ido a Marte se ela quisesse. E sabia que ela precisava de um tempo depois dos problemas familiares recentes.

Logo que chegamos, me impressionei com a fluência de Lara na língua. Meu francês é limitado a *bon jour*, *merci* e *au revoir*, mas Lara se comunicava com perfeição – dentro da minha compreensão, perfeição é falar rápido e se fazer entender.

A visão da Torre Eiffel é fascinante. Conforme fomos nos aproximando do local onde Lara tinha seu apartamento, ela ia aumentando de tamanho.

– *La Vielle Damme* – disse Lara com reverência.

– O quê?

– A velha senhora – apontou o dedo para a torre. – Toda vez que a vejo, sei que voltei para casa!

– Para você Paris é lar?

– Paris foi uma dura lição de vida, mas também o foi Emma, que é metade francesa, o que faz de mim uma parte francesa!

– Uau! Não sabia disso! Achei que era italiana!

– Por quê?!

– Suas mãos estão sempre se movendo.

Ela apertou meu nariz.

– Ai!

No local onde Lara tinha seu refúgio, ela me informou orgulhosa que o prédio tinha mais de duzentos anos. Não sou fanático por construções antigas, mas assim que ela abriu uma enorme porta de ferro com um código, na *Rue* de Saint-Dominique, a atmosfera do edifício e do pátio interno me deixou encantado.

Quase todas as construções mais antigas na França são feitas de blocos de arenito e, apesar de ter duzentos anos, o edifício era bem conservado. Tinha formato da letra U e uma espécie de jardim interior bonito, que precisei atravessar com minha mala, porque o táxi nos deixou na calçada. Lara me explicou que o prédio era preservado, logo, nenhum carro entrava.

Para minha sorte, Lara havia trazido só um mala de mão, pois tinha roupas no apartamento. Que maravilha!, uma mulher que não carrega a casa inteira quando viaja!

Havia três portas de entrada, cada um para uma das faces do U. A de Lara era a central. Ela digitou mais um código num painel e desbloqueou outra porta enorme, de ferro, dando para o interior do prédio.

– Modernas essas fechaduras com códigos de duzentos anos!

– Engraçadinho – e me deu um empurrãozinho de leve. – As fechaduras têm no máximo uns dez anos!

– Ah, e eu achando a tecnologia francesa avançada…

– Você ainda vai se ajoelhar para a França, tolinho, espere até entrar nesse elevador.

O elevador era bizarro: parecia uma cela de cadeia dependurada no meio do vão da escada. Cabíamos nele minha mala e eu ou Lara, e isso se eu não respirasse!

– Quinto andar, Mark, encontro-o lá.

Ela me deu sua maleta, fechou a porta de grades e saiu correndo escada acima; será que essa mulher ainda não havia notado que eu sou um cavalheiro? Pelo jeito, não.

Quando nos encontramos, ela arfava e procurava uma chave na bolsa. Abriu a porta e fomos entrando. O apartamento era minúsculo, parecia uma caixinha de lápis de cor, laranja, amarelo, verde, azul, alegre, bem decorado. Tinha jeito de felicidade. Era claro, com enormes janelas e cortinas transparentes que deixavam o sol entrar.

A cozinha, do tamanho de uma de casinha de bonecas, era verde e

acoplada a um canto minúsculo. Havia ali apenas um micro-ondas, um armário com três portas acima da pia e três abaixo, e duas placas de aquecer. Ahhh, descobri que mais ao lado havia uma lavadora/secadora de roupas. Me fale sobre uso racional de espaço!

A sala era rodeada de estantes cheias de livros. Havia duas cadeiras muito antigas de um tecido em que predominava o tom laranja, um baú mais antigo ainda entre elas, alguns abajures e um sofá azul, aparentemente confortável, em uma das paredes. Na outra, no lado oposto, ficava uma pequena lareira.

Ainda que pequeno, o apartamento era decorado com extremo bom gosto. Havia tapetes coloridos espalhados pelo chão, almofadas de vários tamanhos aqui e ali, em maravilhosa demonstração da competência de Lara em tornar um pequeno apartamento um lugar maravilhoso, chique e confortável.

Havia ainda um banheiro moderno, exceto pela antiga banheira de louça com patas, e um quarto.

– Seu apartamento é lindo!

– Mark, se pronuncia assim: “estudiô”.

– Certo. Peter amaria ter que fazer esses biquinhos para falar…

– Fico feliz que você goste! Vem cá, quero te mostrar uma coisa – abriu uma janela que dava para um minibalcão de ferro batido, estilo Romeu e Julieta, e me mostrou orgulhosa a vista. Dava para avistar a Torre Eiffel, ou melhor, uns trinta por cento dela.

– Você tem um pedaço da torre só para você! Que ótimo!

– Aqui sou feliz! – e sorriu nitidamente contente. E eu fiquei feliz por ela partilhar seu pequeno pedaço de paraíso comigo. Naquele momento, passei a amar Paris vista pelos olhos de Lara, e amei mais ainda aquela mulher.

Lara me fez experimentar todos o pratos típicos que a Cidade Luz tinha para oferecer. Dizia que preconceito não pode existir na culinária.

– Você não pode não gostar o que nunca provou – afirmou. – Isso é ignorância. Prove e odeie ou prove e ame, mas prove – essa era a filosofia de Lara.

Ela me levou a um restaurante tradicional chamado La Fontaine de Mars, na mesma rua do apartamento. Pediu nossos pratos e disse que não me faria arriscar muito para um primeiro dia.

Quando as entradas chegaram, havia um pratinho com seis furinhos redondos e algo escuro, coberto de azeite e ervas. Só Deus sabe o que me aguardava ali.

– O que é isso, Lara?

– Experimente. Se não gostar, pedirei outra coisa para você.

– Sem saber o que é?

– Melhor, o preconceito não vem junto.

Ela pegou um garfinho, espetou algo que parecia uma borracha escura, pôs na boca. Naquele momento comecei a suspeitar que fosse *escargot*. Nunca tive coragem de experimentar antes, mas decidi que iria em frente, ainda mais depois de ver a reação de Lara, que fechou os olhos e mastigou lentamente. Então ela abriu os olhos e disse: – Deus existe! – e olhe que ela sempre se declarou agnóstica.

Fiz o mesmo, espetei o "algo", coloquei na boca e fiquei surpreso com os sabores fantásticos que encontrei num pequeno pedaço de comida: ervas, manteiga, exótico e misterioso, adorei.

– Maravilhoso, Lara! Já havia visto *escargot* antes, mas deixei para lá. Nunca pensei que pudesse ser tão bom!

Para acompanhar o prato, ela havia sugerido um vinho Sauterne, adocicado, saboroso, feito de uvas quase passas colhidas tardiamente. Se o tempo parasse naquela hora, o momento seria perfeito: a melhor companhia do mundo, comida deliciosa, vinho dos deuses.

O segundo prato era pato, *confit de canard*, uma coxa, segundo me explicou Lara, cozida por horas na própria gordura, acompanhada de um molho escuro, adocicado, espesso, fantástico. Batatas douradas, cortadas em cubinhos, acompanhavam. Absolutamente saboroso.

Todos os pratos eram devidamente acompanhados de vinhos ótimos que Lara escolhia.

– Como esses franceses conseguem ser magros comendo desse jeito?

– Penso que aqui se anda mais, porque tudo é feito na manteiga, com muita gordura –ela quebrou um pedaço de pão, passou no molho, pôs na boca e continuou: – Eles também comem muito pão.

Nos dias que se seguiram, fomos a diversos lugares, incluindo museus e exposições. Lara me arrastou por toda a cidade, na maior parte das vezes a pé. Acreditava que era a melhor forma de sentir o lugar. Algumas vezes usávamos o metrô. Lara dizia que era impossível ver tudo se usássemos um carro, ou melhor, meio carro, porque ela tinha um Smart conversível. Não sei como cabíamos, mas à noite o usávamos.

Conforme conhece Paris, você começa a achar que a cidade é como um

pacote de presente, embrulhada para deleitar os sentidos. Arte por todos os lados. A comida é divina. Eu estava sempre saboreando algo novo. Lara encontrava motivos para rir aonde quer que fôssemos. Me apaixonei pela cidade.

Lara estava solta, feliz, totalmente à vontade. Dormíamos abraçados, fazíamos sexo normalmente e numa cama.

Na quinta-feira, três dias antes de retornarmos, andamos menos, Lara quis apenas fazer algumas compras para o apartamento de um cliente. Disseme que à noite iria me mostrar algo.

À noite ela vestiu um vestido preto – no instante em que a vi tive uma ereção! As costas inteiras nuas, a ponto de ver a tatuagem de uma pequena lua que havia no final da espinha, antes de começar o *derrière*. Calçou botas de cano e salto alto, pôs uma maquiagem sexy, escura e esfumaçada, e seu perfume de sempre. Minha vontade era de arrancar a roupa dela e devorá-la ali mesmo, na sala, mas ela queria sair.

Havia pedido que eu vestisse uma camisa, um *blazer* e uma calça, e lá estava eu, pronto para partir para mais uma aventura com aquela caixinha de surpresas.

Pegamos um táxi. O motorista mal falava francês. Há muitos estrangeiros na cidade que mal falam a língua. Me senti em casa! Lara explicou o endereço.

Se Paris é linda durante o dia, a noite é mágica. Com as luzes acesas, o ar de romantismo impera e a cidade se transforma numa árvore de Natal gigante.

Fomos ao segundo *arrondissement*, não muito longe da Ópera de Paris, paramos em um clube privado chamado Le Mask. Lara disse alguma coisa aos recepcionistas e eles nos deixaram entrar. Pagamos uma taxa e escolhemos máscaras que escondiam metade de nossas faces. A atmosfera era sensual ao extremo. Uma máscara negra de renda dava glamour aos traços de Lara, seus olhos verde-azulados brilhavam e os lábios estavam escandalosamente vermelhos.

Mais uma casa de suingue, com certeza. Muito interessante. Ao entrarmos no que parecia uma pista de dança, no primeiro andar, Lara apontou para cima. Pelo teto de vidro, transparente, era fácil ver que as pessoas no andar de cima estavam completamente nuas. Comecei a ficar excitado. Ela me olhou em busca de aprovação e assenti com a cabeça. Eu estava disposto a experimentar todas as sensações com Lara.

Sentamos num sofá de veludo macio. Lara me consultou sobre o que tomar – champanhe, é claro, nacional!

O garçom encheu nossas taças de Veuve Clicquot, brindamos e começamos a beber. Lara tomou um gole, me beijou e passou o champanhe para minha boca – num dos gestos mais eróticos que eu já experimentara, uma gota escorreu por meu queixo e ela a lambeu vagarosamente.

Essa mulher ia me transformar num maníaco. A única coisa em que eu pensava quando estava com ela era meter nela até esgotá-la, e ela sempre vinha com um pequeno truque, uma novidade que me fazia desejá-la cada vez mais.

Tomamos meia garrafa, então Lara me tomou pela mão, me levou até um armário igual a esses de colégio, tirou meu blazer, desabotoou minha camisa e foi desabotoando meu cinto; eu terminei o serviço. Enquanto isso, deslizou o vestido pelo corpo e ficou só de botas. Para variar, estava sem calcinha.

A única coisa que diminuía meu constrangimento era ver que meu membro já estava duro, portanto, eu não teria que andar desfilando flácido pelo salão. Penso que esse é o pesadelo de todos os homens, e nesse sentido sou como a maioria deles.

Entramos numa sala onde todas as pessoas estavam nuas. Eu nunca havia visto algo similar. Haviam belos corpos, corpos em não tão bom estado, mas todos desinibidos em sua nudez. Fui me descontraindo. A situação era tão erótica que eu sentia meu membro latejando, e a vergonha rapidamente foi substituída pelo desejo.

Caminhamos por entre os corpos e mãos que percorriam meu corpo e eu, agora já “experiente”, passei a também acariciar aquelas pessoas. Quando olhei, Lara estava sendo acariciada por um homem com um tipo de corpo que daria inveja a Adônis. O ciúme tomou conta de mim.

Lara deve ter notado, porque disse: – Mark, relaxa, é só prazer, eu não vou embora com ele!

Então, Lara se aproximou do homem e lhe deu um beijo no pescoço. Ele começou a acariciar as nádegas dela. Eu não sabia o que fazer até que ela me incluiu no jogo, deu as costas para mim e eu peguei seus seios em minhas mãos. Apesar de torturado pelo ciúme, meu desejo era ainda maior e eu não conseguia pensar direito. Era erotismo de alta voltagem.

Fomos até um sofá num canto, com distribuidores de camisinhas pelas paredes. Lara retirou duas, me deu uma, deu outra para o Adônis, ele colocou, eu coloquei, Lara se inclinou e começou a sugá-lo. Ficou de costas para mim e eu não tive dúvidas: me aproximei e penetrei-a por trás, fazendo pela primeira vez sexo anal com ela. Não queria saber se ela gostava ou não, eu estava com ódio e tesão ao mesmo tempo.

Lara começou a gemer, não sei se por minha penetração ou pelo sujeito que chupava, e deu um jeito de se posicionar e encaixar o pau de super-homem do sujeito, que falava palavras desconexas em francês. Inclinou-se e eu aprofundei a penetração. Ele também. Sentindo a respiração de nós três ao mesmo tempo, penso que gozamos todos em menos de cinco minutos. Impossível segurar, foi o sexo mais louco de toda a minha vida.

Ao terminarmos de transar, Adônis deu um beijo no rosto de Lara, porque ela não lhe permitiu beijá-la na boca. Nos desencaixamos, ele foi para um lado, nós fomos para o bar.

Eu não conseguia falar nada. Estava impossibilitado de compreender tudo aquilo. Acabara de deixar a mulher por quem estava apaixonado fazer sexo com outro homem, na minha frente, participara e ainda tivera o maior prazer que alguém poderia sentir. Estava ficando maluco.

Pedimos mais uma bebida. Minha cabeça já estava leve. Nos sentamos numa espécie de bar. Lara também não falava, apenas sorvia seu champanhe. Vi que seus olhos se iluminaram, como os de um animal que acaba de encontrar uma presa perfeita. Me pegou pela mão e disse simplesmente: – Venha, Mark, hora da vingança.

Nos aproximamos de uma mulher pequenina com uma máscara vermelha no rosto. Devia ser uns quinze centímetros mais baixa que Lara, extremamente delicada e bela, cabelos castanhos, os olhos pareciam claros, mas naquela penumbra era impossível dizer a cor. O corpo pequenino era perfeito: seios pequenos, firmes, aparentava ser bastante jovem, no máximo uns vinte e cinco anos.

– Meu presente para você hoje, Mark – dirigiu-se à jovem, falou algo no seu ouvido, me apontou com a cabeça. Vi a menina me olhar como quem admira um par de sapatos numa vitrine e, para minha sorte, assentir com a cabeça. Ela se moveu em minha direção, me olhando nos olhos – azuis, azuis *babaloo* eram os olhos da diaba.

– Allo, Marrrk – disse, com o R absolutamente francês.

Eu não tinha a mínima ideia de como ela sabia meu nome, mas pouco importava.

Passou as unhas longas pelo meu peito e passei as mãos por seus seios perfeitos. Ela gemeu, me olhou diretamente nos olhos e foi se ajoelhando. Tomou meu membro nas mãos, acariciou minhas bolas, esfregou meu membro e começou a me chupar. Lara se aproximou e colocou um dedo na minha boca, depois me beijou, quase gozo na boca da menina. Eu nunca estivera num sexo a três, fora aquela vez com Lara e a menina que fora

expulsa. Enfim, meu sonho iria se realizar.

As duas sereias me arrastaram para uma espécie de cama, eu me deitei, coloquei uma camisinha e a francesinha montou e começou a me cavalgar. Lara aproveitou e pôs seu sexo em minha boca – a sensação erótica perfeita, uma mulher transando com você, outra na sua boca, com o sexo que recentemente havia recebido o membro de outro homem. Era de enlouquecer! Não sei quanto tempo passamos assim, as duas gozaram, eu resolvi segurar e aproveitar mais.

Lara deitou ao meu lado, me pediu para penetrá-la, pegou a francesinha pelos cabelos e fez com que ela a chupasse enquanto eu a penetrava. Acariciava Lara com a língua e me acariciava também. Delirante! Quando terminou, eu estava zonzo.

A francesinha beijou Lara de leve na boca e partiu. Ficamos a sós. Lara me olhou e perguntou: – Quer mais ou está satisfeito?

Toda a experiência da noite pesou: ver Lara com outro homem, eu transar com outra mulher, corpos nus, champanhe em excesso… Encostei Lara na parede mais próxima, levei a mão até seu pescoço e comecei a apertar.

– Isso, Mark, me odeie! Isso me deixa com muito tesão! Muito! Aperte forte meu pescoço!

Apertei-a e enfiei nela, sem camisinha, sem nada, com força. Eu queria machucá-la como ela tinha feito comigo ao me obrigar a dividi-la com outro; estoquei fundo e forte! Mulher maldita, em vez de choramingar como outras fariam, urrava de prazer, e quanto mais eu apertava seu pescoço, mais ela gostava.

Quando terminamos, estávamos calmos, os dois. Fomos para casa em completo silencio. Ela se aninhou em mim e dormiu no caminho. Eu não conseguia fechar os olhos, tentando analisar o ódio que estava em mim.

No dia seguinte, Lara não tocou no assunto, nem eu. Eu ainda não tinha capacidade de fazer isso. Tentava me dizer que quem fora para casa dormir abraçado com Lara tinha sido eu, mas minha mente, ainda bastante arcaica, me atormentava. Eu me sentia traído, envergonhado por não ter impedido os acontecimentos, mas me consolava com a transa quente com a francesinha.

Lara voltou ao comportamento normal, como sempre fazia depois de um sexo explosivo. Isso me ajudou a encarar normalmente os fatos e a novamente me ordenar a sentir, aproveitar, experimentar, não planejar e não julgar com minha forma tradicional de ver o mundo – ao menos enquanto estivesse com aquela mulher.

Quando já acreditava que todas as surpresas de Paris haviam sido desembrulhadas, veio outra inacreditável. Ela me avisou que tinha um compromisso no sábado pela manhã, perguntou se eu gostaria de ir com ela, e sim, eu gostaria, naturalmente.

Chegamos ao Park Monceau por volta das onze horas da manhã. Havia três senhores nos aguardando sentados num banco. Quando viram Lara, a recepcionaram com alegria. Ela me apresentou a eles dizendo que eram amigos de sua avó, os três mosqueteiros de Emma. Lara os havia herdado após a morte da avó.

Hervé, Théophile e Maurice eram bastante simpáticos. Todos falavam inglês em vários níveis e sempre com uma carga extra de sotaque no R, mas eu os compreendia bem. Os velhos meninos eram falantes e divertidos.

Fomos a um restaurante nas proximidades e o clima do almoço foi de alegria, com os velhotes divertidos e falantes. Comemos uma tradicional *ratattouille*, um cozido de legumes sensacional.

– Mark, *vous avez de la chance*! – Você tem sorte, traduziu Hervé. – Lara é uma menina encantadora, puxou a avó dela!

– Emma era ainda mais linda – suspirou Théophile.

– Tão linda quanto Lara, e tão encantadora também – disse Maurice.

– Pelo que vejo, vocês eram muito amigos da avó de Lara.

– Ah, sim, Emma foi a mulher mais fantástica que já conheci – suspirou novamente Théophile.

– Théo – chamei-o pelo apelido que ele insistiu que eu usasse. – Me parece que você foi apaixonado por ela.

– Todos fomos – disse Maurice.

– Todos? E ainda são amigos? Nenhuma dúvida sobre isso?

– Claro que não! Emma não era de ninguém, era do mundo, e nós ficávamos felizes em tê-la conosco. Ela nos ensinou muito sobre a alegria de viver.

– Essa menina aqui – disse Hervé, acariciando os cabelos de Lara – herdou muito de Emma, menos a altura, porque Emma era desse tamanico – e mostrou com a mão o que seria uma micromulher. – Você deve ser especial, Mark, ela nunca trouxe ninguém para nos conhecer.

Essa notícia me fez esquecer Le Mask, sentimentos confusos de traição. Fui inundado por aquela sensação de ser especial que todos os apaixonados têm quando alguém lhes comunica que o objeto de sua paixão faz algo “só

com ele”.

– Meu amigos, Mark é realmente especial – disse Lara, e sorriu para mim ternamente. – “Me peça para pular da Torre Eiffel e irei agora”, pensei.

– Lara também, Mark, cuide dela, ou você vai ver os três mosqueteiros em ação – Maurice me alertou com o dedo levantado.

Minha imaginação é fértil: fiquei visualizando aqueles três velhotes, já bem judiados pela vida, em ação, com espadas e capas, e tive que sorrir.

Nos despedimos no final do almoço com a promessa de Lara de revê-los em breve. Lara decidiu retornar ao Parc Monceau e nos sentamos por ali, perto da Colonnade, apenas apreciando o mundo girar. Estávamos tendo momentos preciosos de intimidade.

– Você sempre os vê quando vem à França? – perguntei.

– Sim, sempre que venho guardo um momento para eles. São uma parte do que me sobrou de Emma.

–Ela era muito importante para você, não?

– Ela foi meu porto seguro no meio da tormenta, foi quem deu sentido a tudo que vivi e me mostrou que eu podia ser normal dentro do que havia vivido.

– Ela a ajudou depois do “episódio”? – eu não sabia como chamar a história de Lara.

– Sim, quando nos mudamos para Nova York ela mais ou menos morou conosco –tinha um apartamento dela, para “escapadas”, mas passou a nos administrar e nos cuidar.

– Vocês eram próximas antes disso?

– Ela odiava minha mãe e havia se afastado um pouco, segundo ela, para que meu pai pudesse viver tranquilo com suas escolhas. Não queria que ele se sentisse vigiado. Foi ela que me apresentou Paris, me trouxe para conhecer a cidade, queria me ensinar sobre arte e beleza. Eu sempre a amei.

– Ela me parece ter sido uma mulher sábia.

– E era: sábia, louca, doce, tudo em uma só pessoa.

– Ela sabia do que aconteceu com você? – olhei para ela em busca de aprovação para continuar no assunto.

– Minha mãe fez questão de manter em segredo meus “estudos” em Paris. Penso que acreditava que Emma poderia fazer uma visita e desmascará-la. Depois que tudo veio à tona, ela soube. Eu não conseguia falar sobre o

assunto, ainda tenho dificuldades de falar, como você bem sabe. Naquela época, então, era tudo recente e eu vivia num emaranhado de medo, insegurança e culpa.

– Culpa?

– Culpa. Eu me sentia suja, passava o tempo me perguntando por que havia me colocado naquela situação, minhas tentativas infantis de chamar a atenção de um homem mais velho haviam me feito um brinquedo dele por quase quatro anos, haviam destruído minha família.

– Meu Deus, Lara, você era uma menina, que culpa poderia ter?

– Eu tivera prazer naquele relacionamento doente, Mark. O sexo me dava prazer, a estada em Paris me dava prazer, eu me sentia horrível, não me sentia uma pessoa digna. Meu pai ficara sem a esposa e com uma filha problemática nas mãos. Meus irmãos perderam a mãe, nos mudamos da nossa casa de infância e perdemos nossos amigos, e eu me sentia a causadora de tudo isso.

– Você não teve culpa de nada Lara, sua mãe já traía seu pai, vendeu-a para aquele merda, que culpa você poderia ter?

– Eu pensava que se tudo isso fosse verdade e a culpa não fosse minha, por que então eu gostava do sexo que fazia com ele? Eu o desprezava, mas havia gostado das experiências sexuais… de todas…

– Porque sexo é bom!

– Sim, muito. Mas aí entrou Emma. Ao contrário da minha mãe, que nunca se dignou a ter uma conversa séria sobre o assunto, Emma começou a conversar comigo, me explicar coisas da vida, e conseguiu me fazer entender que sexo e sentimentos não vêm necessariamente juntos, que sexo é uma necessidade fisiológica, não precisa estar ligado à emoção. Ela me disse uma vez: “Sexo, Lara, é bom até quando é ruim. O único problema é que quando, feito com pessoas que não apreciamos emocionalmente, elas deveriam se reduzir a pó, e o vento deveria carregá-las após nos proporcionarem um orgasmo”. E ela tinha razão.

– Ela foi ótima, era muito avançada para uma avó, não?

– Ela era jovem de espírito e livre, namorava, viajava, tinha dez mil interesses e talentos, dançava tango, amava dançar, falava diversas línguas, pintava, contava histórias, era fantástica. Emma tinha milhares de amigos e fãs. Todos os amigos que vinham à nossa casa amavam ficar com Emma, ouvindo suas histórias e seus conselhos.

– Ela era a mãe que todo mundo quer ter.

– Mais que isso, era o coração e a alma da família. Meu pai foi acolhido e

confortado; meu irmão contou para ela que tinha sentimentos estranhos por homens e ela o ajudou a passar pelo drama de enfrentar a sexualidade e descobrir que era gay; minha irmã queria ser “menina”, brincar de casinha, ter filhos e ser feliz assim, e ela a apoiou; e para mim, bom, para mim foi o que fez o mundo ter sentido.

– Você sente muita falta dela?

– Todos os dias. Faz cinco anos que ela se foi – disse Lara com os olhos cheios de lágrimas. – Perdê-la foi terrível para mim. Fiquei em pé apenas pelas lições dela. No final, ela estava bem doente e me preparando para sua partida. Foi cremada. Viemos todos a Paris para jogar suas cinzas do alto da Torre Eiffel, como ela queria. Queria ir com o vento em mil direções, dizia. Já que não podia ser onipresente em vida, queria sê-lo na morte.

– Acho que você tem muito dela, esse espírito livre.

– Tenho, mas com meus monstros dentro do armário, o que Emma não tinha. Não acreditava em passado, só no hoje. Dizia que ontem já era, amanhã não era possível saber se seria, mas hoje era o momento que valia. Dizia que não tinha pendências com o passado, que tudo estava solucionado.

– E você? Tem pendências com o passado?

– Várias! Não herdei isso da Emma. Tenho ódios que não consigo resolver.

– Se eu fosse você, me sentiria da mesma forma.

– Será, Mark? Você me parece tão… “direito”. Tudo feito de acordo com as regras, vida direita, carreira direita, seus pais devem se orgulhar de você!

– Meu pai sim. Minha mãe morreu quando eu tinha dois anos e eu não tive a Emma.

– Eu não sabia; seu pai se casou novamente?

– Pior que não, acho que ele amava muito minha mãe, desses amores que não se fazem mais. Ele nunca quis pôr ninguém no lugar dela, me criou sozinho.

– É, meu amigo querido, mãe não é nosso forte – disse isso, aproximou a cadeira, encostou a cabeça no meu ombro e ficamos ali, vendo o tempo passar, em completa harmonia.

Capítulo Quinze



Enfim veio o sábado. Carl telefonou cedo para Simone sugerindo uma mudança de planos. Ele chegaria à cidade por volta das quatro horas da tarde, discutiriam o caso e depois iriam jantar. Ela concordou e lhe disse que poderiam conversar no escritório. Ela planejava se comportar de forma profissional, ao menos durante parte do encontro, apesar do jeans sexy que imaginava usar.

Carl chegou um pouco mais tarde que o esperado. Viera dirigindo de Nova York. Contou-lhe que adorava dirigir e explicou que fora almoçar com seu amigo Peter e não conseguira sair mais cedo.

Simone abriu a porta para ele. Estava sozinha no consultório naquele dia, ele estendeu a mão para cumprimentá-la de jeito formal, mas então se aproximou e lhe deu um beijo no rosto. “Um começo promissor”, ela pensou.

– Maravilhoso ver você, Simone! Por favor, desculpe-me a impaciência de falar com você antes que finalize a leitura, mas realmente preciso entender as coisas melhor. Este caso está me deixando louco.

Simone fez uma anotação para a falta de cumprimentos pessoais, do tipo: “Você está bonita etc.”, o que denotava certa ausência de interesse pessoal – mais um homem encantado apenas por seu cérebro, ela sofreu com a ideia.

– Como lhe disse ao telefone, Carl, ainda não tenho um diagnóstico completo. Cheguei na leitura até a viagem deles a Paris. Pode ser que o rumo dos acontecimentos mude até o final, mas a princípio posso lhe dar algumas explicações.

– Ótimo, perfeito, preciso disso – disse ele, esfregando as mãos.

Certamente, pensou Simone, ele tinha uma questão ética ali. Estava defendendo um inocente ou um criminoso? Mas, até para um advogado experiente, a sensação de defender um inocente deveria ser mil vezes melhor.

– Estou praticamente convencida da inocência de Mark – sentenciou hesitante Simone, que detestava emitir opiniões antes de concluir um trabalho.

– Praticamente?

– Sim. Como lhe disse, até o final pode haver alguma mudança que

indique um caminho diferente.

– Certo.

– Ele me parece uma pessoa correta. Poderia dizer que é rígido. Apesar disso, em certo ponto se deixa levar pelo comportamento da Lara. Mas isso é normal. Pessoas organizadas e corretas tendem a se deixar atrair pelas desestruturadas, e vice-versa. Pessoas desequilibradas tendem a buscar no equilíbrio do outro estrutura para a própria vida. Normalmente não funciona, pois acabam levando o outro para o buraco.

– Você acha que ela chegou a gostar de Mark ou ele era apenas um pilar para ela se escorar?

– Impossível ter certeza, mas há um nítido envolvimento dela. Pode ser apenas pela sensação de segurança que ele proporciona. Estava sempre à mão, pelo que pude notar, mas da forma como ele escreveu, e isso pode ser apenas a percepção dele, parece-me que há sentimentos de Lara por Mark.

– Por que Lara era assim?

– Assim como?

– Escorregadia, meio maluca, extremamente promíscua…

– É uma longa explicação. Lara, pelo que vi, tinha uma personalidade sadomasoquista, com alto grau de autodestruição. Ela amava o perigo… sexo com desconhecidos, montanha-russa, locais arriscados. Era como se buscasse, de forma inconsciente, ser punida pelo abuso sofrido na infância.

– Personalidade sadomasoquista? São pessoas que gostam de infligir dor ou que sentem prazer na dor, não? Sou advogado, Simone, ouço falar nesses termos, mas o significado sempre é mais complexo do que aparenta.

– Sim, para simplificar, é isso. Na verdade, são pessoas que tiram prazer da dor, própria ou alheia. Quando é própria, é masoquismo; quando alheia, sadismo. Mas na verdade são duas faces da mesma moeda, um contém o outro.

– Quem provoca dor também sofre?

– Não de propósito, mas sim, sofre. Lara sofreu em vários momentos. Penso que Mark escreveu o que viu, mas temos que ir além da impressão dele para ver mais profundamente. Há indicação clara de que Lara não queria ser como era, pois isso a fazia sofrer.

– Ela tinha como não ser como era? Ela teve escolha?

– Provavelmente não, Carl. Ela tinha muitas feridas mal cicatrizadas, foi submetida a um tratamento cruel numa idade em que a personalidade está

adquirindo contornos. A adolescência é a idade da rebeldia, mas paradoxalmente é tempo de fazer parte de um grupo, de se identificar com a matilha. Lara não se rebelou nem pertenceu. Não podia se rebelar, porque pesavam sobre ela chantagem e dominação; e não podia pertencer ao grupo de adolescentes porque não era igual a eles.

– Pobre Lara.

– Pobre Lara, pobre Mark, que foi atraído por uma mulher mais complicada do que ele dava conta de lidar. Ele não me parece sadomasoquista, mas se adaptou a Lara, passou a realizar as fantasias dela para fazê-la feliz.

– Mas ele também parece ter realizado as dele…

– Será? Para mim, parece mais que a única fantasia dele era ter aquela mulher para si, exclusivamente, sem maluquices…

– Difícil dizer… Parece que ele sentia prazer nas loucuras dela…

– Sentia, mas temos que ter em mente que a narrativa é escrita apenas sob o ponto de vista dele, por isso precisarei falar com algumas pessoas que conheceram Lara, até com o próprio Mark, porque uma coisa é colocar sentimentos num papel, outra é falar sobre eles com um completo gestual corporal, que permite uma bela leitura. Me daria um entendimento melhor.

– Certamente, você vai falar com quem quiser. Eu apenas gostaria que terminasse antes o texto, emitisse uma opinião, para depois entrevistar outras pessoas. Seus pensamentos serão menos preconceituosos dessa forma.

– Você acredita na narrativa de Mark?

– Acredito. Mark é o que você disse, um tipo que segue as regras à risca, não um mentiroso. É muito honesto.

– Eu também acredito… mas há bastante trabalho… Concordo em terminar o texto antes de abordar as pessoas. Também não pesquisei na internet a história, para não me influenciar, como você pediu. Farei tudo isso quando terminar. E Lara, você acha que ele fez uma descrição fiel dela?

– Penso que ele descreveu tudo o que conseguiu lembrar.

– Falando em lembrar, que ótima memória!

– Advogados…

Carl ficou em silêncio, caminhou até a janela com as mãos no bolso e ar pensativo, virou-se e disse: – Qual é o seu primeiro veredito, Simone?

– Sem terminar? Não sei. Não tenho bases sólidas para falar. Minha

impressão, até aqui, conforme disse quando começamos a conversar, é que, se há um inocente nessa história, é Mark. E, pelo desenrolar dos fatos, acho que Lara teve sorte de não ter sido morta na adolescência… O final fatídico dela me parece que estava escrito desde aquela época, apenas tardou a acontecer.

– Você acredita em Mark, posso ver isso… – Carl parecia nitidamente aliviado.

– Até aqui.

– Não vê a menor possibilidade de ele ter matado Lara intencionalmente? – estava próximo à janela, torcendo um globo de cristal que ficava numa mesinha lateral, o único gesto que demonstrava sua agitação.

– Não posso dizer isso, Carl. Existem psicopatas com a personalidade de Mark. São estruturados, bem-sucedidos e têm família… Até o dia em que começam a matar. Mas ele não matou mais, matou?

– Não.

– Ótimo, ele não é um psicopata. Esses, quando começam, dificilmente param. Apenas fazem intervalos, e é difícil dizer o que os faz recomeçar.

Trocaram ideias por mais um tempo. Eram quase seis da tarde, cedo ainda para jantar. Simone convidou Carl para um drinque em sua casa, ele aceitou e foi até lá seguindo-a em seu Mercedes preto.

Estacionou o carro em frente à casa de Simone, enquanto ela parava na garagem, e se encontraram na porta da frente. Simone encontrou facilmente a chave onde a mantinha, dentro de sua bolsa superorganizada.

– Bonita sua casa, Simone – ele falou ao entrar.

– Obrigada, Carl. Entre e fique à vontade. Sente-se. O que você toma?

– Uma taça de vinho, se você tiver.

Carl escolheu o lugar favorito dela no sofá para se sentar, no entanto ela não reagiu. Fez uma nota mental de conversar com o Dr. Edgar sobre essa sua nova obsessão por lugares.

– Sim, claro. Não sou nenhuma conhecedora, mas tenho um amigo que me dá sugestões. Tenho branco e tinto, o que prefere?

– Branco.

– Um Chardonnay Chateau Monthelena, você gosta?

– Excelente! Seu amigo conhece bem vinhos. Essa vinícola já ganhou grandes prêmios com seu Chardonnay.

– Que bom que aprova, fico feliz.

Simone pegou o vinho de uma pequena adega na cozinha, abriu a garrafa lentamente, como Edward lhe havia ensinado, serviu duas taças, agradecendo mentalmente a ajuda de Edward na escolha dos vinhos. Se aproximou para entregar a taça e viu pela janela um táxi amarelo parado na rua em frente à casa. Será que havia chegado alguém?

– Só um minuto, Carl, parece que tenho visitas inesperadas. Vou verificar.

– Fique à vontade, Simone, posso ver suas fotos? – perguntou, se dirigindo ao piano.

– Claro.

Quando Simone abriu a porta e olhou para fora, o táxi arrancou. “Endereço errado”, pensou, e retornou ao seu convidado.

– Engano, acho.

Eles ficaram conversando por um longo tempo, trocando opiniões sobre o caso, antes de sair para jantar. Quando saíram, Simone observou o mesmo táxi, mas dessa vez do outro lado da rua, em frente à casa do vizinho.

Carl pediu a Simone a recomendação de um bom restaurante e eles foram até o favorito dela, Alice in Wonderland, local contemporâneo e simpático. A atmosfera era romântica, poucas luzes bem posicionadas, mesas bonitas e bem postas e garçons amigáveis, que sabiam exatamente quando aparecer e quando desaparecer.

Escolheram uma mesa perto de uma janela de onde podiam ver o jardim maravilhoso, graças à iluminação externa.

Rapidamente decidiram a comida e o vinho e passaram um hora ou mais falando amenidades. Carl era reservado e, salvo um comentário pessoal ou outro e observações irrelevantes, falava só do mundo, nada da vida pessoal.

Depois do jantar, para frustração de Simone, Carl disse que precisava voltar a Nova York e a deixou em casa. Simone tinha esperanças de um desfecho melhor para a noite.

*

Simone se instalou em frente à TV e, pelo efeito do vinho ou pela frustração, dormiu. Acordou um pouco mais tarde assustada, achou que tinha ouvido um barulho, provavelmente uma cena da TV, disse para si mesma.

Desligou o aparelho e foi dormir.

Capítulo Dezesseis



Simone acordou bem cedo naquele domingo, foi até a porta lateral da casa verificar se o jornal já havia sido entregue. Havia combinado com o entregador para deixar ali, pois na porta de entrada o cachorro do vizinho havia usado o jornal como banheiro.

Ao abrir a porta, não conseguiu conter o grito: havia uma mulher nua deitada inerte nos degraus! Simone começou a tremer incontrolavelmente, e a taquicardia fazia parecer que seu coração estava fora do peito, de tão rápido e forte que batia.

“Respire!” – ordenou a si mesma, fazendo um esforço supremo para se acalmar. Fechou os olhos e inspirou, enchendo os pulmões, depois exalou lentamente, abriu os olhos e olhou para baixo. “Agora você tem que checar se ela está respirando”, disse em voz alta, “e então chame alguém”.

Juntando coragem, Simone se abaixou e pôs dois dedos na carótida da mulher, mas ao tocá-la percebeu que a pessoa deitada nos seus degraus estava fria, morta fazia algumas horas.

Abalada, Simone teve dificuldades para caminhar. Atordoada, ligou para Edward: – Ed, pelo amor de Deus.

– O que houve, Simone? – a voz dele era de sono.

– Tem um corpo na minha porta!

– O quê? – ele gritou. – Como assim um corpo na sua porta? Como ele foi parar aí?

– Um corpo, uma mulher nua, morta nos degraus da minha porta! Alguém pôs uma mulher morta na minha porta lateral.

– Não toque em nada, volte para dentro de casa, vou chamar a polícia e já chego aí.

– Venha rápido, Ed, por favor. Estou apavorada e já toquei nela, está fria!

– Fique calma, tome um banho, estou a caminho.

Edward chegou em tempo recorde, e a polícia minutos depois. Foram todos juntos ver o corpo. Era uma mulher jovem, por volta dos trinta anos, sem sinais aparentes de violência, salvo marcas no pescoço que sugeriam a

provável causa da morte como estrangulamento, mas havia sêmen sobre o corpo. Aparentemente o *serial killer* atacara novamente. A assinatura estava lá, mas o padrão fugia um pouco, porque não havia os clássicos sinais de tortura.

Um dos policiais virou-se para Simone e disse: – Dra. Bennet, precisaremos que a senhora compareça à delegacia para prestar esclarecimentos.

Edward se dirigiu a ele antes que Simone respondesse.

– Carlo, podemos fazer isso amanhã? Acho que Simone teve um grande choque. Prometo levá-la bem cedo amanhã, no primeiro horário.

Carlo hesitou um pouco, mas assentiu. Alguns minutos depois uma ambulância chegou para levar o corpo para o necrotério.

– Detetive, existe alguma forma de deixar a imprensa fora disso? – Simone perguntou. – Não gostaria do meu nome envolvido num crime.

– Vai ser praticamente impossível evitar que a imprensa descubra isso, mas penso que ao menos podemos dar um jeito de deixar seu nome e endereço fora do noticiário. Até aqui é o que conseguimos fazer com outras vítima do caso – Carlo respondeu. – Estamos fazendo o possível para trabalhar em silêncio até conseguirmos mais pistas. Se a imprensa começar a dar cobertura, corremos dois riscos: ou o assassino se assusta, passa a cometer seus crimes em outro lugar e o perdemos de vista, ou consegue a notoriedade que pode estar procurando e começa a matar com mais frequência – explicou o policial.

– Entendo. Agradeço o que puder fazer, detetive.

Carlo assentiu.

– Tente relaxar, Dra. Bennet. Sei que não será fácil – e, virando-se para Edward, continuou: – Você ficará com a Dra. Bennet? Senão deixarei um de meus homens aqui. Estou preocupado.

– Ficarei. Qualquer coisa que aconteça aviso vocês. Trouxe minha arma, pois também estou preocupado. Simone descobriu a ligação dos crimes com a série de TV a que assistia e parece que o assassino quis lhe dar um recado… – analisou Edward.

– Se esse for o caso, Ed, são más notícias. Significa que há um assassino em nosso meio, o que é pior, porque somente a polícia, você e a doutora sabiam da ligação com a série.

– Não havia pensado nisso, Carlo, mas teremos que analisar com atenção para ver como essa informação pode ter vazado!

O policial partiu e Edward e Simone entraram.

– O que você acha, Ed? Pode ser alguém próximo a nós? Um policial?

– Não sei, Simone, às vezes não, porque falamos ao telefone sobre o caso e alguém pode ter escutado. Não gostaria sequer de imaginar que um policial possa estar envolvido. Policiais têm facilidade de conseguir todo tipo de armas, e o assassino não usou armas de fogo até agora.

– Você acha que foi um recado para eu me manter calada?

– Ainda é cedo para dizer. É estranho, porque aconteceu poucos dias depois que ligamos os pontos entre a série de TV e o assassino. Falando em série, esse corpo jogado nos degraus tem a ver com algum episódio a que você tenha assistido?

– Não, nenhum que eu me recorde. Mas ainda me faltam os últimos dois para ver.

– Parece realmente um recado. Vamos lá, vou preparar seu café da manhã. Como você está?

– Sentindo na pele como se gera um trauma para uma vida. Acho que nunca mais abrirei aquela porta sem recear encontrar um cadáver.

Edward passou o braço pelos ombros de Simone.

– Calma, vai passar. Temos sorte de que nosso treinamento nos dá mecanismos para nos ajudar a lidar com esse tipo de coisa. Se ficar pesado, eu tento hipnose com você. Vamos enfrentar isso juntos, estou com você.

– Obrigada, Ed.

Simone se aninhou no peito de Edward, era reconfortante ter o bom amigo ao seu lado.

– Juro que não sei como você consegue trabalhar com a polícia, todos esses corpos que vê… Eu tinha dificuldades com cadáveres na escola de medicina. Por isso nunca quis ser cirurgiã.

– Não vejo tantos… Normalmente apenas as fotografias das cenas dos crimes… Mas cada vez que trabalho num caso horrível assim, penso que, se eu não ajudar, crimes ficarão sem solução, então isso ameniza o impacto. Acho que tentar fazer o bem é natural no ser humano e uma emoção mais compensadora que o lado feio das coisas. Vai passar, minha amiga… Eu tinha pesadelos quando comecei a ajudar a polícia, mas depois de um tempo eles passam.

– É, o tempo cura tudo – disse Simone. – Saturno, o deus do tempo na

mitologia, comia os próprios filhos…

– É a maior das verdades: nada como o tempo. Pense nisso!

– É… vou tentar pensar nisso. Vou tomar um banho e comemos, pode ser?

– Claro, pode deixar que me viro por aqui.

*

O dia passou rápido. Edward fez companhia a Simone e se recusou a deixá-la sozinha. Levou-a para seu apartamento para passar a noite lá. No dia seguinte, foram juntos à delegacia para prestar esclarecimentos.

Simone nunca havia estado na delegacia de polícia local. A atmosfera dentro do edifício era estranhamente mais calma do que ela esperava – talvez porque ainda fosse cedo, pensou.

Carlo encontrou Simone e Edward e os acompanhou até uma pequena sala de interrogatório. As paredes eram pintadas de branco e não havia quadros ou outra decoração, apenas um mesa pequena e marrom com um computador e cadeiras desconfortáveis em volta. Carlo apontou as cadeiras, indicando que eles deveriam se sentar, deu a volta e sentou-se atrás da mesa. Depois de ajeitar o computador, contou a eles que a mulher havia sido morta por volta das vinte horas do sábado. Explicou que chegaram a essa conclusão seguindo a equação de Glaister, que determina o tempo de esfriamento após a morte.

– Dra. Bennet, preciso lhe fazer algumas perguntas. Onde a senhora estava por volta das vinte horas?

– Jantando com um cliente, detetive.

– Ele poderia atestar isso?

– Por quê? Sou suspeita, agora? Lembre-se, detetive, que sou uma mulher… Havia esperma sobre o corpo…

– Não, doutora, é apenas uma pergunta – ele balançou a cabeça. – Seu cliente poderia confirmar?

– Penso que poderia sim, mas não gostaria de envolvê-lo. Conforme disse, é um cliente para o qual faço um trabalho e que veio de Nova York para conversarmos. Além do mais, havia muitas pessoas no restaurante que poderiam atestar isso sem envolver meu cliente.

– Eu não sabia que seu cliente estava na cidade – Edward observou, com surpresa na voz.

– Ele esteve aqui por poucas horas – Simone respondeu rapidamente.

– Ele ficou muito tempo com você, doutora?

– Sim, conversamos por um tempo em meu escritório, tomamos um vinho em minha casa e fomos jantar.

– A doutora voltou que hora para casa?

– Por volta das vinte e três.

– E seu cliente?

– Voltou para Nova York.

– Talvez precisemos conversar com ele.

– Insisto que meu cliente só seja incomodado como último recurso. Ele é advogado e tenho certeza de que não gostaria de ser interrogado pela polícia.

– Vou tentar, Dra. Bennet. Não notou nada estranho naquela noite? Não ouviu nenhum barulho?

– Não, não vi nem ouvi nada de extraordinário. A porta lateral não é visível da rua…

– Pense bem, doutora. Do que consegue lembrar?

– Espere um pouco, pensando bem, houve algo. Adormeci diante da televisão e um barulho me acordou por volta da meia-noite… Mas achei que fosse do programa que estava passando na TV.

Carlo assentiu e disse: – Vamos fazer ainda os testes do esperma, para saber se é o mesmo do assassino que vem atuando na área e para verificar o tempo que estava sobre o corpo. Provavelmente descobriremos que o barulho que a doutora ouviu foi do assassino colocando o corpo em seu jardim.

– É arrepiante tudo isso! Me deixa desconfortável. Sempre me senti segura em casa, agora já não sei mais!

– Nada mais que se lembre? Às vezes, quando a pessoa sofre um choque, demora para se lembrar de certos detalhes, mas a memória retorna com o tempo e, mesmo que possa não parecer importante para a senhora, pode nos dar algumas pistas – Carlo afirmou.

– Ontem, quando estava em casa com meu cliente, vi um táxi estacionado em frente de casa. Achei que era uma visita, mas, quando abri a porta, ele partiu… Depois o vi do outro lado da rua, em frente à casa dos vizinhos.

Edward olhou preocupado para Simone. Sem dúvida se perguntava por que ela não havia mencionado isso mais cedo.

– Quem são eles?

– Os Peddinghouse. Um casal idoso e tranquilo que mora na rua.

– Vamos ter que falar com eles.

– Também têm acontecido coisas estranhas… mas não sei se podem estar relacionadas…

– Tais como?

– Algumas vezes, nas últimas semanas, chego em casa e tenho a impressão de que alguém esteve por lá… É só uma impressão… porta-retratos fora do lugar… nada roubado… outro dia havia uma janela aberta e tive certeza de que a casa estava toda fechada quando saí para trabalhar… Pensei que talvez minha faxineira tivesse mudado de dia sem me avisar. Ela é recordista mundial em limpar e não deixar as coisas no mesmo lugar…

– Doutora, precisamos que converse com sua faxineira sobre isso. É para sua segurança. Pode ser que alguém esteja entrando em sua casa. Pode telefonar agora? Dependendo do que ela disser, vamos ter que vasculhar a casa, e nesse caso eu recomendaria que ficasse em outro lugar por um tempo.

– Ai, não! Sair da minha casa! Era tudo que me faltava! Vou ligar para a Lola agora. Posso pedir para ela arrumar algumas coisas para mim – retirou o celular da bolsa para ligar para a empregada, mas o policial a deteve.

– Doutora, se importa de usar nosso telefone? Gostaria de ouvir as respostas dela em primeira mão.

– Sem problema, detetive.

Simone deu o número ao policial e ele ligou do telefone sobre a mesa. Enquanto tocava, ele pressionou o botão do viva-voz.

– Olá, Dra. Simone, em que posso ajudá-la? – Lola tinha um sotaque latino acentuado.

– Olá, Lola, como está?

– Bem, doutora. Está tudo bem com a senhora?

– Sim, sim. Escute, Lola, estou telefonando para perguntar se você mudou o seu dia de limpeza na minha casa na semana passada. Você foi lá no sábado?

– Nunca, doutora! – Lola soou escandalizada pela sugestão de Simone. – Eu não faria isso sem falar com a senhora primeiro!

– É preciso que tenha certeza, Lola.

– Por todos os santos, pela Virgem Maria, juro que não fui à sua casa no sábado!

– Ok, Lola, não precisa jurar. Sei que está falando a verdade, mas era importante que eu tivesse certeza. Obrigada.

– De nada, doutora. Falando nisso, estou em sua casa hoje, está tudo certo? – ela pareceu preocupada.

Simone assentiu. Lola ia todas as segundas, quartas e sextas-feiras à casa de Simone. Como era segunda-feira, era certo que iria.

– Sim, claro que está! Não é necessário fazer o jantar, vou comer fora hoje. Tenha um ótimo dia.

– O mesmo para a senhora.

– Acredita que ela esteja dizendo a verdade? – Carlo perguntou.

– Tenho certeza, detetive, ela é uma mulher de confiança e uma católica devota. Nunca juraria por todos os santos se estivesse mentindo. Tem medo de queimar no inferno – Simone assegurou.

– Se a sua empregada não foi responsável por abrir a janela ou mover as coisas, então eu sinto muito, mas isso significa que vamos ter que fazer um pente-fino na sua casa.

– Compreendo – disse Simone, bastante descontente.

– Simone, você pode ficar comigo. Você é mais do que bem-vinda, e assim fico de olho em você. Não a deixaria voltar sozinha para casa de forma alguma!

– Não, Ed, vou atrapalhar você.

– Claro que não! Sou eu, lembra? Além do mais, você faria o mesmo por mim – ele argumentou.

– Quanto tempo até que eu possa voltar para casa, detetive? – Simone perguntou.

– Até termos algumas respostas, não volte. O assassino sabe onde a senhora mora, isso é fato. Esta semana nos ajudou a entender o *modus operandi* dele, e sua casa não é segura.

– O senhor está certo. Vocês gostariam que eu os acompanhasse até a casa? – ela ofereceu.

– Podemos marcar um horário conveniente para a senhora. Ed me disse que está com a agenda cheia hoje.

Marcaram um encontro na casa dela, então ela e Edward foram para o consultório.

Capítulo Dezessete 

Estressada e um pouco aérea, Simone não se sentia animada para passar o dia com lunáticos. Enquanto Edward dirigia para o consultório, ela teve tempo de pensar e analisar: uma crise existencial se aproximava. Chegou a questionar por um momento sua escolha profissional: decidira passar a vida num hospício!

Chegaram ao consultório e Simone sequer notou o percurso, entrou, saudou a secretária e foi direto para a sua sala, era hora hora de atender seu cliente favorito, Philip, meio maluco, mas adorável e que já estava na sala esperando por ela.

– Olá, doutora, a senhora parece cansada hoje. Não está se sentindo bem? – sempre polido, Philip lhe estendeu uma caixinha. – Trouxe-lhe meia dúzia de pastéis de nata com cobertura de chocolate que fiz. O recheio é receita da minha avó. Usei fava de baunilha verdadeira, não aquele diesel engarrafado com cheiro de urina de gato.

Simone olhou para o lenço verde psicodélico que ele estava usando em volta do pescoço. Ou estava com uma enorme dor de garganta ou tinha virado aspirante a cantor de música *country.* Só faltavam o chapéu e as botas de caubói.

– Obrigada, Philip, seus doces são muito bem-vindos. Estou bem, nada que um chuveiro quente não cure. Algum problema em sua garganta?

– Nenhum problema, foi o *Kimbaku*.

Enquanto Simone imaginava que tipo de sushi poderia ter se entalado na garganta do sujeito (estava com o raciocínio um pouco lento e pensou que *kimbaku* soava como nome de comida japonesa), ele retirou o lenço e mostrou manchas vermelhas enormes. Orgulhoso, ainda arregaçou as mangas da camisa e as barras das calças para mostrar as mesmas marcas nos punhos e tornozelos.

Simone não conseguiu evitar levantar uma sobrancelha. Anos de treinamento, mas em choque a sobrancelha insistia em subir, apenas uma, o suficiente para revelar sua incredulidade.

– *Kimbaku*?

Simone vasculhou mentalmente tudo o que conhecia sobre

sadomasoquismo, mas não se lembrava dessa expressão.

– A arte sadomasoquista japonesa das cordas – disse todo contente, como se explicasse que acabara de fazer uma *ikebana* com flores do campo.

– Acho que dessa vez você exagerou… está todo machucado.

– Não, não estou, são apenas as marcas que as cordas deixam. Só dói de vez em quando, mas quando dói me lembro do prazer e fico muito excitado.

– Pode me descrever no que você se meteu dessa vez?

– Sim, minha mulher estava furiosa com o episódio de outro dia, quando transou com o ex dela, lembra?

– Perfeitamente.

– Ela me pediu para realizar uma fantasia dela: queria que fôssemos a uma casa de submissão, porque gostaria de me ver sendo chicoteado. Fomos a Nova York, porque não queríamos ser reconhecidos por aqui… sabe como é… comunidade pequena… Quando chegamos lá, havia algumas pessoas praticando o *kimbaku*, que na verdade são cordas amarradas para restringir os movimentos e dar prazer.

Philip parecia estar explicando um experimento cientifico.

– Fiquei encantado quando vi duas mulheres praticando. Pedi que me ensinassem e a *dominatrice* consentiu. Pedi permissão para minha esposa e ela concordou, então me estiquei no chão de barriga para baixo e elas amarraram minhas mãos e pés juntos, atrás, nas costas. Depois a *dominatrice* envolveu uma corda no meu pescoço e juntou todas, daí começou a apertar. Quanto mais dor eu tinha, maior era o prazer. Eu sentia as cordas cortando meus pulsos e tornozelos, fiquei tão excitado, doutora, a senhora não pode imaginar!

Simone podia, e isso era o pior.

– E sua esposa?

– Ficou muito excitada de me ver submisso, ergueu o vestido e a safada estava sem calcinha, daí ela se masturbou na minha frente e na frente de todos que ali estavam. Foi a primeira vez que a vi com tanto tesão, acho que vamos entrar para um clube de sadomasoquismo.

– É uma decisão mútua?

– Sim, é, ela gostou muito. Fiquei feliz porque foi algo que gostamos juntos, sem eu pedir nem ela fazer para me agradar, entende?

– Entendo, mas você precisa ter cuidado… pessoas morrem fazendo isso.

– Isso não vai acontecer! A *dominatrice* tem as coisas sob rígido controle.

– E se a *dominatrice* perder o controle?

– Se ela perder o controle? Acho que posso desmaiar. Quase desfaleci em dado momento, quando ela apertou forte as cordas, todas de uma vez, e me deixou sem ar.

– E como ela sabia quando parar? Vocês combinaram alguma palavra de segurança?

– Havia uma palavra-chave, mas eu não usei. Queria ver meu limite de dor e prazer e quando se chega nele é difícil pedir para parar.

– Você pode terminar encontrando a morte… temo por isso.

Simone ficou alarmada com a incursão mais profunda de Philip nas práticas masoquistas. Parecia que o remédio havia tirado a compulsão sexual, mas não a masoquista, e agora ele estava se envolvendo em práticas arriscadas.

– Comecei a pensar nisso… se a morte não seria prazerosa…

– E você quer isso? Deseja a experiência da morte?

– Não sei, doutora, mas enquanto ela apertava meu pescoço, o prazer se intensificava, e também a sensação de que eu deixaria meu corpo a qualquer momento, numa nuvem de prazer, e que todos os meus problemas desapareceriam. Isso me deu uma paz profunda.

– Quando você faz sexo ou vê sua mulher fazendo, não sente isso?

– Não, foi a primeira vez que me senti assim.

O estado emocional de Philip parecia alarmante. Uma teoria freudiana que abordava o desejo inconsciente de morrer depois de experiências traumáticas não saía da mente de Simone.

– Você praticou sexo também nesse dia?

– Sexo com penetração, não, só a dominação. Gostei muito, realmente. Gozei profundamente com a prática.

– Como foi?

– Durante o tempo em que eu estava imobilizado nas cordas, minha mulher observava, daí ela deu uma sumida e voltou trazendo um desconhecido. Eles se posicionaram de forma a ficar no meu ângulo de visão… eu conseguia sentir o cheiro deles. Ele começou a acariciar o corpo dela, a tocar-lhe os seios e a chupá-los. Ela gemia e olhava para mim. Ele a virou para a parede e penetrou-a por trás, enfiou nela até ela gozar. Então ela

se virou para encará-lo, passou as pernas em volta de cintura dele e ele a penetrou novamente. Ele apoiou a bunda dela e a movia com os braços. Ela me olhou o tempo todo, era como se eu estivesse entre os dois. Quando ela gozou e fechou os olhos em êxtase, eu gozei também amarrado nas cordas. A *dominatrice* não gostou muito, me apertou forte. Se eu tivesse ainda algo para gozar, teria gozado novamente. Depois fiquei em paz.

– Estou preocupada.

– Por que, doutora? Pela primeira vez chego aqui e não estou neurótico, estou feliz, minha mulher feliz com as experiências, o que a preocupa?

– Estou analisando um caso muito parecido com essas práticas que você descreveu, apenas não envolvia cordas, mas asfixia mecânica, com as mãos…

– E ?

– E a praticante morreu.

– Eu não vou morrer, a menos que queira.

– Nenhum ser humano deseja morrer… se estiver bem…

– Qualquer ser humano que tenha chegado perto da experiência que tive vai ansiar pela sensação de paz que a morte proporciona…

– Vou mudar seu medicamento…

– De novo? Para que, desta vez? Esse está bom, doutora!

– Philip, o medicamento que você está tomando não possui os mesmos efeitos colaterais que você experimentou com o anterior, mas tem outros, e um deles é depressão. Se você está falando seriamente em procurar a paz da morte – e fez aspas no ar com os dedos – então me parece que está tendo um pouco de depressão, e eu não posso assumir esse risco. Confie em mim.

– Eu confio, doutora, a senhora sabe disso.

– Vou lhe receitar um novo medicamento e vamos ver se conseguimos equilibrar as coisas um pouquinho melhor. Gosto do que você está tomando agora, no entanto tem alguma coisa faltando, e um medicamento melhor saiu recentemente. Eu gostaria de tentar, tem menos efeitos colaterais, Philip.

Ele riu e disse: – Isso me lembra uma frase de um filme do Garfield, doutora, quando John fala para o Garfield que ele iria comer uma comida melhor e mais nova, e o Garfield pensava: “Ah, então aquela que você estava me dando era velha e pior!”.

Os dois riram, mas Simone rapidamente recuperou a compostura. O súbito desejo de morte de Philip não era incomum. Algumas pessoas tinham o desejo

de morrer para se glorificar pelo sexo; outras, em sua depressão, ansiavam pela paz que a morte traria.

– Philip, compreenda, você nunca deu sinais de depressão. Claro que algumas vezes você está triste, mas nunca a ponto de querer morrer. Eu realmente preciso alterar o seu medicamento.

Simone se recusava a arriscar ter em mãos um homicídio ou suicídio. No campo da medicina, especialmente na psiquiatria, não há certezas, só probabilidades e eliminação. O desejo de morte do Philip tinha boa chance de passar com uma nova medicação. Depois de escrever a receita, ela disse: – Tente ignorar a descrição na bula, pois pode influenciá-lo. Apenas me relate o que está ocorrendo, certo?

– Ok, doutora. Como disse, confio em você.

Philip parecia resignado à nova medicação e não fez mais perguntas.

– Nenhuma pergunta? – questionou Simone. Sempre que ela trocava a medicação, ele tinha algumas.

– Eu paro imediatamente com o medicamento atual?

– Sim, pode tomar o que receitei hoje à noite, antes de dormir.

E o resto da sessão discorreram sobre os efeitos do novo medicamento, formas de tomar e relatos que o paciente faria. Simone estava com seu alerta vermelho ligado para esse caso.

Capitulo Dezoito



Naquele final de tarde, Simone voltou em casa com os policiais e com Edward. Para ela era horrível a sensação de ter pessoas estranhas vasculhando sua intimidade. Os policiais buscavam digitais, pois Simone havia encontrado alterações nos objetos da casa. Suas impressões digitais e as da empregada seriam comparadas e descartadas.

Os policiais sugeriram que Simone instalasse um sistema de segurança, com câmeras e alarmes, que lhe permitiria retornar para casa.

Simone era reservada e detestava impor sua presença. Apesar de Edward ser um grande amigo, ficar muitos dias em sua casa não fazia parte dos planos de Simone. Ela se sentiria desconfortável.

Os policiais lhe informaram que ainda era cedo para uma conclusão, mas que naquele dia o teste de esperma saíra e o DNA era compatível com o do psicopata dos outros crimes.

Como não havia marcas de tortura, pensavam que deveria se tratar de um recado para Simone ficar fora do caminho do assassino e parar de ajudar Edward ou a polícia.

Os investigadores haviam descoberto que a vítima não estava em viagem, apenas havia ido ao supermercado local abastecer a geladeira para o final de semana. O marido acompanhara o filho ao jogo de beisebol e, quando voltou para casa, por volta das vinte horas, encontrou uma mensagem da esposa dizendo que voltaria logo. Ele não soube dizer há quanto tempo a mensagem tinha sido deixada e chamou a polícia por volta de vinte e duas horas, depois de tentar ligar para o celular dela diversas vezes e de ser atendido apenas pela secretária eletrônica.

É preciso vinte e quatro horas para dar uma pessoa como ausente e a polícia não agiu imediatamente.

As câmeras do supermercado a mostravam entrando e depois partindo com as compras.

Nos casos anteriores, havia marcas de tortura pelos corpos das vítimas. Neste, o assassino não tivera tempo de brincar de gato e rato. Provavelmente pegara a vítima e a matara para jogar nos degraus de Simone. A polícia acreditava que este não fora um crime de prazer, mas de necessidade.

Simone fechou as portas, telefonou para um conhecido que tinha uma

empresa de segurança e lhe perguntou se poderia instalar um sistema em sua casa. Explicou que era urgente, mas não disse a razão. O conhecido prometeu que no dia seguinte enviaria uma equipe para fazer a averiguação do que seria necessário e lhe passaria um orçamento.

O dia terminou e ela e Edward voltaram para o apartamento dele.

– Simmie, sei que você deve estar morrendo de vontade de seu remédio mágico para dias dos infernos: uma taça de vinho e um banho.

– Banho primeiro, depois as uvas, meu amigo. Você leu minha mente.

– Vou cozinhar algo para nós, segunda-feira é sua noite de baixo carboidrato, não é?

– Nossa, como você sabe disso?

– Talvez porque toda segunda você saia do consultório fazendo uma careta e dizendo: “noite de baixo carboidrato”.

– Edward, você é um príncipe! Quer casar comigo?

Deu um beijo de leve na boca de Edward, ele a puxou para si e completou o beijo, só que mais profundo e de intenções menos amigáveis. Por algum tempo Simone se deixou beijar e a sensação a pôs eletrizada, com ondas de calor percorrendo seu corpo. Mas então se deu conta de onde estava e com quem e se afastou.

– Simone, me desculpe, me deixei levar pelo momento. Sei lá…

– Tudo certo, Ed. Sei lá eu também! Estamos os dois estressados, sob pressão. Vou tomar meu banho. Disse ela e foi rapidamente para o quarto.

*

Simone decidiu tomar um banho e enquanto ficava embaixo da carícia da água quente, Simone não conseguia tirar o beijo do pensamento. Não sabia que Edward beijava tão bem, mas não era essa a questão. Eles eram amigos havia tantos anos, ela nem sequer conseguia pensar nele de forma romântica, e agora não era hora de deixar um momento de vulnerabilidade confundir as coisas.

Como deveria ser comportar?, pensava ela, o que falar quando retornasse à cozinha? Achou que deveria agir como se nada tivesse acontecido. Por sorte, pareceu o mesmo pensamento de Edward, porque quando ela voltou ele reagiu dessa maneira.

Ele havia arrumado dois lugares na ilha de sua cozinha, equipada com um

cook top, coifa, pia e espaço lateral para duas pessoas se acomodarem em bancos altos. Ele reinava soberano naquele canto da casa. Assim que ela chegou, ele informou que a comida estava pronta e estendeu uma taça de vinho na direção de Simone, visão do paraíso naquele momento.

Falaram sobre trivialidades, sobre o trabalho, o corpo no jardim, mas nada privado. Ninguém ousou mencionar o beijo. Depois do jantar, Simone se retirou para o quarto para ler mais um pouco do texto de Mark.

O Diário de Mark

O rock da cadeia

Eu estava dormindo profundamente quando o telefone tocou. Era Peter, gaguejando e falando alto, completamente alterado: – É você, Mark? Mark, é você?

– Oi, Peter, o que houve? Invertemos os papéis e hoje você me tira da cama? Quer conselhos amorosos?

– Não seja engraçadinho, Mark, Lara foi presa! Preciso de você urgente, você pode tirá-la da cadeia?

– Como Lara foi presa, o que houve? – me sentei na cama já completamente desperto.

– Sei lá, nem eu entendi. Estávamos dançando num *night club,* eu, ela e um amigo – meu primeiro pensamento, amigo de quem? Mas o varri da mente, tendo em vista a urgência de Peter.

– Ok, acalme-se e me explique o que houve.

– Como disse, estávamos dançando, fui buscar um drinque e quando voltei vi que um homem se aproximou de Lara. Não o conheço, pensei que era apenas alguém investindo nela. Vi que ela não gostou nada da presença dele, tentou sair da pista e ir para um canto. Ele a seguiu, e só vi Lara jogando a bebida no rosto dele. Então ela avançou para cima e começou a unhá-lo e bater nele. Nunca a vi assim.

– E daí?

– Daí o amigo dela pensou que o sujeito tinha agredido Lara primeiro e pulou nele. Começaram a brigar, Lara tentou segurar o Leo e acabou no meio da briga. Nessas alturas tudo estava um caos, chamaram a polícia e Lara e Leo foram presos.

Então Leo era amigo de Lara e não de Peter.

– E como você ficou de fora?

– Eu não me meto em brigas. E se quebro uma unha? Fiquei bem longe! Tenho horror a violência gratuita. Michael jamais sujaria as próprias mãos em briga de gatos.

– Michael, quem é Michael?

– Corleone…

– Peter, às vezes você vive em outro planeta. Sabe onde ela está agora?

– Sei sim! Já estou chegando à sua casa para levá-lo para lá. Também tenho dinheiro para a fiança!

E não é que o homem era prático? Apesar da observação anterior…

Fiquei em dúvida entre ir ao local e me identificar como advogado ou ir armado para matar Lara, que saíra com outro e ainda se metera numa encrenca, uma exata semana depois de voltarmos de Paris! Essa mulher estava despertando meus piores instintos.

Chegamos à delegacia e Peter ficou no carro. Disse que hospitais e delegacias lhe davam calafrios. Entrei no edifício, me identifiquei ao policial de plantão, verifiquei o que havia ocorrido, paguei a fiança e fui até a cela onde ela estava presa. Por sorte estava só, sem "coleguinhas". Parecia um ratinho acuado em um canto, descabelada, com a maquiagem borrada e cara de quem havia chorado um rio. A coisa fora feia, porque Lara não era o tipo de mulher que resolvia problemas com lágrimas.

Tirei-a da delegacia, levei-a para o carro, ela disse que gostaria de um táxi. Perdi a paciência, agarrei-a pelo braço com força e joguei-a no banco de trás. Peter, atrás do volante, me olhava com olhos arregalados.

– Escuta aqui, duquesa do desastre, são quatro horas da merda da manhã, você se envolve numa briga, me tira da cama de madrugada, me arrasta para uma delegacia para resolver sua fiança e ainda tem a desfaçatez de querer sumir?

– Mark, pegue leve, ela está em estado de choque!

– Pois vai ficar em estado pior se tentar descer desse carro!

Eu estava furioso e minha fúria tinha nome… não tinha sobrenome porque eu ainda não sabia – quem raios era Leo?

– Mark, sei que está furioso, mas temos que voltar para a delegacia… esquecemos do Leo… – Peter falou quase murmurando, como se fosse um garotinho.

– O Leo que se foda! Não o conheço, não sei nem que é!

– Claro que conhece – disse Lara, saindo do mutismo em que ficara. – Você o conheceu no Atrás da Porta, lembra? Na primeira vez que saímos…

– Leo? O gay da pista de danças?

– É…

Só então meus nervos começaram a entrar no lugar e me senti um idiota. Queria me esconder sob uma pedra. Arrastei uma mulher que estava em nítido estado de choque, fui estúpido com meu melhor amigo e por quê? Porque

estava com ciúmes da ideia de Lara ter ido dançar com outro homem.

– É ele – ela continuou. – Pensei em apresentá-lo ao Peter, daí saímos hoje.

– Vou voltar e pegar o Leo – eu disse mansamente. – Esperem aqui, não devo demorar.

– Sim, esperamos! – responderam os dois como um time de crianças que acabara de aprontar.

Tirei o Leo também em fiança. Ele saiu pendurado em meu braço e fazendo juras de amor eterno. Mandei-o pegar um táxi.

Pedi a Peter que me deixasse em casa com Lara, e só depois que entramos perguntei o que acontecera.

– Eu estava dançando, feliz, aí ele apareceu do nada, eu fiquei apavorada, como se fosse uma criança novamente e ele tivesse algum poder sobre mim. Daí recuei, mas ele veio atrás. Eu só queria me livrar dele…

– Ele é “ele”?

– Sim, é!

– E como ele a encontrou? O que queria?

– Não sei, acho que estava com algumas pessoas ali e me reconheceu, não sei, não é uma casa de suingue nem nada parecido, só um *night club*. Quando ele se aproximou, eu não sabia o que fazer para não falar comigo. Joguei minha bebida nele e o agredi! E aí… o Leo entendeu que eu estava sendo agredida, foi me defender e a confusão começou…

– Ou seja, ele não conseguiu falar com você?

– Só disse que precisava falar comigo e eu surtei… Apenas ouvir a voz dele e vê-lo lá me fez sentir frágil. Parece que perdi todas as forças, Mark, virei uma menina boba novamente. Se não reagisse rápido, ele me daria qualquer ordem e eu faria o que ele quisesse.

– Ok, vamos conversar mais tarde, Lara, acho que você precisa de descanso agora.

E eu precisava recompor meus nervos e pôr os pés no chão. Essa mulher ainda ia me levar a fazer uma besteira de grande magnitude.

O Diário de Mark

Uma noite no harém

Lara me telefonou uns dois dias após o episódio da cadeia. Queria me agradecer por tê-la resgatado da encrenca.

– Mark, gostaria que você viesse aqui em casa hoje à noite, quero muito lhe agradecer…

– Não precisa, Lara, mas será um prazer vê-la.

– Venha lá pelas oito.

– Jantar?

– Árabe – falou meio que sussurrando.

– Hummm, parece bom.

– Você vai adorar.

Falamos mais alguns minutos. E eu que pensava que Lara não fosse do tipo capaz de fritar um ovo sequer, e lá estava ela pronta para fazer um jantar árabe para mim… as coisas mudam, não?

Terminei o trabalho, passei em casa, tomei um banho, troquei de roupa e lá fui eu, feliz da vida, para a casa dela, no horário combinado. No caminho, passou por minha mente comprar flores, mas não conseguia imaginar Lara segurando um buquê… Flores e Lara… acho que não, um cacto talvez, pensei com amargura.

Cheguei ao edifício e o porteiro, agora já meu velho conhecido, me disse que a senhorita Lara tinha dado ordens para eu subir direto. No apartamento, a porta estava entreaberta, ainda assim toquei a campainha – eu também gostava de respeitar a privacidade.

– Mark, entre e sente-se no sofá que eu já vou – gritou Lara de algum lugar. – Não acenda as luzes.

A penumbra reinava. As almofadas coloridas brilhavam sob a luz das velas e conferiam um ar de mistério ao ambiente. Eu estaria disposto a uma noite exótica, romântica e até erótica em um harém? A mesa não estava posta, provavelmente Lara ainda estaria na cozinha. Me sentei no sofá para aguardar pacientemente.

Uma música árabe começou a tocar: sons de flautas e tambores encheram o ar. Lara levava a sério o jantar árabe, pensei, mas em segundos apareceu uma mulher envolta em véus e dançando no ritmo da música, serpenteando o corpo que se distinguia embaixo das transparências. Minha anfitriã se

materializou, sentando-se ao meu lado para apreciar o show.

O olhar sedutor da mulher brilhava. Era mais baixa que Lara, de cabelos escuros, curvilínea, de seios fartos e firmes. Parecia uma odalisca flutuando entre véus e música. Ela se virou, deixou o véu escorregar e o atirou para mim. O corpo bronzeado e coberto de óleo brilhava. O sutiã cheio de pedras e penduricalhos reluzia à meia-luz.

Ela movia os quadris e a barriga em perfeita sintonia com a música, rodopiando e avançando em minha direção. Fiquei de boca aberta; era impossível resistir, meu membro pulsava ao som das castanholas que pareciam pequenos sinos.

A música parou e a odalisca voluptuosa ajoelhou a minha frente, jogou os cabelos para trás e levantou os braços.

Lara foi até uma poltrona de frente para mim e se sentou. Eu não sabia o que dizer, apenas olhei o show em transe. A mulher chegou mais perto e sentou-se no meu colo. Olhei para Lara e ela assentiu com a cabeça.

– Toque-a, Mark, vá em frente, toque-a – aparentemente faria o papel de espectadora. Comecei a acariciar os seios da bela morena, tirei-lhe o sutiã de pedras, me apossei de um dos mamilos com a boca e comecei a sugar.

Ela se afastou um pouco, terminou de retirar o traje e começou a me despir, tudo sob o olhar intenso de Lara.

A morena abriu meu zíper, tomou meu membro já rijo entre as mãos, começou a sugá-lo, acomodou-o entre os seios e, apertando-os juntos, fez um ninho em seu colo para meu pau, que estava muito duro. Comecei a fazer um movimento de vaivém entre seus seios, uma experiência fantástica, pele contra pele, deslizando no calor e no óleo que os recobria. Fechei os olhos para aproveitar a sensação.

– Abra os olhos, Mark, quero que você me olhe enquanto brinca com Fatma.

Abri os olhos e Lara estava parada ao nosso lado, observando a cena. Por um momento, tive raiva dela. Para ela pouco importava eu estar com outra mulher! Foi um pensamento que cruzou meu cérebro por uma fração de segundo, mas, como estava virando rotina, outro pensamento maior, o do desejo insano, se apossou mais rápido de mim.

Retirei meu pênis dos seios de Fatma, que me deu um preservativo. Coloquei-o, deitei-a e a penetrei rápido. Comecei a me mover lentamente, ela gemia de prazer. Fui lentamente devorando-a e fazendo-a suplicar para que eu intensificasse os movimentos. Em nenhum momento meus olhos deixavam os

de Lara. Era como seu eu estivesse transando com ela, que agora havia tirado a própria roupa e se acariciava.

Quando Fátima teve seu primeiro orgasmo, posicionei-a de quatro, penetrei-a novamente e recomecei o lento movimento; fui trocando de posição diversas vezes, somente após cada orgasmo que tinha a desconhecida. Não sei por quanto tempo transei com ela. Lara gozou com suas próprias carícias. Naquele momento, sem poder aguentar mais, gozei também.

Fiquei ali, deitado no tapete da sala, recuperando minha respiração. Vi que Fatma reuniu suas coisas e ouvi alguns murmúrios. Lara havia acompanhado a desconhecida até a porta, pensei.

– Espero que tenha gostado do seu aperitivo árabe – disse ela, ajoelhando a meu lado. – Está pronto para o prato principal? – Lara apontou para o próprio corpo delicioso.

Como sempre, as palavras de Lara tinham o dom de me fazer rir. Puxei-a para perto de mim, deitei-a no tapete macio e comecei a acariciá-la, passando primeiro as mãos pelo seu corpo e depois a língua. Iniciei pelos pés, lambendo-os lentamente, fui subindo pelas pernas e, para provocá-la apenas rocei no seu sexo, deixando para saboreá-lo depois. Fui subindo pela barriga e abocanhei um dos seios. Ela gemia gostoso, se contorcendo toda.

– Mark, isso é muito gostoso, continue…

– Você está com pressa? Eu, nem um pouco…

Virei-a de costas e passei a língua pelas pernas, pelas curvas arredondadas das nádegas, subi pela espinha até chegar à nuca, passei lentamente a língua ali. Eu sabia que ela me queria desesperadamente dentro dela, mas preferi torturá-la até que implorasse.

– Me morda, pediu, segurando forte meus cabelos, como fez antes.

Mordi de leve a nuca dela e ela gemeu alto.

– Agora quero que você me penetre forte e me morda mais forte enquanto mete em mim. Segure-me pelos cabelos, preciso sentir dor.

Não parei para raciocinar sobre aquele pedido. Eu nem tinha condições, entorpecido de desejo como estava. Fiz como ela comandava, e comecei a estocá-la fundo, enquanto fazia contorcionismo para morder a nuca, prendendo-a pelos cabelos.

– Mark, não tenha pena, morda mais forte!

– Se eu morder mais forte vou machucá-la!

– Não importa, morda e passe as unhas pelas minhas costas, forte!

Penetrei-a mais fundo, enquanto lhe arranhava fortemente as costas e lhe mordia a nuca. Ela explodiu num orgasmo violento, anunciado por gemidos que devem ter sido ouvidos uns três ou quatro andares abaixo. Eu gozei em seguida. Ficamos ali, no tapete, sem falar, nos recuperando por uns minutos. Beijei-lhe as costas, ela foi se levantando, acendeu uma luz e fiquei chocado com o estado em que eu havia deixado suas costas.

– Lara, eu machuquei você, deixe-me ver…

Havia arranhões profundos nas costas que eu podia entrever no meio dos cabelos desarrumados. Ela puxou os cabelos de um lado, estava toda mordida e arranhada.

– Não se preocupe, Mark, rapidamente as marcas saem…

– Não estou preocupado com as marcas, mas sim por ter machucado você. Meio que perdi o controle.

– Não machucou, não, me fez gozar forte, fiquei alucinada quando você começou a me morder e me arranhar, puxando meus cabelos. Foi muito bom, eu gosto de sentir dor enquanto transo.

Que estranho isso, dor e prazer… primeiro a história de apertar o pescoço, agora isso. Me fez machucá-la de propósito. Eu não sabia se estava mais chocado pelo comportamento dela ou pelo meu. Eu havia me excedido, cravado as unhas e os dentes nela como se fosse um animal no cio… e ela gostara… Aquele relacionamento definitivamente estava me pervertendo, eu não me reconhecia mais.

Ela se apoiou em mim, comecei a acariciar-lhe os cabelos e tomei coragem para perguntar: – Desde quando?

– Desde que ele me ensinou… Sempre que ia fazer sexo comigo tinha alguma surpresinha. Às vezes quase arrancava meus cabelos puxando forte, me mordia, me amarrava mãos e pernas e me batia, às vezes com a mão, outras com um pequeno chicote de montaria… até com flores… Ele dizia que estava me esculpindo para o prazer dele, como se eu fosse uma peça de mármore.

– Meu Deus…

– Não machucava muito… porque ele me penetrava junto ou me masturbava e a dor virava prazer, era um complemento.

– Isso não é normal…

– Não sei… para mim sempre foi… Assim… aprendi a atrelar prazer a dor, e quando sinto dor meu prazer é maior…

– Ele a machucou alguma vez?

– Sim, nunca nada profundo para deixar marcas permanentes, mas às vezes machucava, mas sempre era prelúdio para sexo intenso. Eu aprendi assim.

– Que idade você tinha quando ele começou com essas outras práticas?

– Catorze, quase quinze, assim que fomos para Paris. Acho que ele se sentia mais livre para fazer tudo o que tinha vontade. Não iria ser repreendido. Quando eu ficava cheia de arranhões e hematomas, apenas passávamos mais tempo em casa…

– Você aprendeu também com ele a colocar outras pessoas no sexo?

– Tudo que aprendi foi com ele. Não sabia nada. O que ele dizia que era bom e normal eu fazia.

– Como foi isso?

– A primeira vez ele contratou um rapaz, um garoto de programa bonito, chamou-o no apartamento e me mandou vestir uma *lingerie* sexy. Pôs uma venda nos meus olhos e só descobri o que ocorreria quando notei que havia quatro mãos me acariciando, duas bocas, uma boca em meu seio, outra no meu sexo, e aí já era tarde para ter qualquer pensamento que não fosse desejo… e isso levou a outras coisas.

– Essa prática continuou?

– Sim…transamos em casas de suingue, ele até conseguiu uma identidade falsa para eu poder atravessar portas sem perguntas… Transamos com muita gente, até com um travesti brasileiro tentamos transar uma vez, mas não deu certo. Ele não gostava de mulheres. E depois… depois meu escultor me "emprestava" para amigos, para podermos brincar juntos, como ele dizia…

– Emprestava? Como se você fosse uma maldita luva de beisebol ou algo assim?

– Amigos dele vinham ao apartamento, às vezes apenas para conversar e tomar algo… ele me fazia aparecer com roupas bem provocantes… shorts curtos ou blusinhas transparentes sem sutiã. A ordem do dia era deixá-los loucos. Quando via que eles estavam interessados… dizia que podiam aproveitar e brincar comigo. Ele gostava de assistir…

– Como era para você, Lara?

– Não sei dizer… eu me divertia em chamar a atenção dos amigos dele… Alguns eu não queria… outros eu queria… a maioria eram homens da idade dele… então estavam em forma… eram ricos, bonitos e bem cuidados… Eu

queria experimentar… Quando não queria, ele não forçava na hora, depois acabava por me punir de alguma forma…

Lara respirou fundo e continuou. Parecia disposta a exorcizar seus demônios falando do passado.

– Eu fiquei viciada, queria sempre dois homens para transar… Ele sempre deixava, desde que ele escolhesse… A única vez que tentei escolher… você já sabe… Mais tarde, quando comecei a ter relacionamentos, era difícil para mim não tentar levar para esse lado. Fiquei chocada quando descobri que não era normal para as pessoas…

– Cada vez que escuto uma parte dessa história, fico mais horrorizado, Lara.

– É… gostaria que você entendesse que para mim não era horrível, porque eu não conhecia outra coisa. Mais tarde, com muita conversa com Emma, que jamais recriminou minhas práticas – e olha que contei quase todas para ela –, passei a entender que sexo poderia ser diferente… mas acho que já era meio tarde…

– Você queria ser diferente?

– Muito! Conversei diversas vezes com meu terapeuta… eu queria me satisfazer apenas com um homem, queria não ter vontade de sentir dor… e sinto, física e emocional, mas o prazer que a acompanha é indescritível. Agora há pouco, vi você fazendo sexo com a Fatma e foi muito doído para mim, mas o prazer que tive foi intenso também, não tem muito como explicar.

– O que diz seu terapeuta?

– Sadomasoquismo… difícil de curar… porque se não houvesse recompensa seria fácil… mas a dor triplica a recompensa, o prazer… Eu acho que é igual a um chocólatra. Ele sabe que vai engordar… mas o prazer torna aquilo irresistível.

– Você sentia falta da vida que levava com “ele”, depois que romperam?

– Eu me livrei daquela vida, não queria mais, intuía em algum canto do meu inconsciente que o que eu fazia com “ele”, o próprio relacionamento com um homem vinte anos mais velho, era errado… Mas depois que você vive uma vida como aquela, parece que algo quer puxá-la para trás. Parece que há um vazio que precisa ser preenchido. Entende o que eu quero dizer? Certo, errado, normal ou anormal, era a vida que eu conhecia e eu sentia necessidade dela… Eu era escrava daquele homem, mas ao mesmo tempo era o centro da existência dele, e depois… Eu já não era mais o centro da existência de ninguém.

Lara fez um pausa e continuou: – Eu me sentia culpada. Não apenas por desejar o que era “ruim”, me sentia culpada por tudo… eu fui forjada, Mark, esculpida, não fui educada.

Os olhos dela estavam úmidos e eu quase podia sentir sua dor.

– Lara, o que eu faço com você? Você é tão diferente de todas as mulheres que já conheci!

Ela não disse nada, apenas me olhou e sorriu tristemente. Estava calma. Apoiou-se em mim e dormiu rapidamente, e eu fiquei ali, no tapete, com ela apoiada no meu peito, lhe acariciando os cabelos, chocado demais para dormir.

Pela primeira vez eu pensei que talvez devesse procurar ajuda profissional, um psicólogo, algo assim. Meus limites estavam há muito ultrapassados, minha mente não me acompanhava e certamente a órbita de Lara girava lá pela sétima lua do quinto planeta do sistema solar de uma galáxia ainda não descoberta.

Capitulo Dezenove 

Simone deixou o manuscrito de lado. Arrepios que percorriam seu corpo congelaram a vontade de dormir. Como Mark deve ter sofrido ouvindo Lara contar sua vida infernal! Do ponto de vista cientifico, era tudo de que Simone precisava para seu novo livro, um caso fascinante de masoquismo e de personalidade pós-traumática.

Do ponto de vista humano, era uma história de muita dor, tortura sistemática de uma adolescente.

Simone tomou um pouco de água e decidiu retomar a leitura. O sono teria que esperar.

O Diário de Mark

Caia fora, homem!

Cada vez que Lara fazia uma revelação e dava um passo na minha direção, ela recuava mais dois na sequência. Eu já estava me acostumando. Decidi ir a uma psiquiatra. Eu precisava entender o que estava acontecendo comigo, com Lara e com nosso relacionamento. Eu me afundava. Fui a três ou quatro sessões com a terapeuta e desisti. Ela me disse que eu estava me conformando com pouco, que essa era uma relação tóxica e que eu parecia aquelas mulheres agredidas fisicamente pelo marido ou amante, que se acostumavam com uma situação ruim.

Frase dela: “Daqui a pouco você chegará aqui, Mark, e dirá: Lara é uma ótima pessoa, só é ruim quando surta. E acrescentará: só que ela surta o dia inteiro”.

Abandonar Lara estava fora dos meus planos. Eu achava que ela precisava de mim e era louco por ela, assim decidi abandonar a terapia.

Peter era um excelente terapeuta, pensei. Falaria com ele. Contei a ele o que podia, nada sobre o abuso que Lara sofrera, porque era segredo dela, não meu, para divulgar, mas falei que o sexo sempre era diferente e que às vezes isso me incomodava muito.

– Caia fora – disse Peter.

– Por quê?

– Porque eu já falei, mas como você parece um vácuo, onde nada se propaga… vou repetir: essa mulher não é para se apaixonar, é para trepar!

– Estou apaixonado por ela! – pronto, consegui verbalizar o que vinha na minha mente fazia tempo.

– Merda puta que o pariu! Trate de se desapaixonar! Essa mulher é louca, você é ótimo, normal, ela é… maluca!

Peter estava visivelmente enraivecido, com o rosto vermelho.

– Eu os apresentei porque achei que você estava precisando de uma transa que o tirasse do papai e mamãe que é a sua vida, mas não era para você embarcar num carnaval surreal na Red Light District… Passear pelo diferente é uma coisa, Mark, viver nele é como viver em uma realidade paralela! No Matrix!

– Em primeiro lugar, você não nos apresentou; em segundo, em que inferno de lugar está sua compaixão, sua amizade? Eu acho que ela sofre…

– Sim, com certeza ela sofre, de ninfomania! Você nunca vai bastar para ela! Já o imagino sem terno e gravata e vestido todo de látex preto, com a bunda cor-de-rosa de fora, ela com um chicote na mão…você com nariz de porquinho, ridículo, não é você! E não questione minha amizade, é por isso que estou lhe dizendo para cair fora.

Peter foi enfático, a psicóloga foi clara, mas eu queria Lara, e achava que poderia resgatá-la, trazê-la para a normalidade. Era só ir fazendo isso aos poucos. Sim, eu poderia salvar a Lara. Terminei me perguntando quem me salvaria dela.

Saí da minha “sessão” com Peter mal e decidi quebrar as regras: fui diretamente para o apartamento de Lara, sem avisar. O porteiro me recebeu sorrindo e me liberou para subir.

Queria ir até ela e dizer que estava apaixonado e que se ela remotamente sentisse o mesmo iríamos resolver juntos todo o resto, até conseguirmos trilhar um caminho mais normal de vida. Eu ia ajudá-la a esquecer os traumas, as dores.

Quando cheguei ao apartamento, havia música alta vindo de dentro. Toquei a campainha e me dei conta de que não seria ouvido. Puxa! – disse para mim mesmo, não sabia que a Lara gostava de rock anos sessenta. Mas The Doors estava tocando e a voz inconfundível de Jim Morrison cantava *Back door man*.

Experimentei girar a maçaneta e a porta se abriu. Entrei e congelei. Havia um homem nu caminhando pela sala, Lara estava nua de quatro, sendo comida por trás por um negro enorme. Deitado sob Lara, um outro homem a chupava.

Ela não notou minha presença no começo, distraída pelos “assuntos” de que tratava. Paralisia e dor me impediam de reagir. Vi o negro agarrar Lara fortemente pelos cabelos, enquanto metia nela. Ela gemia alto e ele lhe batia incessantemente no traseiro, se apoiando nos cabelos dela como se fossem os arreios de um cavalo. O homem embaixo chegava a mover os dedos dos pés em delírio. O crescendo da festa carnal de Lara levou-os a um orgasmo termonuclear. O negro retirou seu pau imenso, arrancou o preservativo e puxou-a pelos cabelos daquela posição e gozou na boca de Lara. Naquele momento Lara me viu.

Ela limpou o queixo com as costas da mão e gritou: – Caia fora daqui!

E foi o que fiz… Saí… com a certeza de que nunca mais queria ver aquela louca depravada, que estava me levando ao limite da sanidade. Eu não sabia sequer para onde ir. Começou a chover quando saí do prédio e eu fiquei sentado na calçada, em frente ao apartamento dela, sem forças para reagir, o rosto enterrado nas mãos.

Não sei quanto tempo fiquei ali, na chuva. O negro que estava com Lara de repente estava ao meu lado, pôs a mão no meu ombro, eu queria dar um soco nele, mas me sentia fraco.

– Cara, vem comigo.

Eu o segui até o carro dele, entrei. Não conseguia recusar, não tinha forças.

– Eu não sei quem você é, meu amigo… – foi dizendo ele… – mas vi você lá em cima… e vi sua surpresa…

– Eu não sou seu amigo – falei.

– E eu não sou seu inimigo. Vi que presenciou a cena… e posso dizer que está apaixonado por Lara. Um erro tremendo! Ela é uma deusa do sexo, mas é propriedade pública. Vou ser sincero com você: pelo seu estado, você merece a verdade… isso rola sempre… eu, ela, mais alguém, ela e outras pessoas, é sempre plural a coisa ali…

– Quem é você?

– John Mayer, caí um vez nessa cilada em que você está e ela arrancou meu coração do peito com as próprias mãos e o comeu na minha frente. Então compreendi que a trepada é boa, trepe com ela quando puder, mas não queira

direitos de exclusividade. Evite-a como se fosse uma praga. Se ficar nessa por esporte… ok, mas vejo que não é seu caso… Se é amor, caia fora! Ela vai mastigar, engolir e cuspir você!

Não fiquei para agradecer o terceiro conselho na mesma direção que recebera no prazo de uma semana. Saí do carro determinado a deixar para sempre a vida de Lara.

Algumas semanas se passaram, as piores da minha vida. Me sentia um imbecil completo, com saudades dela, sentindo falta do cheiro dela, então ela me ligou: – Mark?

– Lara.

– Podemos conversar?

– Para quê? Você não me mandou cair fora? Estou fora!

– Fora do apartamento, não fora da minha vida. Eu preciso de você… – Lara estava soluçando copiosamente.

Eu era um idiota completo! Ouvir Lara chorar e dizer que precisava de mim era igual a apertar o *play* em um controle remoto, a desculpa perfeita para correr até ela.

Lara estava um caos. Penteado do salão Porco Espinho combinado com a maquiagem do salão Chore um Rio. Ela tinha um hematoma feio no rosto, marcas arroxeadas pelos braços, um completo desastre. Vestia uma calça de moletom que já havia tido alguma cor, mas que agora era um trapo velho, e uma camiseta velha com o dizer “Garotas se divertem mais”, em estado similar.

A visão da Dulcineia em perigo me transformou em Dom Quixote. Ela precisava de mim e eu era talhado para ajudá-la em sua aflição. Vê-la em tamanho estado de fragilidade despertou em mim o cavaleiro quixotesco, e meu eterno desejo de protegê-la teve o dom costumeiro que a presença dela tinha sobre minha mente, o de provocar amnésia! Abracei-a e afastei para debaixo do meu tapete mental a imagem dela com John Mayer.

– O que houve, Lara?

– Ele veio aqui…

– Ele quem, meu Deus? Átila, o Uno, a cavalo?

– Não, Arthur.

– Quem é Arthur?

Lara tinha a mania irritante de achar que eu conhecia todo seu vasto

círculo de “amigos”; – O filho do senador!

Ah, pensei, agora sei o nome dele. Sempre quis perguntar, mas nunca tive coragem.

– Mas como ele conseguiu entrar?

– Não sei, esse idiota desse porteiro de merda o deixou subir… Quando fui abrir a porta, achei que era um vizinho ou uma encomenda, e lá estava ele.

– E?

– Tentei fechar a porta na cara dele, mas ele me empurrou, entrou e começou a gritar comigo, dizendo que eu sou uma vagabunda ingrata, que eu tinha que ir ver minha mãe, que está no hospital…

– E o que você disse?

– Eu disse tudo o que pensava dele… esperei por esse momento anos da minha vida… Falei que ele me dava vontade de vomitar, chamei-o de nojento e pedófilo, falei que minha mãe era uma cafetina escrota!

– E ele?

– Me deu um tapa no rosto tão forte que me arremessou no sofá… daí me agarrou pelos braços e me chacoalhou até que eu quase desmaiei. Jurou que nunca mais se envolveu com alguém tão jovem, que fora apaixonado por mim, que me amou… que estava esperando eu crescer para nos casarmos e que minha mãe só havia colaborado porque sabia de tudo isso.

– Você não acreditou nele, não é?

– Claro que não! Que tipo de amor é esse? Como o da minha mãe? Eu não entendo merda nenhuma de amor, mas pelo pouco que sei, isso é o oposto!

– E então? O que você vai fazer agora?

– Evitá-los como se fossem uma praga, como sempre fiz. Mark, por Deus, eu não conseguia manter um pensamento coerente perto dele, eu só tinha em mente fugir, não escutar – ao dizer isso Lara levou as mãos aos ouvidos. – E o filho da puta não parava de falar. Comecei a me sentir como quando eu era menina, perdendo as forças, e que se ele me mandasse fazer qualquer coisa eu faria… A voz dele me fazia lembrar…

– De quê?

– Das torturas, das dores que me fazia passar, dos castigos quando eu não me comportava…

Imaginar Lara em uma sessão de sadomasoquismo era uma coisa, mas imaginar uma mulher como Lara vítima frágil e indefesa, era quase

impossível. A mulher era uma amazona!

– Você não me contou sobre castigos… que tipo de castigos?

– Eu tenho muita vergonha disso…

Lara se encolheu inteira no sofá, levando as pernas até o peito, e começou a chorar convulsivamente. O que eu poderia fazer? Iria voltar urgente para minha psicóloga, porque eu tinha medo que ela me levasse à loucura.

– Venha cá, Lara, chore tudo o que tem para chorar… e me conte tudo o que há para contar… Não aguento mais essa morte por mil cortes. Você precisa se esvaziar e eu preciso saber tudo o que está escondido aí dentro da sua cabeça, ou não consigo ajudá-la – falei e apontei para a cabeça dela.

– Ele me batia… quando eu ainda não estava acostumada às sessões de sexo grupal, quando eu me recusava a participar de suas brincadeiras masoquistas, que sempre me machucavam… quando eu recusava algum amigo dele… Ele me batia muito, nunca no rosto… Hoje foi a segunda vez…

Me lembrei que ela me contara de quando ele batera no rosto dela e ela decidira contar tudo ao pai. Aparentemente a falta de limites de Lara encontrava este limite: receber um golpe na face.

– Ele me deixava sem comida… trancada no apartamento, sabe Deus onde ia e levava a chave da cozinha… Eu ficava sem nada para comer, tomava água no banheiro e só… Às vezes ele demorava uns dois dias para voltar, daí eu prometia ser boazinha e ele me alimentava. Aprendi a guardar biscoitos num esconderijo…

– Quanta insanidade…

– E depois de certo tempo entendi que a culpa de passar fome ou de apanhar era minha. Ele sempre dizia isto: “Estou batendo porque você provocou isso. Se fosse uma boa menina, isso não aconteceria. Estou deixando-a faminta por sua culpa. Você poderia ter escolhido comer, mas escolheu me desobedecer”.

– Você compreende hoje que isso é errado? Que você não tinha culpa?

– Sim, foi uma das primeiras coisas que o terapeuta em que Emma e meu pai me levaram me explicou: que todos os agressores dizem que a culpa é da vítima, e que depois de um tempo a vítima começa a acreditar nisso. Um adulto acredita, imagine uma criança. E hoje ele veio e disse que me amava…

– Lara, isso não é amor, é doença. Ele é um psicopata e um pervertido. Nunca o deixe entrar em sua mente para que você acredite no contrário. Amor não tem nada a ver com isso. Lara, nós precisamos conseguir uma ordem de restrição contra ele, me deixe fazer isso por você? Conseguiremos uma ordem

contra ele e contra sua mãe, eles não se aproximarão de você!

– Nunca mais?

Me doeu escutar a vozinha infantil de Lara ao fazer essa pergunta. Era como uma criança que pedia ao pai para prometer que os monstros nunca mais visitariam seus sonhos.

– Ao menos enquanto durar a ordem…

– O que eu preciso fazer para conseguir isso?

– Nós vamos agora para a polícia mostrar as marcas que você tem pelo corpo e dizer quem foi o agressor.

– Mark, o pai dele foi senador, conhece todo mundo!

– Só que esse edifício tem câmeras de segurança, eu vou lá embaixo conseguir as filmagens agora e Deus ajude aquele porteiro débil mental se não me der. Vamos manter esses vagabundos longe de você! Confie em mim, Lara.

– Eu confio, Mark, muito! Você está na lista das pessoas com quem sei que posso contar.

– Eu amo você, Lara, me deixe cuidar de você! Não prometo que nunca irei magoá-la, mas nunca vai ser intencional, isso eu prometo. E prometo que vou cuidar de você.

Lara nada respondeu. Apenas ficou ali, com a cabeça no meu ombro, me abraçando forte como seu eu fosse um tronco na enchente pela qual era arrastada.

– Não quero que conte toda a história… Existe como fazer isso sem contar tudo?

– Deixe comigo, não se preocupe… Vamos mostrar as imagens de Arthur entrando no edifício e seus hematomas… Ele e sua mãe vão querer evitar o escândalo e ficarão longe. Eu preciso de nomes, Lara, completos…

– Está bem.

Por fim, descobri que o filho da puta se chamava Arthur Ranking Eberle! Filho do poderoso ex-senador Ruggiero Eberle.

Fomos à polícia, fizemos o exame corporal em Lara. Nem diante da pressão certa e de belas ameaças o porteiro cedeu os filmes. Precisei obter uma ordem judicial para conseguir sua liberação, mas em vinte quatro horas tínhamos a ordem de restrição. Com o nome e o sobrenome do degenerado, fiz uma pesquisa e descobri muitas informações interessantes sobre ele.

Seu pai não era mais senador já fazia um bom tempo, mas era um proeminente banqueiro em Washington. Recentemente havia inaugurado uma agência em Nova York. Publicidade negativa o afetaria. Minhas lições com meus clientes me mostravam que, quanto mais rico o sujeito, mais necessidade de manter os esqueletos escondidos no armário.

Localizei o telefone do escritório do depravado, mandei um fax para ele com a ordem para não se aproximar, e liguei para ele. Eu odiava tanto aquele lixo que tremia de raiva. A secretária dele me atendeu e disse que ele não podia falar. Respondi que ela deveria colocar o fax sobre a mesa dele imediatamente e fazê-lo me ligar antes do meio-dia ou Lara iria dar uma entrevista. Que ela lhe transmitisse esse recado – a ideia da entrevista me ocorrera somente naquele momento, mas valia o blefe.

E realmente valeu! Em poucos minutos Arthur estava ao telefone para saber o que havia se passado e quem era eu. Expliquei-lhe sobre a ordem para não se aproximar de Lara, as consequências jurídicas de fazê-lo, e o ameacei com um escândalo que arruinaria sua vida, já que ele não tivera pudores ao cometer crimes odiosos contra uma criança indefesa.

– Olha aqui, advogado, você não conhece bem essa menina. Ela sempre foi perturbada, digna de passar a vida numa instituição mental, numa camisa de força. Ela tem mente fantasiosa e é demente, sem falar que é fria como gelo. Eu somente a procurei porque a mãe dela está internada, com câncer – metástase – em fase terminal e Deus sabe que Sabine merece um adeus decente dos filhos!

– Agora me escute, Arthur, seu filho da puta doente. Eu sei de tudo, eu sei sobre Paris, sobre a conivência da mãe dela com sua pedofilia… Não é difícil de criar um caso contra um molestador de mais de trinta anos que leva um menina de treze para Paris por seis meses. Então, sugiro, para sua saúde e a de sua cara madrasta, que cumpram a ordem, resignem-se a ficar anos-luz distantes de Lara. E tenha certeza de mandar a mensagem para a cafetina da sua madrasta, ou seus nomes vão para a mídia. Ah, e espero que ela morra uma morte dolorida e solitária. De nenhuma forma, jeito ou maneira Lara está obrigada a dar adeus a alguém que merece se afogar em um balde de merda!

– Entendido. Podemos chegar a um acordo?

– Sim, podemos, fiquem longe de Lara, esse é o acordo! Contato de tipo nenhum, sem visitas, sem telefonemas, sem telegramas, sem e-mails, mensagens de texto ou de voz, sem contato telepático. Se a palavra for muito difícil para você entender, significa que nem pensar nela você deve, *capisci*?

– Perfeitamente. Posso contar com o cancelamento da entrevista?

– Enquanto vocês cumprirem nosso acordo…

– E sobre as acusações que fez para conseguir a ordem de afastamento?

– Comporte-se e em alguns dias vamos retirá-las… Lara não quer ver você nem num tribunal.

– E a mãe dela? O que digo para ela? Ela quer muito ver Lara antes de morrer.

– Diga que espero que ela morra com dor e culpa corroendo-a, que eu gostaria que ela sofresse no inferno tudo o que fez a filha passar. Ela não verá Lara e não tentará se aproximar, aliás, nem de Lara nem dos irmãos dela, é o acordo…

– Certo…

Desliguei com a certeza de que ele havia entendido o recado.

Telefonei para Lara. Por via das dúvidas, algumas providências seriam necessárias.

– Lara, faça uma mala. Você se muda para minha casa hoje, somente até a coisa se acalmar – e lhe expliquei tudo o que havia feito. Eliminei detalhes da conversa, como o estado de saúde da mãe. Ela não precisava disso, não agora, e eu não tinha certeza de que não fosse mais uma mentira.

– Está bem, Mark.

Sem discussões, sem resistência. Estávamos inaugurando uma nova era.

Lara ficou em meu apartamento uma semana, depois mais uma, e um mês se passou. Íamos buscar mais roupas e objetos no apartamento dela e às vezes dormíamos por lá.

Começamos a circular como casal, de mãos dadas na praça, conversávamos sobre tudo, ou eu pensava que conversávamos sobre tudo, ela trabalhava durante o dia, eu também, eu dava minhas aulas à noite, ela fazia suas pinturas, e fomos nos acomodando naquela vida, como se fôssemos um velho casal. Até as sobrinhas apareceram e vi como ela podia ser uma criança feliz perto de outras crianças. Um pensamento que nunca havia me ocorrido atravessou minha mente: se Lara quisesse um filho, eu toparia essa aventura com ela.

O idílio durou três meses, os mais felizes da minha vida. Três meses em que, sem dizer que me amava, eu a sentia minha, próxima, feliz. Ela parecia ter espantado seus fantasmas. O sexo era intenso, na mesa, no tapete, no balcão da cozinha, na banheira e até na cama, mas só entre nós. Naqueles três meses não houve nenhum terceiro elemento na relação. Nem Peter aparecia.

Estava “enciumado” e se sentindo “excluído”, segundo ele, mas queríamos realmente ficar a sós.

Simone – Dias atuais

Simone fechou o manuscrito e enfim foi dormir. Já passava da meia-noite e o dia seguinte prometia ser pesado.

Capítulo Vinte



O dia seguinte voou e, antes que Simone se desse conta, estava quase terminado. Ela teve uma manhã ocupada e parte da tarde também, atendendo seus pacientes e alguns de Edward, que estava trabalhando arduamente no caso do corpo encontrado nos degraus da casa dela.

Quando Simone saiu do consultório para pegar uma xícara de café no final do dia, se surpreendeu ao encontrar Edward na área de recepção.

– Ei, menina, como foi seu dia? – ele perguntou, dando uma beijoca no rosto de Simone.

– Ótimo, Edward! Atendi muitos dos meus pacientes e alguns dos seus, que não ficaram muito felizes em me ver em seu lugar, mas está tudo resolvido. E com você, como estão indo as coisas?

– Trabalhando duro com os tiras! Agora o chefe de polícia decidiu que todos os policiais envolvidos no caso têm que fazer amostra de sêmen. Falei para ele que eu posso fazer também, mas não até a semana que vem, pois estou muito ocupado.

Edward apertava a mandíbula e esfregava as mãos juntas, sinais de que estava estressado e irritado.

Simone pôs uma mão reconfortante no braço dele e disse: – Sinto muito, Ed, mas acho que eles estão tentando eliminar suspeitos.

– Exatamente do que eu precisava: ver uma revista pornô e me masturbar num potinho, como se não tivesse mais nada para fazer na vida! E com tanta pornografia na internet, ainda fico surpreso que esse tipo de revista exista! – ele ao menos tentava fazer um arremedo de brincadeira.

– Entendo, meu amigo, mas quem sabe eles não te dão um *tablet,* em vez de uma revista… nesses dias de hoje… – e ela riu do pensamento.

– Engraçadinha…

Nisso o celular de Simone tocou e ela correu até sua sala para pegá-lo sobre a mesa. Apertou o botão de recebimento de chamada sem olhar no display e levou o fone ao ouvido.

– Alô?

Novamente se ouviam uma respiração e música ao fundo, e ninguém dizia nada. Depois dos últimos acontecimentos, o telefonema ganhou novo significado. Ela desligou e jogou o fone sobre a mesa.

– O que era?

Simone se virou e encontrou Edward parado na porta do consultório.

– Ed, penso que esqueci de mencionar algo para a polícia. Algo que talvez seja importante – disse.

– O quê?

– Estou recebendo telefonemas estranhos. Alguém liga, fica respirando e há música no fundo, mas não dizem nada e o número é bloqueado!

– Desde quando isso vem acontecendo, Simmie?

– Olha, recebi dois telefonemas antes de encontrar o corpo. Este foi o terceiro. Antes não dei importância ao fato, mas agora começo a me preocupar.

– Eu também. Vamos informar isso para a polícia agora!

Edward ligou para o investigador-chefe do caso e explicou o que estava ocorrendo. Passou o número de Simone e recebeu instruções.

– Simone, a polícia vai grampear sua linha. Da próxima vez que receber um telefonema assim, tente iniciar um diálogo. Eu sei que poderá ser um monólogo, mas é necessário algum tempo de comunicação para que a polícia consiga localizá-lo. O ideal seria você ficar na linha pelo menos por um minuto.

– Droga! Minha casa parece *set* de *reality show*, cheia de câmeras por todos os lados, e agora meu telefone gravado. E minha privacidade, Ed?

– Prometo que voltará a tê-la quando pegarmos esse maluco. Ele está começando a ficar descuidado. Ele foi organizado até o último assassinato, agora já está matando sem planejar. Logo, logo, ele será nosso.

– E até lá?

– Até lá temos que ter cuidado. Esse cara não brinca, não é alguém querendo assustar, é alguém capaz de matar.

– Eu sei, mas odeio quando minha vida sai do controle, e nada está muito normal.

– Tudo vai voltar aos trilhos. Enquanto isso, deixe-me cuidar de você, minha amiga. Eu sei que você é a mulher mais independente do mundo, mas estou aqui para ajudá-la, conte comigo!

– Ed, é só o que faço! Estou sendo um fardo!

– Pare com isso, sempre que precisei você estava disponível para mim, para ouvir meus problemas. Que espécie de amigo eu seria se não retribuísse? Preciso fazer algo por você para me sentir bem. E nem é tão altruísta, assim, eu preciso de você por perto – Edward fez um carinho no rosto de Simone e saiu.

Naquele momento, Simone teve um pensamento: provavelmente, Edward seria o homem mais interessante e a melhor pessoa que conhecera na vida. Por que nunca o vira de outra forma? Ela se respondeu: talvez, se tivessem misturado as coisas, o relacionamento deles já teria terminado faz tempo. "Amor só confunde as coisas", pensou, "amizade é um sentimento mais claro".

Simone atenderia Philip naquele dia. Ele estava um desastre ao telefonar mais cedo para dizer que era urgente. Ela então conseguira trocar o horário de outro paciente para recebê-lo.

Philip chegou abatido, ou melhor, alquebrado. Simone refletiu que, se usasse as palavras dele para descrevê-lo, ele estaria se sentindo um "merda". Tinha as roupas amassadas, olheiras, parecia exausto, e o pior dos indícios de que as coisas iam mal: nenhuma guloseima embaixo do braço.

– O que houve, Philip, o que há de errado?

– Me sinto um merda, doutora! Descobri que minha mulher está me traindo!

– Como traindo-o? Não é você que gosta que ela o traia? Achei que estavam indo bem, pelo mesmo caminho na prática da dominação e submissão.

– Eu também, estava bem feliz… aí… descobri tudo! Aquele clube que ela "sugeriu", ela já frequenta faz algum tempo… sozinha… E aquele sujeito que ela arrastou para minha frente quando eu estava dominado nas cordas… eles são amantes há muito tempo…

– Ela lhe contou?

– Não, ontem eu cheguei em casa bem mais cedo, porque estava me sentindo mal, acho que vou pegar uma gripe. Abri a porta e comecei a ouvir gemidos… minha mulher não é de gemer muito… ao menos não comigo… Daí pensei: ela resolveu me fazer uma surpresa, arrumou alguém para eu a ver e me excitar… Mas logo descartei a hipótese, porque eu havia chegado três horas antes.

– E dai?

– Entrei de mansinho no quarto, ela estava na nossa cama com o cara da casa de dominação… Estava de quatro – adoro quando ela fica assim, porque o traseiro dela, que é muito bonito, fica exposto –, ele estava metido nela e os dois gemendo, e ela dizia: “Vem, meu amor, vem, meu amor, entra em mim, é bom, meu amor, por favor”… Nem me importei que ela estivesse transando com ele, mas a merda do “meu amor” me fez sofrer, porque o amor dela tinha que ser eu, e não ele! E ela nunca falou palavrões comigo, e lá estava ela, falando palavrões para ele!

Phillip começou a chorar, Simone lhe estendeu a caixa de lenços, ele se acalmou um pouco e continuou: – Fiquei ali ao lado da cama e eles não prestaram atenção em mim, estavam “fazendo amor”, tudo o que ela dizia que não gostava. Ela sempre me disse que gostava de sexo forte, “enfiadas”, mas ali estava o sujeito deslizando as mãos pelo corpo dela, penetrando-a de forma vagarosa, daí ela virou e ele a beijou na boca. Enquanto a estocava, eles iam se beijando.

– E eles não o viram em nenhum momento?

– Estavam de olhos fechados… Quando gozaram e terminaram, me viram. Achei que viriam algumas explicações criativas, mas ele falou para ela: “Minha linda, acho que vocês terão que conversar, você ficará bem?”

– Deve ter sido muito triste para você, Phillip.

– Achei que iria morrer ali, doutora.

– Ela lhe explicou seu comportamento?

– Disse que precisava ter algo dela… que se sentia devassada com todas as nossas práticas e que, com o amante, tinha intimidade… Mais intimidade do que tinha comigo? Fazíamos tudo juntos!

– E agora, Philip, como vai ser?

– Ela quer me deixar, disse que vai morar com o amante, que está cansada da minha loucura, que nunca se sentiu amada, que eu “entregá-la” para outros significa que não gosto dela e que esse sujeito aí a ama e a quer só para ele!

– Philip, esse é um dos riscos desse tipo de prática sexual… alguém perde…

– Eu a perdi, doutora! E o pior: não sei o que farei sem ela. É exatamente o oposto do que ela pensa! Eu a amo mais do que tudo. Deixá-la transar com outros homens, para mim, era também um forma de deixá-la sempre satisfeita. Achava que ela não precisaria me trair.

– Vamos encarar a realidade, Philip. Também era uma forma de você encontrar prazer, convenhamos…

– Sim, era, doutora, mas também de fazê-la ter uma vida mais prazerosa, assim ela não precisaria ir atrás de outros homens, porque eu sempre lhe daria todos que quisesse…

– Se ela pedisse para você parar com as fantasias, todas, você pararia? Ficaria só com ela?

– Ficaria, doutora, ela é a coisa mais importante do meu mundo! Mas acho que agora é tarde.

– Philip, nunca é tarde. Você tem que dizer a ela tudo que me disse. Precisa fazê-la entender que você sempre deixou que ela ficasse com outros homens por medo de perdê-la. Na verdade, é aquele velho medo da infância de nunca ser o melhor dos filhos, nunca conseguir reluzir aos olhos da mulher amada…

– A senhora acha que, se eu fizer isso, ela voltará para mim, doutora?

– Não tenho como afirmar isso, Philip, mas posso dizer que sua sinceridade ajudará muito nesse caminho, e se ela quer um relacionamento de intimidade e fidelidade e você acha que pode lhe dar isso, diga a ela que você é o homem para isso. É sua única chance.

– Vou tentar – ele disse, se animando.

Quando a sessão terminou, Simone estava exausta. Pobre Philip! Às vezes ela se sentia impotente, queria que o resultado da psicoterapia frutificasse mais rápido. Se a ficha de Philip tivesse caído antes… quem sabe teria salvo seu casamento?

O último paciente desmarcou e Simone decidiu aproveitar o tempo livre para ler o texto que Carl lhe dera.

O Diário de Mark

Vamos nos divertir?

Lara acordou feliz, estávamos enrolando para sair da cama e ela me disse: – Mark… vamos dançar hoje?

– Parece uma boa, onde?

– Não sei… Pensei que poderíamos ir a um lugar novo… – ao dizer isso, me olhou meio de lado.

– Ok… é suingue?

– É… mas dizem que a música é ótima e a gente não precisa fazer nada.

– Sei… Não esqueça que eu a conheço. Está a fim de uma aventura, certo?

– Na verdade, sim… – ela então me olhou com aquela cara de cachorro pedinte… como dizer não?

– Está bem, eu topo.

Eu sabia o que viria pela frente, mas, vamos ser sinceros? Também estava a fim; só de pensar já fiquei excitado! Deixei a hipocrisia de lado. Eu conseguiria comer caviar e beber champanhe todos os dias, se precisasse, mas variedade é o tempero da vida. Se pudesse mudar de menu de vez em quando, com consentimento da minha parceira, o que havia de errado nisso?, justifiquei para mim mesmo.

O clube recém-inaugurado era perto da estação Penn, no centro de Manhattan. Chamava-se Silk Lips – Lábios de Seda. Meu excitamento ia crescendo enquanto me arrumava para sair com Lara. Meu coração estava disparado e minhas mãos, geladas.

O local era discreto, com estacionamento privado – coisa rara, considerando a localização. Entramos por um corredor iluminado apenas pela luz de um computador que registrava os clientes. Nenhuma identidade foi pedida, apenas nossos nomes.

– Lucca – eu disse, e acrescentei – o dela é Jane.

Lara sorriu e falou ao meu ouvido: “Eu Tarzan, você Jane”.

Nos deram um cartão de plástico com um número para consumação. Entramos por uma passagem para a pista de dança com um *pole dance* bem no meio. Alguns casais dançavam ao som de músicas dos anos setenta. Lucca e Jane se juntaram a eles. A pista se encheu enquanto nos chacoalhávamos. Algumas mulheres arriscavam seus pescoços em danças amadoras no *pole*, que espetáculo! Durante o dia, provavelmente eram donzelas pudicas ou respeitáveis donas de casa. Ali eram nova-iorquinas noturnas, mostrando o “cofrinho” e o traseiro para o mundo ver.

Havia um balcão para separar o bar da pista de dança. Ia de um lado ao outro de uma parede. Penduradas em barras suspensas sobre o balcão, mulheres semidespidas dançavam. No início eu não podia precisar se eram contratadas do local ou frequentadoras, mas Lara solucionou meu dilema rapidamente, me pedindo auxílio para subir no balcão.

Estava com um vestido púrpura muito curto, sapato de salto muito alto,

prateado. Ajudei-a a subir e ela começou a dançar provocativamente. Logo foi notada por muitos homens. Estava linda rebolando sobre o balcão, já toda solta e alcoolizada por umas três doses de uísque.

Eu ali, olhando, com ciúmes e admiração. A minha namorada, se é que eu poderia chamá-la assim, era linda. Apesar do ciúme, era bom ver que outros homens desejam a mulher que está com você. Me senti poderoso.

Depois de um tempo, ela desceu, tomamos mais um drinque e decidimos ir para o "labirinto" escuro, o local onde se realizavam trocas de casais. Era possível ver apenas silhuetas à luz fraca, iluminadas pelas lâmpadas vermelhas dispostas nos cantos. Havia um corredor com umas salinhas minúsculas laterais, compostas apenas por pequenos sofás de no máximo um metro e meio de comprimento, com vidro nas portas para que as pessoas pudessem observar de fora o que estava acontecendo dentro.

Dois casais transavam se apertando num dos compartimentos. Acredito que era uma troca de casais. Comecei a ficar excitado. Eu e Lara andamos em volta, de mãos dadas, observando. Minhas mãos ficavam suadas, porque eu estava excitado, cercado por sexo cru, sem preliminares.

Uma das mulheres que vimos apoiou o rosto no vidro para ser penetrada por trás e ficou olhando diretamente para nós, em clara demonstração de exibicionismo, porque também regulou a luz interna para dar mais claridade. Queria ser vista, admirada e desejada.

Durante o tempo em que ficamos observando os casais, senti diversas mãos me tocando.

Lara então me puxou. Entramos numa sala onde havia uma cama comunitária. No meio dela, um emaranhado de gente e certo público em volta, apreciando.

Chegamos mais perto. Havia duas mulheres transando. Uma estava deitada de costas e a outra por cima, com uns quatro dedos dentro da outra. A que estava por cima estava de quatro e era penetrada por um homem que somente havia baixado ligeiramente as calças – estava completamente vestido e tinha cabelos grisalhos. Ele gozou, se retirou dela, retirou a camisinha e deu lugar para outro, que estava ali observando e se acariciando. A mulher de quatro estava disponível para quem tivesse interesse. Parecia um bando de macacos na selva!

– Você também quer? – perguntou Lara, indicando a mulher. – Ela não vai parar tão cedo, está só aquecendo.

– Eu? – respondi. A ideia de penetrar aquela mulher que já havia transado como o exercito chinês e estava prestes a acomodar o russo não me atraía. No

entanto, o que eu estava presenciando era extremamente erótico, meu coração batia acelerado, meus testículos doíam, meu pau estava duro, eu precisava transar urgentemente.

Saímos daquela sala de perversão e fomos para outra, onde mais orgia estava em andamento. Havia duas camas, ou melhor, dois colchões forrados de um tecido brilhante. Todos naquela sala transavam e havia uns poucos admiradores, como eu e Lara, num canto. Havia um "trenzinho" em que dois casais estavam unidos por algum de seus orifícios e todos transavam em cima de um dos colchões. Para melhorar a loucura da cena, um quinto elemento tocava todas as mulheres que podia. Outro se masturbava olhando a cena.

No outro colchão, diversos casais se acotovelavam, um transava enquanto havia uma mulher sendo chupada por aquela que estava sendo penetrada. Me lembrei de uma cena do *wild planet* sobre amor entre serpentes…

Uma deusa estava sendo penetrada por um cara bonitão, ao mesmo tempo em que chupava uma outra gostosa.

Havia pessoas muito bonitas ali. A deusa loira maravilhosa que estava sendo chupada olhou para mim e fez sinal para que eu fosse até ela. Olhei para Lara.

– Vá, Mark.

Não hesitei. A mulher tinha curvas perfeitas, esculpidas provavelmente por um *personal trainner* que deveria ser a reencarnação de Michelangelo. Ela não disse nada quando me aproximei. Afastou a mulher que a chupava, abriu meu zíper, tirou meu membro, colocou no meu pênis pulsante uma camisinha que Lara lhe deu e o pôs na boca. Fechei os olhos e a deixei trabalhar. A língua dela era ágil e precisa, deslizava de um ponto ao outro e fazia movimentos circulares na ponta. Mais um pouco eu iria gozar. O que retinha meu gozo era a diminuição da sensibilidade causada pelo preservativo.

Ela então retirou a boca e foi me conduzindo lentamente ao colchão. Me empurrou, me montou e me cavalgou selvagemente até que gozamos. Naquele local, a ideia não eram preliminares, a adrenalina reinava suprema.

A mulher desmontou e fiquei ali "em coma" por uns momentos; quando saí dele, procurei Lara e a vi ao lado, a saia levantada, sem calcinha e se acariciando com a cena que presenciara. Um homem estava atrás dela, com as mãos em seus seios, agora visíveis porque ele baixara a blusa dela. Outro homem se aproximou e começou a chupar um de seus mamilos.

Um terceiro homem apareceu. Lara tinha os olhos bem abertos e estava ciente de tudo o que se passava. O homem não era bonito, devia ter uns cinquenta anos, mas estava bem vestido, pelo que era possível ver na

semiescuridão, magro. Ele retirou o pau gigantesco de dentro das calças e mostrou a Lara em pedido de aprovação. Ela assentiu e afastou o homem que chupava seu seio. O sujeito do pau grande vestiu um preservativo e penetrou Lara ali, em pé mesmo, e começaram a se mover em sintonia. Os outros dois caras acariciavam os seios de Lara, que gemia alto em sinal de profundo prazer. Lara e o garanhão gozaram juntos e se separaram. Um deles falou algo no ouvido de Lara; vi que ela negou com a cabeça. Daí ele se aproximou de mim.

– Sua mulher é maravilhosa, eu queria transar com ela, peça para ela, por favor.

Que hospício! O sujeito mendigando a mim para convencer Lara a transar com ele… Se algum tempo atrás alguém me contasse que isso existia, eu perguntaria o que ele havia cheirado.

Incrivelmente, desta vez não senti ciúmes, acho que meus sentidos ainda estavam embotados pelo sexo maravilhoso com a deusa.

– Mark, vamos fazer uma troca de casais?

– Como?

– Tem um casal bonito sentado ali, olhe – me mostrou um casal que admirava Sodoma.

– Eu transo com ele e você com ela, ao mesmo tempo…

– Tá…

Lara foi até eles e negociou, eles aceitaram e se levantaram. Fomos até outro corredor, com quartos parecidos a celas de cadeia, pequenos colchões e grades nas portas. Escolhemos um vazio, entramos. Fechei as grades.

Lara e o homem, mais desinibidos, rapidamente começaram a se acariciar; vi que a mulher era mais tímida, fui até ela e lentamente comecei acariciar seu pescoço.

– Calma – sussurrei. – Só farei o que você quiser…

– Estou assustada! – ela respondeu. – Nunca fiz isso, foi ideia dele… – apontou para o marido, que já estava sugando os seios de Lara.

– Ok, só faremos o que você quiser. Vou devagar.

– Obrigada.

Comecei acariciando o pescoço da mulher lentamente, mordi suavemente a nuca e vi que isso arrancou dela um gemido. Passei então a língua por suas costas e me posicionei de frente para ela, comecei a sugar seus seios, levantei

a saia que ela usava e mergulhei um dedo por dentro da calcinha, toquei-lhe o sexo, que já estava úmido… Poucas mulheres conseguem ficar impassíveis a isso.

Vagarosamente fui quebrando as resistências da mulher, até que ela gemia forte. Fui obedecendo aos seus comandos, deixando-a no controle.

Coloquei a camisinha e entrei na mulher, era apertada, gostosa. Comecei lentamente, mas à medida que observava Lara e o homem numa transa morna, fui intensificando e fiz a mulher gozar uma, duas, três vezes. Ela não parava e pedia para não parar.

– Continua, mete mais, não para, que nunca gozei assim antes – talvez ela estivesse excitada, talvez eu fosse um garanhão, quem sabe? Fiquei feliz porque vi que terminamos bem depois de Lara e do marido da minha parceira, que estavam nos olhando. Lara com uma cara meio de frustrada. Que ótimo!

Minha parceira cochichou ao meu ouvido: “Me dê seu telefone, quero mais, ninguém me fez gozar assim antes!”.

Me senti o rei, mas respondi: – Não posso, estou com ela – apontei para Lara. Seria loucura trair alguém que me dava tanta liberdade.

Lara me pegou pela mão e me levou até um dos primeiros quartinhos que vimos, aqueles com vidros, e disse: – Me come, Mark, porque preciso gozar, o “caneta Bic” ali conseguiu no máximo me deixar com tesão…

Fique orgulhoso de mim. Bem feito para Lara e suas ideias! Afinal… nem sempre o novo é melhor! Lara teve que trabalhar um pouco para conseguir seu intento. Ia ser minha terceira transa da noite… Só na minha adolescência e nesses lugares eu conseguia essas proezas.

No fim da noite, voltamos para casa, os dois parecendo espantalhos de milho, descabelados, suados, com cheiro de sexo, mas de mãos dadas, juntos.

Capítulo Vinte e Um



Os relatos eram interessantes, havia uma descrição tão precisa dos ambientes e detalhes que Simone se transportava para dentro dos locais descritos por Mark. Teria ele uma memória fotográfica ou apenas uma vívida imaginação? Então uma súbita ideia ocorreu a Simone: iria visitar um desses locais em busca de decifrar o mistério e ver o quão precisa era a descrição de Mark, e quanto poderia ser fruto de uma imaginação fértil.

Também seria interessante um trabalho de campo desses para seu livro, pensou. Que tipo de pessoas frequentam lugares como esses? Por quê?

Simone telefonou para Carl e lhe disse que gostaria de visitar uma das casas de suingue mencionadas por Mark, mas não explicou seus motivos. Perguntou se ele poderia averiguar se essas casas ainda estavam em funcionamento em Nova York, ele disse que lhe telefonaria mais tarde e lhe daria a informação.

Carl retornou o telefonema e disse que, segundo informações, ambas as casas existiam e estavam funcionando. Uma delas durante toda a semana, exceto às segundas, e a outra a partir das quartas-feiras.

Simone perguntou se ele poderia acompanhá-la na visita e Carl se mostrou um pouco relutante, dizendo que, se fosse durante a semana, poderia conseguir alguém para ir com Simone, mas que na sexta-feira ele mesmo poderia ir.

Agendaram a expedição para a sexta-feira. Simone encontraria Carl no começo da noite e iriam juntos. Segundo o advogado, os locais só iniciavam suas atividades após as vinte e três horas. Carl sugeriu que fossem antes a um dos restaurantes mencionados por Mark no texto – aparentemente entendera o que ela queria com as visitas.

Simone achou melhor não comentar com Edward a visita à casa de suingue, algo lhe dizia que ele seria contra. Ela mesma se perguntava se seria correto e profissional ou se era apenas fruto de uma enorme curiosidade. Então apenas comentou que na sexta-feira teria que ir até Nova York a trabalho.

Edward informou a Simone que havia marcado um encontro na sexta-feira com Victor, o rapaz dos e-mails. Simone disse que infelizmente já havia

combinado com Carl. Edward lhe assegurou que daria um jeito, talvez fosse melhor ver sozinho o rapaz.

Alvin era o último paciente de Simone na quarta-feira. Eles haviam acordado que esse seria seu horário fixo. Ela não gostara nada dele, mas não conseguia encontrar a razão, pois ele parecia educado e polido. Mas a impressão de Simone era de que todo o discurso não passava de uma peça de teatro destinada a chocá-la. Por que alguém gastaria um bom dinheiro apenas para chocar uma psiquiatra? Não fazia sentido.

– Boa tarde, Alvin, como vai? – Simone estendeu-lhe a mão, que ele agarrou e, de forma antiquada, levou à boca para beijar. Simone teve vontade de lavá-la. Tinha aversão a esse tipo de coisa.

– Boa tarde, bela doutora.

Melhor não tecer comentários, pensou Simone. O indivíduo mal sentou e começou a discorrer sobre sua semana insana.

– Fiz novamente, doutora…

– Fez o que, Alvin?

– Sexo com desconhecidos. E desta vez houve um pouco de bissexualismo…

– Explique…

– Tinha um sujeito muito bonito no local onde fui. Era uma orgia, todo mundo transava com todo mundo, e, quando vi, eu e ele estávamos transando um com o outro…

– Ativo ou passivo?

– Eu?… Fiquei no passivo…

– E?

– Achei interessante para variar. A senhora acha que posso ser bissexual?

– Embasada em uma única experiência, não posso dizer…

– E se eu gostar e quiser ter outras?

– Veja, Alvin, tenho que lhe explicar algo: normalmente bissexual é um eufemismo para pessoas que não dão conta de se revelar como homossexuais. Algumas pessoas conseguem viver assim a vida toda, mas outras precisam assumir sua verdadeira natureza. Se você fez só uma vez, foi apenas uma experiência e, é claro, pode ter sido prazerosa, mas é apenas curiosidade. Agora, se passar a ter desejo por homens de forma frequente, é um sério sinal de homossexualismo.

– Homossexualismo ou bissexualismo? Eu poderia ser “flex”, não?

– Bissexualismo em geral é falta de coragem de se assumir ou completa ignorância dos próprios sentimentos. Pessoas assim sofrem, revelar-se implica consequências enormes, então pensar em si mesmo como “flex” é mais fácil do que enfrentar a realidade e os custos que acompanham a verdade.

– Não sou covarde, doutora!

“Deus me dê paciência”, ela pensou.

– Vou lhe dar minha opinião profissional, Alvin, mas precisaremos de mais encontros para chegar a uma conclusão. Até agora você vem demonstrando, como direi… cansaço em ter sexo com mulheres… Sua esposa quase não o interessa sexualmente, você precisa de grande quantidade de adrenalina para se excitar e de repente… chega a uma experiência homossexual que deseja repetir… Pode haver aqui a busca de algo que agora está se revelando…

– Desejo por homens?

– Você já havia sentido isso antes? Foi sua primeira experiência nesse sentido?

– Completa, sim… Eu já havia chupado e sido chupado por outros homens em sessões de sexo grupal… mas nunca tinha chegado a esse ponto… Fiquei surpreso, porque senti muito mais prazer do que com uma mulher…

– Algumas sessões de sexo grupal… com estranhos?

– O sexo grupal não foi com desconhecidos, eram pessoas bem conhecidas… – disse ele, tentando uma saída rápida, que Simone notou tratar-se de mais uma mentira…

– Então você praticou sexo sem proteção diversas vezes com outras pessoas… Eu entendi errado na nossa primeira sessão… Você me disse outro dia que foi apenas uma vez…

– Talvez eu tenha me expressado de forma errada… isso é importante?

– Bastante… Faz tempo que você pratica sexo grupal?

– Sim, algum tempo …

Simone não acreditava em uma palavra do que ele estava dizendo! Tudo parecia desenhado para testar suas reações.

– E como é?

– Muito intenso e muito bom! São sempre várias pessoas, homens e mulheres… e a troca de parceiro é uma constante na noite… Ninguém se

importa com quem está fazendo sexo, apenas com o prazer… Todos os corpos estão ali para dar prazer… Não precisa conquista… apenas chegar e ir se "alojando" em alguém disponível, ou entrar em um grupinho formado, às vezes dois, às vezes três, às vezes várias pessoas…

– É o ápice do prazer para você? Sexo com muitas pessoas?

– Não, aí é que está o problema, parece que só me sinto saciado quando a experiência é nova, diferente…

Simone tinha a impressão de que o que Alvin estava dizendo vinha diretamente de um livro de comportamento sexual. Parecia que ele vomitava o que lera em algum lugar, mas isso não fazia sentido.

– Não me surpreende… Essa busca incessante de prazer normalmente revela a busca por um lado oculto seu… Talvez ele esteja aflorando…

– É… talvez. Eu gostaria de ter o poder de resistir a esses impulsos, doutora… Não tenho a menor condição de ser gay… Tenho esposa… filho… Não poderia decepcioná-los.

Alvin disse isso sem qualquer emoção. Simone pensou que já havia lido algo similar à história que ele contava, mas não se lembrava de onde.

– Pode ser que seja apenas parte de seu vício, Alvin. Você sente prazer com mulheres também?

– Sim, sinto. Mas somente com desconhecidas… Se for a mesma mulher, não muito, mas essa última experiência com um homem, tenho que confessar que foi… sublime… E estou apavorado com isso!

Ele não parecia nada apavorado com o que dizia.

– Precisamos reduzir sua compulsão sexual, se você se sente assim… Penso que poderíamos experimentar um medicamento…

– Se isso me ajudar a ficar longe de homens…

– Reduzirá a libido de forma geral, não há como ser seletivo. Apenas não sei como você vai lidar com isso.

– Castração química?

– Não vamos exagerar. Em razão dos seus temores, temos que tentar controlá-lo até que a terapia faça efeito.

– Eu lhe disse que uma sessão semanal é pouco, doutora! Agora vou virar gay e a culpa é sua!

Ela olhou sério para ele, para ver se estava sendo irônico, mas percebeu claramente que havia bastante raiva ali.

O tom não era amistoso e foi acompanhado do famoso indicador em riste na direção de Simone.

– E eu já lhe expliquei que minha agenda está lotada, Alvin. Infelizmente há casos mais graves que o seu que eu simplesmente não posso abandonar!

– É questão de dinheiro, doutora? Eu pagarei o dobro que os outros pagam!

– Não, Alvin, é questão de ética! Como você se sentiria se eu largasse um paciente para atender você? Você teria confiança de que eu não faria o mesmo com você se aparecesse uma "oportunidade melhor"? Eu tenho suicidas com quem me preocupar.

– Que se dane a ética, doutora, e que se matem seus pacientes, já que querem morrer! Meu problema é sério, estou virando gay e a senhora não está fazendo nada para me ajudar!

– Sugiro que se acalme, Alvin! Estou fazendo o meu melhor, mas você precisa se ajudar, precisa ter força de vontade. E vamos começar imediatamente com o medicamente de que lhe falei!

– Você é uma vaca inútil! Como não consegue me tratar, agora quer me entupir de remédios. Você é uma farsa, doutora, é uma frígida que entende de sexo na teoria, e na prática deve amargar horas pensando se a coisa de verdade se parece com as teorias…

– Penso, Alvin, que não sou a pessoa indicada para tratar de você. Você realmente precisa de ajuda mais assídua. Vou recomendá-lo a um colega que tenha mais tempo. Concordo que seu caso necessita de mais atenção, apenas não posso lhe dar o que precisa.

Simone foi até sua mesa verificar o número de algum colega para passar para Alvin. Ao se virar de costas, ouviu um objeto passando rente à sua orelha e se espatifando na parede. Alvin havia atirado o globo de vidro que ficava próximo ao sofá. Simone se assustou e apertou um botão de alerta que tinha em sua mesa, que acionava a secretária. Por sorte, Mona ainda se encontrava no consultório.

– Você é uma sacana sádica, não uma profissional, e precisa saber que me deve mais atenção!

– Eu não lhe devo nada! – Simone tentava manter a calma e estava atrás de sua mesa para se proteger, quando Mona abriu a porta e entrou na sala sem pedir permissão, colocando-se entre Alvin e Simone.

– Mona, por favor, acompanhe este cavalheiro para a saída. Ele não é mais meu paciente!

– Sua cadelinha de merda, você acha que pode se livrar de mim assim? – ele continuou com os impropérios.

A disciplina de uma vida fez com que Simone aparentasse calma e controle, mas por dentro só queria socar o cretino.

– Alvin, contenha-se! Se eu chamar a polícia você estará em maus lençóis! Vou transferir seu dossiê de meu consultório para onde você queira e nós não trabalharemos mais juntos.

Mona pegou Alvin firmemente pelo braço e o conduziu para a saída. Ela não era uma mulher pequena e não teve problemas de manejá-lo, apesar de ele continuar a cuspir impropérios.

– Você vai pagar caro, filha da puta– ele gritou por cima do ombro.

Simone precisou sentar-se, pois estava com as pernas trêmulas.

– Doutora, a senhora está bem? Ele já foi… – Mona apareceu ao lado de Simone com uma caneca de chá, o remédio dela para todas as desgraças do mundo.

– Vou ficar, Mona, obrigada. Minha intuição me dizia que esse sujeito era problema dos bons na primeira vez que o vi… Mona, estou ficando velha para tantos malucos juntos, e nas últimas semanas não tem ninguém nem relativamente normal à minha volta…

– Bem, doutora, se isso a fizer sentir-se melhor, nunca vi uma pessoa normal por aqui. A senhora precisa de férias – Mona estendeu a Simone um pires para o chá.

– Sim, Mona, acredito que sim. Obrigada pelo chá.

Mona deu um tapinha nas costas de Simone e saiu, deixando-a só para tomar o chá.

Simone ligou para Edward e lhe explicou o que havia passado.

– Simmie, isso é terrível! Tenho pensado seriamente em contratar um segurança para nós. As coisas já não estão mais como eram quando começamos. Parece que as pessoas cada vez precisam mais de camisa de força…

– É a era do “eu” e do “para mim”, Ed…

– É por isso que estou pensando em mim, em nós. Vou contratar alguém para ficar de plantão durante as horas de consultório. Esse homem poderia tê-la machucado.

– Acho que não, ele é do tipo que esbraveja, mas no fundo é só um

covarde. Vou ter que ligar para o Dr. Schuster para explicar que não posso mais atendê-lo. Farei isso amanhã ou sexta. O máximo que aguento é me enfiar quieta em casa hoje. Que inferno de semana!

– Quer companhia?

– Não, amigo, acho que hoje preciso de silêncio para me recompor.

Simone foi para casa para ficar só. Haviam instalado no dia anterior o sistema de câmeras e ela retornara, mas depois do corpo deixado em seus degraus a casa parecia estranha. Cada barulhinho que ouvia lhe provocava calafrios e a deixava sobressaltada. Ela teria que se distrair para não pensar… Iria ler… Estava quase chegando ao final da história. Se fosse um romance, teria lido rapidamente, mas era uma história que necessitava de idas e vindas na leitura, em busca dos menores detalhes.

O Diário de Mark

Luto

Tudo parecia ir bem, eu e Lara estávamos felizes, às vezes eu cedia a seus desejos de aventuras, mas no geral navegávamos em mares calmos e ensolarados. Só que sempre que as águas estão calmas, parece prenúncio de tempestade.

Peter me ligou uma tarde. Eu estava no escritório. Pediu para a secretária interromper o que eu estivesse fazendo, porque era urgente. Eu havia desligado meu celular e trabalhava num caso complicado e havia deixado claro que não queria ser perturbado, salvo em caso de emergência.

– Alô, Peter, o que houve? Qual é a urgência?

– Alo Mark, estava tentando falar com você, mas o celular não atendia…

– Está tudo bem?

Quando Peter usava um tom mais comedido, era sinal de encrenca.

– A mãe da Lara morreu e ela não está nada bem… Deborah me ligou e disse que Lara está incomunicável, provavelmente trancada no apartamento dela. Não quer falar com ninguém. Debbie está preocupada…

– Morreu quando? Estive com Lara ontem à noite…

– Não sei quando morreu, mas Lara e os irmãos souberam hoje de manhã. Parece que um advogado entrou em contato, quer ler um testamento, algo assim.

– Deixe comigo, Peter, vou falar com Lara.

Realmente Lara não estava atendendo ao telefone. Deixei o que estava fazendo e fui até o apartamento. O porteiro estava mais cauteloso. Apesar de me ver frequentemente com Lara, não queria me deixar subir, porque Lara não atendia ao interfone. Ele disse também que não acreditava que ela estivesse lá, mas achei que era uma desculpa que Lara o mandara dar. Expliquei a gravidade da situação e ele capitulou, sem dúvida com medo de uma ordem judicial.

Toquei a campainha diversas vezes e Lara não atendeu. Considerei derrubar a porta, como fazem nos filmes, mas era pesada e maciça, e fiquei com medo das consequências para os meus ombros. Pedi ao porteiro uma chave reserva e ele disse que não tinha. Liguei para Peter.

– Mark, vou ver com Debbie se ela tem alguma chave.

Ninguém tinha. Amaldiçoei a obsessão de Lara por privacidade. Chamei

um chaveiro e por fim consegui entrar no apartamento, fazendo uma rápida prece para que ela não registrasse uma ocorrência. A tarde já estava caindo, o apartamento estava gelado, havia uma janela aberta e as cortinas balançavam ao vento glacial. Me aproximei e a fechei. Procurei em todos os cantos e buracos, mas nada de Lara. Tudo estava em silêncio e fiquei muito preocupado. Liguei novamente para Peter.

– Peter, Lara não está aqui!

– Ela então deve estar nos Hamptons, onde tem uma casa…

– Me lembro que você disse… Acha que ela está lá?

– Não sei… mas não consigo pensar em outro lugar…

– Paris… é a cara de Lara ir para o mais longe possível.

– Não, esqueça. Debbie disse que Lara estava chorando e abalada, não acho que tivesse condições de ir para o aeroporto. Vamos fazer o seguinte: você vai para os Hamptons e eu para o aeroporto. Quem tiver notícias primeiro…

– Ok, me passe o endereço. Não acredito que as companhias aéreas lhe deem alguma informação sem uma ordem judicial, mas não custa tentar.

Corri para Long Island. Tive dificuldade para localizar a casa, que ficava em Westhampton, num local isolado, e estava escurecendo. Por sorte o carro de Lara estava parado em frente.

A casa parecia bonita, pelo que eu podia observar no escuro. Era feita de madeira, como quase todas por ali, mas não era possível precisar a cor, talvez bege, talvez branca. Havia uma estradinha de areia que ligava a entrada aos degraus da frente. As portas estavam destrancadas. Entrei.

Encontrei Lara imediatamente, pés descalços, sentada no chão. Usava um jeans rasgado, camiseta folgada, rosto inchado de chorar, copo na mão, sentada ao chão, com olhar vago e perdido. Era o retrato palpável de dor e sofrimento. Mandei mensagem para Peter dizendo que a encontrara.

Me aproximei, vi que ela levantou a cabeça e me olhou, mas não disse nada.

– Lara, meu amor, o que está acontecendo?

– Eu matei minha mãe!

A voz estava vacilante… aquele certamente não era o primeiro drinque do dia…

– Você não matou sua mãe, por que diz isso?

– Mark, você não entende, eu sempre quis que ela morresse… e agora ela está morta…

– Ela morreu porque estava doente, Lara, nem você nem ninguém tem o poder de matar alguém por pensamento.

– Eu a deixei morrer sozinha… Não acreditei que estivesse doente…

– Lara, sua mãe fez todo o possível para morrer sozinha… A forma como a tratou, tudo… Se estava só na hora da morte, e não sabemos nem disso, pois ela tinha marido e enteado… foi escolha dela… As escolhas que fazemos na vida determinam nosso futuro.

– Eu sei… achei que a odiava… mas agora me sinto só… Não tenho mais meu pai, não tenho mais minha avó, não tenho mais mãe, estou só!

– Lara, você nunca teve mãe, você tinha uma cafetina. Mas você tem seus irmãos, suas sobrinhas, tem a mim, tem amigos, você não está só!

– Estou sim… Estou ficando cada vez mais só… As pessoas estão indo embora, me deixando. Eu não mereço ser amada.

– Lara, preste atenção: você está bêbada, não sabe o que diz. As pessoas não foram embora, elas morreram, não tiveram escolha entre ficar ou partir, e você merece todo o amor do mundo.

E então ela entoou as palavras indignadas de todo bêbado: – Não estou bêbada… estou bem!

Nisso levantou e tentou cruzar a perna em sinal de que estava em perfeito equilíbrio. Se eu não a segurasse, ela se estatelaria no chão. O copo que tinha na mão voou e se espatifou no piso. O cheiro de bebida era forte.

– Lara, fique aqui quietinha.

Deitei-a no sofá.

– Você é um maldito… quero mais uísque!

– Nem pensar! Vou fazer um café para você e depois lhe dar um banho. Você precisa urgente de um! Está cheirando igual a um bêbado de cais. Desde quando não come?

– Não sei… eu sou uma droga, Mark! Eu matei minha mãe… Primeiro separei meus pais…

– Nós sabemos que isso não é real, fique deitadinha aí, já volto.

Fui até a cozinha, um espaço bonito, com móveis de cor marfim, uma parede de vidro que provavelmente dava para o mar, mas estava escuro e eu só podia imaginar isso. Encontrei uma máquina de café *espresso* e algumas

cápsulas, preparei um extra forte o mais rápido que pude, voltei para a sala e fiz Lara tomar.

– O mundo está girando, Mark… Eu fecho os olhos e tudo giraaaaaaa.

– Acredito…

Num dos banheiros, que parecia uma estufa, claro e envidraçado, abri a torneira e deixei a banheira enchendo. Voltei para Lara e comecei a tirar sua roupa.

– Agora não quero transar, Mark. O mundo está girando muito rápido!

– Nem eu, você está fedendo igual a um boteco de quinta! Um banho vai lhe fazer bem.

Tirei a roupa de Lara e a levei ao banheiro. Ela encostou a cabeça no meu ombro, de olhos fechados… Acho que o mundo dela realmente girava… Verifiquei a temperatura da água, esfriei-a um pouco, pus Lara dentro da banheira, peguei uma esponja e comecei a lavá-la. Encontrei um xampu, lavei seus cabelos, enxaguei com um chuveirinho que havia ao lado. Lara se comportava como se fosse uma criança doce, quieta e obediente. Ah… pensei… deveria mantê-la bêbada.

Encontrei toalhas dentro de um armário e um roupão. Tirei Lara da banheira, sequei-a e a vesti. Peguei-a no colo e a carreguei para um dos quartos.

– Esse não, esse é o de Emma, ninguém usa. O meu é no final do corredor, cor-de-rosa.

No final do corredor, o quarto estava escuro, acendi a luz e, para minha surpresa, o quarto era infantil, todo cor de rosa. Tinha bichinhos de pelúcia numa das estantes, um violão esquecido em um canto. Até as cortinas eram rosa. Não combinava em nada com aquela mulher – eu pensaria até uns tempos atrás. Mas ela vinha me mostrando um lado cada vez mais frágil.

Lara não tivera infância e parecia querer permanecer para sempre no instante que antecedeu o seu roubo. Que a mãe dela fritasse no inferno!

Afastei as cobertas, tirei o roupão de Lara, acomodei os travesseiros e a coloquei na cama, – Fique aqui, Lara. Descanse que vou preparar alguma coisa para você comer.

– Acho que não tem nada em casa, mas na geladeira tem telefones de entrega de pizza e outras coisas.

Aparentemente o porre estava começando a passar.

– Minha cabeça dói… – ela murmurou.

E a ressaca estava se instalando…

Na geladeira, encontrei milhares de telefones. Acho que a mulher não conseguia fazer um chá! Fiz uns pedidos de comida e de suprimentos num supermercado local, prometeram entregar rápido. Pedi também aspirina. Eram quase dez da noite. Lá, “entregar rápido” significava às onze.

Quando enfim eu tinha comida e um copo de suco numa bandeja, fui ao encontro de Lara, que dormia profundamente. Melhor. Sentei-me na poltrona ao lado com a bandeja que preparara para ela e comi. E dormi lá mesmo, exausto.

Na manhã seguinte, antes de Lara acordar, me levantei, fiz café da manhã e liguei para Peter pedindo o fone da irmã de Lara, Debbie. Telefonei para ela e me apresentei. Apesar de ter cuidado das meninas junto com Lara, nunca havia conversado com Deborah.

Expliquei a situação, ela me disse que teriam que se reunir com um advogado devido a um testamento que a mãe deixara e me pediu para acompanhá-los e coordenar o encontro. Aceitei, mas sugeri que isso fosse feito em alguns dias, porque Lara não estava bem.

Cancelei alguns compromissos, deleguei outros, e fiquei ali três dias cuidando de Lara. Imersa no próprio inferno, ela falava pouco e comia menos ainda. Antevi que a tempestade se aproximava no horizonte.

Ela concordou em ir à leitura do testamento que marcamos para a sexta-feira. Lá estavam o advogado, Deborah, Lara e eu. O irmão não quis viajar para participar do que intitulou “o ato final de Sabine”.

E ele tinha razão. Que maravilha ele não estar lá! Nenhum de nós deveria estar! Sabine deixara uma carta aos filhos. Culpava Lara pelos males de sua vida, dizendo que a filha não entendera jamais que só queria o seu “bem”. A porcaria toda era um *pot-pourri* de falsidades e um arremedo de desculpas, certamente para tentar morrer em paz. Deixou bens e joias para serem divididos entre os três. Se a mulher não tivesse morrido, eu iria atrás dela para matá-la pelo conteúdo da carta.

“Queridos filhos, estou para morrer e morrerei só, pelo mau entendimento que você, Lara, teve de tudo o que aconteceu na sua infância. Todos os meus atos foram pensados para garantir a você um futuro digno e seguro, mas resultaram numa separação irreparável de todos nós. Você era muito jovem, Lara, todos éramos jovens para entender a real dimensão das coisas. Eu não queria que nossas vidas tomassem esse rumo. Mais do que tudo, queria que tivéssemos sido uma família. Agora é tarde, nossos erros foram cometidos, nossas feridas, abertas, e, sei, não cicatrizarão jamais. Eu perdoo você, minha

filha, da mesma forma que peço seu perdão e de seus irmãos, por não ter sido uma melhor mãe.

Recentemente descobri que Sean virou gay. Escute, meu filho, é apenas uma fase que vai passar, você vai amadurecer e pensar melhor. Você sempre teve uma mente curiosa e gostou de experimentar coisas novas, tenho certeza que isso será temporário.

Deborah, você é a criança perfeita que todo pai quer ter. É estável, normal, e nasceu para ser mãe. Fiquei surpresa em saber que meu bebezinho agora tem seus próprios bebês. Não tive a alegria de conhecer as meninas, mas tenho certeza de que são tão lindas e doces como você.

Agora parto e espero que guardem de mim ao menos a lembrança de momentos felizes que passamos juntos. Deixo a vocês tudo o que construí numa vida, como prova de que tudo o que fiz foi por vocês. E especialmente para você, Lara, minha filha mais velha e mais querida. Amor, Sabine."

– Eu não quero porcaria nenhuma dessa mulher, doe tudo que se destina a mim para uma instituição de caridade! Eu não preciso de nada dela.

– Lara… eu gostaria de ficar com as joias, lembram minha infância… Achava mamãe tão bonita quando saía arrumada com elas…

– São suas, Debbie. Só se lembre de que ela me vendeu para adquirir metade delas…

Lara estava péssima, despenteada, havia emagrecido naquela semana e não usava maquiagem. Falava pouco. Eu queria desesperadamente entender o que se passava naquela mente e naquela alma atormentada, mas ela havia se fechado em seu mundo.

Capítulo Vinte e Dois



Os dias de Simone andavam ocupados. A quinta-feira se anunciou como um soco no plexo solar: ela saiu de casa apressada, o celular numa mão, a bolsa na outra. Telefonou para Mona apoiando o celular no ombro, enquanto fechava a porta e ligava o alarme da casa.

– Bom dia, Mona – Simone falou quando Mona atendeu. – Estou saindo de casa agora, você sabe se tenho algum horário vago na minha agenda hoje?

– Não, doutora, agenda lotada! Só tem uma hora sobrando para almoço.

– Que ótimo! E nem tomei café! Ok, obrigada Mona.

Simone entrou no carro e foi diretamente para o consultório. Quando chegou, sua secretária a brindou com palavras mágicas: – Doutora, seu primeiro paciente telefonou para dizer que vai atrasar dez minutos, então tomei a liberdade de preparar seu café. Está na cozinha – Mona sorriu docemente.

– Muito, mas muito obrigada, Mona, acabo de ganhar o dia!

Depois de um rápido café da manhã, Simone começou a receber seus pacientes e não teve tempo de respirar até a hora do almoço. Iria fazer um intervalo de uma hora, comer e só retornar quando o sino do segundo tempo soasse.

Mona entrou na sala de Simone: – Doutora, me desculpe perturbá-la no seu momento de descanso, mas aquele homem, Alvin, está ligando a cada quinze minutos, insistindo em um horário. Estou com dificuldades para fazê-lo entender que não irá atendê-lo!

– Mona, preciso falar com o Dr. Schuster sobre ele. Ligue para o doutor e, se conseguir falar, transfira para mim. Diga que é urgente. Peça por favor uma salada e um peito de frango grelhado para mim – “lá se foi o almoço”, pensou Simone.

– Certo, doutora.

Rapidamente Mona interfonou para avisar que o Dr. Schuster estava na linha. Simone pediu que Mona transferisse imediatamente.

– Alô, Simone, Gustav falando.

– Gustav, que bom que me atendeu rápido. Preciso discutir um ex-paciente seu, que você mandou para mim, Alvin Ormond.

– É recente isso? Não lembro de nenhum Alvin Ormond, Simone.

– Ele chegou com uma indicação sua faz umas três semanas.

– Não, Simone, não tenho nada recente assim. E toda vez que lhe indico um caso, telefono antes para trocar impressões com você…

– Verdade… não havia considerado isso…

– Então, o que ele está falando é mentira. É bom verificar de onde veio esse sujeito, Simone.

Simone se despediu de Gustav Schuster e chamou Mona.

– Mona, por favor, telefone para o maluco.

– Qual deles, doutora? – Simone não conseguiu conter uma gargalhada.

– Boa essa, Mona. O nosso problema atual.

O telefone dele não atendia. Simone então pediu a Mona que da próxima vez que Alvin telefonasse, se estivesse em intervalo entre pacientes, passasse a ligação diretamente para ela. Se não, dissesse para ele telefonar no primeiro intervalo ou deixar um número de contato.

Simone ficou preocupada, mas logo os outros pacientes fizeram-na esquecer de Alvin.

Quase no fim do dia, Mona a chamou no intercomunicador e disse que Alvin estava na linha.

– Transfira-o para mim, por favor, Mona – o coração de Simone se acelerou.

– Está bem, doutora… E se eu puder lhe dar um pequeno conselho? Mande o sujeito para o inferno se ele começar a tratá-la mal.

– Vou fazer isso, Mona, obrigada.

– Boa tarde, Alvin.

– Boa tarde, querida doutora, vejo que capitulou e decidiu me atender.

– Apenas para dizer que pare de perturbar minha secretária. E que falei com o Dr. Schuster… Ele não o conhece. Gostaria de saber qual é a palhaçada.

– O Dr. Schuster é um velho gagá, um imbecil. Fiquei meses sendo tratado por ele. Ele até dormia nas sessões!

– Alvin, nós dois sabemos que isso é mais uma mentira. O pai do Dr. Schuster pode ser um senhor idoso, mas ele não é meu colega e está aposentado. Gustav Schuster tem apenas cinquenta anos, e longe de ser velho ou senil. O que você quer comigo?

– Ser tratado por você, doutora, sei que você pode me curar…

– E se eu lhe disser que acho que nenhuma palavra que saiu da sua boca no meu consultório é verdadeira?

– Eu lhe diria que está enganada, doutora, e também quero lhe pedir desculpas por outro dia… Eu estava muito nervoso com tudo.

– Certo, Alvin, vou lhe passar o número de um colega meu, o Dr. Klein.

– Já lhe disse, doutora, eu não quero nenhum merda de colega seu!

– Eu não tenho condições de atendê-lo mais, Alvin, por favor anote o número.

– Escuta aqui, sua vagabunda, você pensa que pode sair por aí destruindo a vida das pessoas e fazer tudo do seu jeito?

– Alvin, acho que você está exaltado e que, se continuar assim, serei obrigada a desligar.

– Você não é obrigada a nada, docinho, você faz tudo da sua cabeça. Você não é uma boa pessoa, doutora, é uma cadelinha inútil, amarga e destrutiva, e vou transformar sua vida num inferno se não me atender!

Simone bateu o telefone e anotou mentalmente para falar com Edward no dia seguinte. Esse lunático era definitivamente mais maluco que os outros pacientes.

*

Simone foi para Nova York na sexta-feira à tarde. Telefonou para Carl quando chegou e ele disse que a buscaria às dezenove horas no hotel. Sairiam para um drinque, iriam jantar e, na sequência, continuariam com com seus planos.

Na hora exata, Carl apareceu. Tomaram um drinque no próprio hotel, porque ele disse que o trânsito estava infernal para saírem naquele momento, e por volta das nove pegaram um táxi e foram ao Amma, o restaurante indiano onde Lara havia levado Mark num dos seus primeiros encontros.

Simone entrou prestando atenção aos mínimos detalhes: decoração,

odores, cores. Sentaram-se. Um garçom com dificuldades com o idioma os atendeu, sugeriu pratos, fizeram o pedido. Do início ao fim, a descrição feita por Mark era fiel. Das cores da parede aos garçons, tudo era exato, e isso animou Simone.

Carl era uma companhia agradável, sempre ansioso pelo avanço do estudo de Simone. Com ela próxima do final do texto, ele estava contente. Trocaram ideias e impressões sobre o texto, mas também conversaram sobre amenidades, como se fosse um encontro entre duas pessoas não envolvidas profissionalmente.

Simone lhe contou sobre o corpo que encontrara nos degraus de casa na noite em que Carl estivera lá. Ele pareceu nitidamente assustado. Disse que havia visto algo na TV sobre o caso, mas que não o havia conectado a Simone. Fez perguntas sobre o *serial killer* e indagou como estava o andamento do caso.

– Lento. Está difícil para a polícia encontrar um suspeito. Ninguém tem nenhuma pista sobre os movimentos dele. Parece um psicopata inteligente, cuidadoso.

Simone lhe contou da correlação que fizera entre o sujeito e a série de TV francesa e, por fim, começaram a falar do local que visitariam na sequência. Carl sugeriu que fossem ao Silk Lips, porque, segundo soubera, o Atrás da Porta estava decadente.

Na porta do restaurante, do outro lado da rua, havia um táxi parado. Carl fez sinal para o taxista, que partiu. Demoraram um pouco para encontrar outro.

Um pouco depois das onze horas chegaram ao Silk Lips, um local discreto, sem placas indicativas. Eles se cadastraram, deram um número de telefone, pagaram um valor de entrada e receberam cartões numerados para registrar o consumo. Pediram para deixar os pertences. Uma jovem com uma saia curta e botas de salto alto revistou Simone. Um guarda-costas revistou Carl.

Simone reviu mentalmente o texto de Mark e achou que a descrição não poderia ser mais fiel. Eles deixaram os pertences num armário.

Entraram numa pista de dança com um *pole dance* no meio, pessoas se acotovelando e um bar lotado em um dos cantos. Um balcão longo o separava da pista de dança. Havia barras suspensas sobre o balcão, mas hoje ninguém ainda dançava por ali.

As pessoas estavam seminuas, vestidas em trajes destinados a provocar e seduzir. Simone parecia uma freira, com sua calça jeans e ombros nus, que

pensara ser sexy, mas pior ainda estava Carl, de terno e gravata, o que ao menos consolou Simone.

– Quer um drinque, Simone?

– Não, obrigada, Carl, quero me manter bem lúcida.

– Vamos conhecer o resto?

– Sim, vamos.

Por uma porta atrás da pista de dança, entraram num corredor escuro, iluminado por algumas poucas e fracas lâmpadas vermelhas. Salinhas minúsculas laterais com pequenos sofás vermelhos ficavam ao longo do corredor. Havia vidro nas portas, para que as pessoas pudessem observar de fora quem estava dentro.

O corredor levava diretamente a uma sala com uma espécie de cama comunitária. Ali havia três casais, todos transando em cima da mesma cama, lado a lado. A cena era bastante excitante e Simone, que já estava há muito tempo sem sexo, se sentiu constrangida por estar ao lado de Carl. Ficou calada, dando graças pela música alta.

Eles avançaram pelo ambiente, saíram daquela sala e entraram em outra, adjacente, com duas camas forradas de cetim vermelho. Somente uma estava ocupada por duas mulheres que se beijavam.

Adiante havia outro corredor, onde ficavam os quartos parecidos a celas de cadeia descritos por Mark com exatidão. Dali se retornava ao primeiro corredor, das salinhas com vidros. Talvez pelo horário, somente uma estava ocupada. Era uma mulher jovem “cuidando” de dois homens. Um parecia ser o marido, do tipo “sério”, cabelos começando a ficar grisalhos, e o outro um rapaz visivelmente mais jovem. Ela se acomodou no rapaz mais novo e o cavalgou até que ele gozou. Então ela montou no grisalho e transaram até que ambos gozaram. O rapaz mais novo a reconduziu até o membro dele e fizeram sexo novamente.

O estado de excitação de Simone era crescente. Ela olhou para Carl e viu que ele também estava excitado com a cena. Os olhares se cruzaram e Carl passou a mão atrás da nuca de Simone, se aproximou e começou a beijá-la.

Simone não resistiu, estava fora de questão. Estava muito excitada até para tentar. Carl mergulhou a língua em sua boca e o beijo era exigente, quente. A boca dele se movia com mestria.

Ele abandonou a boca de Simone e começou a beijar-lhe o pescoço, enquanto suas mãos subiam até as alças da blusa, que ele abaixou para tocar-lhe os seios. Carl então apoiou Simone contra a porta e começou a percorrer

seu corpo com as mãos, ali em pé, no meio do corredor.

Os três ocupantes da salinha haviam terminado sua sessão e queriam sair. Como Simone e Carl estavam apoiados na porta, começaram a bater freneticamente, o que trouxe os dois de volta à realidade.

– Simone, me desculpe, não sei o que deu em mim.

– Eu também, Carl, o ambiente é tórrido, nos deixamos levar, esqueça.

O cérebro de Simone estava no comando novamente – "infelizmente", pensou ela. Estava ali para trabalhar e Carl ainda era um cliente. Impossível qualquer envolvimento, mas todo seu ser gritava: "preciso transar!".

Continuaram a percorrer o local por mais um tempo e depois foram embora. Carl levou Simone para o hotel. No caminho ela começou a falar para quebrar o silêncio desconfortável que ocupava o veículo.

– Carl, espero ter um relatório completo do manuscrito de Mark para o próximo final de semana. Como você gostaria de proceder?

Com os olhos no caminho, Carl respondeu: – Você poderia trazer o relatório para mim para discutirmos? Estarei muito ocupado para viajar, mas consigo tempo para conversar. Você faria esse imenso favor?

"Você vai terminar o que começamos no Silk Lips?", ela pensou, frustrada.

– Preciso verificar minha agenda – ela disse. – Acredito que seja possível.

– Muito obrigado, e obrigado por tudo o que tem feito, Simone. Seu trabalho tem sido extremamente importante para este caso.

"Esse obrigado inclui me beijar, acariciar e me deixar derreter nos seus braços?"

Imersa em pensamentos sobre o beijo na casa de suingue, Simone ficou novamente em silêncio. Que diabos estava acontecendo com ela ultimamente?

Havia beijado dois homens num curto prazo, por força de circunstâncias especiais. Edward, porque estavam envolvidos em um problema grave; Carl, pela sensualidade do local onde foram. Ela queria muito beijar alguém pelo simples prazer de um beijo, sem ter que pensar nas consequências.

Quando pararam em frente ao hotel, Carl se virou para olhá-la – a primeira vez que ele o fazia depois que haviam saído do Silk Lips.

– Boa noite, Simone, lhe desejo uma boa viagem para casa.

Ela não percebeu nenhuma emoção na voz dele, nenhum arrependimento, nenhuma alegria.

– Obrigada, Carl, tenha uma boa noite.

Ele se virou para ela e a olhou. Ela ficou rubra quando ele deu um beijo em seu rosto antes de partir.

Simone pegou a bolsa e desceu rápido do carro, sentindo-se inexplicavelmente sem graça. Quando entrou no lobby do hotel, olhou pelo canto dos olhos. Bem, ao menos ele não tentou somente apertar minha mão, pensou.

No dia seguinte, retornou para Connecticut.

Capítulo Vinte e Três



Simone mal entrara em casa quando Edward lhe telefonou para saber se fizera boa viagem e para contar do encontro que tivera com Victor, o correspondente de Claire.

– Acho que vamos cortar o cara, Simmie. Ontem comecei a achá-lo estranho…

– Por quê?

– Ele ficou muito irritado porque você não foi ao encontro, começou a ficar impertinente, sugerindo que nós somos dois idiotas que pensam que estão lidando com moleque.

– Ele disse isso?

– Com todas as letras… Eu o lembrei de que havíamos concordado que ele me encontraria primeiro, mas isso não o acalmou. Concluí que ele tem sérios desvios de personalidade. Outro dia estava sob absoluto controle, mas depois no nosso encontro de ontem minha luz vermelha começou a piscar… Vamos deixá-lo para lá e partir para outro.

– Ok, meu amigo, confio plenamente em seu julgamento.

– E como foi em Nova York?

– Progredi bastante no trabalho, visitei alguns dos locais descritos no texto e concluí que o redator é preciso em descrições. Elas são bem fiéis.

– Que ótimo! Isso sempre é positivo. Se quiser ajuda, sei que deveria ter oferecido antes… Mas sabe que pode contar comigo. Apesar de se tratar de desvios sexuais o cerne do problema e isso não ser minha praia, talvez eu possa ajudar com a personalidade do sujeito.

– Obrigada, Ed, você não existe, está até o topo de trabalho e querendo me ajudar… Algum dia conseguirei pagar todos os favores que me faz?

– Você paga diariamente, Simone, só de estar ao seu lado já é ótimo.

Conversaram mais um pouco, trocaram ideias sobre o terapeuta que Edward havia contratado para o caso de seu filho Noah, Simone se despediu e descansou o resto do sábado, pois tinha na mente um turbilhão e precisava relaxar.

No domingo ela dormiu até tarde. Depois, como fazia aos domingos, vestiu um moletom e um par de tênis e foi correr. O ar fresco e o exercício faziam maravilhas por ela. Ela adorava as ruas da vizinhança, que tinham árvores altas. O clima naquele dia estava encoberto, mas morno. De volta para casa, tomou café da manhã sentada na cozinha enquanto lia o jornal, entrou num longo banho de banheira, lavou os cabelos e se preparou para enfrentar a segunda-feira. Apenas no final do dia voltou a ler o diário de Mark.

O Diário de Mark

Da minha forma ou vá embora

Lara estava um caos emocional e as idas e vindas recomeçaram. Ela desaparecia por dias, retornava, desaparecia novamente. A principio eu não quis pressionar, porque era visível o estado de tristeza em que se encontrava. A morte da mãe trouxera à tona dores profundas, e parecia que Lara havia submergido e não conseguia voltar para a superfície.

Então ela simplesmente sumiu do radar por duas semanas, número que parecia mágico. Não atendia sequer ao telefone. Fiquei preocupado. Fui ao apartamento e o porteiro disse que fazia algum tempo que não a via. *Déjà vu*!

Liguei para Peter, pois eles eram muito amigos e talvez ele soubesse do paradeiro dela.

– Ela não o avisou? Não deixou nenhuma nota, nada? Achei que vocês estavam quase planejando casamento, pensei até em me oferecer para daminha!

– Hilário, Peter.

– Nenhum senso de humor nesse corpinho! Não sei da Lara, não está em casa?

– Não está no apartamento… Será que foi para Paris?

– Eu apostaria nos Hamptons… Ela tem ido muito para lá…

– Como você sabe?

– Somos amigos e estou preocupado com ela também, Mark. Ela não está bem…

– Não atende o telefone, nem o celular nem o da casa…

– Bem… Só tem um jeito de saber: ir até os Hamptosn. Eu tentaria lá… sei lá… que tipo de ilusão você está criando? Só porque ela acampou na sua

vida algum tempo você não acha que ela vai mudar e que está comprando vestido branco, não é? Já vi isso acontecer antes.

– Não sei, Peter, ela estava feliz, parecia, ao menos… A morte da mãe fodeu com tudo!

– Não, não foi a morte da mãe. Ela é desequilibrada, homem! Qualquer coisa tira ela dos eixos.

Decidi ir aos Hamptons, certo de que era um cavaleiro andante indo resgatar a donzela em perigo. Com a morte de Sabine, provavelmente todos os fantasmas de Lara haviam voltado. Suas culpas a deviam ter empurrado para partir, talvez achando que não fosse digna de ser amada… No caminho, minha cabeça fervilhava de hipóteses. Dirigi o mais rápido que pude, cheguei até a casa dos Hamptons em menos de duas horas. Para minha surpresa, havia pelo menos uma dúzia de carros parados na entrada.

A casa estava escancarada, iluminada. Era alguma espécie de festa! Quando entrei, me deparei com uma multidão de pessoas nuas praticando sexo… Havia sessenta e nove, duas mulheres praticavam em Y no chão do corredor, dois homens faziam o mesmo no tapete da sala. Um casal transava no divã. Para onde olhasse eu via corpos nus. Lara estava em meio a um bacanal, e não sentada num sofá, descabelada, lamentando a mãe, como eu imaginara!

Demorei a encontrar Lara. Havia música alta e pessoas gemendo por todos os lados. Difícil reconhecer quem era quem em estado natural. Passei por cima de dois sessenta e nove, escorreguei entre um *ménage* e ziguezagueei entre diversas bundas e cotovelos. Nada no cenário me excitava. Eu já estava enlouquecido de raiva, aí a encontrei.

Lara estava em pé, em um canto, vestida como veio ao mundo. Usava uma coleira com pregos no pescoço. A corrente que prendia a coleira era sustentada por um homem que eu não conhecia, posicionado atrás dela. O corpo de Lara estava suado. John Mayer, o negro atlético e alto, lhe golpeava o corpo com um chicote que tinha diversas pontas de couro. O corpo dela estava coberto de vergões vermelhos. Lara tinha os olhos fechados, mas as expressões que fazia eram de dor… ou êxtase, eu não saberia distinguir. A cada chicotada, John lhe dizia impropérios: – Vagabunda, safada, cadelinha sem vergonha! Você merece isso! – e por aí… num rico vocabulário… Messalina… é, o cara conhecia algo de história.

John parou para respirar e deu alguma diretriz para o homem que segurava a coleira. Ele puxou a corrente, inclinando Lara para trás. Eu já não via sua cabeça, que estava muito arcada. Somente via o torso e o sexo. De forma brutal, vi John separar as pernas de Lara e penetrá-la com violência

com seu pau de titã. Ela gemeu, não sei se de dor ou de prazer. Só a ouvi fazer um pedido ao homem que lhe prendia o pescoço: – Puxe forte!

O homem que estava atrás de Lara continuou segurando a corrente. Lara estremecia e eu só consegui ficar lá, olhando. Lara e John eram magníficos juntos. O ato, selvagem. Quando terminou, estavam esgotados. Lara tinha diversos roxos e azuis pelo corpo. Merda! John Mayer havia me falado a verdade sobre ela. Isso era procedimento padrão para Lara. Eu me sentia um cretino, um retardado! Cristo! Eu estava tentando transformar a pervertida em uma princesa.

Acho que Lara não me viu imediatamente. Ouvi que ela me chamou quando eu já estava de saída. Jurei para mim mesmo que iria acatar todos os conselhos e desistir daquela mulher. Minhas esperanças haviam terminado. Eu não aguentaria mais por muito tempo aquela vida. O ódio do meu ciúme se misturava à pena que eu sentia de vê-la naquele estado… Era um vício sem cura…

– Mark! – ela veio correndo atrás de mim, nua… Tentou me abraçar e eu a detive com o braço esticado.

– Lara, volte para sua festa! Está um sucesso, falando nisso. Todos se divertindo. Você não precisa de mim, tem toneladas de carne por aqui.

– Mark, minha mãe morreu, eu não estou nada bem…

– Eu vi você de luto…

– É como eu consigo aplacar minhas culpas… os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Eu sei… acredito…

Eu realmente acreditava, era assim que ela era, mas isso ficava a anos-luz do que era bom para mim.

– Só não posso mais…

Eu não sabia mais o que dizer. Me virei e saí. Decidi que se o vício dela não tinha cura, o meu por ela teria… Eu não a veria mais…

Todo o meu ser dizia: caia fora, homem, e não olhe para trás. É a forma dela, e não há outra forma, caia fora!

*

Numa noite morna de verão, um mês depois, encontrei Lara estacionada

em frente ao meu prédio. Eu estava voltando das aulas que dava na faculdade de direito. Ao menos meu porteiro era competente e não se deixava seduzir, pensei.

Abri a garagem com o controle remoto, entrei com o carro para descobrir que ela havia me seguido, descera a rampa a pé. Teria que me livrar dela.

– Mark…

– Lara, boa noite. Algum problema?

Eu sentia meu coração disparado no peito apenas de vê-la. Estava mais magra, com olheiras, mas mais linda do que nunca. Eu iria resistir. A beleza de Lara era igual à de uma planta carnívora aguardando a mosca… Eu tinha autoestima melhor do que a da mosca.

– Preciso falar com você…

– Você acha que ainda temos algo a falar?

– Eu tenho. Gostaria que você apenas me ouvisse… Depois posso ir embora…

– É o que você sempre faz, não?

– Mark, por favor…

– Ok, Lara, vamos subir que a garagem não é adequada para isso – o porteiro já estava ao meu lado perguntando se estava tudo bem.

– Sim, Oliver, tudo tranquilo, pode deixar. Nada com que se preocupar, obrigado.

Subimos. Eu estava nervoso, a presença dela tinha o dom de me afetar. Se ela fosse uma oponente no tribunal, eu perderia todas, com certeza.

– Ok, Lara, diga. Você tem quinze minutos.

– Pode me dar um uísque?

– A máquina de gelo quebrou, o bar fechou e o relógio está correndo… – eu não estava com a mínima vontade de bancar o *barman* para a moça.

– Entendi.

– O que você quer, Lara?

– Minha mãe morreu…

– Notícia velha – falei, sem dar a mínima importância. Afinal, se ela não se importava, por que eu iria?

– Isso acabou comigo! Eu sempre torci internamente para que minha mãe

morresse em agonia, e aconteceu do jeito que sempre imaginei, apesar de que, na minha mente, o requinte de crueldade era maior. Daí eu surtei.

– Eu vi! O “surto” era enorme e negro…

– Não, Mark, me entenda… Faça um esforço… John é um amigo que sabe ser dominador, eu recorro a ele… quando preciso me machucar, porque sei que ele não vai passar dos limites…

– E o resto da festa? Era o seu jeito de ser triste?

– Não, era um grupo de *swingers* que se reúne às vezes.

– Escute, Lara. O seu mundo e o meu… não deviam sequer ter-se cruzado… Eu tentei… mas não sou assim, não sou “desprendido” a ponto de dividir uma mulher com outros homens na hora que ela queira. Não sou liberal a ponto de entender que uma mulher que eu ame me “empreste” para outras. É demais para mim! Eu sou um dinossauro, entende? Gosto da ideia de homem-mulher. Claro, como fantasia foi ótimo, mas para o dia a dia, sou um cara comum, não tenho estômago para uma orgia atrás da outra.

– Eu sei… e é por isso que estou aqui… Eu preciso de você… Preciso que me ajude a mudar. Eu também não quero ser assim, mas às vezes a dor em minha alma é tão intensa e profunda que acho que vou me perder nela e não vou mais achar o caminho de volta. Daí preciso de emoções e dores físicas que me façam esquecer as emocionais… Mas descobri que você fora da minha vida também me dói muito. Nunca senti por ninguém o que estou sentindo por você, Mark. Eu amo você…do meu jeito…

Era tudo que eu sempre quis ouvir dela, mas agora eram o momento e o lugar errados.

– Sei, essa vontade de sumir, de desaparecer e não dar notícias? Essa vontade de encontrar outros homens por aí? Obrigado, mas dispenso seus sentimentos.

– Mark, e se eu mudar?

– Como você pretende fazer isso? Indo viver em Paris?

– Não sei, mudei de terapeuta, estou começando a me consultar com outro psiquiatra, ele vai me dar remédios…

– Remédios não resolverão nada se você não quiser mudar, Lara… Para mim, você gosta de sumir…

Lara subitamente tirou a blusa. Suas costas estavam cheias de vergões imensos, ela tinha hematomas pelo corpo, estava bem machucada, muito pior do que estava quando a encontrei na festa, o que significava que a festa

avançara. Fiquei sem palavras.

– Foi isso que fiz comigo nos últimos dias, para me punir. Desta vez foi para expulsar a dor da morte da minha mãe… mas faço isso muitas vezes. Por isso eu sumo, porque quando a dor emocional é intolerável preciso de dor física… e essas são as consequências… Os sumiços são proporcionais ao tempo para curar as feridas… Eu não sumo por vontade… Sumo por não querer que ninguém me veja assim!

– Lara! Você não pode continuar assim! É insano! – foi tudo o que pude dizer. Aquela mulher estava muito machucada em todos os sentidos. Por um instante deixei minha raiva de lado, deixei o homem preterido que eu era dar lugar ao ser humano querendo ajudar aquela mulher que eu amava.

– Mark, eu preciso de você! Preciso da sua normalidade, do seu carinho, preciso de você na minha vida. Aqueles meses em que ficamos juntos… foram os melhores que tive desde que consigo me lembrar… E daí aquela maldita morreu e eu que achei que iria enlouquecer, me senti culpada como quando era criança.

– Não sei o que dizer, Lara. Não sei o que faria se de repente você sumisse novamente, se eu me deparasse com sua necessidade de outros homens. Não tenho estrutura para um relacionamento assim. Sou o cara que sai do trabalho e cuja maior aventura é tomar um drinque com um amigo.

– E se eu conseguir mudar?

– Não sei, Lara… não sei se acredito que isso seja possível…

– Eu talvez nunca me livre do desejo da dor misturada ao sexo, mas tenho esperança nos remédios… e poderíamos tentar fazer isso juntos…

– Eu machucar você assim, como está agora? – apontei para seu corpo marcado. – Não posso, Lara. No máximo consigo apertar seu pescoço. O resto é demais para mim.

– Você não quer nem tentar?

– Lara… tentar em que bases? Como faríamos?

Meu cérebro me mandava correr, meu coração estava surdo… Fiquei pensando que deveria estar em crise de meia-idade, algo do tipo, porque nunca em todos os meus anos de vida eu estivera numa situação parecida. Meu racional sempre vencera as quedas de braço, e agora…

– Vamos tentar ser um casal… de namorados… Cada um na sua casa… por enquanto, ao menos… Ainda não tenho condições de muito mais que isso…

– E se você surtar?

– Eu vou conversar com você e você me ajuda.

Os olhos dela estavam marejados. Impossível dizer não… Meu lado racional dizia: caia fora e não acredite nessas lágrimas traiçoeiras! Assassinei minha razão, jogando-a pela janela mental, e decidi arriscar. *Solo se vive una vez*!

– Ok, Lara, vamos tentar!

O Diário de Mark

Vida normal

Conseguimos ser um casal “normal” por mais algum tempo. Lara dividia comigo, com muita dificuldade, suas angústias e dores, e eram muitas. Às vezes eu pensava que seria arrastado para um buraco negro sem fim, quando ela começava a ter crises, mas juntos estávamos conseguindo sobreviver. As cicatrizes dela não eram cicatrizes, eram feridas vivas, ela tinha pesadelos, medos, era muito mais frágil do que eu jamais conseguira imaginar.

Algumas vezes ela era a deusa do sexo selvagem; outras, uma criança amedrontada que precisava de amparo. Eu costumava só enxergar a deusa, mas agora…

Ainda assim, eu a amava e ela me fazia feliz. Eu tentava com todas as minhas forças fazê-la também, e às vezes acho que até obtinha sucesso, mas havia recaídas… pedidos de desculpas, lágrimas, arrependimentos e voltas.

Ela ao menos havia jurado, e eu tinha que acreditar que ela não voltaria a fazer suingue ou sexo com outras pessoas. Ela normalmente ia para os Hamptons para alguns dias de silêncio.

Desisti em certo momento de entender, e fui levando a vida, dia a dia. Acreditava que dentro da nossa anormalidade éramos um casal capaz de dividir a vida.

Com progressos lentos, ganhei a chave do apartamento dela, ela ganhou a minha, eu às vezes ia para lá e cozinhava um jantar para ela, que só conseguia fazer pipoca de micro-ondas pra mim. Às vezes ela me surpreendia com uma mesa bonita, mas a comida vinha de alguma *delicatessen*. Isso não importava. Os esforços dela em pôr a mesa e criar um clima romântico eram o que valia para mim.

Um dia fui para o apartamento dela com uma garrafa de champanhe. Ela tinha me ligado para dizer que conseguira um contrato para fazer a parte arquitetônica de um enorme hotel de luxo. Estava feliz ao telefone, vibrante. Maravilha, pensei, os dias tristes estavam ficando longe.

Nada é tão forte como uma imagem para fazer com que as convicções voltem com todas as forças. Encontrei no apartamento dela uma passagem para Paris. Ela partiria no dia seguinte e não havia me dito nada. Não quis parar para pensar nas razões, apenas me sentia traído pela falta de comunicação e de partilhar. Eu estava dividindo minha vida com ela, sendo honesto e aberto com ela. E ela me tratava como se eu fosse um nada, me deixava no escuro.

Deixei a garrafa de champanhe e um bilhete – “Você nunca vai mudar” – ao lado da passagem, saí de lá e fui embora sem olhar para trás.

Capítulo Vinte e Quatro 

Na segunda-feira, quando Simone chegou ao consultório, encontrou Mona numa ferrenha discussão com Alvin. O segurança que Edward contratara o segurava pelos braços.

– O que está acontecendo aqui?

– Bom dia, doutora, esses dois idiotas não querem me deixar falar com você!

– Alvin, vou pedir gentilmente que se retire sem criar confusão. Senão, vou pedir ao Gregory para pôr você para fora e chamar a polícia.

Simone atravessou a confusão do hall de entrada, entrou na sua sala e fechou a porta na cara de Alvin. “Que beleza de início de semana”, pensou.

Por alguma razão, Mona não retornou ao trabalho após o almoço e não apareceu no dia seguinte. O consultório ficou um caos, com Edward e Simone tentando se ajudar como podiam. Gregory, o segurança, fazia as vezes de secretário, mas não era o mesmo.

– Simone, você conseguiu falar com a Mona? É o segundo dia em que estamos nessa loucura, nossas agendas lotadas, pacientes entrando e saindo, e a mulher simplesmente desaparece!

Pacientes psiquiátricos odiavam se encontrar. Eles sempre ficavam sem graça, e Mona conseguia marcar consultas desencontradas para evitar esse tipo de situação.

– Liguei para a casa dela, mas ninguém atende, e o celular está fora de área. Não tenho outro número. Já estou preocupada, porque não é do perfil de Mona fazer isso.

– Assim que tiver cinco minutos vou dar uma vasculhada na mesa dela para ver o que podemos conseguir.

– Ok, Ed. Me avise.

Mais tarde naquele dia, Edward conseguiu o telefone da mãe de Mona. Ligaram para ela, que não tinha ideia de onde a filha pudesse estar; fazia alguns dias que não lhe telefonava.

– Ed, vamos chamar a polícia!

– Será? Estou preocupado, mas…

– Ed, vamos ligar já, não gosto de confiar no meu sexto sentido, mas ele está me dizendo que tem algo muito errado nesse sumiço!

Edward ligou para seus companheiros da polícia. Ficaram todos em estado de alerta. Tendo em vista que o último corpo encontrado parecia um aviso para Simone, o sumiço de sua secretária deixou todos em polvorosa. Prometeram iniciar imediata investigação sobre o caso.

– Você tem mais algum paciente hoje, Simmie?

– Mais um apenas, depois estarei livre. E você?

– Terminei. Vou sair buscar o Noah para jantar comigo, volto e a acompanho até sua casa, ok? Estou preocupado com esse sumiço da Mona.

– Ok, meu amigo, vou aceitar, também estou.

*

No fim do dia, Edward chegou. Ele e Gregory acompanharam Simone até o carro. Edward iria seguir Simone até sua casa.

– Dra. Bennet, aquela não é a Mona dentro do seu carro? – perguntou Gregory.

– Sim, acho que é, mas o que ela está fazendo lá? Tenho quase certeza de que tranquei a porta do carro…

Quando se aproximaram, Edward pôs a mão no braço de Simone e eles pararam.

– Espere, Simone, ela não está se movendo!

Mona estava sentada dentro do carro de Simone, no banco do passageiro, como se contemplasse o infinito, os olhos bem abertos.

Edward abriu a porta pelo lado onde Mona estava.

– Oh, Deus, ela está…? – Simone não conseguiu terminar a pergunta.

Edward olho-a e pôs dois dedos no pescoço de Mona. Depois de um momento, balançou a cabeça.

– Nada!

Simone começou a chorar e tentou se aproximar de Ed para ver Mona, mas ele bloqueou seu caminho.

– Não chegue perto, Simone, ela está morta. Gregory, ligue para o 911,

vou levar Simone ao meu carro e ligar para meus contatos na polícia.

– Certo, Dr. Reynolds.

Quando Edward se virou, Simone conseguiu ver Mona. A face dela estava pálida e havia um traço de sangue fino em um canto da boca. Simone a tocou, a mão tremendo.

Simone teria caído se Edward não a amparasse. Ela então se deu conta do horror em volta dela.

Mona estava nua da cintura para cima, havia uma substância gosmenta que parecia ser o característico esperma que escorrera entre os seios e a barriga e se detivera na saia que ainda portava.

A novidade ficou por conta de um prendedor de cabelo que segurava um bilhete preso na saia: “É sua culpa, vaca”. O bilhete havia sido digitado e impresso. O assassino era cuidadoso.

– Edward, não! – foi tudo o que Simone conseguiu dizer. O peso dos últimos dias, das descobertas feitas, a deixou vazia, esgotada. Nada mais fazia sentido. E agora era responsável por mais uma morte… O que havia feito? Como havia provocado isso? Como poderia ser responsável por uma atrocidade dessas? Ela sentia uma dor quase física por perder uma amiga dessa forma brutal.

– Simone, vou ligar já para a polícia, estou com a forte suspeita de que isso foi obra daquele seu paciente maluco, o Alvin! Mona o retirou à força, não é? Ela me contou que ele saiu esbravejando que você iria pagar pela forma como o vinha tratando, e logo em seguida ela desapareceu.

– Eu me recusei a tratá-lo, ele é lunático, mas penso que não é um assassino, Edward. Eu teria notado os sinais…

O cérebro de Simone se recusava a admitir que poderia ter tido um assassino embaixo do seu nariz sem conseguir decifrar a situação. Se fosse verdade, deveria se aposentar, ir para casa, não mais trabalhar no consultório. Seus instintos estavam falhando, o que era inadmissível na sua profissão.

– Venha aqui, Simone, eu me encarrego de tudo, venha para meu carro. Noah está lá. Vou levá-la para a minha casa. Eu moro em apartamento, é muito mais seguro. Nem pensar que você voltará para casa hoje.

Simone se deixou levar. Estava abalada demais com tudo, não sentia condições sequer de argumentar. Edward levou-a até o carro e a acomodou no banco traseiro.

– Sente-se aqui, querida – ele falou, enquanto a ajudava com o sinto de segurança. Simone não conseguia controlar sua mão, que tremia.

– Noah, fique aqui com a Simone, faça companhia a ela, por favor. Vou chamar a polícia, falar sobre o Alvin – Edward ligou para a polícia e andou alguns passos, enquanto Simone ficava sentada em silêncio, olhando para o espaço e se perguntando por que estaria envolvida em tal horror.

*

A polícia prendeu Alvin algumas horas depois. As investigações preliminares mostraram que ele não era casado, não tinha filhos, tivera apenas um irmão gêmeo que morrera num acidente com toda a família. Ele era só, um desses gênios da computação.

Na casa dele, foi descoberto um computador de onde ele rastreava todos os e-mails de Simone e se correspondia com uma tal de Claire, dizendo chamar-se Victor, o nome do irmão que perdera.

Edward e Simone explicaram para a polícia quem era Claire e a polícia estava quase certa de que ele tinha algum problema sério com Simone e de que, quase com certeza, ele era o assassino em série que vinham buscando.

Descobriram que Alvin se correspondia com Simone via a personagem Claire, de diversos e-mails. Aparentemente, quase todas as propostas que "Claire" recebera vinham do mesmo lugar: do computador de Alvin, que continha diversos e-mails falsos com pseudônimos dos correspondentes.

No dia seguinte, Alvin foi interrogado e negou o tempo todo qualquer envolvimento com as mortes locais, mas não negou ou explicou os e-mails. Na sequência, ele foi submetido a um teste de esperma, cujo resultado estaria pronto em menos de vinte e quatro horas. Não havia digitais no bilhete encontrado com Mona para comparar com as dele.

Para surpresa geral, o resultado do teste de esperma mostrou que não havia a menor compatibilidade entre ele e o assassino. Ainda assim, as atitudes de Alvin eram suspeitas. A polícia começou a se perguntar se não havia mais do que um assassino, ou se Alvin teria um colaborador que executava as mortes enquanto ele as arquitetava.

Descobriram que a empresa de *software* de Alvin era lucrativa, então não faltaria dinheiro para ele contratar alguém para executar o trabalho sujo. Diversas teorias foram levantadas pela polícia. Não havia, no entanto, prova concreta de nada, e eles teriam que deixar Alvin partir, pois seu advogado pagara uma alta fiança.

O advogado informou à polícia que Alvin gostaria de conversar com

Simone para esclarecer a história, o que, segundo ele, o inocentaria.

A polícia perguntou se Simone tinha condições de colaborar mais um pouco com eles, depois do choque da morte de Mona, porque precisavam saber o que estava acontecendo. Teriam que liberar Alvin, e talvez uma conversa com Simone fosse uma das provas de que necessitavam. Simone concordou.

Alvin e seu advogado sentaram-se com Simone numa sala na delegacia de polícia, onde tudo seria gravado e filmado.

– Então, a bela doutora mandou me prender… – iniciou Alvin.

– Alvin, Victor, quem é você, afinal? E o que quer comigo?

– Alvin, doutora, meu nome é real. Eu queria apenas conhecer a mulher que matou meu irmão!

– Seu irmão? Mas eu não conheci seu irmão! Acabei de saber que você tinha um irmão gêmeo!

– Você conheceu muito bem a mulher dele, Madeleine Kevingston.

– Madeleine Kevingston… sim, foi minha paciente, mas faz muito tempo que desistiu da terapia, nunca mais a vi.

– Você a convenceu a deixar meu irmão! Ele enlouqueceu… Começou a persegui-la… Aí um dia ele estava bêbado e a convenceu a entrar no carro com o menininho, que Victor não via fazia algumas semanas. Ele atirou os três embaixo de um caminhão!

– Como você sabe que não foi um acidente?

– Meu irmão foi piloto de competição, ele não sofreria um acidente.

– O que você sabe sobre o relacionamento de seu irmão com Madeleine?

– Ele era louco por aquela mulher e pelo filhinho deles! Faria qualquer coisa por eles.

– Seu irmão era um homem violento, Alvin, ele agredia regularmente Madeleine… Houve diversas passagens dela por hospitais… Da última vez ele provocou uma concussão cerebral nela… Ela quase morreu. Eu, obviamente, recomendei que o deixasse, porque a sobrevivência dela estava em risco.

– Isso não é verdade… Meu irmão era gentil… Não machucaria ninguém!

Alvin estava visivelmente irritado com a ideia de que seu amado irmão pudesse ter defeitos. O diagnóstico de Simone estava correto! Ele havia fabricado tudo o que dissera no consultório. Ela sabia por que ele não

demonstrava emoções enquanto fala. Agora as palavras eram genuínas, com emoções por trás delas.

– Há provas, Alvin! Há registros nos hospitais… Você, como parente, conseguirá acesso… Eu tenho cópias, posso deixá-lo vê-las. Madeleine vivia apavorada… Eu sei que é difícil para você ouvir isso… Era seu irmão… Mas é a verdade… Ela dizia que seu coração disparava apenas de ouvir a porta da casa se abrindo, que nunca sabia como ele iria entrar, se louco enfurecido ou normal. Muitas vezes ele entrava enfurecido e sem qualquer motivo batia nela. Numa ocasião ela perdeu um bebê!

– Isso é verdade, doutora? – ele finalmente parecia acreditar.

– Sim, é verdade, Alvin. Há também uma denúncia na polícia… que depois ela retirou… Eu não sei o que seu irmão lhe contou, mas Madeleine o amava, só que não suportava mais a vida em comum.

Alvin parecia desconsolado, a face mostrando sinais de surpresa e dor.

– Ele era mais que um irmão… era metade de mim, doutora… Ele me disse que você aconselhou Madeleine a abandoná-lo e não sabia o porquê. Ele era meu sócio, doutora, tinha muito dinheiro e propiciava uma bela vida para Madeleine. Tinham um filho, não havia nada de errado para ela abandoná-lo. Moravam numa bela casa, com carros, e ele lhe dava joias caras.

– Cada vez que ele batia nela, Alvin, ele lhe dava uma joia. As joias eram a forma dele de pedir desculpas quando estava sóbrio. Madeleine me disse que não as usava porque a faziam lembrar de episódios horríveis.

– Esse não é o irmão que eu conheci, doutora!

– Compreendo, Alvin, mas você tem que entender que ele tinha um outro lado, era ciumento, possessivo e violento, especialmente por causa do problema com álcool. Ele bebia muito e usava cocaína.

– Álcool? Não venha me dizer agora que meu irmão era alcoólatra e um viciado de merda? Ele bebia uma cervejinha de vem em quando, mas não abusava, e também não era drogado!

– Você nunca notou? Infelizmente, Alvin, ele era um alcoólatra contumaz. Madeleine tentou ajudá-lo a deixar o vício, ele chegou a frequentar os alcoólicos anônimos numa igreja do bairro onde viviam, eu não saberia lhe dizer qual. Mas tinha recaídas, daí abandonou o tratamento. Ele se recusava a frequentar a terapia. Ela aguentou o quanto pôde, Alvin. Aquela mulher amava seu irmão, ela tentou ajudar, mas ele ficava cada vez mais violento e ela já estava temendo pela segurança do menino.

– Ele agrediu a criança alguma vez?

Simone pensou em contar a Alvin toda a verdade: Madeleine deixou o marido na primeira vez em que ele agredira a criança. A expressão devastada de Alvin fez com que ela mudasse de ideia. Pelas perguntas que ele fazia, viu que já estava convencido da história.

– Não sei, Alvin, mas agrediu Madeleine, quase a matou. Ela não podia mais ficar com ele. Eu estava certa de que ele a mataria… E agora você me conta sua suspeita de que ele tenha feito exatamente isso. Vejo que eu estava correta.

– Não sei mais o que pensar, doutora.

– Quais eram suas intenções ao se aproximar de mim?

– Eu queria desmascará-la, doutora, expor publicamente seus métodos de pesquisa, enfim, eu faria algo para danificar sua imagem, para que você perdesse uma das coisas que parece mais amar: sua profissão. Mas agora tudo perdeu o sentido. Só acreditei em mentiras e dediquei os últimos meses da minha vida a criar uma teia à sua volta para apanhá-la como uma mosca – ele passava as mãos pela cabeça em sinal de desespero. – Vou investigar tudo o que disse, doutora, mas penso que deve ter razão… Tenho que ver…

– Como Edward não o reconheceu quando você fingiu ser Victor no encontro com ele?

– Eu contratei outro cara para encontrá-lo.

– Foi você quem matou a Mona, Alvin?

– Por Deus, doutora, não sou um assassino! – a expressão dele mostrava indignação. – Nunca quis machucar ninguém, só ia assustar a senhora um pouco, dando uma de paciente maluco. Alguns telefonemas anônimos, mas acho que exagerei e a senhora me dispensou rápido. Era só até eu conseguir expor a senhora… Fiquei sabendo da sua secretária, uma boa moça, a defendia muito, leal, mas não tenho nada com isso.

– Acredito em você, Alvin, de verdade – Simone viu sinceridade no olhar dele.

– Me desculpe por tudo, doutora!

– Alvin, posso lhe fazer mais uma pergunta?

– Acho que lhe devo respostas mesmo… Pode, doutora…disse ele abaixando a cabeça.

– Algo do que você me disse em consultório era real?

– Nada, doutora, nenhuma palavra… Li seu livro sobre comportamento sexual e fingi ser um maluco com algumas características que a senhora

descreveu lá…

– Fico feliz, porque era essa a impressão que eu tinha desde o começo. Meus instintos não me enganaram. Eu sabia que nada do que me contava era real – Simone se levantou para sair, pois estava cansada. Mas se sentia feliz, porque sua técnica profissional detectara a mentira logo no começo. Assim, podia dizer que Alvin não era um assassino. Quando estava perto da porta, Alvin a chamou: – Doutora, quando eu sair daqui, voltaria a me tratar?

– Alvin, acredito que não tenho mais condições de fazer isso. Existe um elo de confiança entre paciente e médico que foi quebrado aqui. Eu não poderia mais fazê-lo, não seria ético.

– Isso foi uma das coisas que mais me surpreenderam na senhora, doutora: sua ética. Não era compatível com alguém do mal. Eu ficava em dúvida…

– Posso lhe recomendar um colega?

– Pode sim, doutora.

Desta vez Alvin não protestou.

– Seja feliz, Alvin!

– Você também, doutora! Sinto muito por Mona, boa menina.

Ao sair, Simone encontrou Edward, um policial e um dos investigadores do caso, que estavam escutando tudo atentamente.

– Doutora, o que a senhora acha?

– Ele não matou ninguém.

– Sou da mesma opinião – acrescentou Edward. – Mas talvez tenha contratado alguém para fazer o serviço.

– Ele continua sendo nosso suspeito número um – disse o investigador.

– Venha, Simone, vamos para casa.

– Para qual casa?

– Para onde quiser. A partir de agora você está sob escolta policial. Haverá um carro de polícia parado em frente à sua casa e na clínica. Não podemos contar com a sorte com esse maníaco à solta. Ele parece saber tudo sobre você, e nós não sabemos nada sobre ele.

– Falando nisso, Ed… E sobre o táxi que estava parado, descobriram algo?

– Os Peddinghouse estão viajando, num cruzeiro. Conseguimos descobrir qual e contatá-los a muito custo. Disseram que já estavam viajando naquele

dia. O táxi não era para eles. Estão retornando e informaram que têm um sistema de vigilância e que vão ceder o que estiver gravado para a polícia, mas não sabem sequer se ainda funciona. É muito velho e foi o filho que insistiu em instalar, mas nunca revisaram ou verificaram se ainda funciona.

– Aquele táxi pode ter algo a ver com o crime? – Simone perguntou.

– Estamos apostando nisso. Agora o FBI entrou no circuito, Simmie, tudo vai ser mais rápido. Eles estão com um time completo investigando.

– FBI?

– Sim, eles têm jurisdição quando é caso de *serial killers*. O corpo jogado nos seus degraus qualifica o caso como serial, e já havia sido requisitada a intervenção. Agora, com a morte de Mona, eles estão atuando diretamente. Nossa polícia local vai ajudar com as evidências que reuniu, mas agora o caso está nas mãos da equipe do FBI.

Quando estavam saindo da delegacia, foram comunicados que havia uma multidão de repórteres em frente ao prédio. A história não ficara oculta e toda a imprensa local dava cobertura ao caso. A polícia retirou-os pelos fundos da delegacia.

*

No dia seguinte a TV e os jornais estavam cheios de matérias sobre o crime. Estampavam Simone como uma das vítimas perseguidas pelo assassino e Alvin como um dos suspeitos detidos, mas já liberado sob fiança.

A última coisa que a polícia e o FBI queriam era esse tipo de cobertura. Acreditavam que isso faria com que o assassino fosse atuar em outra região, o que poderia deixar o caso sem solução por anos.

Edward não estava tão certo de que esse seria o rumo dos acontecimentos. Alvin ainda seria seriamente investigado. Ele não havia cometido nenhum crime, era quase certo. Mas poderia estar ligado ao *serial killer* de alguma forma. Estava sob fiança e proibido de viajar. Mas assim como Simone, Edward não acreditava que estivesse envolvido no caso, e o fato de que a imprensa tinha um suspeito poderia trazer o assassino à luz.

Assassinos em série geralmente não gostam de dividir o crédito por suas atrocidades. Havia uma chance de que o *serial killer* tentasse deixar claro, de alguma forma, que Alvin não era o culpado.

Naquela noite, Carl telefonou para Simone. Pelo jeito a notícia das mortes

estava circulando por todo o país, com matérias nos principais jornais televisivos e escritos. Ele naturalmente ouvira as notícias.

– Você está bem, Simone? Fiquei preocupado com você.

– Penso que, se tivesse um treinamento menos rígido para lidar com problemas e emoções, eu estaria destruída agora, mas como consigo colocar as coisas num plano mais cientifico, estou apenas triste e preocupada.

– Foi sua secretária essa vítima de que falaram?

– Sim, foi. A Mona foi minha secretária por quase dez anos. Era como uma filha para mim.

– Sinto muito, Simone. Você precisa de alguma coisa?

– De normalidade, mas acho que infelizmente isso ninguém pode me dar. Muito obrigada por perguntar, Carl.

– Se precisar, fuja para Nova York!

– Vou ter isso em mente, mais uma vez lhe agradeço a atenção. Vou tentar manter nossa agenda e terminar o texto até o final de semana.

– Não foi por isso que liguei, e entenderei se precisar de mais tempo. Não sei como você consegue ler em meio a esse caos.

– É a única coisa que tira minha mente da realidade dos problemas, Carl.

Conversaram um pouco mais, ele muito solícito e nitidamente preocupado, mas Simone estava anestesiada com os últimos acontecimentos. Não conseguia se entusiasmar por nenhuma conversa. Estava triste pela perda de Mona, por quem tinha grande afeto.

Simone e Edward contrataram Mona quando ela tinha apenas dezoito anos, recém-saída da escola. Ela era uma menina sem muitas ambições, mas sempre feliz e disposta a ajudar. Rapidamente se tornou o braço direito de Simone: cuidava de sua agenda, de sua vida, marcava médicos quando sabia que Simone precisava fazer revisões, estava sempre presente com uma xícara providencial de chá, uma maçã “assadinha”, como chamava as maçãs que esquentava por alguns segundos, porque sabia que Simone odiava frutas geladas. Era mais que secretária, era uma amiga leal. Uma das poucas pessoas que cuidavam de Simone, e não o contrário.

“Preciso chorar”, pensou Simone. Só que não estava conseguindo. Sentia apenas exaustão e tristeza imensas. Talvez em alguns dias as lágrimas viessem, como uma avalanche, mas agora só sentia a dor profunda da perda de uma grande e insubstituível amiga.

Ela leria um pouco, como havia dito a Carl. Era a pausa na tempestade

furiosa que assolava sua mente em busca de respostas.

O Diário de Mark

O último esqueleto no armário?

Lara rapidamente me ligou tentando explicar a questão da passagem. Progressos realmente estavam sendo feitos – apesar de estar com fuga marcada, iria explicar…

– Mark, eu ia lhe contar hoje sobre a viagem…

– Claro, com muita antecedência, porque afinal você viaja amanhã, não é?

– Eu não sabia como lhe explicar…

– E agora já sabe?

– Veja… Eu quero desamarrar uns nós antigos que deixei em Paris… Quero deixar tudo em dia para nós dois…

– Que "nós antigos" são esses? Ou quer se colocar em novos nós? – fiz referência às fugas para praticar sadomasoquismo.

– Não, nada disso, são coisas minhas. Não quero falar sobre isso agora, mas você tem que confiar em mim, Mark. Estou mudando, você sabe disso. Preciso de um voto de confiança. Estou tomando meus remédios corretamente, estou melhor. Esse problema é de longa data, preciso resolver para poder prosseguir a minha vida.

– E esse voto de confiança significa não perguntar?

– Conto tudo quando voltar, pode ser?

– E de quanto tempo vai ser essa "desamarração de nós"?

– Preciso também fazer compras para esse novo projeto…

– Ou seja… vai ser longo…

– Não tanto, prometo. E prometo sério que não estarei com ninguém em Paris, ou melhor, só com os três mosqueteiros… Juro para você que não me envolverei com outros homens. Você sabe que quero ficar com você, fui eu que fui atrás dessa última vez, lembra?

– Se não vai estar com ninguém, vai a trabalho, por que o segredo, Lara? Por que o temor de dividir comigo? Há quanto tempo sabia da viagem?

– Quando apresentei o projeto ao hotel, eu já sabia que teria que viajar… mas não sabia quando. Faz uns três dias que tudo se delineou… Eu não queria atrapalhar a gente, estávamos tão bem…

– Atrapalhou! Não sou seu inimigo para você fazer as coisas escondido! Quando estou começando a confiar em você, vem uma surpresinha. Sabe, Lara, é muito alto e baixo, quente e frio para mim. Vamos tentar um pouco de plano, morno?

– Posso ir até aí?

– Melhor não, Lara, eu também tenho minhas necessidades de solidão e não estou a fim de ficar com ninguém agora. Faça uma boa viagem.

– Deixe-me ir até aí… por favor? – fez aquela vozinha infantil que me obrigava a fazer tudo que ela queria.

– Ah, Lara… venha!

Chegou trazendo comida, foi até minha cozinha, arrumou a mesa, esquentou o que trouxe, abriu um vinho. Estava realmente muito culpada! Nunca vi Lara buscar um garfo na cozinha – aliás, eu tinha a sensação de que ela nem sabia onde ficava, mas era o tipo de coisa que fazia quando queria agradar.

– Mark, vamos jantar?

– Sim, estou com fome, vamos – me sentei para comer, de humor azedo. Fiquei calado, ela também.

– Mark… Eu sou casada…

– O quê?

Só me falta essa, agora. A qualquer momento vai aparecer um marido porta adentro, vou levar um tiro. Engasguei com o vinho. As palavras dela me atingiram como um soco do Mike Tyson. Todos os pensamentos irracionais do mundo brotaram na minha mente.

– Calma, Mark! – disse ela, dando tapinhas na minhas costas para me desafogar. É só no papel. Estou separada há muitos anos. Resolvi lhe explicar por que vou a Paris. Não acho justo deixar você no escuro, as coisas estão indo tão bem entre nós.

– É, agora é bom explicar, mesmo! Vai lá celebrar algum aniversário de casamento que esqueceu?

– Mark, às vezes você é um babaca! Estou indo lá pela zilionésima vez tentar obter o divórcio.

– Como assim?

– Com detalhes?

– De preferência do começo.

Eu tinha certeza que o que sairia da cartola seria uma gárgula, e não um coelhinho fofinho.

– Depois da faculdade, fui fazer pós-graduação em decoração de interiores na França. Dois anos em Paris, as coisas pareciam razoavelmente nos eixos, minha vida naquele momento seguia padrões ditos normais. Eu tinha vinte e três anos.

– E?

– E Paris… bem, você conhece e sabe como é. Para alguém aos vinte e três anos, cheia de sonhos profissionais, qualquer rua de Paris é uma aula de arquitetura. Eu havia prometido a mim mesma que faria as coisas como uma pessoa normal, que namoraria um cara normal, que faria sexo numa cama, estava tentando me ajustar.

– Mas?

– Conheci Nicholas no segundo semestre. Ele tinha uns quarenta e cinco anos e era professor de iluminação. Um homem charmoso e bonito, sempre com suas echarpes coloridas e seus ternos bem cortados, ele fugia do padrão de professor de arquitetura, na maioria das vezes despojado.

– E você se apaixonou? Por outro homem mais velho?

– Sim, mais velho, divorciado, pai de três filhos!

– Puta que pariu, Lara! Não me diga que você casou com ele?

– Com ele e com todos os problemas dele… seis meses depois que nos conhecemos…

– Ninguém pode acusar você de prudência..

– Ele era doce até para falar, me explicava filosofia, história, era maduro, bem-sucedido.

– Vinte e três anos mais velho…

– Vinte e dois…. é… de alguma forma a experiência dos homens mais velhos, a sofisticação me fazia falta. Não era consciente, mas lembre-se, o primeiro homem da minha vida, bom ou ruim, era experiente. Os demais pareciam tão meninos, tão indefesos!

– E você precisava da experiência…

– Mark, por mais que eu ame Paris, eu estava sozinha, longe da minha família. Estava vulnerável a relações arriscadas para curar minha solidão. Precisava me sentir cuidada, Mark. De meninos você cuida, com homens há uma aparente sensação de ser cuidada.

– Aparente? Só isso?

– No caso do Nicholas… o casamento durou um ano… Ele era completamente instável.

Pensei: vindo da "rainha da estabilidade", o que significará isso?

– Instável?

– Bem, quando fui para Paris, decidi que iria ser feliz. Abandonei meu psiquiatra, pois queria viver uma vida normal. Chega de dramas, pensei, e não consegui avaliar que estava repetindo padrões…

– A velha busca pelo opressor que você me relatou?

– É… rapidamente nos complementamos nas nossas doenças. Ele tinha sérios desvios sexuais e entendeu que eu tinha os meus. Minha desenvoltura na área deixou claro do que eu gostava… Eu nunca tive coragem de contar a ele minha história.

– Um verdadeiro casamento baseado em confiança…

– Me economiza da ironia, Mark, não combina com você… Um verdadeiro casamento embasado em "eu quero ser normal, não quero ser vítima nem digna de pena".

– Ok, me desculpe. Vou ser sincero, Lara. É que me dá ciúme só de pensar que você se casou!

– Tá, Mark, é meu passado, não posso mudá-lo, se pudesse…

– Eu sei, eu sei, bobagem, continue.

– Eu tenho TDAH.

– Que diabos é isso?

– Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade. Não consigo ficar parada.

– Cristo, só o nome já me assustou. Explique, por favor.

Eu sempre soube que ela não era normal, mas uma condição daquelas? Que bom que não queríamos filhos, eu me preocuparia em como eles seriam.

– Falta uma substância no meu cérebro que torna uma região inativa. Altas doses de adrenalina ativam a região. É por isso que sou viciada em

adrenalina e em emoções fortes. Eu preciso delas. Não consigo me concentrar nas coisas, preciso de estímulos externos para prestar atenção. Fico entediada facilmente com atividades repetitivas.

– Então seu desejo de aventura tem causa. Isso vem do trauma na adolescência?

– Não, é hereditário. Acho que vem do lado da família da minha avó.

– Ah, Emma, a aventureira!

– Exatamente.

– E é sempre assim? Isso é constante?

– Sim, se eu não estiver medicada. Mas estou tomando remédios, não se preocupe, estou sob controle. Mas lá atrás eu parei de tomar… Ritalina, antidepressivos, e meu vicio de adrenalina voltou com tudo.

– E você soltou as rédeas com seu marido.

– Logo estávamos juntos fazendo *ménage*, suingue, enfim… minha velha vida havia voltado. Para complicar um pouco mais, descobri que ele era bissexual…

– Lara, tem certeza de que você não é mexicana? Porque mais trágica que sua vida, só uma novela mexicana, meu amor. *Luz Clarita, Luz Clarita, te amo*!

– Mark, isso não é piada, é minha vida, minha merda de vida!

Ao dizer isso, os olhos dela se encheram de lágrimas e me senti um idiota insensível.

– Desculpa mais uma vez, acho que hoje estou num péssimo dia.

– Está! Quer que eu continue?

– Quero!

– Numa das transas, ele ficou com um rapaz. Fiquei chocada em principio, mas ele me acalmou dizendo que nosso casamento não era convencional e que se houvesse prazer nada seria errado.

– E você?

– Minha cabeça é tão maluca que eu aceitei e aceito até hoje. Entendo que prazer e normalidade não andam de braços dados, Mark.

– Então não foi essa a razão da separação?

– Não… Acontece que rapidamente ele começou a se revelar um novo

Arthur na minha vida… Tentava controlar meus passos, as roupas que eu vestia, os amigos que ele tentava sempre expulsar da minha vida, minhas idas e vindas… Quando vi, eu não tinha marido, tinha novamente alguém se achando meu dono e decidindo meu destino.

– E como você reagiu?

– Ah, calma, tem mais… Lembra que eu disse que ele tinha três filhos?

– Sim.

– Vinte, dezessete e catorze anos, todos meninos, que iam e vinham como queriam. Ele não conseguia ter o menor posicionamento com eles, mentia para eles e para mim, porque não conseguia nunca dar a palavra e manter. Virou uma confusão: o mais novo foi internado por consumo de drogas, o do meio era o mais normal, hoje em dia é arquiteto, acho que o influenciei, e o mais velho parecia um hippie pós-moderno.

– Nossa, que cena dos infernos! Nicholas era agressivo?

– Não como Arthur, mas tinha traços sádicos, sexualmente falando.

– Como você ficou em tudo isso?

– Meus fantasmas todos foram liberados do calabouço, Mark… Eu vivia instável com ele, e ele me dizia frases do tipo: “sem mim você não será ninguém, não encontrará um homem que a aceite como é”…

– Como se você fosse uma deficiente mental?

– Ou algo do estilo… Minha condição me faz sentir assim algumas vezes, e ele descobriu rápido. Felizmente Emma pressentiu que algo ia mal… Ela e meu pai tinham ido ao casamento, os dois visivelmente contrariados, mas me deixando viver minhas escolhas… Emma começou a estranhar meu silêncio, pegou um avião e aterrissou na nossa porta…

– Eu amo essa mulher retroativamente!

– Quando abri a porta e vi que era ela, me atirei em seus braços chorando e pedi para me ajudar. Para variar, Emma tinha o dom de me fazer confessar. Ela me acomodou no sofá, me deu um copo d’água, recolheu como pôde meus livros, minhas coisas, algumas roupas, chamou um táxi e me levou para o estúdio.

– E ele?

– Tentou falar comigo diversas vezes na pós, que estava no final. Todas as vezes eu ameaçava um escândalo e ele tinha medo – professor e aluna, mesmo tendo se casado… nunca acaba bem para o primeiro… Em um mês terminei a pós, Emma ficou comigo até o fim e me trouxe para casa.

– E por que você não se divorciou antes?

– Porque ele simplesmente se recusa. Eu nunca quis brigar, mas agora decidi que vou. Théophile já tem um advogado que vai cuidar do caso. Eu vou fazer uma última tentativa de conversar com ele, senão… vamos levá-lo ao tribunal.

– E por que você ia escapando em vez de me falar?

– Porque, como você mesmo disse, eu já estou virando uma caricatura de novela barata e tenho medo que você perca o respeito por mim. São tantas as cenas patéticas na minha vida…

– Lara… isso é tudo? É o último esqueleto?

Eu me sentia montando um quebra-cabeças daqueles de cinco mil peças, em que sempre falta uma pecinha para encaixar.

– Penso que sim.

– Você quer que eu vá junto? Não poderia ser agora, teríamos que esperar um pouco…

– Não, entrei nessa sozinha, vou sair sozinha.

– Você tem forças para isso?

– Confie em mim, já lhe disse, estou bem melhor, estou bem centrada, agora.

Depois do jantar e de mais uma sessão de tango argentino clássico da vida de Lara, ficamos um tempo no sofá, ouvindo música, ela aninhada em mim, fazendo-nos carinhos recíprocos.

– Vou sentir saudades… – disse Lara em meus braços. O perfume dela jamais sairia das minhas narinas.

– É… vai… eu também.

– Quero você, Mark… – e começou a desabotoar minha camisa vagarosamente, passando a mão pelo meu peito. Então se posicionou sentada em meu colo, com as pernas enroscadas em minha cintura, começou a cobrir meu rosto de pequenos beijos sensuais, mordeu vagarosamente meu lábio inferior e passou a língua por ele, meu pau tentando explodir para fora da calça.

Ela correu a língua pelo meu pescoço, pelo meu torso, escorregou inteira para o chão, ficou de joelhos, desabotoou meu cinto, tomou meu membro com a boca e as duas mãos e me chupou com lentidão, descendo e subindo, imitando movimentos de penetração. Quando ela chegava na ponta do

membro, apertava com os lábios e descia novamente – enlouquecedor! Ela repetiu os movimentos vezes sem fim, aumentando lentamente a velocidade. Quando eu estava arfando, quase para gozar, ela parou.

Lara se levantou, começou a tirar a roupa numa espécie de show erótico, o jeans, a camisa negra que usava, estava com um sutiã e um fio dental minúsculo, pretos, mas não tirou as peças. Afastou a calcinha de lado e montou em mim, enroscou as pernas no meu quadril. Maravilhoso sentir o calor de Lara e o roçar da peça, a lingerie sexy parecia uma moldura de uma bela pintura. Lara me cavalgou até gozarmos juntos. Daí me abraçou na mesma posição em que estava, com as pernas cruzadas em minha cintura, e ficamos ali um longo tempo, ouvindo a chuva que metralhava as janelas.

Dormimos abraçados. Ela partiu cedo no dia seguinte. Me ofereci para levá-la ao aeroporto, ela disse que odiava despedidas de saguão. Não argumentei. Meu coração ficou dolorido.

O Diário de Mark

Escolhas

No dia seguinte, marquei uma consulta com um novo terapeuta, menos radical que a anterior. Ele parecia compreender minha necessidade de Lara. Expliquei a ele todos os problemas envolvidos, ele conhecia a história e estava me ajudando a entender me melhor. Disse-lhe tudo o que Lara me contara antes de viajar.

– A deficiência dela é séria, Mark. Muitas pessoas sofrem disso e é traumático, porque, enquanto são desatentos e se entediam com coisas comuns, são absolutamente brilhantes quando algo lhes interessa.

– Entendo. Ela me parece brilhante e pateta ao mesmo tempo.

– Sim, eles são realmente especiais. Sabem disso e isso os deixa tristes. Acho bom que ela tenha lhe contado. Ajuda você a entendê-la melhor.

– Mas a coisa toda, o déficit, o casamento maluco, foram mais bombas que ela jogou na minha cabeça.

– Então, ela bombardeou Pearl Harbor e zarpou para Paris…

– Ou está zarpando agora, não sei o horário… Apenas vi o dia…

– E você?

– Ao mesmo tempo em que estou mais aliviado por entender o que ela vai fazer lá, ainda me sinto traído pela forma como ela partiu. Isso me faz amá-la e odiá-la. Fico me sentindo um retardado completo, querendo que o avião dela exploda em pleno ar e que ela vire carne moída.

O terapeuta riu.

– É, acho que agora incorporei um amigo gay, fiquei trágico.

– Seria gay se desejasse uma chuva de purpurina. É natural o seu ódio, vocês não conseguem ter uma vida normal por muito tempo e você se desestabiliza.

– Às vezes receio o que poderia fazer com ela numa dessas ocasiões, porque o impulso é de matá-la! Principalmente quando ela parte.

– É um impulso natural, mas você tem os pés no chão, não o faria. Esse desejo de eliminar o que nos causa dor é normal, todos o temos na vida, no trânsito engarrafado, quando ouvimos um desaforo e às vezes até por um simples não. E as partidas de Lara o afetam.

– Você acha que ela vai se relacionar com alguém em Paris?

– Não sei, não a conheço. Quero que você me responda isso, Mark…

– Penso que não… Ela me diria… O pior de Lara é isso: ela faz e fala!

– Então você crê que ela não o fará?

– Ou quero acreditar, não sei. Mas na volta saberei, ela me contará…

– E o que vai fazer nesse meio tempo?

– Vou praticar o desapego, aproveitando que ela está fora.

– Não compreendi, poderia explicar?

– Vou viver minha vida como se Lara não existisse… Sair com meus amigos, ver outras pessoas…

– Outras mulheres?

– Sabe, Dr. Allan, não tenho certeza de que essa é a última surpresinha desse Kinder Ovo. Quero uma vida normal, encontrar uma mulher normal, para variar. Tem tantas nesta cidade, será que nenhuma é para mim?

– Vocês têm algum tipo de promessa ou pacto de fidelidade?

– Eu e Lara? Nunca sentamos e fizemos um contrato. A vida com ela é o que lhe falei: parecemos um alcoólatra anônimo em recuperação. Vivemos um dia de cada vez, ou um susto de cada vez.

– Penso que você deve tentar fazer o que é melhor para você… Se for para ficar mal com a consciência, não faça. E se ficar bem… decida, as escolhas sempre trazem consequências, Mark.

– Eu não sei… Escolher Lara é uma sensação de que estou escolhendo nadar contra a correnteza para o resto da vida.

– E está! Ela fará as escolhas que quiser, não as que você queira. Não adianta, Mark, Lara tem problemas reais. O déficit que ela tem… geralmente os pacientes param com o medicamento que os deixa entediados. Você acha que ela vai mudar?

– Você acha que não?

– Ninguém muda por alguém, e Lara tem perturbações emocionais profundamente arraigadas. Ela tem traumas, haverá recaídas. Você terá que aprender a conviver com isso ou desistir.

– É, eu sei, laranja é laranja, maçã é maçã…

– Exatamente!

Eu odiava os terapeutas e sua necessidade de dar um tapinha na cabeça

elogiando para melhorar a autoestima do paciente. Sentia que eram condescendentes comigo.

– Você pode decidir que não gosta mais de maçãs, se elas o fazem sofrer mais do que sentir alegria – prosseguiu o Dr. Allan. – Mas não conseguirá converter uma maçã numa laranja.

– E se eu não conseguir viver sem ela?

– Aí está a resposta: aceite-a do jeito que é! Você sofrerá menos.

Saí de lá com aquela sensação de que acabara de sair de uma reunião de diplomatas da ONU. O cara não me deu nenhuma direção. Sentou em cima do muro e ficou olhando para que lado eu escolheria pular – escolhas, escolhas, papo de terapeuta, pensei.

Saí com Peter para almoçar num pequeno restaurante perto do meu escritório, um lugar chamado Verdes Escolhas, que Peter propusera com o argumento de que precisava perder peso. Ele estava mal-humorado com a ideia de que eu e Lara estivéssemos juntos. Como os amigos conseguem, às vezes, ser mais ciumentos que uma namorada!

Cheguei cedo e consegui uma mesa para nós, fiquei admirando a decoração simples e olhando para as fotografias emolduradas de estrelas de cinema que recobriam as paredes brancas.

– E aí, a “princesa das trevas” sumiu novamente?

Levantei os olhos ao som da voz de Peter. Ele não havia sequer me cumprimentado antes de começar a criticar. Realmente, não era o meu dia…

– Olá para você também, e não, ela não desapareceu, foi a Paris…

Peter não se incomodou em me dizer um oi.

– Ah, como imaginei. Sumiu novamente e o deixou aí, sozinho – ele realmente estava aborrecido com algo, fazendo caretas e trejeitos enquanto falava.

– Peter… – deixei claro, pelo tom da minha voz, que eu o estava advertindo, não estava com humor para isso hoje.

– Certo, mas no futuro não diga que não avisei!

– Longe de mim contrariar você, Peter! Estava com saudades, pare de ser chato, nós dois somos seus amigos, você deveria torcer pela gente.

– Sim, torço: para que ela se mude para Paris e você volte para sua chata e velha vida, sem risco de virar caco no processo. Ela é meu modelo de mulher, mas você é caro ao meu coração.

– Obrigado, Peter, mas ela está mudando.

– Pintou o cabelo? Fez plástica? São as únicas mudanças possíveis nela.

– Ok, agora chega disso. Vamos falar sério. O que você tem feito? Sumiu mais do que a princesa das trevas.

– Aqui e ali… Fui até a China.

– Literalmente?

– Sim, preciso ver meus fornecedores de perto, de tempos em tempos… e me divertir, também.

– Na China?

– Ahhhh, senti certo preconceito com a China ou você acha que na China não há homens bonitos?

– Não, só fiquei curioso… Você não namora a sério nunca, Pete? Por aqui mesmo?

– Eu tento, mas ninguém num raio de cinco mil quilômetros me quer! – e fez um beicinho infantil.

– Sei… O que você faz para pôr os homens para correr, Pete?

– Sou quente demais para o mercado, quer tentar?

– Peter… Se não fosse meu amigo, eu batia em você.

– Ai, não faça isso, que aí eu enlouqueço! E se fizer, não bate na carinha!

Conversamos mais uma boa meia hora de bobagens. O bom de Peter é que, quando ele não estava cínico sua companhia, era muito engraçado e divertido, e parecia que a campanha contra Lara havia passado.

Uma morena estonteante, mas perfumada demais, se aproximou de nós e deu um beijo no rosto de Peter, me encarando com um olhar de “quero você, vamos transar”.

– Keyra, querida, que bom ver você por aqui. Deixe-me apresentá-la ao meu querido amigo Mark. Mark, esta é Keyra, minha amiga maravilhosa, dona das butiques Fast Fashion Planet Teen. Keyra, este é Mark, meu amigo e advogado.

– Prazer, Keyra – estendi a mão, ela se aproximou e me beijou a face. Me ocorreu que a mulherada estava cada vez mais agressiva, e o perfume dela, com cheiro de puteiro de Tijuana, me incomodava.

– Muito prazer, Mark. Peter já havia contado que você é um gênio do direito tributário. Encantada em conhecê-lo.

– Peter é um ótimo amigo e um cliente trabalhoso, também. Tiro-o de grandes confusões, por isso me acha um gênio.

– Eu importo para as lojas de Keyra, Mark.

– Imaginei. Quer se sentar conosco, Keyra? – ofereci por educação.

– Claro! Que ótimo, minhas amigas ainda não chegaram.

Hum, amigas… quem sabe alguma fosse agradável de olhar e não tivesse tomado banho de perfume.

Logo se tornou claro que as amigas nunca chegariam. Depois de quarenta minutos de conversa animada, a mulher continuava ali. Peter armara para mim! Feliz coincidência para mim seria encontrar meu cachorro-quente favorito instalado em frente à minha casa. Uma morena deslumbrante, solteira, como já fizera questão de enfatizar, dando mole… obra de Peter… estava declarada a campanha "separe-se de Lara"… Bichinha óbvia…

E quando pensei que Peter ao menos iria disfarçar, ele veio com mais uma: – Ai, queridos, vi que vocês se entenderam superrrrrrrrrrrrrr bem, infelizmente eu tenho que ir, tenho outro encontro…

– Sério? Com Michael?

– Quem é Michael, Peter, eu conheço? – a morena não era uma amiga tão antiga assim. Não conhecia Michael…

– Acho que conhece… – disse Peter. – Mas não é com ele…

Peter apenas me olhou com um olhar assassino, do tipo "fale em frente à minha cliente que sou viciado no poderoso chefão e corto seu saco".

– Ok, Peter, vai lá… Mas não pense nem por um minuto que não estou entendendo…

– O quê? – disse a bicha sem vergonha e cara de pau, e ainda piscou as pestanas.

– *Bye*, Peter.

– *Bye*, Keyra e Mark, *kisses*, *kisses*, *love you*, não façam nada que eu não faria… – e saiu rapidinho parecendo um pavão.

– Então, Keyra, você conheceu Peter onde?

– Nós nos conhecemos numa feira. Ele me ofereceu a possibilidade de produzir na China, eu não me interessei, pois estava desenvolvendo as roupas por aqui e o custo era alto, mas ele é altamente sedutor, conseguiu me convencer de que eu teria uma redução de mais de quarenta por cento se trouxesse da China, e estava com a razão.

A frase saiu toda sem que ela respirasse.

– E a qualidade?

– Bem, vejo que você não entende nada de *fast fashion*. Não se trata de qualidade, mas de quantidade de modelos e rapidez de reposição. A meninada quer mudar de roupa, simplesmente, não quer deixar de herança.

E lá foi a moça – e era bem moça, deveria ter uns vinte e oito anos – discorrer sobre o mercado da moda adolescente entusiasmadamente. Eu não estava entusiasmado para nada. Em primeiro lugar, porque detesto ser feito de idiota; em segundo, detesto me sentir carne no mercado; e em terceiro, ou talvez primeiro, meus dias de pegar, transar e adeus, muito obrigado, estavam longe.

Mas sou um cavalheiro. Não iria me levantar se a moça não fizesse menção de fazê-lo, e lá se foi mais uma hora e pouco com a mulher num monólogo sem fim. Eu me segurando para ficar na cadeira, meu pé já parecia uma britadeira, de tanto chacoalhar. impacientemente, um defeito meu, fico movendo um dos pés quando estou impaciente.

Por fim, acho que ela desistiu de falar e partiu para a agressão: – Mark, e se fôssemos tomar um drinque no meu apartamento ou no seu para ficarmos mais à vontade?

– Keyra… vou ser sincero com você… Você é uma mulher linda, em qualquer outro momento da minha vida eu a levaria para tomar um drinque onde quisesse, eu mesmo a convidaria. Sei que Peter armou esse encontro – nisso a moça ficou vermelha –, mas não me entenda mal, eu tenho um relacionamento que obviamente não agrada a Peter, mas eu amo a mulher que está na minha vida. Assim, não me sinto confortável para sair com outra pessoa, por mais linda e interessante que seja.

Forcei um pouco nos elogios, mas não queria magoar ninguém, apenas me livrar dela.

– Mark, estou com vontade de me esconder embaixo de uma pedra, que vergonha! Peter disse que você era solteiro…

– Sou, na verdade divorciado, mas tenho alguém.

– E é sério, obviamente.

– Para mim é. Sou da velha guarda, Keyra. Enquanto está bom eu fico, se ficar ruim eu parto, o que não consigo é me dividir, e não começaria nada para enganar alguém.

– Você é admirável, é de Nova York realmente ou veio de lá? – apontou para o espaço.

– Sou daqui, mas fui criado por um homem que a vida inteira amou uma só mulher, o que infelizmente não foi meu caso, mas que me ensinou muito.

– Mark, obrigada pela sinceridade, desculpe pelo teatro, mas homens interessantes nesta cidade são raros, e vejo que Peter tinha razão, você é um desses raros meteoros que caem na Terra.

Levantou-se, me beijou no rosto e, antes de sair, acrescentou: – Se não der certo com essa moça, pode me ligar.

O erro que as mulheres estão cometendo é este, pensei: estão muito óbvias. O mistério não existe mais… mas aí me ocorreu outro pensamento: ninguém tinha sido mais óbvia que Lara. O que a diferenciava das outras mulheres? Por que eu a escolhera? Talvez o mistério de nunca saber se ela seria realmente minha.

Escolhas. No final, o terapeuta estava certo. Se as escolhas fossem corretas, os sentimentos seriam bons. Eu estava me sentindo bem. Sexo com Lara me satisfazia. Se eu transasse com outra mulher seria como comer biscoito de supermercado, depois de ter devorado, algumas horas antes, um *brownie* de chocolate com sorvete e calda, *chantilly* e cerejas por cima. Ao menos era assim que eu me senti naquele dia. Veria em alguns dias. Afinal, Lara acabara de partir para Paris.

Capítulo Vinte e Cinco

O enterro de Mona foi para Simone um dos eventos mais tristes de sua vida. O dia estava lindo, o sol brilhava e não havia nuvens. Talvez a natureza estivesse prestando uma homenagem àquela mulher que tinha sido sempre alegre e sorridente.

A mídia se fez presente. Família, amigos e a maioria dos pacientes de Edward e Simone compareceram, todos chocados com a morte de Mona. Ela sempre fora gentil e atenciosa com todos. Phillip estava visivelmente abalado. Ele costumava ter longas conversas com ela na sala de espera.

– Ela era especial! – ele disse ao dar as condolências.

Havia agentes do FBI disfarçados no meio das pessoas – ao menos eles achavam que se disfarçavam, mas eram evidentes para Simone. Aguardavam que o assassino se apresentasse, porque uma das possibilidades que existe, quando se trata de psicopatas, é que eles vão prestar suas últimas homenagens à vítima.

Edward faria uma das últimas homenagens. Simone não tinha forças para falar. Até ali não tinha chorado o que precisava, mas uma imensa dor e um grande vazio estavam presentes em sua alma.

Edward dirigiu-se até o púlpito montado no gramado e começou a falar: – Cada um de nós sabe a razão pela qual lamenta hoje a morte de uma jovem mulher que partiu cedo demais. Para alguns, era uma amiga sincera; para seus pais, um filha dedicada; no trabalho, onde eu e minha sócia a conhecemos, era o centro do nosso relógio. Funcionávamos bem porque Mona conseguia nos manter alinhados e girando em sintonia. Tinha sempre um sorriso no rosto para nos receber, uma palavra de conforto quando estávamos cansados demais após um longo dia, uma xícara de chá para a Dra. Simone, um café forte para mim – respirou e continuou: – Mona era dessas pessoas que conseguem ler os desejos dos outros, e fazia de tudo para atendê-los, não apenas por responsabilidade profissional, mas por desejar sinceramente o bem e a felicidade à sua volta. Mas Mona era mais do que uma secretária eficiente, era uma amiga, era a mão no ombro necessária no dia de tristeza, era o conforto que alenta diariamente. E tinha sonhos: estava estudando, queria ser paisagista para fazer lindos jardins e enfeitar o mundo. Esta era a essência daquela mulher: tornar o mundo um lugar melhor para os outros. Não havia nela um traço de egoísmo, um pingo de ódio. Mona era só bondade.

Sentiremos a falta dela todos os dias.

Quando Edward deixou o púlpito, os eventos dos últimos dias tomaram conta de Simone. Duas mortes, a perda de uma amiga, pacientes fora do controle, agressão, a insegurança de ficar em casa. O peso a oprimiu e ela começou a chorar, inundando o vazio que estava sentindo com lágrimas que brotavam de seus olhos sem a menor possibilidade de serem contidas, e que não escorriam, apenas – jorravam. Pela primeira vez Simone não se preocupou em esconder as emoções dos pacientes que ali se encontravam. Não se preocupou com sua imagem. Chorou.

Quando Edward a viu nesse estado, se aproximou, colocou-a contra o ombro e a abraçou. Ela então chorou mais ainda, os riachos se tornaram rios de lágrimas que brotavam das fontes dentro dela. Sentia uma dor que não encontrava consolo e que somente quem já perdeu alguém querido sabe o que é. Sentir que nunca mais se verá aquela pessoa, que nunca mais a porta se abriria para um sorriso de bom-dia, que a vida nunca mais seria a mesma.

Edward conduziu Simone para o carro dele, instalou-a com toda a gentileza no banco do passageiro, fechou a porta, se instalou atrás do volante, pôs a mão no joelho de Simone e lhe perguntou para onde ela gostaria de ir.

– Ed, posso ir para a sua casa?

Hoje Simone não tinha forças para ficar só. Precisava do ombro de seu amigo.

– Estamos indo para lá.

Quando Edward arrancou o veículo, Simone viu um táxi passando pela rua paralela àquela em que estavam, como que admirando o enterro. O carro lhe pareceu familiar.

– Ed, pare! Acho que aquele táxi é o mesmo que estava em frente à minha casa na noite do primeiro assassinato – e apontou o táxi, que já estava partindo.

– Você tem certeza?

– Não… Mas me parece o mesmo tipo de veículo e me lembro que tinha um amassado grande na porta do motorista, como aquele ali.

– Vou ligar para um dos agentes.

Edward telefonou para o investigador do FBI que estava cuidando do caso e que acompanhava o enterro. Ele instruiu Edward a continuar seu caminho, pois iria tratar do caso. Pouco tempo depois, o agente ligou para Edward, que colocou o fone no viva-voz para Simone também ouvir.

– Doutor, notifiquei meus colegas na área, mas a descrição de um táxi amarelo sem nenhuma característica especial não foi suficiente. Há muitos deles em péssimo estado, com amassados e riscos. Você não conseguiu a placa?

– Não, o carro estava longe de nós, eu não tinha ângulo para ver a placa.

– Desculpe, doutor, vamos continuar buscando e parando os táxis com amassados na porta do motorista. Vou mantê-lo informado.

– Obrigado, agente McCormick.

– De nada, e obrigado pela ajuda, Dr. Reynolds.

Depois de desligar, Edward olhou para Simone e disse: – Não será fácil encontrar esse cara, ele é esperto.

– Como todos os psicopatas, infelizmente – disse Simone.

Eles foram para o apartamento de Edward e, quando entraram, Simone virou-se para Edward: – Estou exausta – falou. – Se não se importar, quero descansar.

– Minha amiga, sinta-se em casa. Você sabe onde fica seu quarto. Não quer comer nada?

– Obrigada, Ed. Estou cansada demais para pensar em comida. Vou para o quarto, se não se importar.

– Claro que não, querida. Relaxe, certo?

Simone se instalou no quarto de hospedes de Edward, com um enorme cansaço emocional tomando conta de seu corpo. Deitou-se sobre a colcha, vestida como estava, e adormeceu. A noite já havia caído quando Edward a acordou. Mais um dia havia se passado no tumulto da sua vida atual.

Ela fez um lanche leve a conversou brevemente com Edward, então decidiu ler um pouco mais do manuscrito de Carl. Ela sabia que seria difícil dormir após a longa soneca.

O Diário de Mark

Recordar é viver

Peter me ligou quando Lara estava em Paris para me contar que sua irmã estava na cidade e gostaria de almoçar comigo. Ah, maldita bichinha! Ele

ainda estava indignado porque eu não seguia seus conselhos. Parece que faria qualquer coisa para me separar de Lara. Por outro lado, seria bom trocar algumas palavras com Deena, pois nosso casamento terminara de forma amigável. Não podia dizer que éramos amigos íntimos, mas nos respeitávamos e nos apreciávamos. Liguei para ela e marcamos um almoço.

Deena e eu chegamos ao restaurante ao mesmo tempo. Sempre gostei disso em Deena: ela era pontual. Escolhemos uma mesa, pedimos um vinho e começamos a conversar.

– Saudades de você, Mark. Como a vida o tem tratado?

– Bem, Deena, e você?

– Bem também.

Foi o "bem" mais entediado que eu já havia escutado.

– Tudo bem, de verdade?

– Tudo bem… ou quer saber a verdade?

Dei uma risadinha. Durante o nosso casamento, era um costume que tínhamos. Um perguntava para o outro "você está bem?" e o outro dizia "sim… ou quer saber a verdade?". Piadinha que só quem foi casal entenderia. Velhos hábitos dificilmente morrem.

– A verdade.

– Estou sendo cogitada para a Suprema Corte.

– Parabéns! Vou torcer por você. É o seu sonho de sempre! Maravilhoso! Então está tudo ótimo!

– É… deveria estar… Sim, era meu sonho…

– Era?

– Penso que não vou aceitar.

– Por que, Dee? Você lutou por isso a vida inteira, sempre soube que era o que queria.

– Eu me pergunto se era realmente eu que queria… Não sei mais, acho que estou em crise de meia-idade.

Comecei a rir, mas vi que Deena estava séria. Ela era uma mulher de quarenta anos atraente, inteligente e bem cuidada. Parecia dez anos mais jovem, longe de ser uma senhora, que é o que se imagina quando alguém diz que está na meia-idade.

– O que aconteceu, Dee? E, sim, quero a verdade.

– Estamos na meia-idade, Mark. Goste você ou não, se tivermos sorte teremos aí mais quarenta e poucos anos de vida, mas chegamos na metade dela, disso estou certa.

– Ai, essa doeu! Eu não tinha pensado nisso. Não me sinto assim.

– Sorte sua! Mas já já vai se sentir. Eu estou me sentindo, parece que desperdicei tanto tempo e energia, os melhores anos da minha vida… E não sei se quero que a outra metade seja igual à primeira…

– Por quê?

– Fiz tudo o que era esperado de mim, fui boa aluna, boa filha, não que meus pais tenham sido bons pais… Sempre segui o *script*, com boas notas, boa carreira, mas hoje me pergunto até se gosto do que faço.

– Você é uma promotora maravilhosa, Dee! – eu não estava querendo agradar, ela era realmente uma excelente profissional. Escrevia muito bem, era apaixonada pelo que fazia.

– É… mas poderia ter sido outra coisa maravilhosa, que me deixasse mais feliz.

– Não imagino você sendo outra coisa além de jurista. O que pretende fazer, Dee?

– Não sei… Estou indo a um psicólogo, revendo meus rumos…

– Como vai seu casamento?

Deena havia se casado novamente após nosso divórcio, com um médico proeminente de Hartford.

– Vai exatamente como era o nosso…

– Humm, isso não me pareceu um elogio ao nosso casamento, Dee…

– Se fosse um casamento para elogiar, estaríamos juntos até hoje, Mark. Era um casamento exemplar, só isso, não o que um casamento deve ser.

– E o que acha que um casamento deve ser que o nosso não era, e que pelo jeito o seu atual também não é?

Pensei: aperte o cinto de segurança que a resposta não vai ser boa.

– Emoção, paixão. Nosso casamento era perfeito, Mark: uma perfeita chatice. Não éramos minimamente felizes. Talvez no começo, mas logo virou uma monotonia.

Lembrei da sensação de chegar em casa e não ter o menor ânimo para nada. Uma espécie de solidão a dois foi o que matou nosso casamento.

Estávamos ali, sem coragem de terminar o “casamento perfeito” e sem vontade de ser companheiros.

– Você tem razão, Dee… No final estávamos realmente infelizes… Queria que você estivesse feliz agora…

– E você está feliz, Mark? – pergunta encomendada por Peter, pensei.

– Talvez, na medida do possível. Um pouco por dia, ao menos.

– Ou seja, continua sem rumo na vida, vivendo pela carreira e para ela?

– Cristo, Dee! É assim que você me vê? – suspirei.

– Meu querido e velho amigo, nós sempre fomos iguais! Na verdade acho que fiz uma reflexão da minha vida aqui – Deena disse isso e pegou na minha mão afetuosamente. Não senti a menor eletricidade com o toque dela. Tudo ali estava morto e acabado. Mas ela soltou rápido. Afetividade não é a especialidade de Deena. Ela continuou: – Sinceramente, Mark? Nós dois não somos do campo emocional, somos do campo intelectual. Sentimentos não caem como uma luva em nossas vidas, e como somos iguais…

– Sempre fomos muito parecidos, não é, Dee? Por que não deu certo?

– Justamente por isso, meu amigo, porque precisávamos de algo diferente em nossas vidas e nos apaixonamos pelos nossos espelhos. Terminamos sem ter aquela pimenta extra de que precisávamos.

– Tínhamos tanto em comum! – pensei em voz alta.

Houve um tempo em que eu pensava que para ser feliz precisava de alguém que tivesse os mesmos interesses intelectuais. Olhei para ela e sabia que no fundo ela tinha razão: éramos do mundo jurídico quando nos conhecemos num tribunal. Pensávamos, comíamos e queríamos as mesmas coisas. Em casa, nosso assunto favorito era “como foi seu dia no tribunal”. Debatíamos e trocávamos ideias sobre os casos da procuradoria e sobre clientes. Um dia chegamos à conclusão de que nossa casa tinha virado um escritório jurídico e que precisávamos vida fora disso, então nos separamos. A mesma racionalidade que usamos para nos unir e conviver, usamos para nos separar, sem gritos, acusações ou mágoas.

– Mark, nós nos entediávamos, não éramos apaixonados.

– No entanto, você se casou novamente e também não está apaixonada – constatei.

– Bingo! Repeti o padrão e estou exatamente onde estava quando nos separamos: arrastando os pés e me perguntando o que me falta para mudar de vida.

– E a resposta?

– Coragem, meu caro, coragem. É preciso coragem para dar uma guinada e mudar o rumo. Quero fazer isso agora. Estou reunindo um grãozinho de coragem por dia num saquinho – ela fez um gesto unindo os dedos e colocando algo num pacote imaginário. – E assim que ele estiver cheio, vou chutar tudo para o alto, estudar artes por aí… sei lá, ir para a Índia e meditar.

– Você, artista, Dee?

Sempre imaginei essa mulher de *tailleur*, impecável, debatendo teses jurídicas. Não conseguia sequer imaginá-la toda suja de tinta ou em posição de lótus, meditando.

– Boa sorte, Dee, de verdade. Eu não teria essa coragem. Talvez a crise de meia-idade ainda não tenha se abatido sobre minha cabeça.

– Às vezes é inconsciente… Peter me disse que você está, segundo as palavras dele, "namorando uma mulher que deveria andar por aí em camisa de força, e precisando ser salvo dela urgente!".

Dessa vez ri alto. Peter era realmente previsível.

– É, estou… É complicado… Peter acredita que seja sua missão nos separar, para meu próprio bem, é claro. Ele está nos sabotando.

– Peter e suas ideias do que é bom para os outros, como se a vida dele fosse algo a ser levado como exemplo. Como ela é?

– Maluca, cheia de altos e baixos, nunca consigo saber como será o dia seguinte e às vezes nem a hora seguinte.

– Essa insana faz com que você se sinta surpreendido? O desestabiliza?

– De cinco em cinco minutos o chão se move debaixo dos meus pés, é terreno desconhecido.

– Então, meu amigo, talvez seja a hora de abraçar essa roleta-russa que ela lhe propõe. Penso que é disso que você precisa! Peter que me desculpe, mas você tem que sair de dentro desse terninho engomado e perfeitinho e ver o lado selvagem da vida.

– Ei, Peter quer que você me salve, e não que facilite minha estrada para a perdição. Tive que rir.

– Não conte comigo! Tenho carinho por você! Essa mulher lhe faz bem, Mark, precisa ver sua cara de enlevo quando falou da moça. Viva, Mark, se o direito ainda o apaixona, continue, mas se essa mulher o apaixona, viva isso e, cá entre nós dois, quem precisa de ajuda sou eu!

Que delícia falar com uma mulher inteligente! Lara era uma mulher inteligente, mas às vezes sentia que nossa sintonia não era a mesma. Falávamos línguas diferentes e sobre mundos diferentes. Rapidamente me lembrei que essa sintonia com Deena era exatamente o que ela dissera, uma relação com o espelho, que entediava em pouco tempo. Se eu estava em crise de meia-idade, como dizia Deena, faria tudo diferente e mergulharia de cabeça nesse amor "Alice no país das maravilhas" com Lara.

Conversamos mais um tempo. Deena se disse preocupada com Peter, achando que ele andava muito triste e recluso, talvez se aproximando da própria crise de meia-idade. Prometi ficar de olho. Nos abraçamos, senti seu perfume de sempre e pensei: "Que estranho, o mesmo cheiro que me deixava louco não me diz nada agora". Ela partiu e fiquei com a boa sensação de que alguém me compreendia nesse capítulo da minha história.

*****

Naquela tarde, Lara me ligou. Tínhamos um fuso de quase cinco horas de diferença, eu estava no escritório, ela já tinha se recolhido no apartamento em Paris.

– Saudades de você, meu advogado favorito.

– Saudades de você, minha maluca favorita.

Só de ouvir a voz dela eu me enchia de alegria. Se isso não era amor, era no mínimo retardo mental.

– O que você está fazendo agora? Espero que não esteja com uma morena linda sentada à sua frente…

– Andou falando com Peter?

– É… ele ligou e me disse que você almoçou com a irmã dele… sua ex…

– Ficou com ciúmes, querida?

– Sim, fiquei.

– Não fique… Deena faz parte do meu passado e eu não moro mais lá… Frase de alguém que conheço… Não posso fazer nada sobre meu passado, mas se Deena fosse importante, eu estaria lá. Não é importante, mas é uma pessoa querida.

– Entendo, sei que vocês não têm mais nada, mas deu ciúmes.

O interessante em Lara é que não havia joguinhos, ela pegava o que queria, mostrava quem era e dizia o que tinha em mente.

– E daí resolveu conferir como andavam suas propriedades por aqui?

– Não, resolvi ouvir sua voz…

– Como estão as coisas por aí?

– Não muito fáceis…

– Seu ex-marido não aceitou o divórcio?

– Na verdade, não… Ele é um filho da puta rancoroso e parece que os anos não o melhoraram em nada. Ainda tem muita raiva por ter sido “abandonado”, que é como vê a situação.

– Vocês conversaram?

– Não pude evitar, ele se recusou a falar com o advogado que contratei.

– Você esteve com ele cara a cara?

– Sim… precisei emboscá-lo na universidade para uma conversa. Eu não queria ficar a sós com ele num local menos público. Se aprendi algo nesses últimos tempos, Mark, é que, se não quero ser agredida de nenhuma forma, não tenho que me pôr em situações onde isso se torne possível. Ficar a sós com ele em local privado seria pior do que foi…

Entendi naquele momento o que Lara sentiu em relação à minha conversa com Deena. Não era ciúme, mas era um sentimento desagradável de saber que o ser querido está em companhia de alguém com quem tentou construir uma vida, que fez parte dos sonhos, com quem eu tentara construir o perfeito álbum de fotografias. Alguém com quem dormiu.

– Foi muito ruim?

– Em outras épocas teria me afetado muito… me machucado… Agora foram apenas palavras de um homem envelhecido e amargo, dizendo que sou uma inconsequente com sérias perturbações mentais. Problemas mentais eu tinha quando me envolvi com ele, isso sim!

– Você se arrepende?

– Não me arrependo de nada na vida, Mark. Às vezes lamento, mas não sofro desse tipo de sentimento. A vida é curta demais para amargar o que não tem remédio.

– É, compreendo. Sabe… muita vontade de beijar você, menina, volta logo!

– E eu de sentar em você e cavalgar você até fazer você gemer!

Ah, como Lara era romântica… mas só o pensamento dela me cavalgando já me deixou de pau duro. Que poder essa mulher tinha sobre meu amiguinho!

– É, acho que eu suportaria isso – eu disse. – E o que mais você queria fazer?

– Hummm, queria deslizar minha língua do seu pescoço até seu pau, tomá-lo na boca devagar, passar a língua por todos os lados dele, e daí colocá-lo todo na boca até senti-lo na garganta.

Eu já estava excitado. Pedi um minuto, fui até a porta da minha sala e a tranquei. Voltei para minha cadeira e abri o zíper, tomei meu membro nas mãos e comecei a me acariciar ao som da voz dela, fazendo uma viagem mental de prazer.

– Lara, quero que você comece a se tocar. Toque seus seios e imagine que estou com o bico de um deles entre os dentes, mordendo devagar.

– Mark, quero que sinta que entrou em mim, eu sentada no seu colo. Sinto seu pau todinho dentro de mim, quente, e começo a deslizar nele, indo e vindo.

Eu quase podia sentir o que ela falava. Minha excitação se elevava, quando alguém começou a bater à porta.

– Estou num telefonema, aguarde!

– Mark, imagine agora que estou intensificando o movimento, engolindo você todo.

– Lara… estou arranhando suas costas e mordendo seu pescoço gostoso.

– Isso, Mark, tem que morder forte, eu quase sinto, estou toda molhada aqui…

– Como você está vestida?

– Estou nua, um dedo dentro e outro me acariciando… e você?

– Com a calça do terno aberta e o pau na mão, querendo enfiar em você.

– Imagine que agora saí do seu colo e me apoiei com os joelhos sobre o sofá, de costas para você.

– Se ficar de costas para mim eu vou meter em você até a sua garganta, vou foder você sem pena, sua vadiazinha, vou fazer você gemer alto e pedir clemência.

– Ai, gostoso, o que mais vai fazer, Mark?

– Vou encher essa sua bunda gostosa de tapas e morder sua nuca até você pedir água. Aí vou te encher da minha porra…

– Ai, Mark… estou gozando gostoso…

Nem pensei. Comecei a gozar na hora por cima da mesa e de documentos de clientes, depois pensaria nisso. Esqueci até do telefone. Quando me acalmei, voltei para o telefone, ela havia desligado. A cara de Lara. Tentei chamar algumas vezes, mas o telefone estava fora de área. Ótimo. Safada. Ficou com ciúmes de Deena e resolveu me dar uma “acalmada”. Ótimo saber que Lara se importava. Bem… hora de limpar a bagunça…

Capítulo Vinte e Seis

Simone acordou com o toque de Edward na porta. Dormira tarde e nem sequer ouvira o despertador. Tinha vontade de ficar na cama e não sair para ver o mundo, mas o mundo estava lá, esperando por ela com uma agenda cheia.

As palavras da ex-mulher de Mark ecoavam na mente de Simone: meia-idade, mudanças, o dia a dia que mata, todas as histórias dançavam juntas uma quadrilha, o que contribuiu para que Simone encarasse o novo dia deprimida. Quando se lembrou de que não encontraria Mona com sua costumeira xícara de chá aguardando-a, colocou as cobertas sobre a cabeça.

Ao chegar finalmente à cozinha, viu Edward ao telefone. Ele fez sinal para ela sentar-se à mesa, que já estava posta. Logo desligou e se juntou a ela.

– Bom dia, Simmie.

– Bom dia, Ed – Simone deu um beijo no rosto dele.

– Notícias da polícia: ontem no fim do dia conseguiram a lista das pessoas que assistem ao Caïn e começarão a visitá-las hoje. Por sorte são apenas umas cento e cinquenta pessoas nesta cidade inteira…

– É… talvez eu tenha mau gosto – disse Simone.

– Não, minha amiga, você e essas pessoas devem ser as únicas que falam francês. Não vendem a série com legendas. Você não dormiu bem, não é? Está com olheiras…

– É, eu sei… Li até tarde. Me sinto desanimada.

Edward pôs a mão sobre o braço de Simone.

– Tudo vai passar, Simone, estamos num momento difícil.

– Você já pensou no que vai fazer com a segunda metade da sua vida? – perguntou Simone olhando diretamente para Edward.

– Como segunda metade?

– Estamos na fase dos quarenta, meu amigo… Será que viveremos até os oitenta?

– Alto lá, Simmie! Deixe-me lhe falar como terapeuta: já estamos com muitos problemas, talvez devêssemos deixar essa crise de meia-idade para

mais tarde, ok? Os quarenta de hoje são os trinta da geração passada. Não se preocupe, porque agora você não vai conseguir lidar com isso. Tente solucionar apenas um problema por dia, minha querida.

Edward levantou a mão e balançou o indicador na frente do rosto de Simone: – Um de cada vez.

– Faz sentido, mas as mulheres de trinta anos alguns atrás eram balzaquianas, senhoras que só serviam para aconselhar.

– Chega disso! Você está mal por causa da Mona e por todas essas mortes, eu também, mas não vamos nos enterrar junto! Você é uma mulher linda, inteligente, qualquer homem quer você, e juro – disse fazendo um sinal com as mãos, como se estivesse orando – não é para dar conselhos!

– Claro! Me mostre um homem que me queira… e por favor… que não seja pelo meu cérebro!

– É que você não enxerga, Simone.

– Ah, agora eu sou a cega… Estou só, meu amigo, me sentindo velha e triste!

– Simmie, você só está triste. O resto está aqui na sua cabeça – e cutucou a cabeça de Simone com o dedo. – E quanto a estar só, está assim porque quer, porque fica aí tendo ilusões com um cliente que mal conhece. Por que não olha em volta? Você passa doze horas por dia trabalhando e pesquisando, em vez de sair e tomar um drinque de vez em quando. Você faz as escolhas.

– Olha só quem fala, você não faz o mesmo? E ao que me conste sua vida amorosa está igual à minha…

– Mas eu sei o que quero da vida!

– E o que quer?

Cristo, pensou Simone. Que forma de começar o dia! Discutir com o Ed cedo! O que será do resto do dia?

– Melhor deixar para lá, Simmie. Estamos atrasados, vamos tomar um café e sair para o consultório; me desculpe a irritação, eu também não estou cem por cento.

– Eu sei, Ed, me desculpe você também, meu amigo. Você é a única coisa sólida que tenho agora.

No caminho para o consultório, Simone perguntou como estavam as investigações. Edward respirou fundo, tirou uma das mãos do volante, passou no cabelo e respondeu: – Nada bem. Acho que por isso estou de mau humor. Além da lista dos que compraram a série, parece que chegamos a um muro, e

ainda por cima vou ter que refazer o teste de esperma. Justo o meu o laboratório conseguiu estragar! Fiquei sabendo agora há pouco!

– Como alguém estraga algo assim?

– Só Deus sabe! Parece que esse psicopata dá muita sorte! Misturaram com alguma substância que talvez já estivesse no pote de coleta, não sei. Vou ter que refazer! E com minha agenda como está! Como não sou o suspeito número um, farei no sábado. Meu único dia livre vou tirar para praticar autoabuso, como diriam as freiras.

– E os outros testes?

– Negativos. Ninguém da polícia está envolvido. Pelo menos ninguém é o dono do esperma.

– E as filmagens dos Peddinghouses, conseguiram?

– Sim, o velhinhos cederam os vídeos. O sistema é antigo e está complicado, mas há uma equipe do FBI analisando os vídeos. Fica mais fácil com a tecnologia que eles têm, mas até eles estão com problemas.

Enquanto isso, o maluco está à solta. Nunca tive medo, Ed, mas agora vivo sobressaltada. Cada ruído me deixa apavorada!

– Em casa?

– É…

– Já pensou em se mudar, Simone? Queira ou não, uma morte nos degraus de casa não é uma imagem para se esquecer facilmente. Vai levar um tempo, mas uma possibilidade é ir para um lugar novo.

– Eu pensei…. Mas, meu amigo, eu criei a Tammy ali, é meu lar! Construí cada pedacinho daquela casa com meu esforço, com meu dinheiro suado. Eu não consigo.

A ideia de ter que fazer uma mudança tão drástica deixava Simone perturbada. No momento ela não conseguia conceber isso.

– Não é preciso vender a casa, Si, alugue, feche. Você não precisa de dinheiro, deixe trancada uns meses até solucionarmos tudo. Vá para um apartamento, venha para o meu, se quiser.

– Meu amigo querido, você é a melhor pessoa do mundo, mas eu não gostaria de me impor assim. De qualquer maneira, vou pensar na ideia de me mudar por um curto espaço de tempo. Tammy deve voltar do intercâmbio na França dentro de uns seis meses. Talvez, enquanto ela está fora, eu vá para um apart-hotel, algo assim. Vou amadurecer a ideia.

– Você não seria imposição, seria um prazer. Mas pense na ideia, reflita, não tem que ser hoje.

Naquele dia Simone veria novamente uma paciente que já havia perambulado por seu consultório. Ia e voltava, nunca se decidindo se queria de fato ser tratada. Era um caso complexo, uma moça jovem, de vinte e oito anos, completamente perturbada. Usava diversos tipos de drogas – esportivamente, segundo afirmava – e não tinha pudores em entrar em orgias ou sexo com desconhecidos.

– Oi, doutora.

– Olá, Helen, como vai?

– Com saudades de você! – disse sorridente. Era uma jovem que não era linda, mas tinha um rosto interessante e uma vivacidade que a tornavam atraente.

– Helen, hoje vamos retomar seu tratamento pela… terceira vez – disse Simone, consultando a ficha da paciente.

– É…

– Bem… Esta é a última oportunidade, certo? Ou seguiremos no tratamento ou não haverá a quarta tentativa. Preciso de seriedade, e você também.

– Eu já esperava isso, mas sinto que agora estou pronta. Estou me preparando para engravidar e quero melhorar.

– Que bom! O casamento então está indo bem?

– Sim, bastante bem. Ele é um homem ótimo!

Numa de suas crises severas, Helen conhecera seu marido e o casamento tinha lhe dado estabilidade, mas ela havia parado o tratamento e Simone ficara sem saber como havia progredido. Boas notícias!

– E minha ajuda, agora, você quer exatamente para quê?

– Para me livrar do desejo por ela… de uma vez por todas!

– Ainda? Pela professora?

– Sim, não consigo evitar, doutora. Ela perturba os meus dias. Eu penso nela dez vezes por dia, e isso me dói e me enche de desejos…

– Por ela? Ou por qualquer pessoa?

– Por ela. Imagino o corpo dela, imagino que a estou tocando, beijando, imagino o cheiro dela e enlouqueço.

– E o que faz para passar esse desejo?

– Sexo selvagem com meu marido… Ele acaba beneficiado…

– Mas você se livra do desejo?

– Não… mas ajuda um pouco… Esse desejo que sinto por ela é como uma fome que faz doer a barriga vazia, e eu queria tanto me encaixar! Quero ser mãe, quero muito uma criança em minha vida.

– Todas as vezes em que veio aqui você me disse que queria se encaixar… e todas as vezes em que tenta assumir papéis você não fica bem. São as drogas, os envolvimentos perigosos, a obsessão por essa professora…

– Não é obsessão. Eu a amo. Mas amo também meu marido…

– Você deveria adiar esse filho, Helen. A decisão cabe a você, mas todas as vezes que me diz que deseja uma vida seguindo a cartilha, a vejo mergulhar em escapatórias. Talvez não queira realmente ser mãe ou esposa…

– Por quê?

– Porque você primeiro precisa resolver essas questões, para depois ser mãe. Essa mulher sabe que você a ama? Da última vez você disse que iria conversar com ela, mas já se passaram quatro meses e não sei o que houve.

– Falei… mas ela disse que nem consegue imaginar, que é hétero até em fantasia… Ela tem medo, com certeza.

– Talvez realmente seja hétero, Helen.

– Ninguém é isso ou aquilo doutora… é só experimentar… Tenho dito isso para ela.

– Você fala com ela?

– Sim, todos os dias mando recados e e-mails, digo como me sinto, minhas fantasias com ela. Às vezes digo que nunca mais escreverei e que vou sumir, deixá-la em paz… mas isso dura um dia mais ou menos. Hoje mandei para ela uma foto nua.

– Sua, presumo.

– Sim.

– E ela?

– Ela é sacana, responde os recados… Por isso não entendo. Ela deve sentir algo, não?

– Talvez sim, talvez seja maternal. Pelo que você disse, ela sempre esteve ao seu lado para apoiá-la, não?

– Sim, tudo o que eu precisava fazer era precisar dela… Descobri isso e precisei muito, só para tê-la por perto…

– Helen, você está assediando essa mulher e essa mulher está mantendo você à distância e cuidando de você novamente, percebe?

– É o que você pensa? Acho que às vezes ela pode estar dando um tempo para ver o que sente… Ela diz que não, mas pode vir a dizer que sim…

– Helen, se ela diz que não, é não. Que idade ela tem? Quarenta e cinco, cinquenta anos?

– Por aí…

– Ela sabe o quer, Helen, e sexo com você não me parece que seja a ideia.

– Mas minhas fantasias precisam ser realizadas, doutora! Todo o meu corpo pede que eu a tenha ao menos uma vez…

– O que você faria nesse dia?

– Tudo… Eu iria acariciá-la toda, ela iria ver que o amor de uma mulher é diferente do dos homens. É suave, gentil. Eu iria tocá-la inteira, em todos os pontos de que sei que as mulheres gostam. Iria guiá-la para se descobrir, quero ensiná-la…

– Quer ser a professora, agora? Dominar? Você acha que, se a dominasse, dominaria seus medos?

– Acho que sim… Eu realmente queria dominá-la.

– Voltamos ao seu passado, Helen, ao abuso… Você sofreu abuso pelas mãos de uma mulher mais velha… Dominar sua professora agora faria você ter a sensação de dominar quem abusou de você… Essa mulher deve ter algo em comum com a outra de sua história…

Helen era filha de mãe solteira, que a deixava com uma vizinha que se oferecera para cuidar da menina enquanto a mãe trabalhava. A vizinha começou a molestar a menina em tenra idade. No início, acariciava Helen. Mais tarde, se fazia acariciar pela menina. Quando Helen atingiu uma idade em que começou a entender o que se passava, contou à mãe, que não acreditou, e o abuso continuou por anos. Abusos têm consequências. Helen perdeu cedo o referencial sexual. Sexo para ela podia ser vivido com homens e mulheres, sem grandes compromissos.

– Você quer dizer que eu vejo aquela mulher na Gloria? – Helen perguntou.

– Gloria é o nome da professora?

– Sim.

– Penso que sim, Helen… Penso que o desejo de submeter alguém que teve poder sobre você, porque os professores detêm certo poder e hierarquia sobre os alunos, é o desejo inconsciente de submeter aquela mulher e de aplacar os sentimentos de ódio que tem por aquela época. Isso não é amor, Helen.

– Vou pensar nisso, doutora… – ela respondeu depois de um certo tempo.

– Por favor, faça isso… e tente não correr atrás da pobre professora. Provavelmente ela está acreditando que pode ajudá-la a se encontrar novamente, por isso presta atenção em suas mensagens. Isso ainda pode acabar mal, ela pode processar você, Helen.

– Gloria? Ela nunca faria isso.

– Eu vou lhe dar um texto de Lacan para ler. É sobre obsessão.

– Mas eu não sou obsessiva!

– Apenas leia o texto, certo, Helen? Você vai compreender algumas coisas. O texto fala sobre histeria e obsessão. São patologias complementares. Gostaria que tentasse entender se a professora não se encaixa na histeria, certo? Você faria isso por mim?

– Certo, doutora.

*

Phillip chegou ao consultório naquela tarde feliz – anormalmente feliz, para quem lamentava até a semana anterior a perda do grande amor. Trazia a costumeira caixa de doces e estava todo sorridente.

– Doutora querida, que bom revê-la – disse entusiasmado, enquanto chacoalhava incessantemente a mão de Simone.

– Como vai, Philip, me engano ou você está feliz?

– Eu? Sim, estou, mais feliz que porco na merda! – disse, com a costumeira linguagem peculiar.

– Isso é ótimo! Conte-me a razão – Simone cerrava a mandíbula para não rir das expressões de Philip.

– Estou com uma nova namorada!

– Que bom! Mas já?

– Solidão não faz bem a ninguém! Estou contente, porque essa mulher parece que me entende!

– Sério? Que bom! Quem é ela?

– A *dominatrice* das cordas de que lhe falei!

Oh, Deus, pensou Simone, quando achava que o mundo iria entrar nos eixos, lá vinha Philip com mais uma loucura. Namorar a *dominatrice*!

– Como isso ocorreu?

– Eu estava mal, me sentindo um merda. Você sabe… por causa da minha mulher e tudo… Daí fui à casa de submissão para ter um nova experiência com as cordas… Tive e foi maravilhosa! Leonora é uma *expert*. Me amarrou e comecei a ter aquelas sensações maravilhosas que lhe descrevi outro dia. Conforme ia apertando as cordas, eu ia pedindo para fazer mais forte… Daí, quando achei que iria desfalecer de prazer, eu disse para ela: “Me mate, eu quero morrer!”. Porque pensei que, além do prazer, me livraria da dor de ter perdido minha mulher. Aí ela parou tudo!

– E isso foi bom?

– Não, eu não entendi o que estava errado. Ela então me mandou sentar e perguntou que palhaçada era aquela, onde já se viu alguém querer morrer com as cordas dela.

– E você?

– Eu comecei a chorar como um bebê e contei a ela minha história… Ela me desamarrou, me convidou para tomar um drinque e começamos a sair. Ela entende todas as minhas fantasias, porque trabalha com elas, é uma *dominatrice* profissional!

“Bela profissão”, pensou Simone!

– E você acha que pode gostar dela como gostou de sua esposa?

– Doutora, não sei, porque as pessoas são diferentes… Não tem como gostar igual de pessoas desiguais… É sempre diferente, mas minha ex-mulher não me entendia, fazia as fantasias como se fossem um grande favor para mim, e eu vivia em pânico de perdê-la. Com a Leonora, apesar de ser recente, sinto que posso ser eu. Minhas fantasias para ela são brincadeira de criança, segundo diz.

– Vejo que você está novamente com algo no pescoço, é para esconder marcas?

– Ah, não, doutora, isso é uma coleira!

Estava orgulhoso como um pavão de usar uma coleira que parecia ser de cachorro, de couro, larga – cão grande, pelo tamanho.

– Uma coleira de cão?

– Mais ou menos isso. A Leonora me aceitou. A coleira é um dos símbolos da nossa relação. Algumas vezes ela passeia comigo na coleira. É sinal de propriedade, eu gosto de pertencer.

– Philip, você é um contador… Não acha que passaria uma impressão errada para as pessoas?

– Ah, mas nós não andamos no meio da rua, é só em casa e na boate.

– Mas aqui não é sua casa nem boate, e você está com a coleira!

– Eu sei, mas eu queria que você visse, doutora, o que achou?

– Eu não entendo muito de coleiras… não tenho cães…

– Não, doutora, não da coleira, do meu novo relacionamento?

– Gostaria que tivesse um pouco de cuidado, Philip, porque foi rápido ao oscilar de um relacionamento ao outro. Semana passada você estava chorando, hoje está eufórico.

– Estou feliz, doutora!

– Eu sei, Philip, apenas gostaria de um pouco de cautela, porque normalmente, ao terminar um relacionamento, as pessoas fazem um movimento pendular, vão de um extremo ao outro. Você foi de uma mulher que relutava em compreender suas preferências sexuais a outra que aceita todas as suas fantasias.

– Isso não é bom?

– Pode até ser… mas seria bom evoluir aos poucos, compreender bem até que ponto você pode ir com Leonora. Sua ex-mulher dava um pouco de normalidade e contenção à sua vida. Mesmo pondo freios em suas fantasias, ela lhe dava certa estabilidade. Tenho receio de que Leonora o deixe… desenfreado?

– Certo, doutora… Vou pensar no que você está dizendo… Se tivesse ouvido a senhora antes, não estaria separado, não é?

– Não podemos afirmar isso, Philip, mas pense com carinho, e pense principalmente no que gostaria para sua vida. Às vezes colocamos pessoas rápido demais em nossas vidas, para preencher o buraco que a dor de uma separação deixa, mas o buraco está lá… e pode ser que os problemas somente aumentem…

– Entendo…

– Espero que pense sobre isso. Todos precisam de tempo para se curar após o término de um romance. Se não se deixar sentir a dor causada pela perda, e apenas varrê-la para debaixo do tapete, um dia ela sai de lá e o ataca quando você não estiver preparado.

– Detesto sentir dores emocionais!

– Eu sei, mas dor é parte da maturidade, Philip. Posso estar errada e seu novo relacionamento se tornar uma linda história de amor. Só lhe peço para ir devagar.

– E a coleira? Tenho que tirar?

De tudo, a maior preocupação de Philip parecia estar na coleira, símbolo claro de alguém que desejava pertencer, de alguém que não queria ser um "cachorro sem dono".

– Fique com a coleira, se lhe faz bem. Não vejo grandes males nisso.

*

A semana seguiu em ritmo alucinado. Simone decidiu desmarcar todos os pacientes da quarta-feira à tarde. Sentou-se no sofá da sala, sentindo mais do que nunca falta de Mona. Num esforço para se distrair de pensamentos melancólicos, decidiu terminar o diário de Mark. Iria completar a análise do texto e finalizar o trabalho. Quem sabe ao terminá-lo pudesse ter um pouco de normalidade novamente…

O Diário de Mark

O amor está a caminho

Lara me ligou novamente, feliz porque as coisas estavam entrando nos eixos. Incrível como um telefonema dessa mulher fazia com que meu dia ficasse mais iluminado! Tudo ganhava cor.

Ela soava feliz, estava entusiasmada e falando pelos cotovelos. Disse que sentia saudades e que em breve seria uma mulher livre.

– Conseguiu o divórcio?

– Sim, agora é só questão de burocracia de tribunais, sua área.

– Litigioso?

– Não, amigável!

– Como assim? Da última vez que falamos não havia tido progressos.

– Maurice teve uma ideia depois que contei a ele que Nicholas se recusava a assinar o divórcio: perguntou se eu não teria nada que pudesse abalá-lo para usarmos. Eu disse que não, que sabia de coisas, mas que não tinha provas. Contei para Maurice de uma das festinhas em que estivemos e que vi o Nicholas transar com outro cara…

– Maurice não enfartou? – fiquei imaginando a cara do velhinho com a história…

– Maurice? Era da turma de Emma, não conheço todos os detalhes sórdidos do que aqueles quatro faziam, mas sei que não era bem ir à igreja orar juntos! Eles aprontaram muito! Pelo pouco que Emma contou, eu sou uma mocinha de convento perto deles!

– Me falta imaginação para pensar naqueles velhotes numa casa de suingue… – mas infelizmente minha imaginação é fértil e imaginei Maurice num trenzinho e não gostei do que visualizei.

– Eles nem sempre foram velhotes… mas me deixe contar o que fez Maurice. Ele telefonou para o Nicholas dizendo que era um dos advogados do meu caso e que tinha um envelope com um vídeo em que um renomado professor fazia sexo com um jovem. Fora gravado alguns anos atrás, mas estava endereçado ao reitor da universidade. Mas se ele colocasse uma assinatura em certo documento, o filme seria esquecido e assim que o divórcio fosse confirmado o vídeo voltaria ao seu dono.

– O filme é verdadeiro?

– Claro que não! Eu não tenho nada gravado! Mas ele deve continuar pegando garotinhos. Hábitos antigos não morrem fácil…

– Nunca acredite em alguém que diz que é ex-homossexual… E ele engoliu?

– Engoliu, porque dei várias descrições para Maurice sobre como ele procedia… Já assinou e já devolveu, simmmmm.

O grito quase me deixou surdo. Tive que afastar o fone da orelha. Compreensível e euforia dela.

– E quando o divórcio for oficializado, o que vão mandar para ele?

– Pocahontas? O que importa! Agora estou livre!

Tive que rir da ideia do francês refinado descobrindo que fora chantageado com um desenho infantil. Ah, pensei… como todos temos medo de um escândalo, mais do que qualquer coisa na vida a ameaça de ver o "bom nome" jogado na lama era o equivalente a uma arma nuclear… E, pelo jeito, Maurice também sabia disso. Um diabo é um diabo, e não porque é mau, mas porque é velho.

– Quando volta, bela?

– Por que não vem me buscar? Podemos voltar juntos.

– Adoraria, mas não posso, estou cheio de trabalho, com um advogado doente e outro de férias. Não dá, minha linda.

– Que pena, poderíamos usar o banheiro do avião para uma fantasia que tenho…

– Conte…

Eu tinha certeza que ali viria mais uma tórrida história para me estimular. Ela definitivamente estava preocupada com a própria ausência… Mulheres… seres possessivos… Não estão nem aí para você, mas a mínima ameaça e já ficam armadas em patrulha.

– Eu iria primeiro até o banheiro… entraria, trancaria a porta… Você iria logo depois…

– E como caberíamos os dois no banheiro?

– Fácil, principio da sardinha em lata… Eu já deixaria a tampa do sanitário fechada… você chegaria, abriria o zíper… baixaria a calça e sentaria sobre a tampa… Eu fico de costas para você e vou me encaixando. Fazemos uma cadeirinha ao contrário… Você me sustenta com os braços, apenas vou descer e subir, descer e subir gostoso, devagar…

– Hummm.

Comecei a massagear meu pênis.

– Nesse sobe e desce lento, vou apertar e soltar você dentro de mim. Quando eu descer eu solto, e na subida aperto você… Dai vou tornar os movimentos mais rápidos, com a ajuda das suas mãos, que vão estar no meu traseiro… Vou gemer baixinho, controlando para não permitir que todo o avião escute.

– E?

– E quando eu achar que você esta pronto para gozar eu paro, viro de frente e encaixo novamente em você. E vou cavalgar você novamente, de forma lenta, e vou beijar sua boca, mordendo seu lábio, minha língua na sua

boca e sem parar de beijá-lo vou agarrar seu cabelo e cavalgar você até o levar para o paraíso.

– Louquinha…

– Então vou gozar gostoso gemendo só nos seus ouvidos… com você mordendo meu pescoço gostoso… Mas você não vai gozar ainda… Eu vou desencaixar e vou colocar você na minha boca e vou chupar você até você encher minha boca. E vou engolir, sem deixar nenhuma gotinha se espalhar no banheiro…

– Lara, eu vou gozar agora, sua safada…

Pronto, virei adolescente novamente. Acho que gozei um balde. Bem, por sorte não precisava esperá-la. Pelos gemidos do outro lado da linha, ela também já tinha feito justiça com as próprias mãos.

– Aiiii – ei, mas agora o gemido era de dor – O que houve, Lara?

– Bati o cotovelo.

– Onde?

– Na pia do avião! Pouco espaço – e riu.

– Ah, engraçadinha. Estou com saudades, menina.

– Eu também… Mas volto já…

– Já quando?

– De verdade?

– É… de verdade…

– Amanhã… Mas vou direto aos Hamptons. Estarei podre e quero voltar para o fuso!

Que ótimo, quinze dias longe e ela ia para outro lugar… É Lara, pensei. Que diabos, o que você esperava?

– Certo, moça, faça uma boa viagem!

Eu estava feliz demais com a ideia de que Lara iria voltar para começar a reclamar por um dia a mais. Estava também contaminado pela conversa com Deena. Desde nosso almoço juntos refleti muito sobre o que ela disse e concluí que ela tinha razão: estávamos por iniciar a segunda metade das nossas vidas, não era hora de gastar tempo procurando a parceira ideal. Era hora de abraçar o que a vida me oferecia, uma mulher fora dos padrões, que nunca me propiciaria um casamento convencional, mas que me fazia muito feliz…

Meu lado racional ainda tentou me persuadir do contrário. Claro que ela me faria feliz, mas talvez a felicidade não fosse proporcional aos momentos ruins que esse relacionamento trazia… Dane-se a razão! Coloquei-a de lado. Deena estava certa, era mais importante viver e, afinal, melhor alguns momentos ruins do que uma vida ruim.

Passei na Tiffany's e escolhi um anel para dar a Lara, um solitário imenso. Sei que mulher adora tamanho de pedra, parece que amor é medido em quilates… O anel era quadrado, rodeado de diamantes menores, muito bonito. Achei que ela irai gostar. Iria pedi-la em casamento. Vida nova! Se eu tivesse realmente somente mais meia vida para usar, iria agarrar o tempo que tinha pela frente e viver como se cada dia valesse por dois. Não me sentia em crise, mas do diálogo com Deena entendi que precisava usar melhor o tempo que me restava.

Os dias em que Lara ficara fora foram miseráveis para mim. Quase quinze dias intermináveis, em que tudo dela me fazia falta. Os cabelos espalhados no travesseiro, a confusão de tintas que deixava pela casa, a falta de ordem dela. Até as crises! Foram meses junto comigo e a partida para Paris deixara o vazio de uma vida.

*

Ela me telefonou dois dias depois de termos falado ao telefone, com aquela voz que me deixava hipnotizado. Tinha voltado de Paris, queria me ver na casa da praia, poderia ser hoje? Estava feliz, disse que nada mais ficaria em nosso caminho. Minha fé nas palavras de Lara era igual à minha fé na existência de vida em Marte, mas queria muito vê-la.

Tentei encerrar mais cedo o trabalho, mas foi impossível. Duas horas na estrada me esperavam e já estava anoitecendo. Encontrar Lara era sempre alucinógeno, ela fazia borboletas voarem no meu estômago. Era sempre uma surpresa, sempre uma fonte infinita de fantasias.

Lara parecia ter desprezo pela normalidade e pela rotina – ou se podia dizer que com ela a rotina era a surpresa?

Desta vez, prometi para mim mesmo, não tentaria mudá-la. Era minha última chance de acertar esse relacionamento e só havia duas opções: ter Lara para sempre ou perdê-la para sempre, tentando fazê-la encaixar-se em padrões.

Ela seria minha para sempre, era uma promessa. Eu precisava dela na

minha vida.

Entrei na propriedade pela estradinha de areia, estacionei ao lado da casa. O murmúrio do mar calmo, iluminado pela lua cheia, a lua dos amantes, engrandecia o silêncio.

Eu me dirigi à escada lateral, que dava acesso à varanda da frente. As portas estavam abertas, poucas luzes acesas, as cortinas esvoaçando pela brisa do mar, e então a vi. Ela me esperava nua, os cabelos loiros soltos, meio despenteados, nos pés um sapato de um salto impossível de se usar e, no pescoço, algo parecido com uma corrente grossa. Ela deslizou em minha direção, sem o menor pudor em mostrar o corpo. Adorava os olhares de admiração que sempre recebia, meus e de outros homens.

Não me disse muita coisa. Um “oi, que bom que chegou” e começou a me beijar e acariciar. Eu queria conversar primeiro, dizer que a amava, pedi-la em casamento, mas naquela hora só conseguia pensar na pele dela contra a minha e no cheiro do seu perfume. Depois falaríamos!

Lara começou a desabotoar minha camisa, sem parar de me beijar e acariciar, deslizando as mãos pelo meu peito em direção à calça, que me apressei em tirar.

– Estou com muita saudade e vontade de você. Hoje quero que você use isso – e me deu uma luva de couro para pôr numa das mãos.

Então a química que sempre existia quando estávamos próximos aflorou e não houve tempo para conversas amenas, que dirá para ajustes de relacionamento.

Nossos corpos nus brilhavam à luz do luar e com o suor do longo embate sexual. Mãos, línguas, pernas entrelaçadas, suspiros e murmúrios no ar, frases desconexas.

– Eu quero que você aperte meu pescoço lentamente com a mão enluvada. Fico louca quando você faz isso.

– Eu sei… – era o vício dela… eu não iria mais tentar entender… apenas faria o que ela me pedia…

– Use a luva, quero a sensação de que estou sendo atacada por um desconhecido, que estou impotente.

– Assim? – perguntei apertando suavemente o pescoço dela.

– Mais forte, como se quisesse me sufocar. Me deixa louca, não quero carinho, quero força.

– Eu quero você gozando para mim.

– Mais forte, Mark, aperte mais, me deixe impotente.

– Tenho medo de machucá-la – eu disse.

A adrenalina corria por minhas veias e perdi o controle. Tudo o que queria era gozar dentro daquela mulher que me deixava louco.

– Mais forte! Me aperte forte e mexa rápido que estou quase gozando.

– Você me deixa louco, sua maluca, vou apertar até pedir piedade, sua putinha.

Agarrei a corrente que circundava o pescoço de Lara e comecei a usá-la para apertar o pescoço. Vi que isso deixou Lara muito excitada.

– Isso, agora sim, aperta mais, aperta muito – de costas para mim, ela ondulava os quadris rapidamente. Não tinha muita paciência para esperar o gozo, ficava selvagem quando queria chegar ao orgasmo.

– Ahhhhh, eu não vou conseguir segurar mais. Vou gozar em você! – não consegui mais segurar. Enquanto sentia o prazer violento do orgasmo que se aproximava, apertei forte a corrente em volta do pescoço dela, até que começamos a gozar juntos e, de repente, tudo era silêncio, algo raro em Lara…

– Lara, você está bem? Lara? Pare de brincar…

Ela ficou silenciosa e inerte. Algo estava errado. Ela não estava respirando.

– Lara, meu amor, Lara, respire, por favor, o que eu fiz? Lara, eu amo você, meu amor, Lara, minha vida, respire, respire…. Não faça isso comigo!

Ela ficou imóvel como uma linda boneca.

Tentei respiração boca a boca e massagem cardíaca, meus conhecimentos limitados de primeiros socorros, mas nada a reanimou. Liguei então para meu pai, que me indicou um médico que lhe devia favores. Ele chegou rapidamente, mas já era tarde, eu havia matado a mulher que eu amava. Eu havia matado uma parte de mim, talvez minha melhor parte.

O médico me sedou para me proteger do meu próprio desespero. E eu fiquei assim até o funeral dela, dois dias após a morte. Não conseguia comer ou dormir. A droga forte me deixara tonto e eu me sentia numa espiral.

O enterro de Lara foi o dia mais triste da minha vida. Me deixaram participar. Foi o inicio do resto dos meus dias miseráveis. Eu queria sentir. Parei de tomar o sedativo. Minha mente estava clara e a dor que eu sentia era física. Parecia que havia um buraco em meu peito que nunca seria fechado. Eu tinha certeza de que minha vida jamais seria completa novamente.

Naquele dia, aprendi que amor verdadeiro somente se vive uma vez na vida. Pás de terra enterravam o meu.

Ela foi sepultada com o anel no dedo. Eu mesmo o coloquei lá. Ninguém protestou, de tão palpável era a minha dor.

Desde a morte de Lara há uma escuridão permanente nos meus dias… Viver sem ela se tornou um suplicio, e eu passei a vagar pela vida, ansiando pela morte… Que, se eu tivesse coragem, traria para mim… Mas como punição divina, não encontro a coragem necessária para morrer… E também não encontro coragem para viver.

Capitulo Vinte e Sete 

Simone terminou o texto com um peso no coração. Apesar de não ter conhecido Lara, sentia tristeza pela morte da jovem. Quando parecia que iria ser feliz, sua vida havia terminado de forma abrupta.

Estava também condoída por Mark, pobre homem, pobre infeliz, prestes a ter o mundo nas mãos e, com as mesmas mãos com que estava pronto para abraçar a vida, havia matado a mulher que amava.

Para Simone, a inocência de Mark era evidente. Não havia culpados ali. Somente vítimas. A parte intelectual de seu estudo estava terminada. Agora, precisaria de trabalho de campo, de entrevistas com pessoas que participaram da vida de Lara, para finalizar e concluir seu laudo.

Simone telefonou para Carl para relatar o término da leitura e combinaram que ela iria a Nova York no dia seguinte.

*****

No dia seguinte, Simone chegou ao escritório de Carl por volta das dezoito horas. O trânsito pesado a havia atrasado.

O escritório era elegante, todo decorado em madeira escura. Bem masculino. Simone elogiou a decoração.

– Lara foi quem fez, e não mudamos mais – ele informou.

Então as suspeitas de Simone se confirmavam: havia um círculo estreito de amizade entre os personagens do texto e Carl.

Carl levou Simone até uma sala de reuniões também muito bem decorada, uma mesa de madeira para catorze pessoas, cadeiras negras, belos quadros na parede e plantas decorativas. Sentaram-se.

– Simone, por favor, estou ansioso pelo seu relato. Terminou a leitura e…

– Sim, terminei de ler o texto, conforme lhe informei ao telefone. Até o presente momento, confirmo tudo o que conversamos quando você esteve em meu consultório. Fiz um parecer formal, mas não conclusivo Simone estendeu a Carl o relatório, ele o pegou e olhou fixamente para Simone.

– Você chegou ao final e sua conclusão é por um diagnóstico de sadomasoquismo?

– Sim, com fortes tendências de autodestruição e profundas oscilações de humor provocadas também pelo quadro de déficit de atenção de que Lara menciona ser portadora.

– Parece que era genético, herdou do pai e da avó…

– Sim, de fato é possível ser genético. Esse quadro traz alterações de humor, instabilidade e, em alguns casos, vício em adrenalina. Certamente foi agravado pelo abuso sofrido.

– Mark, na sua opinião, agora que concluiu o texto, é inocente ou culpado?

– A única culpa que ele teve, é claro que embaso minha opinião apenas no texto, é de ter se envolvido com Lara. A morte dela foi um acidente e, já lhe disse, poderia ter acontecido antes, numa das sessões de sadomasoquismo… Não é tão incomum assim, mas eu gostaria muito de conversar com Mark. Preciso olhar para ele e fazer algumas perguntas, Carl. Na minha profissão, é importante ver a linguagem corporal e outros sinais para fazer um diagnóstico.

– Entendo.

– Você pode providenciar isso? É importante para eu concluir meu trabalho.

– Pode perguntar o que quiser.

– Quando?

– Começando agora, Simone, por isso pedi que viesse, e que não apenas mandasse o relatório. Eu sou Mark!

Simone ficou paralisada por alguns instantes. Em nenhum momento, lendo o texto, ela deduzira que Mark fosse Carl. Será que seu interesse pelo sujeito havia comprometido seu julgamento? A ideia que formara de Carl não lhe permitira imaginar um sujeito sério e compenetrado, como ele, em casos tórridos, casas de suingue e apaixonado a ponto de perder o controle. Ela se enganara.

– Você é o Mark? – sua boca se abriu, de modo que nem todo o

autocontrole do mundo conseguiria evitar.

– Sim. Usei meu terceiro nome na história para que você fosse objetiva.

– E quando irá a julgamento, Carl?

– Não, Simone, não irei. Isso aconteceu faz algum tempo. O julgamento já ocorreu há mais de um ano. Fui absolvido. O júri considerou o mesmo que você, que foi realmente um acidente. O único julgamento que enfrento diariamente é o meu mesmo, desde que a matei.

– Como o júri chegou ao veredito?

– Havia testemunhas. John Mayer, o negro com quem Lara transava, atualmente um grande amigo, foi uma das principais testemunhas. Outros homens que se relacionaram com Lara também foram ouvidos, graças a informações dadas por John. A hipoxifilia era uma frequência nas relações de Lara, todos disseram isso. Meu pai me defendeu. É o melhor criminalista que conheço e sua pesquisa foi profunda. Ele foi atrás de todos que podia e conseguiu reunir um time da pesada. Lara não era nada santa….

A última frase Carl disse com ar de profunda tristeza.

– Para mim, a pior parte foi montar o quebra-cabeças do comportamento de Lara. Por meses, antes do julgamento, além de me sentir culpado por tê-la matado, eu me sentia horrível por ver a vida dela desfilando em público.

– Você não a matou, Carl, foi um acidente.

– Pode dar o nome que quiser, Simone, mas eu a matei.

– Mas por que todo esse teatro, Carl? Me contratar, fazer parecer que tinha um caso nas mãos… Eu poderia ter descoberto tudo pela internet…

– No entanto não o fez… Em um dos nossos primeiros encontros lembro que falamos sobre opiniões imparciais. Fiquei tranquilo sabendo que você não recorreria a nada além do texto, num primeiro momento, e era o que eu queria. Mas, se recorresse, meu nome estava trocado, ou melhor, é meu nome também. Eu sou Carl Anthony Marcus. Ou meus pais tinham algum complexo de dinastia ou não conseguiram entrar num consenso sobre o nome. E Lara… bem… eu não conseguiria mudar o nome dela nem para me proteger. Até hoje o som do nome dela é música para mim.

– Peter é Peter?

– Sim, mas é um nome comum… Apenas o meu nome foi trocado, e confiei na sorte…

– Por que me contratou, Carl?

– Porque eu precisava de respostas que ninguém mais me daria… Eu precisava entender, por uma opinião profissional e independente, o que havia ocorrido. Passei por terapias após a morte de Lara, mas nada me justificou ou me inocentou para mim mesmo. Vi uma entrevista sua na TV e pensei: essa mulher vai me ajudar.

– Estou surpresa.

– Eu sei, peço desculpas, mas não vi outra forma. Decidi escrever o texto, tentando lembrar ao máximo tudo o que ocorreu no meu curto período com Lara… Veja, Simone, no total, entre idas e vindas, ficamos juntos menos de um ano.

– Quando você começou a escrever?

– Logo depois que ela morreu. Lara manteve um diário durante toda a vida. Ela dizia que ajudava a acessar os sentimentos e organizar as emoções. Decidi tentar quando estava no auge do desespero. Sempre fui bom escritor, e com cada palavra eu revivia nossos dias juntos. Não prestei atenção em vocabulário ou estilo, apenas deixei minhas emoções fluírem. Me ajudou. Me cortou como um bisturi, mas não foi suficiente. Eu precisava de ajuda, da sua ajuda.

Emoções profundas se estampavam no rosto dele, deixando Simone antever o Mark dos textos.

– Você tem ótima memória… Os fatos são vívidos… Há riqueza de detalhes…

– Eu revejo cada um deles milhares de vezes em minha mente, sempre com nitidez, e isso não me dá paz. Lá estão eles dançando à minha volta. Há noites que não durmo apenas revivendo cada segundo daqueles meses. Fico pensando o que poderia ter feito diferente, imaginando novos finais para a história, em todos eu e ela juntos. Para sempre.

– A história é fiel?

– Sim, com tudo que consegui lembrar. Não há nada de imaginação ali, Simone. Eu devia isso a ela, um tributo: ser fiel à memória dela.

Ao fazer essa afirmação, Carl olhava diretamente para Simone. Ela analisava detalhadamente suas expressões e não conseguiu identificar um único traço de mentira. Ele estava sendo honesto. Havia sofrimento profundo naquele homem.

– Você não teve culpa de nada, Carl, tranquilize sua consciência. Se não ocorresse na sua mão, ocorreria na de outro. Hipoxifilia é uma prática arriscada.

– Por muito tempo me perguntei se não havia em mim o desejo de matar Lara, se naquele dia eu não apertara mais porque queria pôr um fim naquilo tudo. Ela me enlouquecia com suas idas e vindas, sumiços, fantasias. Eu já não era eu mesmo, tinha virado um homem que corria riscos demais, com prudência de menos…

– Não, Carl, você estava apaixonado, decidido a se casar com ela. Você queria acreditar em Lara… Você a queria para si, então tentou cuidar dela, mas ao mesmo tempo a vontade de satisfazê-la era grande. Um dos maiores prazeres masculinos, Carl, é proporcionar um orgasmo fantástico nas mulheres. Queira ou não, apertar o pescoço de Lara era o caminho para isso. Era irresistível, e ela pedia mais e mais, e você não soube medir os meios para atingir o fim.

– Eu realmente tentei. Sentia medo de machucá-la, mas ela não tinha limites. Sempre que eu achava que estava indo longe, ele pedia mais e mais.

– Eles não conhecem limites. Tenho um paciente que usa cordas na sua prática masoquista e me diz que morrer durante o clímax seria maravilhoso. A mente humana é complexa e, no que concerne ao sexo, apesar de muitos estudos, não há chaves, há mais especulação. Vamos usando o que aprendemos em outros casos, e é difícil compreender a natureza dos desejos.

– Simone, falar com você me acalma. Não acredito que algum dia em minha vida eu terei capacidade de esquecer tudo isso, levar uma vida normal. A culpa me atormenta. A perda dela me deixa louco. Essa dor que trago em mim e que não me abandona nunca me enlouquece, mas ao menos se eu conseguisse me perdoar, talvez conseguisse ter paz.

Ele bateu a mão no joelho em sinal de frustração.

– Carl… Eu gostaria de tratar você…

Pronto! Em uma frase Simone conseguira destruir qualquer possibilidade de um relacionamento com Carl. Iria tratá-lo! De onde veio isso, agora?, pensou. De seu lado humano, que achava insuportável ver a dor do outro e não fazer nada. Carl sofria profundamente, isso era nítido, e Simone não suportava não fazer nada pelas dores dos outros.

– Eu preciso de você, Simone, preciso de sua ajuda.

Nisso Carl estendeu a mão na direção de Simone, como em busca de auxilio. Ela segurou sua mão e ele começou a chorar, como se nunca tivesse chorado antes na vida. Chorou convulsiva e desesperadamente. Parecia para Simone que ele seria incapaz de parar, como se uma represa tivesse sido aberta e não houvesse meios de conter a água.

Simone se aproximou, abraçou Carl e o aconchegou ao ombro. Ele chorou copiosamente por um bom tempo e ela ficou calada, entendendo a preciosidade daquele momento. Era talvez o início da cura da sofrida alma daquele homem.

Depois de algum tempo, ele se acalmou. Ele e Simone então conversaram por muito tempo. Ela se perguntava se algum dia a vida daquele homem seria normal, mas faria tudo que estivesse a seu alcance para ajudá-lo. Seu conhecimento seria todo colocado a favor dele.

Saíram do escritório e foram jantar. Carl lhe contava histórias sobre Lara, agora de forma mais livre, pois podia se incluir na conversa. Agora que ele estava menos contido por não temer revelar um segredo, era possível ver Mark nele. Até os movimentos eram mais relaxados.

Estavam saindo do restaurante quando Peter entrou.

– Ora, se não é meu querido amigo com a bela doutora…

– Você se lembra de mim? Que bom!

– Claro que lembro, mulheres bonitas são inesquecíveis!

Simone não se sentiu lisonjeada. Sabia, pelo texto, que Peter era exagerado.

– Sozinho hoje, Peter? – perguntou Carl.

– Não, aguardando companhia… E vocês, se divertindo? – ele soava sarcástico, como se não aprovasse a presença dela. “Ou talvez meus nervos estejam uma bagunça e estou imaginando coisas”, ela pensou.

– Descontraindo de uma semana pesada – disse Carl.

– Escutei as notícias, doutora… Sobre as mortes na sua cidade!

– É… horrível, e infelizmente ainda não se chegou a nenhum lugar.

– A polícia não tem nenhuma pista?

– Tem sim, mas meio desencontradas… nada concreto.

– É assunto grande, porque também ouvi que o FBI se envolveu.

– Parece que é normal que se envolvam em mortes em série, mas eles também não conseguiram muita coisa até agora.

– São melhores nos seriados do que na vida real – constatou Peter.

– É… talvez você esteja certo.

– Bem, Peter, estamos indo. Me liga para tomarmos uma cerveja amanhã!

– Ok, promessa de dedinho! – e levou o dedo mindinho até Carl, que simulou dar-lhe um soco no peito e o abraçou.

– Tchau, tchau, bela! – Peter soprou beijos para Simone e partiu.

– Vocês são amigos muito próximos, não? – perguntou Simone quando se afastaram.

– Muito. Ele me ajudou muito depois da morte de Lara, no julgamento… Foi testemunha, ombro amigo, ajudou meu pai com as provas, enfim, para onde eu olhava, lá estava Peter fazendo algo por mim. Nunca vou conseguir retribuir.

– Amigos são para isso.

– Verdade.

– Ele é a exata definição de um verdadeiro amigo.

Como era tarde, Simone passou a noite no apartamento de Carl, a convite dele. Mais uma prova de que o texto era fiel: o apartamento era a descrição exata do que havia no texto, e o cão lá estava para recebê-los. Agora ela entendia por que ele a havia colocado num hotel antes. O apartamento teria revelado quem ele era.

Quando Simone entrou no carro para voltar para casa, lhe deu uma enorme vontade de ficar na cidade. Decidiu então que não voltaria até domingo. Encontrou um hotel na Broadway e foi para lá. Telefonou para Edward para não deixá-lo preocupado, caso a procurasse, e decidiu desfrutar um pouco das delícias de Manhattan. Foi assistir a um musical, foi ao balé e fez compras. Não havia nada que lhe agradasse muito em casa nesse momento e se sentia protegida em meio à multidão.

Capitulo Vinte e Oito 

Na segunda-feira, uma procissão de pacientes esperava por Simone, como sempre. No final da manhã, ela e Edward se encontraram na cozinha do consultório, ele preparando um café e ela atrás de um sanduiche.

– Como foi em Nova York?

– Terminei meu trabalho por lá.

– E como as coisas terminaram?

– Muito melhor do que eu esperava – Simone então relatou todo o ocorrido, e talvez tenha soado entusiasmada demais com o fato de tratar de Carl.

– Ele pediu para você tratá-lo? – Edward soava irritado.

– Me contratar já foi um pedido nesse sentido. Ele precisava de alguém que analisasse o ocorrido sem se envolver inicialmente…

– Você! Mas você é a maior cega que eu já vi na minha vida! – disse Edward, num tom fora do normal e agarrando o braço de Simone.

– Eu?!

– Simone, se você não é cega, é louca… Não vê que esse homem está interessado em você? Ele é um assassino!

– Não, ele não está interessado em mim, e menos ainda é um assassino. O que deu em você, Ed?

– Você! Você é o amor da minha vida…

– O quê?

– Eu amo você desde o dia em que a vi entrar naquela aula de biologia, carregada de cadernos e livros, estabanada, deixando cair tudo… E eu amo o seu cérebro, você é a mulher mais inteligente que conheço, amo sua beleza, amo seu sorriso, até essa erguida de sobrancelha engraçada que você dá porque se treinou a não franzir a testa. Só você não vê isso, e agora vai se envolver com esse maluco aí que só Deus sabe a verdade por trás desse “romancinho” que ele escreveu! Se é que ele não está por trás de todas as mortes que têm ocorrido!

Simone teve o sentimento de uma bofetada no rosto. De todas as respostas

que poderia esperar de Edward, essa era a única que jamais teria antevisto.

– Eu não vou me envolver com ninguém, Ed, eu quero tratá-lo! Se quisesse me envolver, não me tornaria a terapeuta dele! Quanto aos seus sentimentos, nunca desconfiei de nada! Sou especialista em comportamento humano e nunca me passou pela mente que isso seria possível!

E era verdade, ela nunca havia considerado a hipótese.

– Porque eu nunca quis demonstrar meus sentimentos! Quando me apaixonei, você já estava namorando o Jack e ele era meu melhor amigo. Depois vieram a Tammy e o casamento… Daí encontrei a Beth e veio o Noah, e aí já éramos sócios, e vieram os nossos divórcios. Você não notou sequer que quando se divorciou eu me divorciei em seguida… Mas Beth começou a fazer da minha vida um inferno e você correu em meu auxilio, e eu não tinha como colocar você dentro daquilo tudo… E quando saí do pesadelo, você já estava em outro relacionamento e parecia feliz. E assim fomos alternando: quando eu estava com alguém você estava só e vice-versa. E sempre fui pondo nossa amizade na frente… Mas eu não aguento mais, Simone! Eu quero você para mim! Cheguei ao meu limite! Não vou mais esperar no acostamento! Eu tenho esperado por vinte anos você me notar!

Para Simone, era a gota d'água que faltava para fazer com que seu mundo perfeito ruísse de vez. Seu melhor amigo, seu apoio para todas as horas, e agora essa revelação? Ela não sabia o que sentia ou se poderia sentir algo por Ed que não fosse amizade. Estava tudo muito confuso naquele momento.

– Ed… isso tudo… eu não consigo nem pensar… Me dê um tempo para digerir tudo, por favor… Não me entenda mal… Eu só não consigo agora arrumar isso tudo dentro da minha cabeça!

– Eu sei, Simone, parece que as coisas estão saindo do nada em uma hora em que nossas vidas estão confusas, mas hoje é um daqueles dias em que se chega ao limite. Eu vi você rumando para um novo relacionamento e me desesperei…

– Novo relacionamento, Ed? Onde? Acabo de lhe dizer que vou tratar o homem!

– Você voltou muito entusiasmada de Nova York, e tenho observado os jantares, as idas e vindas.

– Meu amigo, você interpretou tudo errado… Todos os jantares, idas e vindas, sempre foram profissionais. Eu não me envolveria com um cliente, você sabe disso! E passei o final de semana sozinha em Manhattan!

– Tentei me dizer isso várias vezes, Simone, mas o medo de perder você

mais uma vez…

Edward pôs as duas mãos na cabeça em sinal de desespero.

– Simmie, esqueça o que eu disse, vamos continuar com nossas vidas como se nada houvesse acontecido. Pior que perder a mulher que amo é perder minha amiga. Se é tudo que podemos ser, eu me contento em ficarmos assim.

– Só que não dá mais para sermos como sempre, Ed! Hoje tudo mudou.

– O que você vai fazer?

– Não sei. Eu simplesmente não sei. Até hoje você era meu porto seguro, meu amigo, meu ombro, e agora, de repente, no meio da confusão e da neblina da minha vida, você passou a fazer parte do que não é claro e do que não sei o que fazer.

– Simmie, vamos deixar tudo assim… – ele estava visivelmente apavorado com a possibilidade das revelações terem afetado sua amizade com Simone, e ela visivelmente perdida no emaranhado de emoções dos últimos tempos. Tudo era confuso, pessoas mortas, polícia, clientes surtando, nada era claro. Tudo estava um caos.

– Ed, vou sair, dar uma volta, Você pede à nova menina para cancelar meus pacientes, por favor? Eu não consigo atendê-los hoje.

– Joan é o nome da nova secretária – ele disse, exasperado pela dificuldade dela em lembrar o nome da mulher.

– Espere um minuto que vou chamar os policiais para a acompanharem.

– Não vou longe, vou sentar no banco daquele parque ali na esquina. A essa hora não tem problema. Preciso ficar só, Ed. Não chame ninguém.

– Ok, ainda é cedo, acho que tudo bem.

Quando estava para sair, Simone encontrou Alvin no vestíbulo. “Que ótimo”, pensou com ironia, todos os loucos se reuniriam e ela mudaria a placa do consultório para “hospício da tia Simone”.

– Doutora, posso falar com a senhora? Está tudo bem – ele fez um sinal de paz com a mão. – Só que estive montando o quebra-cabeças sobre meu irmão e minha cunhada e gostaria de algumas informações.

– Alvin, me perdoe, mas terá que ficar para outro dia. Eu o ajudarei, sim, mas fale com a secretária e marque um horário.

– Não poderia ser hoje? É meio urgente… Eu aguardo… – e apontou para uma das poltronas de espera.

– Desculpe-me, Alvin, hoje não tenho a menor condição.

– Doutora, realmente é importante que eu lhe fale! – Alvin então segurou o braço de Simone, que se desvencilhou rapidamente.

– Marque um horário, Alvin!

Simone saiu rapidamente, antes que fosse detida por mais alguém com mais alguma “novidade”. Surtaria se tivesse mais uma notícia hoje.

Caminhou até um parque que ficava na esquina, a poucas casas da clínica. Na verdade era quase um terreno baldio, apenas dois bancos com uma fonte de cimento cinza no meio, algumas árvores, sombra, ideal para um almoço rápido embaixo das árvores. Fora construído pelos próprios moradores do bairro, que era na maior parte residencial. Ela não conseguia sequer pensar em comer. As palavras de Edward ecoavam em sua mente. Edward a amava… Edward?

Ela se sentou e começou a olhar a água que jorrava da fonte, na tentativa de se acalmar. Sua mente dava voltas e dez assuntos se misturavam em seu cérebro. Ela não ouviu os passos que se aproximavam. Percebeu que alguém colocava um pano em sua boca e não sentiu mais nada.

Capitulo Vinte e Nove 

Simone acordou subitamente. Estava nua, molhada, dentro do que parecia ser uma gaiola de meio metro de altura, suspensa por uma corrente. Suas pernas doíam por causa da posição, pois estava acocorada, com as pernas dobradas ao peito. Não sabia há quanto tempo estava ali, mas, pelas dores que sentia, já devia fazer algumas horas. Era impossível levantar-se ou mudar de posição.

Onde estava? O que tinha acontecido com ela? Só se lembrava de ter se sentado no parque e nada mais. Simone ficou apavorada. Com certeza, estava nas mãos do assassino e a tortura havia começado.

Uma gota d'água caía sobre sua cabeça em intervalos regulares, o que explicava a umidade e o frio que sentia. O pingo regular era enlouquecedor. Simone se ordenou a manter a calma. Certamente o criminoso apareceria em breve e ela precisaria de toda a lucidez para entender a situação. Era sua única forma de sair viva disso!

Simone lembrou-se das técnicas de meditação e começou a praticá-las, tentando esvaziar a mente para não sentir o desconforto físico extremo a que estava submetida. Mas nem toda a meditação do mundo era capaz de fazer esquecer a água, o frio e a dor, e em poucas horas sua situação ficou desesperadora.

"Meu Deus", pensou Simone!, "o que fiz para terminar nas garras de um monstro?" Será que era um de seus pacientes? Alguém conhecido ou tinha sido escolhida ao acaso? Normalmente as vítimas não ficavam na mira por terem feito algo ao psicopata, mas por guardarem alguma característica que despertava nele a loucura – ou por parecerem com alguém.

As horas foram passando e Simone reviu mentalmente teorias da psiquiatria, livros lidos, casos em andamento, na tentativa de manter o cérebro ativo e de aliviar as dores que sentia.

Repassou também mentalmente a lista de todos os seus pacientes, imaginando um possível suspeito, e nenhum lhe parecia capaz de torturar ou matar.

Seu nariz já havia começado a escorrer, estava se resfriando e tremendo. As horas passavam, o dia virou noite, e ninguém apareceu. Vencida pelas dores terríveis, pelas câimbras e pelo frio intenso, Simone adormeceu ou

desmaiou por um tempo, não saberia dizer quanto. Quando acordou, estava completamente desorientada. Sua garganta doía, assim como todo o resto do corpo. Para piorar, sentia muita fome, o que aumentava a sensação de frio.

Não havia tocado na comida no dia em que havia sido sequestrada, o que queria dizer que deveria estar há mais ou menos vinte e quatro horas sem comer nada.

– Você está com fome? – disse uma voz metálica, disfarçada por algum equipamento eletrônico.

– Sim, estou. Quem é você? O que quer de mim?

– Eu sou a morte, doutora, você está tendo um encontro comigo.

– Por que eu?

– Ah, como vocês são chatas… Por que eu? Por que eu? Porque você decidiu cruzar o meu caminho…

– O que eu fiz?

– Doutora, você sabe o que fez…

– Me tire daqui, por favor. Podemos conversar? Seja lá o que acha que eu fiz, vamos encontrar a razão.

– É, talvez esteja na hora de tirá-la daí, doutora… Talvez não… Como prefere morrer?

– Deitada em minha cama, aos noventa anos… – Simone decidiu usar um pouco de humor. Talvez isso fizesse o sujeito criar algum laço com ela. Acontecia em casos similares que Simone havia lido.

– Deeeeeeeeee… – ele fez um som imitando uma buzina daquelas de shows de jogos na TV. – Negado! Pode escolher outra forma: asfixia, queda do alto de uma escada… Posso sufocá-la com um travesseiro, posso enforcá-la…

– E por que nunca facas ou armas de fogo?

– Porque sangram e eu detesto sangue. Deixa marcas… evidências… estraga tudo.

“Que ótima noticia!”, pensou Simone. Ao menos ele não iria cortá-la.

Simone sentiu que ele se aproximou da gaiola. Viu uma chama sendo acesa, um isqueiro, provavelmente, e sentiu a primeira queimadura do que parecia ser um cigarro, pelo cheiro que exalava, num de seus pés. A dor foi indescritível. Antes que pudesse senti-la inteiramente, vieram a segunda, a terceira e quarta queimadura. Ele estava encostando o cigarro em seus pés

alternadamente, ora em um, ora em outro.

Simone gemia de dor, lágrimas vinham aos seus olhos. Por fim, sem ela saber quantas queimaduras sofrera nos pés, ele parou e se afastou. A dor era imensa, capaz de fazer esquecer de todo o desconforto da gaiola, da água, do frio e da fome. Seus pés pareciam em chamas.

Ouviu o barulho de uma porta de ferro se fechando e passos se afastando. De repente, a gaiola começou a baixar e tocou o chão. Uma luz forte se acendeu. Simone procurou uma porta na gaiola e essa se abriu facilmente. Ela então se arrastou como pôde para fora e ficou deitada no chão gelado, de um material que deveria ser mármore ou granito, parecido com uma mesa de autópsia, ela pensou. Sentia tanta dor que não conseguia se mover.

Simone olhou em volta: a sala tinha apenas uma mesa comprida, uma cadeira, dessas duras, parecida com aquelas dos anos sessenta, e uma torneira. As janelas haviam sido vedadas com uma espécie de placa de metal. Havia uma porta de ferro – aparentemente bem trancada. Ela não tinha forças para checar.

Seus pés doíam terrivelmente, mas também seus ossos, costas, pernas, garganta, bem inflamada devido ao resfriado que já se instalara. Sentia muito frio, muita fome e muito cansaço.

Ela se arrastou até a torneira, abriu-a e pôs os pés embaixo d'água, minimizando as dores das queimaduras. Esse era o primeiro-socorro adequado quando alguém se queimava.

Subitamente uma música infernal começou a tocar em volume altíssimo, um rock de arrebentar os tímpanos. Diversas luzes se acenderam, deixando o quarto iluminado como se fosse dia.

Simone compreendeu rapidamente o que queria o assassino com esse novo método: privação de sono! Comprovadamente uma das formas de tortura mais enlouquecedoras que existem. A loucura era certa!

"Controle mental", pensou Simone, precisava controlar a mente. Mas por quanto tempo? Havia um limite, e conforme as forças corporais fossem falhando o controle mental seria derrubado. Ele passava geralmente uma semana com suas vítimas. Pelos cálculos de Simone, ela já deveria estar há um dia nas mãos dele. Quem seria?

A música mudava de pouco em pouco tempo, para acordes absurdamente altos e estridentes, mas a fraqueza começava a tomar conta de Simone. Ela precisava de calorias para manter o corpo aquecido, e para se somar a suas outras misérias, sentia-se febril. E o filho da puta estava só começando.

Apesar das dores e do pandemônio, Simone adormeceu. Foi acordada com um par de algo similar a algemas de ferro sendo colocadas em seus pulso. Seus braços foram puxados acima da cabeça e ela foi arrastada pelo espaço. A pele nua ia sendo esfolada no piso. O assassino arrastou-a até a torneira que ela havia usado, colocou sua cabeça embaixo e a abriu. Um jato forte de água atingiu diretamente o rosto de Simone, enquanto a mão a mantinha embaixo da torneira. Era quase impossível respirar. Ela lutava para não se afogar, com a água diretamente sobre seu nariz e boca.

Então a água parou. Ela tossia convulsivamente. A cabeça doía.

– Levante-se, vadia! – ele deu um tapa no rosto de Simone.

– Estou com sono, estou com febre, não vou durar muito assim… – balbuciou Simone.

– Já já você vai rezar para não durar, doutora. Todas imploram que eu as liberte da dor… E então… eu as liberto… Conforme a vida vai se esvaindo dos corpos, elas vão ficando em paz… Você verá…

Simone acreditava nele. As vítimas realmente devem ter implorado pela morte.

– Por que eu? Quem é você?

Simone olhou para ele pela primeira vez. Tentava reconhecê-lo, mas era impossível. Uma máscara antigás escondia seu rosto. Era com certeza um homem. Seu torso parecia familiar, mas no estado em que estava, era difícil saber de onde o conhecia. Por cima da máscara, ele usava uma peruca loira, de cabelos longos.

– Tão tola a doutora, tão confiante… E tão romântica! Será que alguém sabe como você é romântica, Dra. Bennet?

– Por que diz isso, você me conhece?

– Tenho sido sua sombra, sua vigarista! Estive várias vezes em sua casa, me sentei no seu sofá, olhei as fotos da sua menina…. Bonitinha, ela… Talvez depois de conversar com você eu converse um pouco com ela.

– Deixe minha filha em paz!

Era normal que psicopatas gostassem de ver suas vítimas implorando. Simone não faria isso. Talvez conseguisse algum meio de controlá-lo fazendo o inesperado.

– Tenho que deixá-la por ora, doutora… Ela está em Paris… Mas em breve posso decidir ir buscá-la… se você não se comportar…

– Foi você que entrou na minha casa, então. O que queria lá? – Simone se

deu conta de que ele era o maluco que estava entrando em sua casa.

– Analisar como você vive, entendê-la. Fiz até uma homenagem para você!

– Uma homenagem?

– Ah, vadia ingrata! Simmmmmm, sufoquei uma das vítimas como naquela série de que você gosta! As outras matei de acordo com os episódios – aliás, gostei da série também! Assisti a alguns episódios em seu sofá, com suas ridículas almofadas de florezinhas à minha volta… Tomei seu vinho…. Estive em cada canto e buraco da sua casa.

– Mas não encontraram digitais…

– Você acha que eu sou amador, idiota? Não me dá crédito pela minha inteligência? Usei luvas e roupas sempre que entrei lá…

– Você entrou mais de uma vez?

– Sim, várias vezes! Mas aí você resolveu enfim colocar câmeras pela casa e eu fiquei sem minha diversão! Mas até que demorou. Ninguém pode acusá-la de velocidade… e sabe? Tenho que lhe dizer que seu gosto para roupas é muito ruim! Você não é feia, doutora… mas essas roupinhas de professora não a ajudam em nada!

– Roupas, por que resolveu criticar minhas roupas agora?

– Porque passeei por seus armários: triste, muito triste….

Simone tinha arrepios só de pensar nesse lunático desfilando por sua casa. Nunca mais conseguiria voltar para lá. Sentiria a presença dele em cada canto. “A quem você quer iludir, Simone?”, pensou. Provavelmente a próxima casa em que viveria até o fim dos tempos seria o cemitério. “Quem dera voltar para casa nem que fosse por um dia… viva..”.

– Chega de conversinha, doutora, vamos brincar um pouquinho de elástico?

– Eu prefiro dormir…

– Mas eu prefiro brincar e aqui os brinquedos são meus e nós brincaremos quando eu quiser e pararemos quando eu disser.

Ele então pegou Simone no colo e a levou até a mesa. Ela nem resistiu, pois só perderia mais forças se lutasse, e precisava de toda a energia para se manter lúcida. Ele então amarrou os pulsos dela num dos lados da mesa e os pés do outro. Ela ficou deitada em X, ele saiu e ela pensou que ele a deixaria lá, deitada, com frio, e agradeceu mentalmente, mas começou a sentir um barulho e notou que a mesa tinha algum tipo de dispositivo elétrico que a

fazia esticar. Seu corpo estava sendo alongado, puxado, esticado. Simone começou a gritar de dor, sentiu o que parecia ser uma costela se quebrar e desmaiou.

Capítulo Trinta



Dores excruciantes percorriam o corpo de Simone quando ela voltou a si. Sabia que o assassino ainda estava lá, olhando para ela, pelos sons que ele fazia. Sentia-se fraca como um gatinho e estava deitada sobre a mesa, que não mais se movimentava. Precisava se esforçar para tentar conversar com o assassino. Ainda que cada palavra lhe arrancasse um esforço sobre-humano, precisava entender: – Onde você quer chegar com isso? Quem é você?

Se pudesse, teria gritado, mas seu estado não permitia. Ele se apoiava na parede, em uma perna dobrada para trás, os braços cruzados no peito, observando-a. Enfim ele disse: – A vadia tem coragem de atravessar o meu caminho, mas não sabe quem eu sou?

– Não sei… Se pudesse ver seu rosto… Nós já nos encontramos?

– Claro, doutora, tenho observado a senhora bem de perto… Sua vidinha de merda… trabalho, casa, trabalho, casa, livros, livros… O porquê de ainda não ter-se matado vai além da minha compreensão. Sua vida é muito chata! Penso que estou lhe fazendo um favor ao tirá-la da sua miséria. Você deveria ser grata!

– Alvin?

– Meu Deus, Alvin? Quem é esse, agora? O maldito esquilo? Disse ele se referindo ao desenho Alvin e os esquilos Realmente, não poderia ser Alvin, porque a altura não condizia e o corpo era mais atlético. Simone já havia visto aquele torso antes.

– Estou cansada…

– Deveria ter pensado nas consequências antes de abrir as pernas para ele…

– Para quem? – Simone teve uma crise de riso. Havia meses que não fazia sexo com ninguém e estava sendo torturada por supostamente ter feito isso!

– O que está achando tão engraçado? Idiota!

– Eu detesto decepcionar você, meu caro, mas faz séculos que não transo!

– Mentirosa! – ele gritou.

– Bem que eu gostaria que fosse…

– E o Carl? – aí estava a dica! A menção ao nome de Carl imediatamente trouxe a Simone a certeza de quem era o sujeito à sua frente.

– Peter?

– Ah… sua memória está retornando…

Peter tirou então a máscara. Simone jamais suspeitaria dele, um sujeito engraçado, de humor mordaz, pelos relatos no texto, mas que detestava violência de todos os tipos. Pelo que Carl dissera, um grande amigo, alguém com quem contar.

– Peter… eu somente ajudei Carl a entender o que aconteceu com Lara! Nunca fiz sexo com ele… Eu não atravessei o seu caminho…

– Você deve achar que eu sou uma pessoa com desordem cognitiva, não? Todas aquelas horas trancada com ele, aqui e ali, sempre precisando "discutir" um caso morto e enterrado! Eu vi os jantares românticos, a casa de suingue, a noite no apartamento. Vai me dizer que ficaram jogando videogame?

– Estávamos trabalhando!

– Mudou de nome, agora? Putas trabalham dessa forma!

– Eu juro…

– Você pode jurar até que porcos podem voar, doutora… Mas agora você é minha…

– Que importância Carl tem em sua vida? – Simone precisava fazê-lo falar, em busca de um chave para convencê-lo a deixá-la ir embora. Ele era um psicopata, existiam formas de influenciá-lo. Subitamente, sentiu-se com energia suficiente para tentar dominar a situação. Sobrevivência era o nome da energia que sentia.

– Eu faço as perguntas aqui! Que importância tem Carl na sua vida?

– Ele é um cliente como outro qualquer .

– Ele não é um qualquer, Carl é tudo!

– Para você! Para mim é um cliente, apenas. Quero ajudá-lo, mas é só. Ele é importante para você, Peter?

– Simmmmmmm. Desde o primeiro dia em que o vi, me apaixonei, mas sempre tem alguém para querer entrar no meu caminho. Primeiro a imbecil da minha irmã, que nos apresentou.

– Você tinha ciúmes da sua irmã?

– Morria de ódio daquela idiota perfeitinha! Mas não se pode matar a

família… ao menos não enquanto mamãe estiver viva!

– Corleone? Corleone. Você soou exatamente como ele! – Simone se lembrou do relato de Carl sobre Peter ser viciado na trilogia do poderoso chefão.

– É… meu herói! Ele falou com voz infantil, e aparentemente orgulhoso de si.

– Eu também gosto muito desses filmes, especialmente do primeiro… – Simone estava conseguindo estabelecer contato com ele.

– Depois veio a retardada da Lara.

– Mas você era amigo de Lara…

– Lara era família, também, muito antes de Carl, e Lara era eu e eu era a Lara, então a perdoei, porque cada vez que ela estava com ele eu também estava, entende? Mas não era para ela ficar com ele, achei que ele a descartaria rápido, aquela louca lá…

– Sim, entendo. Você gostaria de ter sido a Lara?

– Eu era a Lara!

Agora era o momento de ter cuidado, porque ele estava entrando na fantasia de ser outra pessoa.

– Está vendo meu anel? – ele mostrou então a mão com um anel de brilhantes similar à descrição do texto de Carl. Quando ela se foi, foi tudo que consegui ter dela! Antes que a enterrassem, tirei-o da mão dela… É lindo, não é? Quando o uso, me sinto poderoso. Como se ela entrasse em mim e fôssemos um. E nós amamos o Carl, ele é nosso!

– Você matou Lara?

– Eu não! Carl matou Lara! Ela era louca! Eu matei a mãe dela. Aquela louca não morria nunca e eu sabia que a morte dela iria desestabilizar a Lara, eu precisava disso, porque Carl estava se envolvendo muito com ela e já não precisavam de mim.

– Como a matou?

– Ela estava no hospital sozinha… Fui fazer uma visitinha… Com uma arma, a fiz até escrever uma carta de amor para os filhos… Três idiotas que ela criou… Aí desliguei o oxigênio… Depois que ela sufocou, coloquei novamente… Fomos vingados…

– Quem?

– Eu e a Lara.

Que loucura, ele queria ser Lara, queria destruir Lara, insanidade completa! Anos lidando com a mente humana e Simone nunca estivera frente a frente com alguém tão perturbado.

– Mas eu queria de verdade era tirar a Lara da vida do Carl, porque eles não estavam me deixando participar, ficar junto com eles.

– Você ama Carl?

– Carl é tudo para mim!

– Peter, você tem que dizer isso a ele. Tem que dizer como se sente, que o ama!

– Ele não consegue entender que esse corpo aqui é um corpo errado, que eu sou uma mulher dentro de um homem. Ele não consegue perder o preconceito e ver dentro de mim para reencontrar a Lara.

– Eu posso ajudá-lo… Nós vamos conseguir…

– Nós não vamos conseguir nada, sua safada. Está tentando me enganar com sua conversinha mole de psiquiatra! Venha cá.

Peter então arrastou Simone pelos braços até o centro, onde a gaiola tinha ficado, retirou a corrente da gaiola e a instalou nas algemas que estavam nos pulsos de Simone. Foi até uma espécie de painel e içou as correntes rapidamente, até Simone ficar suspensa pelos pulsos. Simone não conseguiu conter o grito de dor. Seus pulsos provavelmente foram quebrados.

Ele então baixou a corrente e deixou-a nua, amarrada, de joelhos, com os pulsos fraturados, no centro da sala.

Pela primeira vez Simone começou a chorar, não lágrimas de dor, mas um choro verdadeiro, de desespero e de não ver saída. Ele era completamente alucinado, não era possível ter contato com sua parte lúcida. Ele iria matá-la.

Todo o seu corpo doía intensamente. Chorou e decidiu se conter. Tinha que se manter lúcida, tinha que superar as dores, porque era sua única saída. Pensou e entendeu que conseguira por um breve tempo fazer contato com Peter. Talvez conseguisse fazer isso novamente e convencê-lo a deixá-la partir.

Quanto mais ela aguentaria?

Ele a deixou sozinha por horas, sem comida, sem roupas, sem água, mas em paz. E subitamente lá estava ele novamente. O coração dela se acelerou, abastecido pela adrenalina. Ele a soltou da corrente, agarrou-a pelos cabelos, levantou-a e a levou até a cadeira. Tirou-lhe as algemas e prendeu seus pulsos e tornozelos na cadeira com correias de couro. Ela se sentia quase morta. Não

saberia dizer onde a dor era pior, pois o corpo inteiro doía.

– Eu quero conversar, doutora… quer uma maçã? Sabia que uma por dia mantém o médico longe?

“E quantas seriam necessárias para mantê-lo longe?”, ela divagou.

– Quero, Peter, mas não conseguirei comer. Desamarre meus pulsos, por favor.

Ele fez isso e lhe estendeu uma maçã. O simples ato de segurar a fruta fazia com que Simone sentisse dores horríveis nos pulsos, mas ela estava faminta.

– Quer mais?

– Quero.

Peter então lhe deu outra maçã e aguardou pacientemente que Simone a comesse. Ela nunca imaginara que uma maçã fosse tão gostosa. Comeu lentamente, para ganhar tempo. O que viria agora? Não tinha pressa em descobrir.

– Pronta para conversar, doutora?

– Sobre o quê, Peter? Posso tomar água, por favor?

Ele se levantou, foi até a pia e voltou com um copo de água.

– Obrigada, Peter!

– Meu nome é Lara!

– Certo, Lara, o que deseja de mim?

– Me conte tudo: quantas vezes você fodeu o Carl e onde?

– Nunca. Nós nunca fizemos nada disso! Eu tenho ética, não faria isso com um cliente!

Ele tinha entrado na sala com uma espécie de regador. Agarrou Simone pelos cabelos, levou sua cabeça para trás, pegou o regador e começou a despejar água em sua boca com uma mão, enquanto segurava sua cabeça para trás. Simone teve certeza de que iria se afogar. Ele então a soltou. Esperou-a parar de tossir para continuar.

– Não minta para mim!

– Não, Lara, não estou mentindo para você! Carl sempre foi seu… o tempo todo… Ele só me procurou pela dor que sentia quando você partiu… Ele iria enlouquecer se não conseguisse entender a história. Eu só o ajudei… foi tudo.

– Ele me ama?

– Mais do que a ele mesmo – Simone acreditou tê-lo acalmado um pouco concordando em entrar na fantasia.

– E por que ele não consegue ver que estou aqui? – apontou para o próprio corpo.

– Leva algum tempo para as pessoas se acostumarem com novas formas. Carl é muito tradicional, eu penso.

– Eu também acho… mas tenho esperança de que um dia ele me olhe e me veja aqui…

– Você terá que contar a ele… Eu sei que parece conversa de psiquiatra, mas você terá que ser sincera com ele. O preconceito não o deixa ver você, Lara, mas ele também não sabe que você está aí! – Simone apontou para o peito de Peter.

– E se eu falar e ele não me quiser? Se não acreditar? A mamãe não acreditou…

– No que sua mãe não acreditou?

– Que a babá me obrigava a fazer coisas nojentas…

– Que coisas eram essas?

– Ela me obrigava a chupar aquela boceta imunda e malcheirosa todos os dias, quando mamãe viajava…

– Sua mãe não acreditou em você?

– Não… Ela não acreditou em mim. E ela não parava: todos os dias, todos os dias eu tinha que chupar e chupar. Cheguei a vomitar, mas ela me obrigava – ele se sentou no chão, com as pernas encolhidas, e começou a chorar como se fosse uma criança. Simone sentiu pena da criança que ele fora.

– E sua irmã?

– Ela estava longe, no colégio interno… Eu não podia falar com ela… Tive que aguentar aquilo por um ano antes que me mandassem para o colégio interno para aprender a parar de mentir. Mas fui feliz, porque ficaria longe daquela mulher.

– Eu acredito em você, Peter – ela tinha certeza de que agora era Peter.

– Você acredita em mim?

– Sim, eu acredito. Por isso você tem ódio de mulheres. Foi por isso que começou a matar mulheres?

– Sim… mas eu queria matá-la…

– A mulher que o obrigava?

– Sim… Eu a odiava tanto… Um dia fui à Disney e ela estava na fila com uma criança da minha idade… Eu a matei… Ela ia fazer mal para o pequeno Peter de novo…

– Que idade você tinha quando isso começou a acontecer?

– Cinco.

– Peter, deixe-me ajudá-lo! Eu posso cuidar de você. Você ficará bem…

– Você é uma mentirosa! Todas as mulheres são mentirosas! Ela dizia que eu ia aprender a gostar daquilo que me obrigava a fazer, e eu odiava cada vez mais!

Ele começou a chorar com angústia e pôs as duas mãos na cabeça em sinal de desespero. Então se levantou e saiu. Simone ouviu a porta sendo trancada. Quando voltasse, provavelmente ele a mataria.

Simone reviu mentalmente sua vida, da infância até o momento presente. Reviu seu relacionamento com Edward – sempre que precisara, ele estava lá. Era seu anjo da guarda, seu amigo, seu conselheiro… Ah… se tivesse tempo… daria uma chance para ver onde poderiam chegar… Agora… já não havia mais essa possibilidade… Mas ele fora, com certeza, a melhor pessoa que passara por sua vida. Ela não poderia dizer isso a ele, pois iria morrer mais cedo ou mais tarde.

Lembrou-se de sua gravidez, indesejada a principio, mas que lhe trouxera Tamara, uma linda garotinha que deu novo sentido à sua vida. Lembrava-se de Tamara pequenina, com seus cachinhos dourados e seus lindos olhos azuis angelicais, sempre brincando com bonecas.

Simone estava febril, intercalava lucidez e delírio. Não sabia quanto tempo havia se passado. Perdera a noção das horas. Só sentia dor e frio, e já não sentia fome. Tinha noção de que a luz natural ia e vinha. Talvez tivesse se passado um dia ou outro, mas não sabia e não se importava. Ele não voltou por algum tempo.

Subitamente, a porta se abriu e Simone se preparou para morrer. Delirava já com a forte febre que tomava conta do seu corpo.

– Simmie, meu amor, o que fizeram com você?

Simone acreditou que havia morrido, pois ouvia a voz de Edward e sentiu algo quente sobre seu corpo. Alguém lhe soltou mãos e pés e a colocou numa mesa, ou talvez numa maca. Ele iria esticá-la novamente!

– Eu morri… Não posso aguentar mais. Me mate, por favor, rápido!

– Não, meu amor, sou eu, Edward. Você vai ficar bem, tudo vai ficar bem, prometo. Nada mais vai acontecer com você, eu juro, vou protegê-la para sempre!

Era realmente a voz de Edward. Ele segurava sua mão. Simone abriu um pouco os olhos, viu policiais vasculhando o ambiente e foi carregada para fora numa maca. Estava exausta e fechou os olhos. Acordou num hospital. Edward, sentado numa cadeira, dormia.

Capitulo Trinta e Um 

– Ed? – ele pulou da cadeira e foi até ela.

– Simone, você está bem? Como se sente?

– Como carne moída, parece… Tudo dói! O que houve? Por que estou no hospital? – ela olhou em volta e viu o quarto frio em que se encontrava.

– Pneumonia, duas costelas quebradas, pulsos fraturados, desidratação, queimaduras… Só por isso…

– Faz tempo que estou aqui? Não lembro…

– Três dias já, mas mantiveram-na sedada. Você ainda está sob efeito de analgésicos pesados.

– O que aconteceu? Como vim parar aqui?

– Descanse, Simmie, você está segura. Mais tarde conversamos.

Simone voltou a dormir e a sonhar. Um homem a perseguia e usava uma máscara de gás. Acordou gritando e viu Tammy, sua filha, ao seu lado.

– Mãe! Calma, está tudo bem, você está segura! Eu estou aqui – a menina se jogou sobre Simone e começou a chorar. – Pensei que ia perder você!

– Tammy, por que não está em Paris? O que está fazendo aqui?

– Mãe, você não lembra do que aconteceu?

– Infelizmente sim, mas você deveria estar em Paris. Tem um louco à solta matando mulheres e eu não quero você aqui! Ou eles o pegaram?

– Não, mãe, ele está solto, mas a polícia está aí fora. Ninguém vai fazer mal a você!

– Como cheguei aqui?

– Quando você sumiu, o tio Ed começou a agir como um maluco. Fez o pessoal do FBI trabalhar em dobro para desvendar um vídeo e tentar ver a placa de um táxi… Daí conseguiram ver, era um carro de uma cidadezinha perto de Nova York.

– Era?

– Era, o táxi era de um indiano. Levaram um dia inteiro para localizá-lo e acharam que ele estivesse com você… Mas ele apenas alugava para um rapaz

bacana, segundo disse à polícia. Precisava de dinheiro para pagar a licença do veículo e o sujeito tinha umas fantasias de transar em um táxi ou de ser taxista… Aparecia de vez em quando, alugava o carro por uns dias e pagava em dinheiro muito mais do que o táxi rendia.

– E ele sabia quem era?

– Não, isso foi o pior. Apenas disse que o sujeito era branco e parecia rico, porque se vestia bem e pagava em dinheiro. Não foi muito esclarecedor, né? Parece que tio Ed bateu nele.

– Nele quem?

– No taxista! Os policiais tiveram que tirá-lo de cima! Aí ele me mandou a passagem e me pediu para vir para casa.

Uma enfermeira entrou e colocou uma bandeja sobre a cama.

– Bom dia, Dra. Bennet. Gostaria de um pouco de sopa? Já pode comer normalmente.

– Bom dia, enfermeira, está dizendo que eu não estava conseguindo me alimentar sozinha?

– Não, estávamos alimentando-a via intravenosa. Os médicos preferiram mantê-la sedada por causa da dor. Está se sentindo melhor?

– Ainda dói por todos os lados, mas com certeza os analgésicos estão evitando que eu esteja pior.

– Já pode receber visitas se quiser, doutora. Tem um homem chamado Carl esperando para vê-la. Ele disse que é seu cliente. A polícia o está questionando agora. A senhora o conhece?

– Carl é bem-vindo.

– Vou pedir que entre, mas coma primeiro.

Tamara ajudou Simone com a sopa, que ela tomou com dificuldade. Então um Carl sorridente entrou no quarto.

– O que está fazendo aqui, Carl?

– Você ficou famosa… quero um autógrafo… Brincadeira fora de hora, Simone, desculpe.

– Não… tudo bem… Esta é minha filha Tammy. Tammy, este é Carl, um cliente.

Os dois trocaram rápidos cumprimentos e Tammy saiu para tomar um café.

– Você sabe o que houve, Carl?

– Sim, acompanhei uma parte pela TV… Seu namorado enlouqueceu quando você sumiu…

– Meu namorado?

– É, o Dr. Edward. Ele saiu movendo o mundo para encontrá-la. Ouvi sua filha dizendo que ele bateu no taxista.

– Me disseram… mas como me localizaram?

– Saiu em todos os jornais do país, Simone, sua foto, dizendo que você estava desaparecida, a foto do táxi e a placa… Uma denúncia anônima levou a polícia até você. Ainda não descobriram quem alugava o apartamento onde você estava. Parece que a identidade era falsa… Pelo jeito, era o local onde ele torturava todas as mulheres que matou. As paredes à prova de som… Uma verdadeira masmorra do século XXI! Ele deixou o táxi lá e alguém viu o carro. Ninguém viu o assassino, infelizmente.

– Era Peter, Carl! – Simone estava surpresa, acreditando que já sabiam disso.

– Peter? O meu amigo Peter? O que ele tem a ver com isso?

– Quem estava comigo era Peter, Carl! Ele me torturou! Ele matou a mãe de Lara para fazer com que a filha surtasse. Era ele o tempo todo!

– Impossível! Peter está na China, Simone! E além do mais ele é um dos melhores caras que conheço!

– Não, não está! É ele, eu tenho certeza! Ele é apaixonado por você!

– Ele é meu amigo, por Deus, quase um irmão! Por que faria isso? Para mim é como perder mais uma parte da minha vida, Simone! Não pode ser verdade! Eu não posso acreditar.

– É verdade… Ele me contou… Disse que matou na Disney… Uma mulher que foi babá dele e que abusava dele quando era criança. Você precisa acreditar em mim. Eu pensei que todos já soubessem a verdade. Algumas vezes ele estava surtando e achava que era a própria Lara. Dizia que o ama e que quer você. Às vezes era Peter novamente, mas eu também não estava bem… Mas tenho certeza de que é Peter.

Simone estava muito agitada enquanto relatava o ocorrido.

– Acalme-se, Simone, já vou falar com os policiais. Carl estava devastado com a notícia: o rosto dele mostrava o choque que sentia. Ele se sentia péssimo.

Agentes do FBI foram falar com Simone e ela descreveu em detalhes o que havia sofrido nas mãos de Peter. Um mandado de prisão em seu nome foi expedido no mesmo dia. As investigações mostraram que Peter havia embarcado para a China quando as primeiras noticias do resgate de Simone foram veiculadas na imprensa. Ele não havia retornado.

Descobriram que o táxi em questão ficava muitas vezes parado num terminal rodoviário cujos ônibus chegavam da cidade onde Simone morava. As câmeras mostraram as vítimas entrando no táxi, por isso a coincidência das vítimas estarem sempre viajando. O motorista sempre usava óculos escuros e boné, mas não fora difícil reconhecer as feições de Peter. Não havia como concluir o caso sem a prisão dele e sem um teste de esperma para fechar os casos das demais mulheres.

Confirmou-se a o sumiço de uma mulher na Flórida na ocasião em que Peter, Lara e Carl foram juntos à Disney World. A mulher não era a babá de Peter, mas, segundo a irmã dele, após ver fotografias, se parecia muito com aquela que havia abusado de Peter.

A mulher, que estava acompanhada do filho de quatro anos, fora dada como desaparecida e nunca mais encontrada. A polícia procurava agora locais onde o corpo pudesse ter sido deixado, uma vez que Peter não dissera nada a respeito para Simone. Não foi possível confirmar se ele fora mesmo responsável pela morte da mãe de Lara. Pelo tempo decorrido, seria impossível exumar e chegar a uma *causa mortis* por ausência de oxigênio.

Simone ficou no hospital mais um dia. Edward permaneceu todas as noites ao lado dela durante a internação. Só saía pela manhã. No dia da alta, ele a aguardava para levá-la para casa. Ela o abraçou fortemente e lhe agradeceu por tudo o que fizera. Tinha certeza de que somente a intervenção dele a salvara. Assim era Edward: sempre estaria ali para salvá-la.

– Como se sente, menina? – perguntou Edward acariciando os cabelos de Simone.

– De verdade? Perdida! Tudo me dói. Estou tentando juntar os pedaços do corpo e da alma. Ainda não consigo entender, ou melhor, entendo, mas processar…

– Vamos para casa, Simmie?

– Vamos, Ed, enfim.

– Vai ser difícil superar esses dias no inferno, mas acho que todo psiquiatra precisava de um estágio desses – ela disse num tentativa de humor.

– Eu dispenso!

– Eu não o culpo… Não sei como não enlouqueci…

– Também não sei, Simmie, mas existe um lado sobrevivente em todo ser humano, e acho que o seu é de aço. Vamos conversar. Acho que você deveria retomar suas sessões com seu psiquiatra semanalmente. Isso vai ajudá-la.

– Talvez… depois…

– Depois de quê? Tem planos?

– Sim…

– Quais?

– Vou levar Tammy para Paris. Ela ainda tem um bom tempo para ficar por lá e esse lunático ainda está à solta. Não sei se voltará… Vou mudá-la de apartamento, só por segurança… E vou tirar um ano sabático… viajar… Depois vou ver… Este ano valeu por mil da minha vida… Preciso juntar as peças do meu quebra-cabeças… Nada mais vai ser igual, Ed… nada…

– E seus pacientes?

– Os que aceitarem, farei sessões por videoconferência… Alguns eu perderei…

– Sei… Eu fico por aqui… Seguro as pontas… para quando você voltar…

– Eu sei. A única certeza que tenho é esta: nossos negócios estarão em boas mãos enquanto eu estiver fora.

Edward estendeu a mão e Simone mergulhou no seu abraço. Ali era lar, bom de ficar, mas ela não poderia nesse momento. Muita coisa mudara em sua vida e era preciso primeiro se curar, depois entender, e aí tomar decisões para o futuro. Talvez o futuro fosse Edward. Ela sentia que, se ele estivesse com ela, ela estaria em casa. Só lamentava o tempo que demorara para perceber isso. Mas agora não era o momento. Quem sabe quando seria?

Fim do Livro I Continua no livro II – O Diário de Lara

Table of Contents

Capitulo Um
Capitulo Dois
Capitulo Três
Capitulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capitulo Dezoito
Capitulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capitulo Vinte e Sete
Capitulo Vinte e Oito
Capitulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capitulo Trinta e Um